THE KANE CHRONICLES
THE
THRONE OF
FIRE
FROM THE NEW YORK TIMES #1 BEST-SELLING AUTHOR
RICK RIORDAN

Julho 2011,

A

Por meio de seu

Respeitosamente apresenta a TRADUÇÃO de

The Throne of Fire

Rick Riordan

para a língua Portuguesa

AGRADECIMENTOS ...

Nossos merecidos agradecimentos vai à toda nossa equipe de tradução da .mafia dos livros e de seu Departamento#01 que esteve empenhada na conclusão de mais esse projeto.

Obrigado a vocês, tradutores, revisores e organizadores que desprenderam de seu tempo para uma atividade na qual não esperam nada além de respeito e admiração e é esse o sentimento que temos para com vocês, por isso e graças a vocês somos uma equipe tão forte!

Parabéns por terem nos presenteado com tamanha dedicação e para alguns casos destaco um comprometimento incrível...

Parabéns e Obrigado ....

Aos Tradutores: Diego Oliveira, Laila, Lauren, Levi, Tradutor/Moderad, Mauro, Jujuuba, Patrícia, Reuel, Giovanni . – Muito Obrigado !

Aos Revisores: Reuel, Guii Gueluz, Luigi, Luana, Diêgo, G. S, João Danilo, Lauren, Priscila, Gabriel, Tradutor/Moderad, Estefan, Laila . Muito Obrigado !

As Revisoras Finais: Mari / Laila. Muito Obrigado !

A Organização da .mafia dos livros. e do Departamento#01 : Ricardo Pereira, Laila

E a Organização da tradução em si : Laila

Que toda a sorte e paz lhes seja concedida. Que a vida lhes guarde a tranquilidade e o sucesso. Que jamais lhes faltem vigor e sabedoria.

À você, leitor, o nosso agradecimento e carinho.

18 de julho de 2011

Respeitosamente,
Ricardo Pereira - Rick
.mafia dos livros.

LIVRO DOIS

O TRONO DE FOGO

RICK RIORDAN

Disney • Hyperion Books
New York

Índice

Para Conner e Maggie, os melhores irmãos do time da família Riordan.

Alerta:

Esta é uma transcrição de uma gravação. Carter e Sadie Kane foram conhecidos, primariamente, em uma gravação que recebi no ano passado, que transcrevi como A Pirâmide Vermelha.

Este segundo arquivo de áudio chegou em minha residência pouco depois que o livro foi publicado, então posso assumir que os Kanes confiaram em mim para continuar a contar sua história. Se os relatos deste segundo áudio são verdadeiros, o rumo dos acontecimentos só pode ser descrito como alarmante. E, por causa dos Kanes e do mundo, eu espero que o que se segue seja ficção. Do contrário, todos nós estamos com sérios problemas.

C A R T E R

1. Diversão com Combustão Espontânea

AQUI É CARTER.

Olhe, não temos tempo para longas introduções. Preciso contar essa história logo, ou vamos todos morrer.

Se você não ouviu a nossa primeira gravação, bem... Prazer em conhecê-lo: os deuses egípcios estão correndo soltos no mundo moderno; um grupo de magos chamado de Casa da Vida está tentando pará-los; todos odeiam Sadie e eu; e uma cobra gigante está prestes a engolir o sol e destruir o mundo.

[Ai! O que foi isso?]

Sadie acabou de me dar um soco. Ela diz que vou assustar muito vocês. Eu deveria me acalmar, e voltar desde o começo.

Certo. Mas pessoalmente, acho que você deveria se assustar.

O objetivo dessa gravação é informá-lo do que está realmente acontecendo e como as coisas deram errado. Você vai ouvir um monte de pessoas dizendo horrores sobre a gente, mas nós não causamos aquelas mortes. Quanto à cobra, aquela também não foi a nossa culpa.

Bem... não exatamente. Todos os magos no mundo têm que se unir. É a nossa única chance.

Então, essa é a história. Decida por si só. Começou quando colocamos fogo no Brooklyn.

O trabalho deveria ser simples: entrar discretamente no Museu do Brooklyn, pegar emprestado um artefato particularmente egípcio e sair sem sermos pegos.

Não, não era roubo. Devolveríamos o artefato no final. Mas acho que a gente pareceu suspeito: quatro crianças em roupas pretas de ninja no telhado do museu. Ah, e um babuíno também vestido como um ninja. *Definitivamente* isso é suspeito.

A primeira coisa que fizemos foi mandar os nossos estagiários Jaz e Walt abrir a janela lateral, enquanto Khufu, Sadie e eu examinávamos a grande cúpula de vidro no meio do telhado, que devia ser a nossa saída estratégica.

A nossa saída estratégica não estava parecendo tão boa.

Depois de escurecer deveria ficar tudo bem, e o museu estaria fechado. Em vez disso, a cúpula de vidro brilhava com uma luz vinda de dentro. Doze metros abaixo, centenas de pessoas

em smokings e vestidos se misturavam e dançavam num salão de baile do tamanho de um hangar de avião. Uma orquestra tocava, mas com o vento urrando nas minhas orelhas e os meus dentes batendo, não pude ouvir a música. Eu estava congelando no meu pijama de linho.

Magos tinham que usar linho porque ele não interfere com magia, o que é provavelmente uma grande tradição no deserto egípcio, onde dificilmente fica frio ou chove. No Brooklyn, em Março — nem tanto.

A minha irmã, Sadie, não parecia incomodada pelo frio. Ela estava quebrando as travas na cúpula enquanto alguma coisa zumbia no seu iPod. Digo, é sério — quem é que fica ouvindo música quando vai arrombar um museu?

Ela usava roupas como as minhas, com exceção de botas de combate. O seu cabelo loiro estava alinhado com realce vermelho — bastante sutil para uma missão de furto. Com seus olhos azuis e sua cor clara, ela não tinha absolutamente nada de parecido comigo, algo que ambos concordamos que estava tudo bem. É sempre bom ter a opção de negar que a garota maluca ao meu lado é a minha irmã.

"Você disse que o museu estaria vazio," reclamei.

Sadie não me ouviu até eu puxar os fones de ouvido e repetir.

"Bem, *deveria* estar vazio." Ela vai negar isso, mas depois de viver nos Estados Unidos pelos últimos três meses, ela estava começando a perder o acento britânico. "O site do museu disse que fechava às cinco. Como eu ia saber que tinha um casamento?"

Um casamento? Abaixei o olhar e vi que Sadie tinha razão. Algumas das mulheres usavam vestidos de damas de honra cor de pêssego. Uma das mesas tinha um pesado bolo branco em camadas. Dois grupos separados de convidados haviam levantado a noiva e o noivo nas cadeiras e os carregavam pela sala enquanto os amigos giravam em volta deles, dançando e batendo palmas. A coisa toda parecia que ia dar em uma iminente colisão frontal de mobília.

Khufu deu um tapa no vidro. Mesmo nas suas roupas pretas, era difícil para ele se misturas às sombras com o pelo dourado, sem mencionar o seu nariz da cor do arco-íris e a traseira vermelha.

"*Agh!*" grunhiu.

Já que ele era um babuíno, aquilo poderia significar algo de *Olhe, tem comida ali embaixo*, ou *Esse vidro está sujo* e até *Ei, aquelas pessoas estão fazendo coisas estúpidas com cadeiras*.

"Khufu tem razão," interpretou Sadie. "Será difícil para a gente passar despercebido por essa festa. Quem sabe se fingíssemos que somos a equipe de manutenção—"

"Certo," falei. "Desculpe-nos. Quatro crianças passando com uma estátua de três toneladas. Só vamos fazê-la flutuar pelo telhado. Não se importem conosco."

Sadie revirou os olhos. Ela sacou a varinha — uma extensão curvada de marfim esculpida com imagens de monstros — e apontou-a para a base da cúpula. Um hieróglifo dourado reluziu e o último cadeado abriu com um estouro.

“Bem, se nós não vamos usar isso como saída,” ela disse, “por que estou abrindo? Não poderíamos simplesmente sair pelo caminho em que entramos — pela janela lateral?”

“Eu te disse. A estátua é *imensa*. Não vai passar pela janela lateral. E ainda tem as armadilhas—”

“Que tal tentarmos novamente amanhã à noite?” perguntou ela.

Sacudi a cabeça. “Amanhã a exibição inteira será encaixotada e despachada de navio para viagem.”

Ela ergueu as sobrancelhas naquele jeito irritante que fazia. “Talvez se alguém tivesse nos dado mais informações para roubar essa estátua—”

“Esqueça.” Eu percebi onde aquela conversa ia chegar, e não ajudaria nada se Sadie e eu discutíssemos no telhado a noite toda. Naturalmente, ela estava certa. Eu não dera a ela muitas informações. Mas cara — as minhas fontes não eram exatamente confiáveis. Depois de semanas pedindo ajuda, eu finalmente arranjei uma pista do meu amigo, o deus falcão da guerra Hórus, falando nos meus sonhos: *Ah, a propósito, aquele artefato que você queria? Aquele que pode ter a chave para salvar o planeta? Esteve exposto lá no fim da rua no Museu do Brooklyn, pelos últimos trinta anos, mas amanhã ele parte para a Europa, então é melhor você se apressar! Terá cinco dias para descobrir como usá-lo, ou estaremos todos condenados. Boa sorte!*

Eu poderia ter berrado com ele, perguntando o porquê de não ter me falar mais cedo, mas não faria nenhuma diferença. Os deuses só falam quando estão prontos e, eles não têm um bom senso do tempo mortal. Eu sabia disso, porque Hórus compartilhou um espaço da minha cabeça há alguns meses atrás. Eu ainda tinha alguns dos seus hábitos anti-sociais — como o impulso ocasional de caçar pequenos roedores peludos ou desafiar pessoas à morte.

“Vamos apenas seguir o plano,” disse Sadie. “Entrar pela janela lateral, encontrar a estátua e passá-la flutuando pelo salão do baile. Descobriremos como lidar com a festa de casamento quando chegar a hora. Quem sabe até criar uma diversão!”

Franzi a testa. “Uma diversão?”

“Carter, você se preocupa demais,” ela disse. “Será brilhante. A menos que você tenha outra ideia!”

Esse era o problema — eu não tinha.

Você acha que magia deixa as coisas mais simples? Na verdade, ela geralmente deixa as coisas mais complicadas. Havia sempre um milhão de motivos do por que desse ou daquele feitiço não funcionar em certas situações. Ou poderia haver outra magia a impedindo — como os feitiços de proteção nesse museu.

Não sabíamos ao certo quem os lançara. Talvez um dos membros do museu fosse um mago disfarçado, algo que não seria anormal. O nosso próprio pai usara o seu PhD em egiptologia como uma cobertura para ganhar acesso a artefatos. E mais, o Museu do Brooklyn também tem a maior coleção de rolos de pergaminho mágicos egípcios do mundo. É por isso que o nosso tio Amós estabeleceu o seu quartel-general no Brooklyn. Um monte de magos teria motivos para guardar ou camuflar os tesouros do museu.

Seja qual fosse o caso, as portas e janelas tinham algumas maldições bastante sórdidas. Não poderíamos abrir um portal mágico na exibição, nem poderíamos usar o nosso *shabti* de recuperação — as estátuas mágicas de argila que nos serviam na nossa biblioteca — para nos trazer o artefato que precisávamos.

Teríamos que entrar e sair do jeito difícil; e se cometêssemos algum erro, não havia como saber qual tipo de maldição seria liberada: guardiões monstros, pragas, chamas, jumentos que explodem (não ria; eles são má notícia).

A única saída que não estava protegida era a cúpula no topo do salão de baile. Aparentemente, os guardiões do museu não se preocuparam com ladrões levitando artefatos para fora, por uma abertura a doze metros no ar. Ou talvez tivesse uma armadilha na cúpula, e era simplesmente boa demais para percebermos.

De um jeito ou de outro, tínhamos de tentar. Só tínhamos aquela noite para roubar — desculpe, *pegar o artefato emprestado*. Aí tínhamos cinco dias para descobrir como usá-lo. Eu simplesmente adoro prazos.

“Então a gente vai em frente e improvisa?” perguntou Sadie.

Olhei para a festa de casamento, esperando que não estivéssemos prestes a arruinar a noite especial deles. “Acho que sim.”

“Encantador,” disse Sadie. “Khufu, fique aqui e monte guarda. Abra a cúpula quando nos vir voltando, certo?”

“*Agh!*” disse o babuíno.

A parte de trás do meu pescoço formigou. Tive a sensação que esse roubo não ia ser nada encantador.

“Vamos,” falei para Sadie. “Vamos ver como Jaz e Walt estão se saindo.”

Descemos pela beirada do lado de fora do terceiro andar, onde estava a coleção egípcia.

Jaz e Walt trabalharam perfeitamente. Eles passaram fita adesiva sobre quatro estátuas dos Filhos de Hórus em volta das bordas da janela e pintaram hieróglifos no vidro para neutralizar as maldições e o sistema de alarme mortal.

Enquanto eu e Sadie pousávamos ao lado deles, eles pareciam estar no meio de uma séria conversa. Jaz estava segurando as mãos de Walt. Aquilo me surpreendeu, mas surpreendeu Sadie ainda mais. Ela fez um som como um guinchar de um rato sendo pisado.

[Ah sim, você fez. Eu estava lá.]

Por que Sadie se importaria? Certo, logo depois do Ano Novo, quando Sadie e eu colocamos nosso amuleto *djed* para atrair crianças com potencial em magia ao nosso quartel-general, Jaz e Walt foram os primeiros a responder. Eles treinaram conosco por sete semanas, mais tempo do que qualquer outra criança; então conseguimos conhecê-los muito bem.

Jaz era uma líder de torcida de Nashville. Jaz era o apelido de Jasmine, mas nunca a chame assim a menos que queira ser transformado num arbusto. Ela é bonita como uma líder de torcida loira seria — não realmente o meu tipo —, mas você não podia evitar gostar dela, porque ela era legal com todos e sempre pronta a ajudar. Tinha também um talento para magia curativa, e era a pessoa perfeita para se trazer em caso de alguma coisa dar errado, o que sempre acontecia com Sadie e eu em quase noventa e nove por cento do tempo.

Hoje à noite, ela cobriu o cabelo com uma bandana preta. Amarrado no seu ombro estava sua mochila de mago, marcada com o símbolo da deusa leão Sekhmet.

Ela estava falando para Walt, "Vamos descobrir," quando Sadie e eu caímos ao lado deles.

Walt pareceu embaraçado.

Ele era... Bem, como eu descrevo Walt?

[Não, obrigado Sadie. Eu não vou descrevê-lo como *gostoso*. Espere a sua vez.]

Walt tinha catorze anos, o mesmo que eu, mas ele era alto o suficiente para jogar como atacante em um time de universidade. Ele tinha o corpo certo para isso — inclinado e musculoso, e os pés do garoto eram imensos. A pele dele era castanha da cor de café, um pouco mais escura que a minha, e o cabelo dele era raspado para que parecesse uma sombra no seu couro cabeludo. Apesar do frio, ele estava vestido com uma camiseta preta sem mangas e um short de exercício — nada de roupa padrão de mago —, mas ninguém discutia com Walt. Ele foi o nosso primeiro estagiário a chegar vindo de Seattle — e o cara era um *sau* natural — um criador de talismãs. Ele usava umas correntes douradas de pescoço com amuletos mágicos que ele mesmo fizera.

De qualquer jeito, eu tinha certeza absoluta que Sadie tinha ciúmes de Jaz e gostava de Walt, contudo ela nunca admitiu isso porque gastou os últimos meses se esfregando em outro cara — na verdade um deus que ela se apaixonara.

[Sim, tá certo Sadie. Vou esquecer isso por enquanto. Mas noto que você não está negando.]

Quando interrompemos a conversa deles, Walt soltou as mãos de Jaz com uma incrível velocidade e se afastou. Os olhos de Sadie se mexiam de um para o outro, tentando entender o que estava acontecendo.

Walt deu uma tossidela. "A janela está pronta."

“Brilhante.” Sadie olhou para Jaz. “O que você quis dizer com, ‘Vamos descobrir’?”

A boca de Jaz se agitou como um peixe tentando respirar.

Walt respondeu por ela: “Você sabe. O Livro de Rá. Vamos descobrir.”

“Sim!” falou Jaz. “O Livro de Rá.”

Percebi que eles estavam mentindo, mas calculei que não era da minha conta se eles se gostavam. Não tínhamos tempo para drama.

“Certo,” falei antes de Sadie poder exigir uma explicação melhor. “Vamos começar a diversão.”

A janela abriu facilmente. Sem explosões mágicas. Sem alarmes. Soltei um suspiro de alívio e pisei dentro da ala egípcia, imaginando se conseguiríamos sair dessa.

Os artefatos egípcios trouxeram de volta todos os tipos de memórias. Até o ano passado, eu gastei a maior parte da minha vida viajando pelo mundo com o meu pai, enquanto ele ia de museu a museu, fazendo conferências sobre o Egito Antigo. Isso foi antes de eu descobrir que ele era um mago — antes dele libertar alguns deuses, e as nossas vidas ficarem complicadas.

Agora, eu não podia olhar para uma ilustração egípcia sem sentir uma conexão pessoal. Estremeci quando passei por uma estátua de Hórus — o deus com cabeça de falcão que habitou o meu corpo no último Natal. Passamos por um sarcófago e, lembrei-me como um deus maligno Set, aprisionara o nosso pai num caixão dourado no Museu Britânico. Em todos os lugares havia pinturas de Osíris, o deus dos mortos de pele azul, e pensei sobre como papai se sacrificara para se tornar o novo hospedeiro de Osíris. Agora mesmo, em algum lugar no reino mágico do Duat, o nosso pai era o rei do mundo inferior. Não consigo sequer descrever como pareceu estranho, ver uma pintura de cinco milhões de anos de um deus azul egípcio e pensar, “É, esse é o meu pai.”

Todos os artefatos pareciam como lembranças de família: uma varinha igual a de Sadie; a imagem de Serpentes Leopardo que uma vez atacou a gente; uma página do Livro dos Mortos mostrando demônios que nós conhecemos pessoalmente. Depois havia os *shabti*, estatuetas de argila mágicas que deviam vir á vida quando convocados. Alguns meses atrás, eu me apaixonei por uma garota chamada Zia Rashid, que no fim era uma *shabti*.

Se apaixonar pela primeira vez havia sido muito difícil. Mas quando a garota que você gosta na verdade é feita de cerâmica e se quebra em pedaços diante dos seus olhos, bem, isso dá um significado novo à “coração partido.”

Abrimos caminho pela primeira sala, passando debaixo de um grande mural do zodíaco ao estilo egípcio, pintado no teto. Pude ouvir a celebração acontecendo no grande salão de baile no fim do corredor à nossa direita. Música e risadas ecoavam pelo prédio.

Na segunda sala egípcia, paramos na frente de uma laje de pedra do tamanho de uma porta de garagem. Esculpida na rocha estava uma ilustração de um monstro esmagando alguns humanos.

“É um grifo?” perguntou Jaz.

Assenti. “É, essa é a versão egípcia.”

O animal tinha o corpo de um leão e a cabeça de um falcão, mas as suas asas não eram como a maioria das pinturas de grifo que você vê. No lugar de asas de pássaro, as asas do monstro corriam ao longo de seu dorso, longas, horizontais, eriçadas como um par de escovas de dente viradas para baixo. Se o monstro pudesse pelo menos flutuar com aquelas asas grossas, calculei que deveria voar erraticamente como uma borboleta. A pintura não havia sido retocada. Eu podia distinguir manchas de vermelho e ouro na pele da criatura; mas até sem cor, o grifo parecia misteriosamente vivo. Os seus olhos grandes e redondos pareciam me seguir.

“Grifos eram protetores,” eu falei lembrando uma coisa que meu pai me disse uma vez. “Eles guardavam tesouros e outras coisas.”

“Fabuloso,” disse Sadie. “Então você quer dizer que eles atacavam... ah, ladrões, por exemplo, arrombando museus e roubando artefatos?”

“É só uma pedra,” falei. Mas duvido que alguém se sentiu melhor. A magia egípcia se resumia em transformar palavras e pinturas em realidade.

“Ali.” Walt apontou pela sala. “É aquilo, não é?”

Formamos um largo arco em volta do grifo e nos aproximamos da estátua no centro da sala.

O deus se erguia em quase dois metros e meio de altura. Ele era esculpido de pedra negra e estava vestido num típico estilo egípcio, de peito nu, com um saiote e sandálias. Ele tinha o rosto de um carneiro e chifres que parcialmente se quebraram ao longo dos séculos. Na cabeça dele havia uma coroa em forma de Frisbee — um disco do sol entrelaçado com serpentes. Na frente dele havia uma figura humana muito menor. O deus estava com as mãos sobre a cabeça do pequeno rapaz, como se lhe estivesse abençoando.

Sadie olhou de soslaio a inscrição em hieróglifos. Desde que hospedara o espírito de Ísis, a deusa da magia, Sadie tinha uma habilidade misteriosa de ler hieróglifos.

“KNM,” leu ela. “Seria pronunciado *Khnum*, acho. Rima com *cabum*?”

“Sim,” concordei. “Essa é a estátua que precisamos. Hórus me disse que ela guarda o segredo para encontrar o Livro de Rá.”

Infelizmente Hórus não foi muito específico. Agora que encontramos a estátua, eu não tinha idéia alguma de como ela nos ajudaria. Examinei os hieróglifos esperando por uma pista.

“Quem é o garotinho na frente?” Walt perguntou. “Uma criança?”

Jaz estalou os dedos. “Não, eu me lembro disso! Khnum fez os humanos num vaso de argila. É o que ele está fazendo aqui, aposto — formando um humano da argila.”

Ela olhou para mim em confirmação. A verdade era que eu mesmo esquecera aquela história. Sadie e eu devíamos ser os professores, mas Jaz freqüentemente lembrava-se de mais detalhes que eu.

“É, bem,” falei. “Tirar os homens da argila. Exato.”

Sadie franziu a testa para a cabeça de carneiro de Khnum. “Parece um pouco com aquele desenho animado antigo... As aventuras de Rock e Bullwinkle, não é? Poderia ser o deus alce.”

“Ele não é o deus alce,” falei.

“Mas se estamos procurando pelo Livro de Rá,” ela disse, “e Rá é o deus do *sol*, então por que estamos procurando um alce?”

Sadie pode ser muito irritante. Eu já mencionei isso?

“Khnum era um aspecto do deus do sol,” falei. “Rá tinha três personalidades diferentes. Ele era Khepri, o deus escaravelho, na parte da manhã; Rá durante o dia; e Khnum, o deus de cabeça de carneiro no pôr do sol, quando ele descia ao mundo inferior.”

“É confuso,” falou Jaz.

“Não é não,” disse Sadie. “Carter tem diferentes personalidades. Ele vai de zumbi pela manhã para lesma à tarde, e de—”

“Sadie,” eu disse, “cale a boca.”

Walt coçou o queixo. “Acho que Sadie está certa. É um alce.”

“Obrigada,” disse Sadie.

Walt deu a ela um sorriso relutante, mas ainda parecia preocupado, como se alguma coisa o incomodasse. Peguei Jaz estudando-o com uma expressão preocupada, e fiquei imaginando o que eles haviam conversado mais cedo.

“Já chega de alce,” eu disse. “Temos que levar essa estátua de volta à casa do *Brooklyn*. Tem algum tipo de pista aí—”

“Mas como encontramos?” perguntou Walt. “E vocês ainda não nos contaram por que precisamos desse Livro de Rá com tanta urgência.”

Hesitei. Havia um monte de coisas que ainda não havíamos contado aos nossos estagiários, nem a Walt e Jaz — como o modo em que o mundo poderia acabar em cinco dias. Esse tipo de coisa pode distrair você do seu treino.

“Vou explicar quando voltarmos,” prometi. “Agora, vamos descobrir como mover a estátua.”

Jaz uniu as sobrancelhas. “Acho que não vai caber na minha mochila.”

“Ah, que preocupação,” falou Sadie. “Olhem, lançamos um feitiço de levitação na estátua. Criamos alguma grande diversão para limpar o salão de baile—”

“Aguenta aí.” Walt se inclinou para frente e examinou a figura menor do humano. O garotinho estava sorrindo, como se ser moldado de argila fosse incrivelmente divertido. “Ele está usando um amuleto. Um escaravelho.”

“É um símbolo comum,” eu disse.

“É...” Walt pegou a sua própria coleção de amuletos. “Mas o escaravelho é um símbolo do renascimento de Rá, certo? E essa estátua mostra Khnum criando uma nova vida. Talvez não precisemos da estátua inteira. Talvez a pista seja—”

“Ah!” Sadie sacou a varinha. “Brilhante.”

Eu estava prestes a dizer, “Sadie, não!” naturalmente aquilo seria algo sem sentido. Sadie nunca me ouvia.

Ela tocou o amuleto do garotinho. As mãos de Khnum brilharam. A cabeça da estátua menor abriu-se em quatro seções como o topo de um projétil, e desprendendo-se do seu pescoço estava um rolo de papiro amarelado.

“*Voilà*,” disse Sadie, orgulhosa.

Ela deslizou a varinha para a mochila e pegou o pergaminho na hora em que eu falei, “Pode ser uma armadilha!”

Como eu disse, ela nunca me ouvia.

Assim que ela arrancou o rolo da estátua, a sala inteira ribombou. Rachaduras apareceram nas vitrines.

Sadie deu um berro quando o rolo na sua mão explodiu em chamas. Elas não pareceram consumir o papiro ou ferir Sadie; mas quando ela tentou sacudir o fogo a fim de apagá-lo, chamas brancas espectrais pularam para a vitrine mais próxima e correram em volta da sala como se seguissem uma trilha de gasolina. O fogo tocou as janelas e hieróglifos brancos inflamaram no vidro, provavelmente disparando uma tonelada de alarmes e maldições protetoras. Então o fogo fantasmagórico ondulou pelo grande friso na entrada da sala. A placa de pedra sacudiu violentamente. Eu não podia ver os sinais esculpidos no outro lado, mas ouvi um ruído estridente — como um papagaio grande e realmente zangado.

Walt puxou o cajado das costas. Sadie balançava o rolo flamejante como se estivesse preso na mão dela. “Tire essa coisa de mim! Isso tudo não é só a minha culpa!”

“Hã...” Jaz puxou a varinha. “Que som foi aquele?”

Meu coração afundou.

“Eu acho,” falei, “que Sadie acabou de arranjar uma grande diversão para nós.”

C A R T E R

2. Nós domesticamos um Beija-Flor de três toneladas.

HÁ ALGUNS MESES ATRÁS, as coisas teriam sido diferentes. Sadie poderia ter dito uma única palavra e causado uma explosão de nível militar. Eu poderia ter me revestido de um avatar mágico de combate, e quase nada teria sido capaz de me derrotar.

Mas isso foi quando éramos totalmente mesclados com os deuses — Hórus para mim, Ísis para Sadie. Nós desistimos desse poder porque era demasiado perigoso. Até termos um melhor controle de nossas próprias capacidades, encarnar deuses egípcios poderia nos deixar loucos ou, literalmente sermos incinerados.

Agora tudo o que sobrou foi a nossa própria magia limitada. Isso tornou mais difícil de fazer coisas importantes — como sobreviver quando um monstro ganha vida e quer nos matar.

O grifo apareceu pronto para lutar. Era o dobro do tamanho de um leão normal, seu pêlo dourado-avermelhado revestido com pó de calcário. Sua cauda era repleta de plumas espetadas que pareciam tão duras e afiadas como punhais. Com um simples toque, ele pulverizou a laje de pedra de onde saiu. Suas asas estavam eriçadas em linha reta, e até agora alinhadas sobre o seu dorso. Quando o grifo se movia, elas se agitavam tão rápido que se turvavam e zumbiam como as asas do maior e mais cruel beija-flor do mundo.

O grifo fixou seus olhos famintos em Sadie. Chamas brancas ainda envolviam sua mão e o pergaminho, e o grifo pareceu encarar isso como uma espécie de desafio. Eu já ouvi um monte de gritos de falcão — hey, eu *fui* um falcão uma ou duas vezes — mas quando isso abriu o bico, ele soltou um grito que sacudiu as janelas e arrepiou os meus cabelos.

“Sadie,” eu disse, “solte o pergaminho.”

“Oláaa? Está preso na minha mão!” ela protestou. “E eu estou pegando fogo! Eu mencionei isso?”

Chamas do fogo fantasma estavam agora queimando em todas as janelas e artefatos. O pergaminho parecia ter disparado cada reserva de magia egípcia na sala, e eu tinha certeza que era ruim. Walt e Jaz ficaram congelados em estado de choque. Suponho que não poderia culpá-los. Este foi o primeiro monstro real deles.

O grifo deu um passo em direção à minha irmã.

Eu estava ombro a ombro com ela e fiz o único truque mágico que eu conhecia bem. Alcancei o Duat e puxei minha espada fora do ar rarefeito - uma *khopesh* egípcia com uma lâmina perversamente afiada, em forma de gancho.

Sadie parecia muito boba com a mão e o pergaminho pegando fogo, como uma estátua da Liberdade super-entusiasmada, mas com a mão livre, ela conseguiu chamar sua principal arma ofensiva – um cajado de um metro e meio de comprimento esculpido com hieróglifos.

Sadie perguntou, “Alguma dica de como lutar com grifos?”

“Evite as partes afiadas?” eu chutei.

“Brilhante. Obrigada por isso.”

“Walt,” chamei. “Verifique as janelas. Veja se pode abri-las.”

“M-mas elas estão amaldiçoadas.”

“Eu sei,” eu disse. “Mas se tentarmos sair pelo salão de baile, o grifo vai nos comer antes de chegarmos lá.”

“Vou verificar as janelas.”

“Jaz, ajude Walt.” Falei

“Essas marcas no vidro.” Jaz murmurou. “E-eu as vi antes.”

“Apenas faça!” eu disse.

O grifo avançou com suas asas zumbindo como serras elétricas. Sadie lançou seu cajado e em pleno vôo, ele se transformou em um tigre com as garras afiadas prontas para o ataque.

O Grifo não ficou impressionado. Ele bateu o tigre de lado, em seguida atacou com velocidade anormal, abrindo impossivelmente seu bico. *SNAP*. O Grifo mordeu e o tigre sumiu restando um cajado quebrado.

“Esse era meu cajado favorito!” Sadie lamentou.

O grifo virou seus olhos para mim.

Segurei firme minha espada. A lâmina começou a brilhar. Eu desejei que ainda tivesse a voz de Hórus dentro da minha cabeça, aconselhando-me. Ter um deus da guerra pessoal torna mais fácil fazer as coisas estupidamente corajosas.

“Walt!” Eu chamei. “Como está indo com essa janela?”

“Ainda tentando,” disse ele.

“E-espere,” Jaz disse nervosamente. “Esses são os símbolos da deusa Sekhmet. Walt pare!”

Então, um monte de coisas aconteceu de uma vez. Walt abriu a janela, e uma onda de fogo branco rugiu por cima dele, derrubando-o ao chão.

Jaz correu para seu lado. O grifo logo perdeu o interesse em mim. Como todo bom predador, ele se concentra no alvo móvel — Jaz — e investiu contra ela.

Eu gelei. Mas, em vez de atacar nossos amigos, o grifo passou por Walt e Jaz e bateu na janela. Jaz puxou Walt para fora do caminho enquanto o grifo ficou louco, batendo e mordendo as chamas brancas.

Ele estava tentando *atacar* o fogo. O grifo ficou fora de controle. Ele girou, batendo em um sarcófago com um *shabti exposto*. Sua cauda quebrou o sarcófago em pedaços.

Eu não tenho certeza do que se apossou de mim, mas eu gritei: "Pare com isso!"

O grifo congelou. Ele se virou para mim, grasnando em irritação. Uma cortina de fogo branco correu para longe e queimou o canto da sala, quase como se ele estivesse se reagrupando. Então eu observei outras chamas se unindo, formando contornos lembrando vagamente humanos. Um olhou para mim, e eu senti uma aura inconfundível de malícia.

"Carter, fique atento." Sadie, aparentemente, não tinha notado as formas de fogo. Seus olhos ainda estavam fixos no grifo, enquanto puxava um pedaço de fio mágico do seu bolso. "Se eu pudesse apenas chegar perto o suficiente—"

"Espere Sadie." Tentei processar o que estava acontecendo. Walt estava deitado de costas tremendo. Seus olhos estavam com um brilho branco, como se o fogo tivesse entrado neles. Jaz se ajoelhou ao seu lado, murmurando um feitiço de cura.

""RAAAWK!" O grifo grasnou melancolicamente como se estivesse pedindo permissão — como se tivesse *obedecido* à minha ordem para parar, mas não tivesse gostado nada disso.

Os contornos ardentes estavam ficando mais brilhantes e mais sólidos. Eu contei sete figuras em chamas, lentamente formando pernas e braços.

Sete figuras... Jaz tinha dito algo sobre os símbolos da deusa Sekhmet. Pavor pairou sobre mim quando eu percebi que tipo de maldição estava realmente protegendo o museu. A libertação do grifo havia sido acidental. Ele não era o real problema.

Sadie jogou seu fio.

"Espere!" Eu gritei, mas já era tarde demais. O fio mágico chicoteou através do ar, prolongando-se em uma corda enquanto correu em direção ao grifo.

O grifo gritou indignado e pulou em direção às formas de fogo. As criaturas de fogo se espalharam, e um jogo de pega-pega de total aniquilação começou.

O grifo zumbia ao redor da sala, agitando suas asas. Vitrines destruídas. Alarmes mortais soando. Gritei para o grifo parar, mas desta vez não adiantou.

Com o canto do meu olho, eu vi Jaz cair, talvez por causa do esforço do seu feitiço de cura. "Sadie," eu gritei. "Ajude-a!"

Sadie correu para o lado de Jaz. Eu persegui o grifo. Eu provavelmente parecia um idiota total de pijama preto com minha espada brilhante, tropeçando em artefatos quebrados e gritando ordens para um beija-flor-gato gigante.

Justamente quando eu pensei que as coisas não poderiam ficar piores, meia dúzia dos convidados da festa apareceram, para ver o que o era o barulho. Suas bocas se abriram. Uma senhora com um vestido cor de pêssego gritou.

As sete criaturas de fogo branco dispararam em linha reta através dos convidados do casamento, que imediatamente desabaram. Os incêndios continuaram, girando em torno da sala para o salão de baile. O grifo voou atrás deles.

Olhei para trás para Sadie, que estava ajoelhado sobre Jaz e Walt. "Como eles estão?"

"Walt está vindo por aí," disse ela, "mas Jaz está inconsciente."

"Sigam-me quando puderem. Eu acho que posso controlar o grifo."

"Carter, você está *louco*? Nossos amigos estão feridos e eu tenho um pergaminho em chamas preso na minha mão. A janela está aberta. Ajude-me a tirar Jaz e Walt daqui!"

Ela tinha um bom argumento. Esta poderia ser nossa única chance de tirar os nossos amigos de lá vivos. Mas eu também sabia o que aqueles sete incêndios eram agora, e eu sabia que se eu não fosse atrás deles, muitas pessoas inocentes iriam se machucar.

Murmurei uma maldição egípcia — do tipo xingando, não do tipo mágica — e corri para participar da festa de casamento.

O salão principal estava em caos. Os convidados estavam correndo por toda parte, gritando e derrubando mesas. Um cara em um smoking tinha caído no bolo de casamento e estava rastejando com uma decoração plástica de noivinhos, preso à sua traseira. Um músico estava tentando fugir com um tambor de corda em seu pé.

Os fogos brancos se solidificaram o suficiente para que eu pudesse compor as suas formas — em algum lugar entre caninos e humanos, com braços compridos e pernas tortas. Elas brilhavam como gasolina superaquecida enquanto corriam pelo salão, circundando os pilares que rodeavam a pista de dança. Um atravessou uma dama de honra. Os olhos da senhora viraram branco leitosos, e ela caiu no chão, tremendo e tossindo.

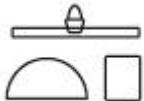
Eu me senti perdido dentro do baile. Eu não sabia qualquer magia que poderia lutar contra essas coisas, e se uma deles me tocasse...

De repente, o grifo desceu do nada, seguido de perto pela corda mágica de Sadie que ainda estava tentando laçá-lo. O grifo abocanhou uma das criaturas de fogo em um único gole e continuou voando. Nuvens de fumaça saíam de suas narinas, mas por outro lado, comer o fogo branco não pareceu incomodá-lo.

"Hey!" Eu gritei.

Tarde demais, percebi o meu erro.

O grifo se virou para mim, o que reduziu a sua velocidade o suficiente para a corda mágica de Sadie se embrulhar em torno de suas patas traseiras.

"SQUAWWWWK!" O grifo caiu em uma mesa de Buffet. A corda cresceu mais, enrolando em torno do corpo do monstro, enquanto suas asas retalhavam em alta velocidade a mesa, o chão e os pratos de sanduíches, como um picador de madeira fora de controle.

Os convidados do casamento começaram a desobstruir o salão. A maioria correu para os elevadores, mas dezenas ficaram inconscientes ou agitados em acessos, seus olhos brancos brilhando. Outros ficaram presos sob pilhas de escombros. Alarmes estavam tocando, e as chamas brancas — seis delas agora — estavam ainda completamente fora de controle.

Corri para o grifo, que estava rolando, tentando em vão cortar a corda. "Calma!" Eu gritei. "Deixe-me ajudá-lo, estúpido!"

"FREEEEK!" O rabo do grifo se impulsionou sobre a minha cabeça e por pouco não me decapitou.

Eu respirei fundo. A princípio, eu era um mágico de combate. Eu nunca tinha sido bom em feitiços com hieróglifos, mas apontei minha espada para o monstro e disse: *"Ha-tep."*

Um hieróglifo verde — o símbolo de Esteja em paz — queimou no ar, à direita na ponta da lâmina:

O grifo parou de se debater. O zumbido de suas asas abrandou. Caos e gritos ainda enchiam o salão de baile, mas eu tentei manter a calma enquanto me aproximava do monstro.

"Você me reconhece, não é?" Eu estendi minha mão, e outro símbolo ardia em cima da minha palma — um símbolo que eu sempre poderia invocar, o Olho de Hórus:

"Você é um animal sagrado de Hórus, não é? É por isso que me obedece."

O grifo piscou para marca do deus da guerra. Ele agitou seu pescoço emplumado e gritou em reclamação, contorcendo-se sob a corda que estava lentamente envolvendo seu corpo.

"Sim, eu sei," eu disse. "Minha irmã é uma perdedora. Aguente firme. Vou desamarrar você."

Em algum lugar atrás de mim, Sadie gritou "Carter!"

Eu me virei e vi Walt e ela tropeçando, vindo em minha direção, transportando Jaz entre eles. Sadie ainda dava impressão de ser a Estátua da Liberdade, mantendo o pergaminho flamejante em uma mão. Walt estava em pé e seus olhos não estavam mais brilhantes, mas Jaz estava caída como se todos os ossos de seu corpo tivessem se transformado em geléia.

Eles se esquivaram de um espírito de fogo e de alguns convidados loucos do casamento e de alguma forma atravessaram o salão.

Walt olhou o grifo. “Como você o acalmou?”

“Grifos são servos de Hórus,” eu disse. “Eles puxavam sua carruagem na batalha. Eu acho que ele reconheceu minha conexão com ele.”

O grifo gritou impaciente e debateu a sua cauda, derrubando uma coluna de pedra.

“Não muito calmo,” Sadie observou. Ela olhou para a cúpula de vidro quarenta metros acima, onde a pequena figura de Khufu estava acenando freneticamente para nós. “Precisamos tirar Jaz daqui, *agora*,” disse ela.

“Estou bem,” Jaz murmurou.

“Não, você não está,” disse Walt. “Carter, ela tirou esse espírito de mim, mas isso quase a matou. É um tipo de doença demônio—”

“Bau,” eu disse. “Um espírito maligno. Estes sete são chamados—”

“As Flechas de Sekhmet,” Jaz disse, confirmando os meus medos. “Eles são espíritos praga, nascidos da deusa. Eu posso pará-los.”

“Você pode *descansar*,” disse Sadie.

“Certo,” eu disse. “Sadie, tire a corda fora do grifo e—”

“Não há tempo.” Jaz apontou. Os *bau* estavam ficando maiores e mais brilhantes. Mais convidados do casamento estavam caindo enquanto os espíritos chicoteavam ao redor da sala indisputados.

“Eles vão morrer se eu não parar os *bau*,” Jaz disse. “Sou capaz de canalizar o poder da deusa Sekhmet e forçá-los a voltar ao Duat. É para o que eu venho treinando.”

Eu hesitei. Jaz nunca tinha experimentado magia tão grande. Ela já estava fraca por curar Walt. Mas ela foi treinada para isso. Pode parecer estranho que os curandeiros estudem o caminho de Sekhmet, mas desde que Sekhmet era a deusa da destruição, pragas e fome, fazia sentido que os curandeiros aprendessem a controlar suas forças — incluindo *bau*.

Além disso, mesmo que eu libertasse o grifo, eu não estava cem por cento certo de que poderia controlá-lo. Havia uma boa chance de que ele iria ficar animado e engolir-nos, em vez dos espíritos.

Lá fora, as sirenes da polícia estavam ficando mais altas. Nós estávamos correndo contra o tempo.

“Não temos escolha,” Jaz insistiu.

Ela puxou a varinha e então — em grande parte para o choque da minha irmã — deu um beijo na bochecha de Walt. “Vai ficar tudo bem, Walt. Não desista.”

Jaz pegou algo mais de seu saco mágico - uma estátua de cera — e apertou isso na mão livre da minha irmã.

“Você vai precisar disso em breve, Sadie. Desculpe-me, eu não posso te ajudar mais. Você saberá o que fazer quando chegar a hora.”

Eu não acho que eu já vi Sadie perder as palavras desta forma.

Jaz correu para o centro do salão de baile e tocou sua varinha no chão, desenhando um círculo de proteção em torno de seus pés. De sua bolsa, ela produziu uma pequena estátua da deusa Sekhmet, a sua deusa patrona, e segurou no alto.

Ela começou a cantar. Uma luz vermelha brilhava ao seu redor. Gavinhas da energia se espalharam a partir do círculo, enchendo a sala como os galhos de uma árvore. As gavinhas começaram a girar, primeiro lentamente, então aumentando a velocidade até que a mágica arrastou os *bau*, forçando-os a voar na mesma direção e atraindo-os para o centro. Os espíritos gritaram, tentando lutar contra o feitiço. Jaz cambaleou, mas continuou cantando, com o rosto pontilhado com o suor.

"Nós não podemos ajudá-la?" Walt perguntou.

"RAWWWWK!" gritou o grifo, o que provavelmente significava *Oláaaaaaaa! Eu ainda estou aqui!*

As sirenes soaram agora como se estivessem à porta do edifício. No final do corredor perto dos elevadores, alguém gritava em um megafone, ordenando à última leva de convidados do casamento que saíssem do prédio, como se eles precisassem de incentivo. A polícia chegou e se nós fossemos presos, esta situação iria ser difícil de explicar.

"Sadie," eu disse: "prepare-se para soltar a corda do grifo. Walt, você ainda tem seu amuleto barco?"

"Meu—? Sim. Mas não há água."

"Apenas convoque o barco!" Eu cavei nos meus bolsos e encontrei meu próprio fio mágico. Falei um encanto e de repente estava segurando uma corda de vinte metros de comprimento. Eu fiz uma laçada solta no meio, como uma gravata enorme e cuidadosamente aproximei-me do grifo.

"Eu só vou colocar isso em seu pescoço," eu disse. "Não perca o controle."

"FREEEEK!" o grifo disse.

Eu me aproximei consciente de quão rápido o bico poderia agarrar-me se quisesse, mas eu consegui fazer um laço da corda em volta do pescoço do grifo.

Então algo deu errado. O tempo desacelerou. O turbilhão de gavinhas vermelhas do feitiço de Jaz mudou lentamente, como se o ar tivesse se transformado em calda. Os gritos e sirenes desbotaram para um rugido distante.

Você não terá sucesso, uma voz assobiou.

Virei-me e encontrei-me cara a cara com um *bau,* pairando no ar a poucos centímetros de distância, sua chama branca característica quase entrando em foco, parecia sorrir, e eu podia jurar que tinha visto seu rosto antes.

O caos é muito poderoso, rapaz, disse. *O mundo gira fora de seu controle. Desista de sua missão!*

"Cale a boca," murmurei, mas meu coração estava batendo a mil.

Você nunca vai encontrá-la, o espírito escarneceu. *Ela dorme no Lugar de Areia Vermelha, mas ela vai morrer lá se você seguir com sua busca inútil*.

Eu senti como se uma tarântula se arrastasse nas minhas costas. O espírito estava falando sobre Zia Rashid — a Zia real, que eu estava procurando desde o Natal.

"Não," eu disse. "Você é um demônio, um enganador."

Você pode fazer melhor, garoto. Nós já nos conhecemos antes.

"Cale a boca!" Convoquei o Olho de Hórus, e o espírito sibilou. O tempo acelerou novamente. As gavinhas vermelhas do feitiço de Jaz estavam envolvidas em torno dos *bau* e puxou-os gritando para o turbilhão.

Ninguém parecia ter notado o que aconteceu.

Sadie estava jogando na defensiva, golpeando um *bau* com seu pergaminho chamejante, sempre que se aproximava. Walt arrumou o seu amuleto de barco no chão e falou a palavra de comando. Em questão de segundos, como um daqueles loucos brinquedos de esponja que expandem na água, o amuleto cresceu para um barco de junco de tamanho egípcio, em frente às ruínas da mesa do buffet.

Com as mãos tremendo, tomei as duas extremidades da nova gravata do grifo e amarrei uma extremidade na proa do bote e outro na popa.

"Carter olha!" Sadie chamou.

Eu me virei a tempo de ver um relâmpago de ofuscante luz vermelha. O vórtice interior desmoronou, sugando todos os seis *bau* dentro do círculo de Jaz. A luz morreu. Jaz desmaiou, a varinha e a estátua Sekhmet ambas se esmigalharam em poeira em suas mãos.

Nós corremos para ela. Suas roupas estavam emitindo fumaça. Eu não pude dizer se ela estava respirando.

"Leve-a para o barco," eu disse. "Temos que sair daqui."

Eu ouvi um grunhido minúsculo longe acima de nós. Khufu tinha aberto a cúpula. Ele apontava urgentemente enquanto holofotes varriam o céu acima dele. O museu estava provavelmente cercado por veículos de emergência. Todos ao redor do salão, os convidados aflitos estavam começando a recuperar a consciência. Jaz tinha os salvado, mas a que custo? Nós a transportamos para o barco e subimos.

"Segurem-se firme," eu avisei. "Essa coisa *não* é estável. Se virar—"

"Hey!" uma voz masculina gritou atrás de nós. "O que vocês estão— Hey! Parem!"

"Sadie, a corda, agora!" eu disse.

Ela estalou os dedos, e a corda emaranhada no grifo se dissolveu.

“VÁI!” gritei. “SUBA!”

“FREEEEK!” O grifo bateu suas asas. Nós balançamos no ar, o barco balançando loucamente, e disparamos em linha reta para a cúpula aberta. O grifo mal pareceu notar o nosso peso extra. Ele subiu muito rápido, Khufu teve que dar um salto voador para chegar a bordo. Puxei-o para o barco, e nós nos seguramos desesperadamente, tentando não capotar.

“Agh!” Khufu reclamou.

“Sim,” eu concordei. “Tanta coisa para um trabalho fácil.”

Então novamente, nós fomos a família Kane. Este foi o dia mais fácil que iríamos ter por um bom tempo.

De alguma forma, nosso grifo sabia o caminho certo a seguir. Ele gritou em triunfo e subiu para a noite fria e chuvosa. Enquanto nós voávamos para casa, o pergaminho de Sadie queimou brilhante. Quando olhei para baixo, fantasmagóricas chamas brancas ardiam em todos os telhados do Brooklyn.

Comecei a me perguntar exatamente o que tínhamos roubado — se foi mesmo o objeto certo, ou se ele só tornara nossos problemas ainda piores. De qualquer maneira, eu tinha a sensação de que nossa sorte seria finalmente empurrada para bem longe.

S A D I E

3. O Sorveteiro Trama a Nossa Morte

ESTRANHO COMO VOCÊ PODE FACILMENTE ESQUECER que sua mão está em chamas.

Ah, desculpe. Sadie, aqui. Você não acha que eu deixaria meu irmão tagarelar para sempre, não é? Por favor, ninguém merece uma maldição *tão* horrível.

Chegamos de volta na Casa do Brooklyn, e todos se aglomeraram em minha volta porque a minha mão estava presa à um pergaminho flamejante.

“Estou bem,” eu insisti. “Cuidem de Jaz!”

Honestamente, eu aprecio um pouco de atenção de vez em quando, mas eu estava longe de ser a coisa mais interessante acontecendo. Nós pousamos no telhado da mansão, que em si é de um estranho encanto — um cubo de cinco andares de pedra de calcário e de aço, como um cruzamento entre um templo egípcio e um museu de arte, empoleirado no topo de um armazém abandonado no cais do Brooklyn. Sem mencionar que a mansão brilha com magia e é invisível para os mortais normais.

Abaixo de nós, todo o Brooklyn estava pegando fogo. Meu irritante pergaminho mágico pintou uma ampla faixa de fogo fantasmagórico sobre o borough[1] enquanto nós voávamos do museu. Nada esteve queimando verdadeiramente, e as chamas não eram quentes; mas nós ainda causamos bastante pânico. Sirenes choraram. As pessoas lotaram as ruas, curiosos pelos telhados em chamas. Helicópteros circularam com holofotes.

Se isso não fosse emocionante o bastante, meu irmão estava disputando com um grifo, tentando desatar um barco de pesca de seu pescoço e detendo o animal de comer os nossos alunos.

Em seguida, houve Jaz, nossa verdadeira causa de preocupação. Nós tínhamos verificado que ela ainda estava respirando, mas ela parecia estar numa espécie de coma. Quando abrimos seus olhos, eles estavam brancos brilhantes — normalmente *não* é um bom sinal.

Durante o passeio de barco, Khufu tinha tentado alguma de sua famosa magia de babuíno nela — acariciando sua testa, fazendo barulhos selvagens, e tentando inserir jujubas em sua boca. Tenho certeza que ele pensou que ele estava sendo útil, mas não fez muito para melhorar sua condição.

[1] Uma das cinco divisões da cidade de Nova Iorque. (N. T.)

Agora Walt estava cuidando dela. Ele a pegou com cuidado e colocou-a em uma maca, cobrindo-a com cobertores e acariciando seus cabelos enquanto os nossos outros alunos se reuniam em volta. E isso foi bom. Completamente bom.

Eu não estava totalmente interessada em quão bonito o seu rosto parecia ao luar, ou seus braços musculosos em camisetas sem mangas, ou o fato de que ele estava de mãos dadas com Jaz, ou...

Sinto muito. Perdi minha linha de pensamento.

Eu sentei no canto do telhado, sentindo-me absolutamente exausta. Minha mão direita coçava de segurar o rolo de papiro tanto tempo. As chamas mágicas coçavam meus dedos.

Eu tateei em torno do meu bolso esquerdo e tirei a pequena estátua de cera que Jaz tinha me dado. Era uma de suas estátuas de cura, usada para expelir doenças ou maldições. Em geral, estátuas de cera não se parecem com ninguém em particular, mas Jaz tinha tomado seu tempo com esta. Era claramente destinada para curar uma pessoa específica, o que significava que teria mais poder e provavelmente seria guardada para uma situação de vida ou morte. Eu reconheci o cabelo crespo da estatueta, seus traços faciais, a espada pressionada em suas mãos. Jaz tinha mesmo escrito o seu nome em hieróglifos no peito: *CARTER*.

Você vai precisar disso em breve, ela me disse.

Até onde eu sabia, Jaz não era uma adivinha. Ela não podia dizer o futuro. Então, o que ela quis dizer? Como eu supostamente saberia quando usar a estatueta? Olhando para o mini-Carter, eu tive a horrível sensação de que a vida de meu irmão tinha sido literalmente colocada em minhas mãos.

“Você está bem?” Perguntou uma voz de mulher.

Eu rapidamente guardei a estatueta.

Minha velha amiga Bastet estava em cima de mim. Com seu sorriso discreto e olhos amarelos brilhantes, ela podia estar sendo preocupada ou se divertindo. É difícil dizer com uma deusa gato. Seu cabelo negro estava puxado para trás em um rabo de cavalo. Ela vestia o maiô de pele de leopardo usual, como se ela estivesse prestes a realizar uma cambalhota. Por tudo que eu sabia, ela poderia estar. Como eu disse, você nunca pode contar com os gatos.

“Estou bem,” eu menti. “Só...” Eu acenei minha mão em chamas sem auxílio.

“Mmm.” O pergaminho parecia causar desconforto em Bastet. “Deixe-me ver o que posso fazer.”

Ela ajoelhou-se ao meu lado e começou a cantar.

Eu pensava como era estranho ter o meu antigo animal de estimação lançando um feitiço sobre mim. Durante anos, Bastet tinha posado como o meu gato, Muffin. Eu nem tinha percebido que eu tinha uma deusa dormindo no meu travesseiro durante a noite. Então, depois que nosso pai soltou uma série de deuses no Museu Britânico, Bastet se fez conhecer.

Ela tinha estado olhando por mim durante seis anos, ela nos disse, desde que nossos pais a soltaram de uma cela no Duat, onde tinha sido enviada para lutar para sempre contra a caótica cobra Apófis.

É uma longa história, mas minha mãe tinha previsto que Apófis acabaria por escapar de sua prisão, o que seria basicamente igual ao Dia do Juízo Final. Se Bastet continuasse a lutar com ele sozinha, ela seria destruída. No entanto, se Bastet fosse libertada, minha mãe acreditava que ela poderia desempenhar um papel importante na batalha vindoura com o Caos. Então meus pais a livraram antes que Apófis pudesse dominá-la. Minha mãe tinha morrido na passagem, então fechando rapidamente a prisão de Apófis; tão naturalmente Bastet se sentiu em dívida para com nossos pais. Bastet tornou-se minha guardiã.

Agora ela também era a acompanhante minha e de Carter, companheira de viagem, e às vezes cozinheira pessoal (Dica: se ela lhe oferecer um Friskies du Jour[2], diga não).

Mas eu ainda sentia falta de Muffin. Às vezes eu tinha que resistir à vontade de coçar atrás da orelha de Bastet e alimentá-la com delícias crocantes, embora eu esteja feliz que ela já não tente dormir no meu travesseiro durante a noite. Isso teria sido um pouco estranho.

Ela terminou seu canto, e as chamas do pergaminho implodiram. Minha mão se abriu. O papiro caiu no meu colo.

“Deus, obrigado,” eu disse.

“Deusa,” Bastet corrigiu. “Você é muito bem-vinda. Nós não podemos ter o poder de Rá iluminando a cidade, podemos?”

Eu olhei para fora em todo o bairro. As chamas foram embora. O horizonte da noite do Brooklyn voltou ao normal, exceto pelas luzes de emergência e as multidões de gritos mortais nas ruas. Vindo pensar sobre isso, eu acho que *foi* bastante normal.

“O poder de Rá?” eu perguntei. “Eu pensei que o pergaminho fosse uma pista. É este o livro real de Rá?” O rabo de cavalo de Bastet se inchou como faz quando ela está nervosa. Eu cheguei a perceber que ela mantém seu cabelo em um rabo de cavalo, para que a cabeça inteira não exploda na forma de um ouriço do mar cada vez que ela fica assustada.

“O pergaminho é... parte do livro,” disse ela. “E eu te avisei. O poder de Rá é quase impossível de controlar. Se você insistir em tentar acordá-lo, os incêndios seguintes que você disparar podem não ser tão inofensivos.”

“Mas ele não é o faraó?” Eu perguntei. “Você não quer que ele acorde?”

Ela baixou o olhar. Eu percebi o quão tolo foi o meu comentário. Rá era o senhor e mestre de Bastet. Eras atrás, ele a tinha escolhido para ser sua campeã. Mas ele também foi aquele que a tinha enviado para aquela prisão para manter seu arquiinimigo Apófis ocupado por toda a

[2] Friskies é uma marca de ração de gato, du Jour é do Dia em Francês. Provavelmente alguma especialidade que Bast teria inventado usando ração de gato. (N. T.)

eternidade, assim Rá poderia se aposentar com a consciência limpa. Muito egoísta, se você me perguntar.

Graças aos meus pais, Bastet escapou de sua prisão, mas isso também significa que ela abandonou seu posto de combate contra Apófis. Não é à toa que ela tenha sentimentos mistos sobre o antigo chefe vê-la novamente.

"É melhor falarmos de manhã," disse Bastet. "Você precisa descansar, e esse pergaminho só deve ser aberto durante o dia, quando o poder de Rá é mais fácil de controlar."

Eu olhei para meu colo. O papiro ainda estava fumegante. "Mais fácil de controlar... como, não vai atear fogo em mim?"

"É seguro tocar agora," Bastet me assegurou. "Após ser preso na escuridão por alguns milênios, isso está apenas muito sensível, reagindo a qualquer tipo de energia — mágica, elétrica, emocional. Eu tenho, ah, medi baixa sensibilidade então isso não vai explodir em chamas novamente."

Peguei o pergaminho. Felizmente, Bastet estava certa. Ele não grudou na minha mão ou iluminou a cidade com chamas. Bastet me ajudou a ficar de pé. "Durma um pouco. Vou deixar Carter saber que está tudo bem. Além disso..." Ela conseguiu dar um sorriso. "Você tem um grande dia amanhã."

Certo, eu pensei miseravelmente. Uma pessoa se lembra, e é meu gato.

Olhei para meu irmão, que ainda estava tentando controlar o grifo. Ele tinha os laços de Carter em seu bico e não parecia inclinado a soltar.

A maioria dos nossos vinte estagiários estava cercando Jaz, tentando acordá-la. Walt não havia deixado o seu lado. Ele olhou para mim rapidamente, inquieto, em seguida, voltou sua atenção para Jaz.

"Talvez você esteja certa," eu murmurei para Bastet. "Eu não sou necessária aqui."

Meu quarto era um lugar adorável para estar de mau humor. Nos últimos seis anos, eu vivi em um sótão da Vovó e do Vovô no apartamento em Londres, e embora eu tenha perdido a minha antiga vida, minhas companheiras Liz e Emma, e quase tudo da Inglaterra, eu não podia negar que o meu quarto no Brooklyn era muito mais bacana.

Minha varanda dava para ver o East River. Eu tinha uma confortável cama enorme, meu próprio banheiro e um closet com inúmeras roupas novas que magicamente apareciam e limpavam-se quando necessário. O realce da cômoda era a geladeira embutida com minha bebida favorita Ribena[3], importada do Reino Unido, e os chocolates refrigerados (bem, uma garota tem que tratar a si mesma). O sistema de som era absolutamente de ponta, e as paredes

[3] Ribena é a marca de uma bebida comum na Inglaterra, à base de suco de fruta concentrado e refrigerante.

eram magicamente à prova de som para que eu pudesse tocar a minha música tão alto como eu quisesse sem me preocupar com o meu pachorrento irmão na porta ao lado. Na penteadeira estava uma das únicas coisas que eu trouxe do meu quarto de Londres: um gravador de cassetes velho que meus avós tinham me dado há muito tempo. É irremediavelmente antiquado, sim, mas eu mantive isso em volta por razões sentimentais. Carter e eu tínhamos gravado as nossas aventuras na Pirâmide Vermelha nele, depois de tudo.

Eu encaixei meu iPod e rolei através da minha playlist. Eu escolhi uma lista marcada como triste, pois era assim que eu me sentia.

Adele 19[4] começou a tocar. Deus, eu não tinha ouvido esse álbum desde...

Inesperadamente, comecei a chorar. Eu estava ouvindo essa mistura na véspera de Natal, quando meu pai e Carter me pegaram para a nossa viagem para o Museu Britânico — a noite que nossas vidas mudaram para sempre.

Adele cantou como se alguém estivesse rasgando seu coração. Ela continuou sobre o menino que gostava, imaginando o que ela devia fazer para fazê-lo querê-la devidamente. Eu poderia me relacionar com isso. Mas no último Natal, a música me fez pensar na minha família também: minha mãe, que morreu quando eu era bem pequena, e meu pai e Carter, que viajavam pelo mundo juntos, me deixando em Londres com os meus avós, e não pareciam precisar de mim em suas vidas.

Claro que eu sabia que era mais complicado que isso. Tinha havido uma batalha de custódia desagradável envolvendo advogados e ataques com espátula, e meu pai queria manter Carter e eu separados e então não agitaríamos a mágica um do outro antes que nós pudéssemos manipular o poder. E sim, nós todos crescemos mais desde então. Meu pai estava de volta na minha vida um pouco mais, mesmo que ele seja o deus do submundo agora. Quanto à minha mãe... bem, eu conheci o seu fantasma. Suponho que contou para alguma coisa.

Ainda assim, a música trouxe de volta toda a dor e a raiva que senti no Natal. Suponho que não tinha me livrado dela tão completamente como eu pensava.

Meu dedo pairou sobre a tecla de avanço rápido, mas estou decidida a deixar a canção tocar. Joguei minhas coisas na cômoda, o papiro, o mini-Carter de cera, a minha bolsa mágica, minha varinha. Eu reagi para meu cajado, então lembrei que eu não tinha mais. O grifo tinha comido.

"Cabeça de pássaro sem valor," eu murmurei.

Comecei a me mudar para a cama. Eu reboquei o interior da porta do meu armário com fotos, a maioria de meus companheiros e eu na escola no ano passado. Havia uma de Liz, Emma e eu fazendo caras em uma cabine de foto em Piccadilly. Nós parecíamos tão jovens e ridículas.

---

[4] Adele 19 é o nome do CD de músicas de estreia da cantora inglesa Adele.

Eu não podia acreditar que eu poderia vê-las amanhã, pela primeira vez em meses. Vovô e Vovó tinham me convidado para visitar, e eu tinha planos de sair só com minhas companheiras — pelo menos, esse *tinha* sido o plano antes de Carter deixar cair o surpreendente "cinco-dias-para-salvar-o-mundo". Agora, quem sabia o que iria acontecer?

Apenas duas fotos sem Liz e Emma decoravam a porta do meu armário. Uma deles mostrava Carter e eu com o tio Amós no dia que ele partiu para o Egito em sua... hmm, o que você chama quando alguém vai para a cura depois de ter sido possuído por um deus do mal? Não são férias, eu suponho.

A última foto era uma pintura de Anúbis. Talvez você já tenha visto: o sujeito com a cabeça do chacal, o deus dos funerais, a morte, e assim por diante. Ele está em toda a arte egípcia — liderando almas falecidas no Salão de Julgamento, ajoelhado nas escalas cósmicas, pesando um coração contra a pena da verdade.

Por que eu tenho a foto dele?

[Ótimo, Carter. Eu admito, só para te calar.]

Eu tinha um pouco de paixão por Anúbis. Eu sei que soa ridículo, uma garota moderna tendo sonhos com um garoto de cinco mil anos com cabeça de cachorro, mas *não* foi isso que eu vi quando olhei a foto dele. Lembrei-me de Anúbis como ele apareceu em Nova Orleans quando nos conhecemos cara-a-cara — um garoto de cerca de dezesseis anos, em couro preto e jeans, com cabelos negros desgrenhados e lindos olhos tristes, como chocolate derretido. *Não* muito como um garoto com cabeça de cachorro.

Ainda ridículo, eu sei. Ele era um deus. Não tínhamos absolutamente nada em comum. Eu não tinha ouvido falar dele nenhuma vez desde a nossa aventura com a Pirâmide Vermelha, o que não deveria ter me surpreendido. Mesmo que ele parecia interessado em mim no momento e possivelmente até mesmo jogou algumas dicas... Não, certamente eu estava imaginando isso.

Nas últimas sete semanas, desde que Walt Stone chegou à Casa do Brooklyn, eu pensei que eu poderia ser capaz de superar Anúbis. Claro, Walt foi meu estagiário, e eu não deveria pensar nele como um possível namorado, mas eu tinha quase certeza de que houve uma faísca entre nós na primeira vez que vimos um ao outro. Agora, no entanto, Walt parecia estar se afastando. Ele estava agindo de modo secreto, parecendo sempre tão culpado e conversando com Jaz.

Minha vida era um lixo.

Eu puxei meu pijama enquanto Adele continuou cantando. *Todas* as suas canções eram sobre não ser notado por garotos? De repente, eu achei isso muito chato.

Eu desliguei a música e cai na cama.

Infelizmente, uma vez que adormeci a minha noite só piorou.

Na Casa do Brooklyn, dormimos com todos os tipos de feitiços para nos proteger contra os sonhos mal-intencionados, espíritos invadindo, e os ocasionais impulsos de nossas almas poderem partir para perambular para fora. Eu até tenho um travesseiro mágico para me certificar que minha alma — ou *ba*, se você precisar tratar com egípcios sobre isso — mantenha-se ancorada ao meu corpo.

Não é um sistema perfeito, no entanto. De vez em quando eu posso sentir um pouco de força me puxando para fora de minha mente, tentando chamar minha atenção. Ou a minha alma vai me deixar sabendo que tem algum outro lugar para ir, alguma cena importante que precisa para me mostrar.

Eu tive uma dessas sensações imediatamente quando adormeci. Pense nisso como uma chamada, com o meu cérebro me dando a opção de aceitar ou recusar. Na maioria das vezes, é melhor recusar, especialmente quando meu cérebro está informando um número desconhecido.

Mas às vezes essas ligações são importantes. E meu aniversário *será* amanhã. Talvez meu pai e minha mãe estejam tentando me alcançar do submundo. Imaginei-os no Salão de Julgamento, meu pai sentado em seu trono, como o deus Osíris de pele azul, a minha mãe em suas fantasmagóricas vestes brancas. Eles podiam estar usando chapéus de festa e cantando "Feliz Aniversário", enquanto Ammit o Devorador, seu extremamente pequeno monstro de estimação, saltava para cima e para baixo, latindo.

Ou poderia ser, talvez, Anúbis chamando. *Oi, hum, pensei que você poderia querer ir a um funeral ou algo assim?*

Bem... isso era possível.

Então eu aceitei o convite. Eu deixei meu espírito ir para onde isso queria me levar, e o meu *ba* flutuou acima do meu corpo.

Se você nunca tentou viajar de *ba*, eu não recomendo — a menos que naturalmente você goste de se transformar em uma galinha fantasma e fazer um rafting incontrolável através das correntes do Duat.

Os *ba* são normalmente invisíveis aos outros, o que é bom, já que têm a forma de uma ave gigante com a cabeça normal em anexo. Uma vez, eu fui capaz de manipular a minha forma de *ba* em algo menos constrangedor, mas desde que Ísis desocupou a minha cabeça, eu não tenho essa capacidade. Agora, quando eu me levantei para fora, eu estava presa no modo padrão de aves.

As portas da varanda se abriram. Uma brisa mágica varreu-me para a noite. As luzes de Nova Iorque borraram e desbotaram, e eu me encontrei em uma câmara subterrânea familiar: o Salão das Eras, na sede principal da Casa da Vida debaixo de Cairo.

A sala era tão longa, poderia ter hospedado uma maratona. No meio estava um tapete azul que brilhava como um rio. Imagens entre as colunas de cada lado, cortinas de luz brilhantes — holografias da longa história do Egito. A luz mudou de cor para refletir diferentes épocas, desde o brilho branco da Era dos Deuses para a luz vermelha dos tempos modernos.

O telhado era ainda maior do que o do salão de baile no Museu de Brooklyn, o enorme espaço brilhava com esferas de energia brilhantes e flutuantes símbolos hieroglíficos. Era como se alguém tivesse detonado alguns quilos de cereais para crianças em gravidade zero, todos os pedaços coloridos açucarados vagando e colidindo em câmera lenta. Flutuei até o fim da sala, logo acima da plataforma com o trono do faraó. Era um lugar de honra, vazio desde a queda do Egito, mas na etapa a seguir sentou-se o Sacerdote-leitor Chefe, comandante do Primeiro Nomo, líder da Casa da Vida, e o meu mago menos favorito: Michel Desjardins.

Eu não tinha visto o Sr. Encantador desde o nosso ataque à Pirâmide Vermelha, e fiquei surpresa com o quanto ele havia envelhecido. Ele só se tornou Sacerdote-leitor Chefe alguns meses atrás, mas seu cabelo preto liso e barba bifurcada estavam agora raiados de cinzento. Apoiava-se cansado no seu cajado, como se a capa de Sacerdote-leitor Chefe de pele de leopardo em seus ombros pesasse como chumbo.

Eu não posso dizer que senti pena dele. Nós não nos separamos como amigos. Nós tínhamos combinado forças (mais ou menos) para derrotar o deus Set, mas ele ainda nos considerava mágicos desonestos e perigosos. Ele nos alertou que, se continuássemos a estudar o caminho dos deuses (o que nós continuamos) ele iria nos destruir na próxima vez que nos encontrássemos. Isso não nos deu muito incentivo para convidá-lo para o chá.

Seu rosto estava magro, mas seus olhos ainda brilhavam malignamente. Ele estudou as imagens sangrentas nas cortinas de luz, como se estivesse esperando por algo.

“Est-il allé?” Ele perguntou, o que a gramática da minha escola francesa me levou a acreditar que significava tanto “Ele já foi?” ou possivelmente “Você reparou na ilha?”

Bom... isso provavelmente foi o primeiro.

Por um momento eu tive medo que ele estivesse falando comigo. Então, por trás do trono, uma voz rouca respondeu: “Sim, meu senhor.”

Um homem saiu das sombras. Ele estava vestido totalmente de branco — terno, lenço, até mesmo brancos reflexivos óculos de sol. Meu primeiro pensamento foi: *Meu Deus, ele é um vendedor mal de sorvete*.

Ele tinha um sorriso agradável e rosto gordinho enquadrado em cabelos grisalhos encaracolados. Eu devo ter confundido-o como inofensivo, até simpático — até que ele tirou os óculos.

Seus olhos estavam em ruínas.

Eu admito que sou escrupulosa sobre os olhos. Um vídeo de cirurgia de retina? Eu saio correndo do salão. Mesmo a idéia de lentes de contato me faz estremecer.

Mas o homem de branco parecia como se ácido tivesse espirrado nos seus olhos, então repetidamente arranhado por gatos. Suas pálpebras eram massas de tecido cicatricial que não fechavam corretamente. Suas sobrancelhas eram queimadas e inclinadas com sulcos profundos. A pele acima das maçãs do rosto era uma máscara de vergões vermelhos, e os olhos eram como uma combinação horrível de vermelho sangue e branco leitoso que eu não podia acreditar que ele era capaz de ver.

Ele inalou, ofegando tão perversamente, o som fez meu peito doer. Resplandecendo contra sua camisa estava um pingente de prata com um amuleto em forma de serpente.

"Ele usou o portal momentos atrás, meu senhor," o homem com voz áspera. "Finalmente, ele se foi."

Aquela voz era tão horrível quanto seus olhos. Se ele foi espirrado com ácido, um pouco dele deve ter entrado em seus pulmões. No entanto, o homem continuava a sorrir, parecendo calmo e feliz em seu terno branco enrugado como se ele não pudesse esperar para vender sorvetes para as crianças bem pequenas.

Ele se aproximou de Desjardins, que ainda estava olhando para as cortinas de luz. O sorveteiro seguiu seu olhar. Eu fiz o mesmo e percebi o que o Sacerdote-leitor Chefe estava olhando. No último pilar, mesmo ao lado do trono, a luz estava mudando. O tom avermelhado da idade moderna estava escurecendo para um fundo roxo, da cor de contusões. Em minha primeira visita ao Salão das Eras, me falaram que a sala ficava mais longa enquanto os anos se passavam, e agora eu pude realmente ver isso acontecendo. O piso e as paredes ondulavam como uma miragem, expandindo-se muito lentamente, e as tiras da luz roxa se ampliavam.

"Ah," disse o sorveteiro. "É muito mais claro agora."

"Uma nova era," murmurou Desjardins. "A idade escura. A cor da luz não se alterou durante mil anos, Vladimir."

Um sorveteiro do mal chamado Vladimir? Tudo bem, então.

"São os Kanes, é claro," disse Vladimir. "Você deveria ter matado o mais velho, enquanto ele estava em nosso poder."

Minhas penas de *ba* se eriçaram. Eu percebi que ele estava falando sobre o tio Amós.

"Não," disse Desjardins. "Ele estava sob nossa proteção. Todos os que buscam a cura deve ser dado santuário — mesmo Kane."

Vladimir tomou uma respiração profunda, o que parecia um aspirador entupido. "Mas com certeza agora que ele partiu, precisamos agir. Você ouviu a notícia do Brooklyn, meu senhor. As crianças encontraram o primeiro pergaminho. Se eles acharem os outros dois—"

"Eu sei, Vladimir."

“Eles humilharam a Casa da Vida, no Arizona. Eles fizeram a paz com Set ao invés de destruí-lo. E agora eles procuram o Livro de Rá. Se você me permitir lidar com eles—”

O topo da vara de Desjardins irrompeu em uma chama roxa. “Quem é o Sacerdote-leitor Chefe?” perguntou ele.

A agradável expressão de Vladimir vacilou. “Tu és, meu senhor.”

“E eu vou lidar com os Kanes no devido tempo, mas Apófis é a nossa maior ameaça. Temos que desviar todo o nosso poder para manter a Serpente abaixo. Se há alguma chance dos Kanes poderem nos ajudar a restaurar a ordem—”

“Mas, Sacerdote-leitor Chefe,” Vladimir interrompeu. Seu tom de voz tinha uma nova intensidade — uma força quase mágica para isso. “Os Kanes são parte do problema. Eles alteraram o equilíbrio do Ma'at, despertando os deuses. Eles estão ensinando magia proibida. Agora eles irão recuperar Rá, que não se pronunciou desde o início do Egito! Eles vão lançar o mundo em desordem. Isso só vai ajudar o Caos.”

Desjardins piscou, como se confuso. “Talvez você esteja certo. Eu... Eu devo pensar sobre isso.”

Vladimir se inclinou. “Como quiser, meu senhor. Vou reunir nossas forças e aguardar suas ordens para destruir a Casa do Brooklyn.”

“Destruir...” Desjardins franziu o cenho. “Sim, você vai aguardar as minhas ordens. Eu vou escolher a hora de atacar, Vladimir.”

“Muito bom, meu senhor. E se as crianças Kane buscarem os outros dois pergaminhos para despertar Rá? Um deles está além de seu alcance, é claro, mas o outro—”

“Vou deixar isso para você. Guarde-o como achar melhor.” Os olhos de Vladimir ficaram ainda mais horríveis quando ele ficou animado, viscosos e brilhantes por trás daquelas pálpebras arruinadas. Isso me lembrou do café da manhã favorito de Vovô: ovos quentes com molho Tabasco.

[Bem, desculpe se é nojento, Carter. Você não deveria tentar comer enquanto estou narrando, de qualquer maneira!]

“Meu senhor é sábio,” disse Vladimir. “As crianças procuram os pergaminhos, meu senhor. Elas não têm escolha. Se elas deixarem seu reduto e entrarem em meu território—”

“Eu não acabei de dizer que nós vamos eliminá-las?” Desjardins disse categoricamente. “Agora, deixe-me. Eu tenho que pensar.”

Vladimir recuou para as sombras. Para alguém vestido de branco, ele conseguiu desaparecer completamente bem.

Desjardins voltou sua atenção para a cortina de luz brilhante. “Uma nova era...” ele meditou. “A idade das trevas...”

Meu *ba* rodou nas correntes do Duat, correndo de volta para minha forma dormindo.

“Sadie?” disse uma voz.

Sentei-me na cama, meu coração batendo. A luz cinza da manhã enchia a janela. Sentado ao pé da minha cama estava...

“Tio Amós?” eu gaguejei.

Ele sorriu. “Feliz aniversário, minha querida. Desculpe-me se te assustei. Você não respondeu à sua porta. Eu estava preocupado.”

Ele parecia de volta à saúde integral e elegantemente vestido como sempre. Usava óculos de aros finos, um chapéu porkpie[5], e um terno preto de lã italiana que o fez parecer um pouco menos baixo e robusto. Seus longos cabelos estavam trançados em trancinhas decoradas com peças de pedra pretas brilhantes — obsidiana, talvez. Ele poderia ter passado por um músico de jazz (o que ele era) ou um Africano americano Al Capone (que ele não era).

Comecei a perguntar: “Como—?” Então, minha visão do Salão das Eras — as implicações do que eu tinha visto — me deterioraram.

“Está tudo certo,” disse Amós. “Acabei de voltar do Egito.” Tentei engolir, minha respiração quase tão difícil quanto à daquele homem medonho, Vladimir.

“Eu também, Amós. E *não* está tudo certo. Eles estão vindo para nos destruir.”

[5] Tipo de chapéu. (N.T.)

S A D I E

4. Um convite de aniversário para o Apocalipse

DEPOIS DE EXPLICAR MINHA HORRÍVEL VISÃO, só uma coisa poderia ser feita: um café da manhã adequado. Amós parecia abalado, mas ele insistiu em esperar para discutir assuntos até que tivéssemos reunido todo o Vigésimo Primeiro Nomo (como o nosso ramo da Casa da Vida foi chamado). Ele prometeu atender-me na varanda em 20 minutos.

Depois que ele se foi, tomei banho e considerei o que vestir. Normalmente, eu ensinaria Magia Simpática às segundas-feiras, o que exigiria o característico linho mágico. No entanto, o meu aniversário era *suposto* para ser um dia de folga.

Dadas as circunstâncias, eu duvidava que Amós, Carter e Bastet iriam me deixar ir para Londres, mas eu decidi pensar positivo. Coloquei um jeans rasgado, minhas botas de combate, uma camiseta regata, e minha jaqueta de couro — nada bom para a magia, mas eu estava me sentindo rebelde.

Eu estufei a minha varinha e a imagem do mini-Carter em meu saco de abastecimento de magia. Eu estava prestes a lançá-los sobre o meu ombro quando eu pensei — Não, eu não vou ficar carregando isso para cá e para lá no meu aniversário.

Eu respirei fundo e concentrei-me em abrir um espaço no Duat. Eu odeio admitir isso, mas eu sou uma droga neste truque. Simplesmente não é justo que Carter pode puxar coisas fora do ar a qualquer momento, mas eu normalmente preciso de cinco ou dez minutos de foco absoluto, e mesmo assim o esforço me dá náuseas. Na maioria das vezes, é mais simples apenas manter a minha bolsa sobre meu ombro. Se eu saísse com minhas companheiras, no entanto, eu não queria estar carregando isso, e eu não queria deixar isso completamente para trás.

Por fim, o ar brilhava quando o Duat se inclinou à minha vontade. Eu joguei minha bolsa na minha frente, e ela desapareceu. Excelente, supondo que eu pudesse descobrir como obtê-la novamente mais tarde.

Eu peguei o pergaminho que tinha roubado do Bullwinkle [6] na noite anterior e desci as escadas.

[6] Bullwinkle é um personagem de desenho animado, mais especificamente um alce. (N.T.)

Com todos no café da manhã, a mansão estava estranhamente silenciosa. Cinco níveis de balcões encaravam o Grande Salão, então normalmente o lugar era tumultuado com barulho e atividade; mas me lembro de como era vazio quando Carter e eu chegamos no último natal.

O Grande Salão ainda tinha vários dos mesmos retoques: a sólida estátua de Tot no meio, a coleção de armas e instrumentos de jazz de Amós na parede, o tapete de pele de cobra na frente da lareira do tamanho de uma garagem. Mas você também podia dizer que vinte jovens magos viviam aqui agora. Uma abundância de controles remotos, varinhas, iPads, papéis de comida e estatuetas shabti se empilhavam na mesa de café. Alguém com pés grandes — provavelmente Julian — deixara os tênis enlameados nas escadas. E um de nossos rufiões — acho que é o Felix — magicamente converteu a lareira num país das maravilhas antártico, completo com neve e um pinguim vivo. Felix adora pinguins.

Esfregões e vassouras mágicas corriam pela casa, tentando limpar tudo. Tive que me curvar para evitar ser varrida. Por algum motivo, as vassouras acham que meu cabelo é uma questão de manutenção.

[Sem comentários seus, Carter.]

Como era esperado, todos estavam reunidos na varanda, que servia como a nossa área de refeições e habitat do crocodilo albino. Filipe da Macedônia pulava alegremente na sua piscina, saltando por pedaços de bacon quando um estagiário jogava um para ele. A manhã estava fria e chuvosa, mas o fogo nos braseiros da varanda nos mantinha aquecidos.

Peguei um pão ao chocolate e uma xícara de chá da mesa e me sentei. Então percebi que os outros não estavam comendo. Eles olhavam fixamente para mim.

Na ponta da mesa, Amós e Bastet pareciam sérios. Na minha frente, Carter não tocara no prato de waffles, o que não era muito a cara dele. À minha direita, a cadeira de Jaz estava vazia. (Amós me disse que ela ainda estava na enfermaria, nenhuma alteração.) À minha esquerda Walt se sentava, parecendo bem como sempre, mas dei o melhor de mim para ignorá-lo.

Os outros estagiários pareciam estar em vários estados de choque. Era um grupo variado de todas as idades de todo o mundo. Uma parte era mais velha que Carter e eu — velhos a ponto de ir para a universidade, na verdade — o que era bom para escoltar os mais jovens, mas isso também sempre me deixava um pouco desconfortável quando tentava agir como a professora deles. Os outros eram na maioria entre dez e quinze anos. Felix tinha apenas nove. Havia Julian de Boston, Alyssa da Carolina, Sean de Dublin e Cleo do Rio de Janeiro (sim, eu sei, Cleo do Rio, mas eu não estou inventando!). A única coisa que tínhamos em comum: o sangue dos faraós. Todos nós descendíamos das famílias reais do Egito, o que nos dava uma capacidade natural para magia e hospedar o poder dos deuses.

O único que não parecia afetado pelo clima sério era Khufu. Por motivos que nunca entendemos, nosso babuíno só come alimentos que terminam em "o". Recentemente ele descobriu o Jell-O[7], e o recebeu como uma substância milagrosa. Acho que o "O" maiúsculo deixa tudo mais gostoso. Agora ele comia quase tudo envolto em geléia ou gelatina — frutas, nozes, insetos, pequenos animais. No momento ele estava com a cara enfiada numa montanha vermelha tremendo de café da manhã e fazia barulhos rudes enquanto procurava por uvas.

Todos os demais me observavam, como se esperassem uma explicação.

"Bom dia," murmurei. "Dia adorável. Pinguim na lareira, se alguém estiver interessado."

"Sadie," disse Amós gentilmente, "conte a todos o que você me contou."

Bebi um pouco do chá para acalmar os nervos. Então tentei não parecer aterrorizada ao descrever minha visita ao Salão das Eras.

Quando terminei, o único barulho era o fogo crepitando nos braseiros e Filipe da Macedônia fazendo splash na piscina.

Finalmente, Felix, de nove anos, perguntou o que estava na cabeça de todos: "Então vamos todos morrer?"

"Não." Amós se sentou ereto na cadeira. "Absolutamente não. Crianças, eu sei que acabei de chegar. Mal conheci a maioria de vocês, mas prometo que faremos tudo o que for possível para mantê-los em segurança. Essa casa é coberta por proteção mágica. Vocês têm uma deusa maior ao seu lado," — ele gesticulou para Bastet, que abria uma lata de comida para gato com as unhas — "e a família Kane para protegê-los. Carter e Sadie são mais poderosos do que vocês podem achar, e já lutei com Michel Desjardins antes, se chegarmos a isso."

Dada toda a encrenca que tivemos no último natal, o discurso de Amós pareceu um tanto otimista, mas os estagiários pareceram aliviados.

"*Se* chegarmos a isso?" Perguntou Alyssa. "Parece quase certo que eles vão nos atacar."

Amós franziu a testa. "Talvez, mas me irrita que Desjardins vá concordar em realizar uma ação tão tola. Apófis é o verdadeiro inimigo, e Desjardins sabe disso. Ele deve perceber que precisa de toda a ajuda que conseguir. A menos que..." Ele não terminou a frase. O que quer que estivesse pensando, aparentemente o preocupou Bastetante. "De qualquer forma, se Desjardins decidir vir atrás da gente, planejará cuidadosamente. Ele sabe que essa mansão não perecerá facilmente. Ele não pode se dar ao luxo de se envergonhar novamente frente à família Kane. Ele vai estudar o problema, considerar as opções e reunir as forças. Deve levar vários dias para ele se preparar; tempo que devia estar usando para impedir Apófis."

Walt levantou um dedo indicador. Não sei o que é, mas ele tem um tipo de gravidade que chama a atenção do grupo quando está para falar. Até Khufu tirou os olhos do Jell-O.

[7] Marca de gelatina. (N.T.)

“Se Desjardins nos atacar,” disse Walt, “ele estará bem preparado, com magos que são muito mais experientes do que nós. Ele pode passar pelas nossas defesas?”

Amós encarou as portas deslizantes de vidro, possivelmente lembrando-se da última vez que as nossas defesas foram violadas. O resultado não foi nada bom.

“Devemos nos certificar de não chegarmos a isso,” falou. “Desjardins sabe o que estamos tentando, e que só temos cinco dias... bem, quatro dias a partir de agora. Segundo a visão de Sadie, Desjardins está ciente do nosso plano e tentará nos impedir por causa de uma crença enganosa que estamos trabalhando com as forças do Caos. Mas se conseguirmos o que queremos, teremos poder de barganha para fazer Desjardins recuar.”

Cleo levantou a mão. “Hã... *nós* não conhecemos o plano. Quatro dias para fazer o quê?”

Amós gesticulou para Carter, convidando-o a explicar. Estava tudo bem para mim. Honestamente eu achava o plano um pouco maluco.

Meu irmão sentou-se torto. Preciso dar crédito a ele. Nos últimos meses, ele progredira em parecer um adolescente normal. Depois de seis anos de educação em casa e viagens com nosso pai, Carter estivera fora de contato. Ele se vestia como um executivo júnior, em camisas brancas e calças compridas. Agora pelo menos aprendera a vestir jeans, camisetas e o ocasional capuz. Ele deixou o cabelo crescer numa bagunça cacheada — que parecia muito melhor. Se continuasse progredindo, o garoto até poderia namorar algum dia.

[O que foi? Não me empurre. Foi um elogio!]

“Vamos acordar o deus Rá,” disse Carter, como se fosse algo tão fácil quanto pegar comida da geladeira.

Os estagiários olharam um para o outro. Carter não era conhecido pelo seu senso de humor, mas eles deviam ter imaginado se ele estava brincando.

“Você quer dizer o deus do sol” disse Felix. “O velho rei dos deuses.

Carter assentiu.

“Vocês conhecem a história. Há milhares de anos atrás, Rá ficou velho e fugiu aos céus, deixando Osíris no seu lugar. Então Osíris foi pego por Set. Então Hórus derrotou Set e se tornou faraó. Então—”

Tossi. “A versão curta, por favor.”

Carter me deu um olhar cruzado. “A questão é, Rá foi o primeiro e mais poderoso rei dos deuses. Acreditamos que Rá ainda esteja vivo. Ele está apenas adormecido em algum lugar fundo no Duat. Se pudermos acordá-lo—”

“Mas se ele se retirou porque estava velho,” disse Walt, “Isso não significa que ele está realmente velho agora?”

Eu perguntei a mesma coisa quando Carter me contou pela primeira vez a ideia. A última coisa que precisávamos era um deus todo poderoso que não conseguia lembrar-se do próprio

nome, tinha cheiro de gente velha e babava no sono. E como um ser imortal podia envelhecer, em primeiro lugar? Ninguém me deu uma resposta satisfatória.

Amós e Carter olharam para Bastet, o que fazia sentido, como ela era o único deus egípcio presente.

Ela franziu para a comida de gato não comida. "Rá é o deus do sol. Nos tempos antigos, ele envelhecia como o dia envelhecia, então arpava pelo Duat no seu barco cada noite e renascia com o nascer do sol a cada manhã."

"Mas o sol não renasce," interferi. "É só a rotação da terra—"

"Sadie," alertou-me Bastet.

Certo, certo. Mito e ciência eram ambos verdade — apenas versões diferentes da mesma realidade, blá, blá, blá. Ouvi essa lição uma centena de vezes, e não queria ouvir de novo.

Bastet apontou para o rolo de pergaminho, que ela colocara ao lado de minha xícara de chá. "Quando Rá parou de fazer sua jornada noturna, o ciclo foi quebrado, e Rá enfraqueceu a um crepúsculo permanente — pelo menos, é assim que achamos. Ele queria dormir para sempre. Mas se você pudesse encontrá-lo no Duat — e esse é um grande *se* — é possível que ele possa ser trazido de volta e renascer com a magia certa. O Livro de Rá descreve como isso pode ser feito. Os sacerdotes de Rá criaram o livro nos tempos antigos e o mantiveram em segredo, dividindo-o em três partes, para ser usado só se o mundo estiver acabando."

"Se... o mundo estiver acabando?" perguntou Cleo. "Você quer dizer que Apófis vai mesmo... engolir o sol?"

Walt olhou para mim. "Isso é possível? Na sua história sobre a Pirâmide Vermelha, você contou que Apófis estava atrás do plano de Set para destruir a América do Norte. Ele estava tentando causar tanto caos que pudesse fugir da prisão."

Estremeci, lembrando da visão que aparecera no céu sobre Washington, D.C. — uma cobra gigante que se torcia.

"Apófis é o *verdadeiro* problema," concordei. "O impedimos uma vez, mas a prisão está enfraquecendo. Se ele conseguir escapar—"

"Ele irá," disse Carter. "Em quatro dias. A menos que a gente o impeça. E então ele destruirá a civilização — tudo que os humanos construíram desde o amanhecer no Egito.

Aquilo colocou um calafrio sobre a mesa de café da manhã.

Carter e eu tínhamos conversado em particular a respeito do prazo de quatro dias, é claro. Hórus e Ísis estiveram ambos discutindo conosco. Mas isso parecia como uma possibilidade horrível e não a certeza absoluta. Agora, Carter parecia certo. Estudei seu rosto e percebi que ele tinha visto algo durante a noite — possivelmente, uma visão ainda pior que a minha. Sua expressão dizia, *Não aqui. Eu vou te dizer mais tarde*.

Bastet estava cavando suas garras na mesa de jantar. Seja qual for o segredo, ela devia estar ciente sobre ele.

Na outra extremidade da mesa, Felix contou com os dedos. “Por quatro dias? O que há de tão especial... *hum*, vinte e um de março?”

“O equinócio de primavera,” explicou Bastet. “Um tempo poderoso para a magia. As horas do dia e da noite são exatamente balanceadas, ou seja, as forças do Caos e Ma'at podem ser facilmente inclinadas de um jeito ou de outro. É o momento perfeito para despertar Rá. Na verdade, é a nossa *única* chance até o equinócio de outono, daqui a seis meses. Mas não podemos esperar tanto tempo.”

“Porque, infelizmente,” acrescentou Amós, “o equinócio é também o momento perfeito para Apófis escapar de sua prisão e invadir o mundo dos mortais. Você pode ter certeza que ele tem servos trabalhando nisso agora. Segundo nossas fontes, entre os deuses, Apófis irá ter sucesso, e é por isso que temos que despertar Rá primeiramente.” Eu ouvi tudo isso antes, mas discuti-lo em campo aberto, na frente de todos os nossos estagiários, e vendo os olhares devastados em seus rostos, tudo parecia muito mais assustador e real.

Limpei a garganta. “Certo... então *quando* Apófis irromper, ele vai tentar destruir o Ma'at, a ordem do universo. Ele vai engolir o sol, mergulhar a Terra em trevas eternas, e de outra forma, nós teremos um dia muito ruim.”

“É por isso que precisamos de Rá.” Amós ajustou seu tom de voz, tornando-o calmo e reconfortante para os nossos estagiários. Ele projetou tanta compostura, mesmo eu me senti um pouco menos apavorada. Eu me perguntei se isso era um tipo de mágica, ou se ele era melhor explicando o Apocalipse do que eu.

“Rá foi o arquiinimigo de Apófis,” ele continuou. “Rá é o Senhor da Ordem, enquanto Apófis é o Senhor do Caos. Desde o início dos tempos, estas duas forças tem feito uma batalha perpétua para destruir um ao outro. Se Apófis retornar, nós temos que ter certeza que temos Rá do nosso lado para neutralizá-lo. Então temos uma chance.”

“Uma chance,” disse Walt. “Assumindo que podemos encontrar Rá e acordá-lo, e que o resto da Casa da Vida não nos destruirá primeiro.”

Amós assentiu. “Mas se pudermos despertar Rá, que seria uma façanha mais difícil do que qualquer mago jamais realizou. Isso não faria Desjardins pensar duas vezes. Um Sacerdote-leitor Chefe... bem, parece que ele não está pensando claramente, mas ele não é bobo. Ele reconhece o perigo de Apófis subindo. Temos de convencê-lo de que estamos do mesmo lado, que o caminho dos deuses é a única forma de derrotar Apófis. Eu prefiro fazer isso a lutar com ele.”

Pessoalmente, eu queria dar um soco na cara de Desjardins e colocar sua barba em chamas, mas eu admiti que Amós tinha um bom argumento.

Cleo, coitada, estava tão verde como um sapo. Ela veio toda a distância do Brasil para o Brooklyn para estudar o caminho de Tot, o deus do conhecimento, e nós já a identificamos como nossa futura bibliotecária, mas quando os perigos eram reais, e não apenas nas páginas dos livros... bem, ela tinha um estômago fraco. Eu esperava que ela pudesse chegar até a borda do terraço, se ela precisasse.

"O — pergaminho," ela conduziu, "você disse que há duas outras partes?"

Eu peguei o pergaminho. À luz do dia parecia mais frágil — quebradiço e amarelo e provavelmente desintegrando-se. Meus dedos tremeram. Eu podia sentir a magia zumbindo no papiro como uma corrente de baixa tensão. Senti uma imensa vontade de abri-lo.

Comecei a desenrolar o cilindro. Carter ficou tenso.

Amós disse: "Sadie..."

Não há dúvida que eles esperavam que o Brooklyn pegasse fogo de novo, mas nada aconteceu. Eu abri o pergaminho e descobri que estava escrito em rabiscos — não hieróglifos, nem qualquer língua que eu pudesse reconhecer. O fim do papiro era uma linha irregular, como se tivesse sido rasgado.

"Eu imagino que os pedaços devem trabalhar juntos," disse. "Isso vai ser lido apenas quando todas as três seções forem combinadas."

Carter parecia impressionado. Mas, honestamente, eu sei *algumas* coisas. Durante a nossa última aventura eu li um pergaminho para banir Set, e isso havia funcionado da mesma maneira.

Khufu levantou os olhos do Jell-O. *"Agh!"* Ele colocou três uvas viscosas sobre a mesa.

"Exatamente," Bastet concordou. "Como diz Khufu, as três seções do livro representam os três aspectos de Rá — manhã, tarde e noite. Esse livro não é a magia de Khnum. Vocês terão que encontrar os outros dois agora."

Como Khufu encaixou tudo isso em um único gemido, eu não sei, mas eu gostaria de ter todas as minhas aulas com professores babuíno. Eu teria concluído o ensino fundamental e o ensino médio em uma semana.

"Então as outras duas uvas," eu disse, "quer dizer, pergaminhos... segundo a minha visão da noite passada, eles não serão fáceis de encontrar."

Amós assentiu. "A primeira parte foi perdida há muito tempo. A seção do meio está na posse da Casa da Vida. Ele foi transferido várias vezes, e sempre é mantido sob forte esquema de segurança. A julgar pela sua visão, eu diria que o livro está agora nas mãos de Vladimir Menshikov."

"O sorveteiro," eu imaginei. "Quem é ele?"

Amós traçou algo sobre a mesa — talvez um hieróglifo de proteção. "O terceiro mágico mais poderoso do mundo. Ele é também um dos mais fortes defensores de Desjardins. Ele segue o Décimo Oitavo Nomo, na Rússia."

Bastet assobiou. Sendo um gato, ela era muito boa nisso. “Vlad, o inalador. Ele tem uma má reputação.”

Lembrei-me de seus olhos arruinados e da voz ofegante. “O que aconteceu com seu rosto?”

Bastet estava prestes a responder, mas Amós cortou.

“Basta compreender que ele é muito perigoso,” alertou. “O talento principal de Vlad é silenciar mágicos desonestos.”

“Você quer dizer que ele é um assassino?” eu perguntei. “Maravilhoso. E Desjardins apenas deu-lhe permissão para caçar Carter e eu se nós deixarmos o Brooklyn.”

“O que vocês vão *ter* que fazer,” disse Bastet, “se vocês quiserem procurar as outras partes do Livro de Rá. Vocês têm apenas quatro dias.”

“Sim,” eu murmurei, “você deveria ter mencionado isso. Você estará indo conosco, não estará?”

Bastet olhou para baixo para seu Fancy Feast[8].

“Sadie...” Ela parecia triste. “Carter e eu estávamos conversando e... bem, alguém tem que verificar a prisão de Apófis. Temos que saber o que está acontecendo, o quão próximo está para quebrar, e se há uma maneira de pará-lo. Isso exige olhar na fonte original.”

Eu não podia acreditar que estava ouvindo isso. “Você vai *voltar* lá? Depois de tudo o que os meus pais fizeram para livrá-la?”

“Eu só vou abordar a prisão de fora,” prometeu. “Eu vou ter cuidado. Eu sou uma criatura de ações secretas, depois de tudo. Além disso, eu sou a única que sabe como encontrar a sua cela, e aquela parte do Duat seria letal para um mortal. Eu — eu devo fazer isso.”

Sua voz tremeu. Ela me disse uma vez que os gatos não eram corajosos, mas vai voltar à sua antiga prisão parecia uma coisa muito corajosa para fazer.

“Eu não vou deixá-la indefesa,” prometeu. “Eu tenho um... um amigo. Ele deve chegar do Duat amanhã. Pedi-lhe para encontrá-la e protegê-la.”

“Um amigo?” Eu perguntei.

Bastet se contorceu. “Bem... mais ou menos.”

Isso não soou encorajador.

Eu olhei para minhas roupas de rua. Um gosto azedo encheu minha boca. Carter e eu tínhamos uma missão a realizar, e era improvável que voltaria viva. Outra responsabilidade sobre meus ombros, uma outra demanda razoável para eu sacrificar minha vida para o bem maior. Feliz aniversário para mim.

Khufu arrotou e afastou o prato vazio. Ele arreganhou os dentes manchados de Jell-O como se dissesse: *Bem, isso está resolvido! Bom café da manhã!*

---

[8] Marca de comida de gato. (N.T.)

“Vou fazer as malas,” disse Carter. “Podemos sair em uma hora.”

“Não,” eu disse. Eu não sei quem ficou mais surpreso — eu ou meu irmão.

“Não?” Carter perguntou.

“É meu aniversário,” eu disse, o que provavelmente me fez soar como uma criança de sete anos de idade — mas no momento eu não me importei.

Os estagiários olharam espantados. Vários resmungaram seus bons votos. Khufu me ofereceu sua taça vazia de Jell-O como um presente. Felix indiferentemente começou a cantar ‘Feliz Aniversário’, mas ninguém se juntou a ele, então ele desistiu.

“Bastet disse que seu amigo não chegará até amanhã,” eu continuei. “Amós disse que Desjardins levaria algum tempo para preparar qualquer tipo de ataque. Além disso, eu estou planejando minha viagem a Londres por eras. Acho que tenho tempo para *um* dia sangrento fora antes de o mundo acabar.”

Os outros olharam para mim. Eu estava sendo egoísta? Tudo bem, sim. Irresponsável? Talvez. Então, por que me sinto tão forte sobre colocar meus pés no chão?

Isto pode vir como um choque para você, mas eu não gosto me sentir controlada. Carter estava ditando o que faríamos, mas como de costume, ele não tinha me contado tudo. Ele obviamente consultou Amós e Bastet e já fez um plano de jogo. Os três haviam decidido o que era melhor sem se preocupar em me perguntar. Minha única constante companhia, Bastet, estava deixando-me para embarcar em uma missão terrivelmente perigosa. E eu estaria presa com meu irmão no meu aniversário, rastreando outro pergaminho mágico que poderá atear fogo em mim ou pior.

Sinto muito. Não, obrigada. Se eu ia morrer, então isso poderia esperar até amanhã de manhã.

A expressão de Carter era parte de raiva, parte de descrença. Normalmente, tentamos manter as coisas civilizadas na frente de nossos estagiários. Agora eu estava envergonhando-o. Ele sempre reclamou como eu corria para as coisas sem pensar. Ontem à noite ele estava irritado comigo por pegar o pergaminho, e eu suspeito que no fundo de sua mente, ele me culpou pelas coisas acontecendo errado — Jaz se machucando. Sem dúvida, ele viu isso como um exemplo da minha natureza temerária.

Eu estava bem preparada para uma luta decisiva, mas Amós intercedeu.

“Sadie, uma visita a Londres é perigosa.” Ele ergueu a mão antes que eu pudesse protestar. “No entanto, se você precisa...” Ele tomou uma respiração profunda, como se ele não gostasse do que ele estava prestes a dizer. “... então, pelo menos, prometa que vá ser cuidadosa. Duvido que Vlad Menshikov estará pronto para se mover contra nós tão rapidamente. Deve ficar tudo certo contanto que você não use magia, nem faça nada para atrair a atenção. "

“Amós!” Carter protestou.

Amós o interrompeu com um olhar severo. “Apesar de Sadie estar indo, nós podemos começar o planejamento. Amanhã de manhã, vocês dois podem começar sua busca. Eu vou assumir as suas funções de ensino com os nossos estagiários e supervisionar a defesa da Casa do Brooklyn.”

Eu podia ver nos olhos de Amós, que ele não queria que eu fosse. Era ridículo, perigoso e precipitado — em outras palavras, mais típico de mim. Mas eu também podia sentir a sua simpatia para com minha situação. Lembrei-me de quão frágil Amós pareceu depois que Set assumiu seu corpo no último Natal. Quando ele foi para o Primeiro Nomo para a cura, eu sabia que ele se sentia culpado por ter nos deixado a sós. Ainda assim, tinha sido a escolha certa para sua sanidade. Amós, de todas as pessoas, sabia como era a necessidade de fugir. Se eu ficasse aqui, se eu partisse em uma busca imediata, mesmo sem tempo para respirar, eu senti que ia explodir.

Além disso, eu me sentia melhor sabendo que Amós estará cobrindo para nós a Casa do Brooklyn. Fiquei aliviada por dar as minhas funções de ensino por um tempo. Verdade seja dita, eu sou uma professora horrível. Eu simplesmente não tenho paciência para isso.

[Oh, fique quieto, Carter. Você não deveria concordar comigo.]

“Obrigado, Amós,” eu administrei.

Ele levantou, indicando claramente que a reunião havia terminado.

“Eu acho que é suficiente para uma manhã,” disse ele. “A principal coisa é que todos vocês continuem com seu treinamento, e não se desesperem. Nós precisamos de vocês na melhor forma para defender a Casa do Brooklyn. Nós prevaleceremos. Com os deuses do nosso lado, Ma'at superará o caos, como sempre fez antes.”

Os estagiários ainda pareciam inquietos, mas eles se levantaram e começaram a limpar seus pratos. Carter me deu um olhar mais irritado, e depois entrou.

Esse era *seu* problema. Eu estava determinada a não me sentir culpada. Eu não teria arruinado o meu aniversário. Ainda assim, enquanto eu olhava para o meu chá frio e o não consumido *pão de chocolate*, eu tive uma sensação horrível que eu nunca poderia sentar nessa mesa novamente.

Uma hora depois, eu estava pronta para Londres.

Eu tinha escolhido um novo cajado do arsenal e guardei-o no Duat junto com meus outros suprimentos. Deixei o pergaminho mágico do Bullwinkle com Carter, que não iria falar comigo mesmo, então verifiquei Jaz na enfermaria e encontrei-a ainda em coma. Um pano encantado mantinha sua testa fria. Hieróglifos de cura flutuavam em torno de sua cama, mas ela ainda estava tão frágil. Sem o seu habitual sorriso, ela parecia uma pessoa diferente.

Eu me sentei ao lado dela e segurei sua mão. Meu coração se sentiu tão pesado como uma bola de boliche. Jaz tinha arriscado sua vida para nos proteger. Ela tinha ido contra uma multidão de *bau* com apenas algumas semanas de treinamento. Ela se bateu dentro da energia de sua patrona, Sekhmet, assim como nós lhe ensinamos, e o esforço quase a destruiu.

O que eu tinha sacrificado ultimamente? Eu tinha feito uma birra porque eu poderia perder minha festa de aniversário.

“Eu sinto muito, Jaz.” Eu sabia que ela não podia me ouvir, mas minha voz tremeu. “Eu só... eu vou enlouquecer se eu não fugir. Nós já tivemos que salvar o mundo sangrento uma vez, e agora eu tenho que fazer isso de novo...”

Eu imaginei o que Jaz diria — algo reconfortante, sem dúvida: *Não é culpa sua, Sadie. Você merece algumas horas.*

Isso me fez sentir pior. Eu nunca deveria ter permitido que Jaz se colocasse em perigo. Seis anos atrás, minha mãe tinha morrido canalizando muita magia. Ela queimou fechando a porta para a prisão de Apófis. Eu sabia disso, e ainda permiti que Jaz, que tinha muito menos experiência, arriscasse sua vida para salvar a nossa.

Como eu disse... Eu sou uma professora horrível.

Finalmente, eu não aguentava mais. Apertei a mão de Jaz, disse a ela para melhorar logo, e deixei a enfermaria. Subi para o telhado, onde mantivemos nossa relíquia para a abertura de portais — uma esfinge de pedra das ruínas de Heliópolis.

Eu enrijeci quando notei Carter na outra extremidade do telhado, alimentando o grifo com uma pilha de perus assados. Desde a noite passada, ele havia construído um estábulo bastante estável para o monstro, então eu imaginei que fosse ficar conosco. Pelo menos, isso iria manter os pombos fora do telhado.

Eu quase esperava que Carter fosse me ignorar. Eu não estava com disposição para outro argumento. Mas quando ele me viu, ele franziu a testa, limpou a gordura de peru de suas mãos, e se aproximou.

Eu me preparei para uma repreensão.

Ao contrário, ele resmungou: “Seja cuidadosa. Eu peguei para você um presente de aniversário, mas eu vou esperar até você voltar...”

Ele não acrescentou a palavra *viva*, mas eu achei que a ouvi em seu tom.

“Olha, Carter —”

“Apenas vá,” disse ele. “Discutir não vai ajudar.”

Eu não tinha certeza se me sentia culpada ou com raiva, mas eu deveria ter um ponto. Nós não tínhamos um histórico muito bom com aniversários. Uma das minhas primeiras lembranças era lutar com Carter no meu sexto aniversário, e meu bolo explodindo com a energia

mágica que despertou. Talvez, considerando que, eu deveria tê-lo deixado bem o suficiente sozinho. Mas eu não conseguia fazer isso.

“Sinto muito,” eu disparei. “Eu sei que você me culpa por apanhar o pergaminho na noite passada, e por Jaz se machucar, mas eu sinto como se eu estivesse caindo aos pedaços—”

“Você não é a única,” disse ele.

Um caroço se formou na minha garganta. Eu estava tão preocupada com Carter estar ficando furioso comigo, eu não tinha prestado atenção em seu tom. Ele parecia absolutamente miserável.

“O que é isso?” eu perguntei. “O que aconteceu?”

Ele limpou as mãos engorduradas em sua calça. “Ontem no museu... um desses espíritos — um deles falou comigo.”

Ele me contou sobre seu encontro com o estranho *bau* em chamas, como o tempo pareceu abrandar e o *bau* advertiu Carter que nossa missão seria um fracasso.

“Ele disse...” a voz de Carter quebrou. “Ele disse que Zia estava dormindo no Local das Areias Vermelhas, o que quer que seja. Ele disse que se eu não desistir da busca e salvá-la, ela iria morrer.”

“Carter,” eu disse cuidadosamente, “esse espírito mencionou Zia pelo nome?”

“Bem, não...”

“Será que ele quis dizer outra coisa?”

“Não, eu tenho certeza. Ele quis dizer Zia.”

Tentei morder minha língua. Honestamente, eu mordi. Mas o assunto de Zia Rashid tornou-se uma obsessão doentia por meu irmão.

“Carter, para não ser indelicada,” disse, “mas nos últimos meses você tem visto mensagens sobre Zia *em toda parte*. Duas semanas atrás, você achava que ela estava enviando uma chamada de socorro em seu purê de batatas.”

“Era um Z! Esculpido direto nas batatas!”

Eu levantei minhas mãos. “Tudo bem. E o seu sonho na última noite?”

Seus ombros ficaram tensos. “O que você quer dizer?”

“Ah, vamos lá. No café da manhã, você disse que Apófis poderia escapar de sua prisão no equinócio. Você parecia completamente certo, como se você tivesse visto a prova. Você já conversou com Bastet e convenceu-a a verificar a prisão de Apófis. Tudo o que você viu... deve ter sido ruim.”

“Eu... eu não sei. Eu não tenho certeza.”

“Eu vejo.” Minha irritação aumentou. Então, Carter não queria me dizer. Nós estávamos de volta a manter segredos um do outro? Excelente.

“Nós vamos continuar esta tarde, então,” eu disse. “Vejo você à noite.”

"Você não acredita em mim," disse ele. "Sobre Zia."

"E você não confia em mim. Então, estamos quites."

Nós olhamos um para o outro. Então, Carter voltou-se e foi em direção ao grifo.

Eu quase o chamei de volta. Eu não tinha a intenção de estar tão irritada com ele. Por outro lado, desculpar-me não é meu forte, e ele *era* praticamente impossível.

Virei-me para a esfinge e convoquei uma passagem. Eu fiquei bastante boa nisso, se eu disser para mim mesma. Imediatamente um turbilhão de funil de areia apareceu na minha frente, e eu pulei através.

Um batimento cardíaco depois, cai fora na Agulha da Cleópatra na margem do rio Tâmisa.

Seis anos antes, minha mãe tinha morrido aqui, não era o meu monumento egípcio favorito. Mas a agulha era o portal mágico mais próximo para o apartamento de Vovó e Vovô.

Felizmente, o tempo estava ruim e não havia ninguém por perto, então eu escovei a areia das minhas roupas e fui para a estação de metrô.

Trinta minutos depois, eu estava na escadaria do apartamento dos meus avós. Parecia tão estranho estar em... casa? Eu não tinha certeza se eu poderia chamá-la mais disso. Há meses que eu tinha saudades de Londres — as ruas familiares da cidade, minhas lojas favoritas, meus amigos, meu antigo quarto. Eu nunca tinha sido saudosa pelo tempo ruim. Mas agora tudo parecia tão diferente, tão *estranho*.

Nervosa, eu bati na porta.

Nenhuma resposta. Eu tinha certeza de que eles estavam me esperando. Bati novamente.

Talvez eles estivessem escondidos, me esperando chegar. Eu imaginei meus avós, Liz e Emma agachados atrás dos móveis, prontos para saltar e gritar "Surpresa!"

Hmm... Vovó e Vovô agachando e saltando. De jeito nenhum.

Eu pesquei a minha chave e abri a porta.

A sala estava escura e vazia. A luz da escadaria estava apagada, o que Vovó jamais permitiria. Ela tinha um medo mortal de quedas em escadas. Até mesmo a televisão de Vovô estava desligada, o que não estava certo. Vovô sempre manteve as partidas de rugby, mesmo que ele não estivesse prestando atenção.

Cheirei o ar. Seis horas no entardecer de Londres, mas nenhum cheiro de biscoitos assando na cozinha. Vovó deveria ter assado pelo menos uma bandeja de biscoitos para a hora do chá. Era uma tradição.

Eu peguei o meu telefone para ligar para Liz e Emma, mas o telefone estava inativo. Eu *sabia* que tinha carregado a bateria.

Minha mente estava apenas começando a processar o pensamento — *eu estou em perigo* — quando a porta se fechou atrás de mim. Eu me virei, tentando agarrar a minha varinha, que eu não tinha.

Acima de mim, no topo da escadaria escura, uma voz que *definitivamente* não era o humana assobiou, “Bem vinda à casa, Sadie Kane.”

C A R T E R

5. Aprendi a Realmente Odiar Escaravelhos

MUITO OBRIGADO, SADIE.

Me passa o microfone quando você chegar a uma parte boa.

Então é, Sadie fez um passeio de aniversário em Londres. O mundo estava acabando em quatro dias, nós tínhamos uma busca para terminar, e ela sai para festejar com seus amigos. Realmente tinha suas prioridades no lugar certo, hein? Não que eu fique amargurado, nem nada.

Pelo lado positivo, a Casa do Brooklyn estava bem quieta quando ela saiu, pelo menos até a cobra de três cabeças aparecer. Mas primeiro eu deveria contar a vocês sobre a minha visão.

Sadie pensava que eu estava escondendo alguma coisa dela no café da manhã, certo? Bem, era verdade.

Honestamente, o que eu vi durante a noite me assustou tanto que eu não queria falar sobre isso, especialmente em seu aniversário. Eu tinha experimentado algumas coisas bizarras desde que comecei a aprender magia, mas aquilo ganharia o Prêmio Nobel de Esquisitice.

Depois do nosso passeio pelo Museu do Brookyln, eu tive uma hora difícil para dormir. Quando eu finalmente consegui, acordei em um corpo diferente.

Não era uma viajem com a alma ou um sonho. Eu era Hórus o Vingador.

Eu já tinha compartilhado um corpo com Hórus antes. Ele esteve na minha cabeça por quase uma semana no Natal, sussurrando sugestões e de modo geral, sendo irritante. Durante a luta na Pirâmide Vermelha, eu até experimentei uma mistura perfeita de seus pensamentos e os meus. Eu virei o que os egípcios chamam de “Olho” do deus — todo o seu poder a meu comando, nossas memórias se misturando juntas, humano e deus trabalhando como um. Mas eu ainda estava em meu próprio corpo.

Dessa vez, as coisas se inverteram. Eu era um hóspede no corpo de Hórus, de pé na proa de um barco em um rio mágico que atravessava o Duat. Minha visão era tão perspicaz quanto à de um falcão. Através do nevoeiro, eu conseguia ver formas se mexendo na água — costas escamosas répteis e barbatanas monstruosas. Eu vi fantasmas dos mortos flutuando ao longo de cada margem. Muito acima, o teto da caverna brilhava em um tom de vermelho, como se nós estivéssemos navegando na garganta de um animal vivo.

Meus braços eram de bronze e musculosos, circulados com bandas de ouro de lápis-lazúli. Eu estava vestido para batalha em armadura de couro, uma lança em uma mão e um *khopesh* na outra. Eu me sentia forte e poderoso como... Bem, um deus.

Olá, Carter, disse Hórus, que parecia falar sozinho.

"Hórus, o que foi?" Eu não disse que estava irritado pela intromissão no meu sono. Eu não precisei. Eu estava compartilhando sua mente.

Eu respondi suas perguntas, Hórus disse. *Eu te disse onde encontrar o primeiro rolo. Agora você precisa fazer uma coisa para mim. Tem uma coisa que eu gostaria de te mostrar.*

O barco cambaleou para frente. Eu agarrei o corrimão da plataforma do navegador. Olhando para trás, poderia ver que o barco foi de um faraó, cerca de vinte metros de comprimento e formato de uma canoa grande. No meio, um pavilhão esfarrapado coberto por um estrado vazio onde uma vez talvez houvesse um trono. Um único mastro detinha uma vela retangular que uma vez tinha sido decorada, mas agora estava desbotada e pendurada em pedaços. À bombordo e estibordo conjuntos de remos quebrados pendiam inutilmente.

O barco deveria estar abandonado por séculos. O cordame estava coberto de teias de aranha. As linhas estavam podres. As tábuas do casco gemiam e rangiam conforme o barco pegava velocidade.

Isso é velho, como Rá, Hórus disse. *Você quer mesmo colocar o barco novamente em serviço? Deixe-me mostrar a ameaça que enfrentam.*

O leme virou o curso. De repente nós estávamos correndo rio abaixo. Eu já havia navegado no Rio da Noite antes, mas dessa vez nós parecíamos estar indo muito mais profundamente no Duat. O ar estava mais frio, as corredeiras mais rápidas. Pulamos uma catarata e fomos transportados pelo ar. Quando salpicamos de novo, monstros começaram a atacar. Rostos horríveis se levantaram — um dragão marinho com olhos felinos, um crocodilo com pelos espinhosos, uma serpente com a cabeça de um homem mumificado. Cada vez que um se erguia, eu levantava minha espada e cortava, ou espetava-os com minha lança para deixá-los longe do barco. Mas eles continuavam vindo, mudando de formas, e eu sabia que se eu não fosse Hórus o Vingador — se eu fosse apenas Carter Kane tentando lidar com esse horrores — eu iria enlouquecer, ou morrer, ou os dois.

Toda noite, essa era a jornada, Hórus disse. *Não era Rá que se defendia das criaturas do Caos. Nós, outros deuses, que o deixavam a salvo. Nós detivemos Apófis e seus lacaios.*

Nós despencamos sobre outra queda d'água e aterrissamos de frente com um redemoinho. De alguma forma, conseguimos não virar. O barco saiu da correnteza e flutuou em direção a margem. O rio ali era um campo de pedras pretas brilhantes — ou assim eu pensei. Quando nos aproximamos, eu percebi que eram conchas de besouro — milhões e milhões de carapaças secas de besouro, estendidas pela escuridão pelo tanto que eu podia ver. Alguns escaravelhos vivos se

mexiam lentamente entre as conchas vazias, então parecia que toda a paisagem estava rastejando. Eu nem mesmo vou tentar descrever o cheiro de vários milhões de escaravelhos mortos.

A prisão da serpente, Hórus disse.

Procurei na escuridão por uma cela, correntes ou fosso. Tudo que vi foi um mar sem fim de escaravelhos mortos.

"Onde?" eu perguntei.

Eu estou te mostrando esse lugar de um jeito que você possa entender, Hórus disse. *Se você estivesse aqui em pessoa, você se reduziria a cinzas. Se você visse esse lugar como ele realmente é, seus sentidos mortais limitados derreteriam.*

"Ótimo," eu murmurei. "Eu simplesmente adoro ter meus sentidos derretidos."

O barco raspou contra a margem, agitando alguns escaravelhos vivos. A praia inteira parecia sofrer e se contorcer.

Uma vez, todos esses escaravelhos estavam vivos, Hórus disse, *o símbolo do renascimento diário de Rá, retendo o inimigo. Agora só restam alguns. A Serpente lentamente devora seu caminho para fora da cela.*

"Espera," eu disse. "Você quer dizer..."

Na minha frente, a costa se expandiu enquanto algo era puxado para cima — uma forma imensa se esforçando para se libertar.

Agarrei minha espada e minha lança; mas mesmo com toda a força e coragem de Hórus, eu estava tremendo. A luz vermelha brilhava sobre os cascos dos escaravelhos. Eles estalavam e se deslocavam enquanto a coisa debaixo subia para a superfície. Através da fina camada de besouros mortos, um círculo vermelho de três metros de largura olhou para mim — um olho de serpente, cheio de ódio e fome. Mesmo na minha forma divina, eu senti o poder do Caos derramando sobre mim como radiação letal, me cozinhando por dentro, alimentando-se da minha alma — e eu acreditei no que Hórus tinha dito. Se eu estivesse neste lugar em carne e osso, eu seria reduzido a cinzas.

"Está se libertando." Minha garganta começou a se fechar com pânico. "Hórus, ele está saindo—"

Sim, ele disse. *Em breve...*

Hórus guiou meu braço. Eu levantei minha lança e a enfiei dentro do olho da Serpente. Apófis uivou com raiva. O rio tremeu. Então Apófis afundou sob os cascos de escaravelhos mortos, e a luz vermelha desvaneceu.

Mas não hoje, Hórus disse. *No equinócio, os laços vão enfraquecer o suficiente para a Serpente finalmente se libertar. Seja meu avatar novamente, Carter. Ajude-me a liderar os deuses na batalha. Juntos nós podemos ser capazes de parar a ascensão de Apófis. Mas se você*

despertar Rá e ele voltar ao trono, terá ele forças para governar? Esse barco está bom o suficiente para navegar no Duat novamente?

"Por que você me ajudou a encontrar o pergaminho, então?" eu perguntei. "Se você não quer Rá acordado—"

A escolha deve ser sua, Hórus disse. *Acredito em você, Carter Kane. Independente do que decidir, eu vou te ajudar. Mas muitos dos outros deuses não sentem o mesmo. Eles acham que nossas chances podem ser melhores comigo como seu rei e general, liderando-os na batalha contra a Serpente. Eles veem seu plano de acordar Rá como tolo e perigoso. É tudo o que posso fazer para evitar uma rebelião. Eu posso não ser capaz de impedir que te ataquem e tentem te impedir.*

"Justo o que precisamos," eu disse. "De mais inimigos."

Isso não tem que ser assim, Hórus disse. *Agora você viu o inimigo. Quem você acha que tem chances melhores de enfrentar o Senhor do Caos – Rá ou Hórus?*

O barco se afastou da costa escura. Hórus libertou meu *ba,* e minha consciência flutuou de volta ao mundo mortal como um balão de hélio. No resto da noite, eu sonhei com uma paisagem de escaravelhos mortos, e um olho vermelho brilhante das profundezas de uma prisão enfraquecida.

Se eu agi um pouco abalado na manhã seguinte, agora você sabe por quê.

Eu perdi muito tempo me perguntando por que Hórus tinha me mostrado aquela visão. A resposta era óbvia: Hórus agora era rei dos deuses. Ele não queria que Rá voltasse para desafiar sua autoridade. Os deuses tendem a ser egoístas. Mesmo quando eles são cooperativos, eles sempre têm seus próprios motivos. É por isso que você precisa ser cuidadoso ao acreditar neles. Por outro lado, Hórus tinha um ponto. Rá tinha cinco mil anos de idade. Ninguém sabia que tipo de forma ele tinha agora. Mesmo se nós conseguíssemos acordá-lo, não havia garantia de que ele seria de ajuda. Se ele parecesse tão ruim quanto seu barco, eu não vejo como Rá poderia derrotar Apófis.

Hórus tinha me perguntado quem tinha a melhor chance de enfrentar o Lorde do Caos. A estranha verdade: quando eu procurei no meu coração, a resposta era nenhum de nós. Nem os deuses. Nem os magos. Nem mesmo todos nós trabalhando juntos. Hórus queria ser o rei e liderar os deuses na batalha, mas seu inimigo era mais poderoso que tudo o que ele tinha enfrentado. Apófis era tão antigo quanto o universo, e ele só temia um inimigo: Rá.

Trazer Rá de volta poderia não funcionar, mas meus instintos me disseram que era nossa única chance. E francamente, o fato que todo mundo ficava me dizendo que era uma má ideia — Bastet, Hórus, até Sadie — me fazia ter mais certeza que era a coisa certa a fazer. Eu sou teimoso desse jeito.

A escolha certa dificilmente é a escolha fácil, meu pai me dizia.

Papai desafiou toda a Casa da Vida. Ele tinha sacrificado sua própria vida para libertar os deuses porque ele tinha certeza que era o único jeito de salvar o mundo. Agora era a minha vez de fazer a escolha difícil.

O rápido café da manhã e minha discussão com Sadie. Depois dela pular pelo portal, eu fiquei na casa sem nenhuma companhia, mas com meu novo amigo, o grifo psicótico.

Ele gritava tanto "*FREEEEK!*" que eu decidi chamá-lo de Freak; mais, se encaixava com sua personalidade. Eu esperava que ele desaparecesse durante a noite — voar para longe ou voltar para o Duat — mas ele parecia feliz em sua nova pousada. Eu tinha emplumado uma pilha de jornais da manhã, todos eles com manchetes sobre a erupção bizarra de gás no esgoto que tinha varrido todo o Brooklyn na noite anterior. De acordo com os relatórios, o gás tinha acendido fogos fantasmas por todo o bairro, causado danos extensos ao museu, e oprimido algumas pessoas com náusea, tonturas, e até alucinações de rinocerontes do tamanho de beija-flores. Gás de esgoto idiota.

Eu estava jogando para Freak mais perus torrados (caramba, ele tinha um apetite) quando Bastet apareceu perto de mim.

"Normalmente, eu apreciaria pássaros," ela disse. "Mas essa coisa é perturbadora."

"*FREEEEK!*" disse Freak. Ele e Bastet consideravam o outro como se estivessem imaginando o que sabor o outro teria no almoço.

Bastet fungou. "Você não vai ficar com ele, não é?"

"Bem, ele não está amarrado ou coisa parecida," eu disse. "Ele poderia partir se quisesse. Eu acho que ele gosta daqui."

"Magnífico," Bastet murmurou. "Só mais uma coisa que pode matá-lo enquanto eu estiver fora."

Pessoalmente, eu pensava que Freak e eu estávamos nos dando bem, mas eu percebi que nada que eu dissesse iria tranquilizar Bastet.

Ela estava vestida para viajem. Sobre sua roupa de pele de leopardo usual ela usava um casaco preto comprido bordado com hieróglifos de proteção. Quando ela se mexeu, o tecido brilhou, fazendo-a desaparecer de vista.

"Tenha cuidado," eu disse a ela.

Ela sorriu. "Eu sou uma gata, Carter. Posso cuidar de mim mesma. Estou mais preocupada com você e Sadie enquanto eu estiver fora. Se sua visão está correta e a prisão de Apófis está se quebrando...? Bem, eu vou voltar assim que puder."

Não tinha muito que eu pudesse dizer. Se minha visão estivesse correta, nós todos estávamos em apuros.

"Posso estar fora de contato por uns dois dias," ela continuou. "Meu amigo vai chegar aqui antes de você e Sadie partirem em sua missão amanhã. Ele vai fazer com que os dois fiquem vivos."

"Você não pode pelo menos me dizer o nome dele?"

Bastet me deu um olhar ou divertido ou nervoso — possivelmente os dois. "Ele é um pouco difícil de explicar. Acho melhor deixá-lo se apresentar."

Com isso, Bastet me beijou na testa. "Se cuide, meu filhote."

Eu estava muito aturdido para responder. Eu pensava em Bastet como protetora de Sadie. Eu era só um tipo de acréscimo.

Mas sua voz segurava tanto carinho, eu provavelmente corei. Ela correu para a beira do telhado e pulou.

Eu não estava preocupado com ela. Eu tinha certeza absoluta de que ela cairia com os pés no chão.

Eu queria continuar as coisas o mais normalmente possível para os estagiários, então eu liderei minha classe de manhã como sempre. Eu a chamei de Resolvendo Problemas Mágicos 1. Os estagiários chamaram-no de O Que Quer Que Funcione Serve.

Eu dei aos estagiários um problema. Eles poderiam resolver do jeito que quisessem. Assim que conseguissem, eles poderiam ir.

Eu acho que não era muito como uma escola de verdade, onde você tem que ficar até o fim do dia mesmo se você só estiver fazendo um trabalho inútil, mas eu nunca estive em uma escola de verdade. Todos aqueles anos de educação escolar em casa com meu pai, eu aprendi com meu próprio ritmo. Quando eu terminasse meus trabalhos para a satisfação de meu pai, o dia escolar acabava. Esse sistema funcionava para mim, e para os estagiários que pareciam gostar, também.

Eu pensei também que Zia Rashid aprovaria. Na primeira vez que Sadie e eu treinamos com Zia, ela nos disse que o mago não poderia aprender em salas de aula e livros. Você tinha que aprender na prática. Então de Resolvendo Problemas Mágicos 1, nos dirigimos para a sala de treinamento e explodimos coisas.

Hoje eu tinha quatro estudantes. O resto dos estagiários estaria fora procurando seus próprios caminhos de mágica, praticando encantamentos, ou fazendo trabalhados escolares regulares sobre supervisão de nossos iniciados de mais idade. Como nossa principal acompanhante adulta enquanto Amós estava fora, Bastet tinha insistido em ensinar também as matérias normais como matemática e leitura, apesar de ela ás vezes acrescentar suas próprias disciplinas seletivas, como Higiene Avançada de Gato, ou Cochilo. Havia uma fila de espera para Cochilo.

Bom, a sala de treinamento toma a maior parte do segundo piso. Era aproximadamente do tamanho de uma quadra de basquete, que é para o que a usamos também à noite. Havia um piso de madeira, estátuas de deuses alinhadas nas paredes, e um teto abobadado com figuras do Egito Antigo andando de lado, como sempre eram desenhados. Na base das paredes, nós prendemos estátuas de cabeça de falcão de Rá perpendiculares no piso, dez pés acima, e escavamos suas coroas de disco solar de um modo que pudéssemos usá-las como cestas de basquete. Provavelmente blasfêmia — mas ei, se Rá não tem senso de humor, era problema dele.

Walt estava esperando por mim, junto de Julian, Felix e Alyssa. Jaz também aparecia naquelas sessões, mas é claro que Jaz ainda estava em coma... e era um problema que nenhum de nós sabia como resolver.

Eu tentei usar minha cara de professor confiante. "Certo, pessoal, Hoje nós vamos tentar algumas simulações de combate. Vamos começar pelo mais simples."

Eu puxei quatro estatuetas *shabti* de minha bolsa e coloquei-os em diferentes cantos da sala. Eu coloquei um estagiário em frente de cada um. Então eu falei uma palavra de comando. As quatro estatuetas cresceram completamente do tamanho de guerreiros egípcios com espadas e escudos. Eles não eram super-realistas. Sua pele parecia ser de cerâmica vidrada, e eles se moviam mais lentamente que homens reais; mas eles eram bons o suficiente para iniciantes.

"Felix?" eu chamei. "Sem pinguins."

"Ah, qual é!"

Felix acreditava que a resposta para todos os problemas envolviam pinguins; mas não era justo para os pássaros, e eu estava ficando cansado de teletransportá-los de volta para casa. Em algum lugar da Antártica, um bando de Pinguins de Magalhães estava fazendo tratamento psicológico.

"Comecem!" eu gritei, e os *shabti* atacaram.

Julian, um aluno da sétima série que já tinha se decidido pelo caminho de Hórus, foi direto para a batalha. Ele não tinha dominado completamente a invocação de um avatar de combate, mas ele revestiu seus punhos em energia dourada como uma bola de demolição e socou o *shabti*. Ele voou para a parede, partindo em pedaços. Um a menos.

Alyssa estava estudando sobre o caminho de Geb, o deus da terra. Ninguém na Casa do Brooklyn era um *expert* em magia terrestre, mas Alyssa raramente precisava de ajuda. Ela tinha crescido em uma família de artesãos na Carolina do Norte, e esteve trabalhando com argila desde que era uma menina.

Ela se esquivou do balanço desajeitado do *shabti* e o tocou nas costas. Um hieróglifo brilhou contra sua armadura de barro:

Nada pareceu acontecer com o guerreiro, mas quando ele tornou a atacar, Alyssa só ficou ali. Eu estava prestes a gritar para ela feito um pato, mas o *shabti* a esqueceu completamente. A lâmina atingiu o chão, e o guerreiro tropeçou. Ele atacou novamente, balançando meia dúzia de vezes, mas sua lâmina nunca atingia Alyssa.

Finalmente o guerreiro ficou confuso e cambaleou para o canto da sala, onde bateu sua cabeça conta a parede e estremeceu até parar.

Alyssa sorriu para mim. "*Sa-per*," ela explicou. "Hieróglifo de *Esquecimento*."

"Muito bom," eu disse.

Enquanto isso, Felix achou uma solução sem pinguim. Eu não tinha ideia de qual tipo de mágica ele poderia finalmente se especializar, mas hoje ele foi simples e violento. Ele pegou uma bola de basquete do banco, esperou o *shabti* dar um passo, então tacou a bola em sua cabeça. Seu timing foi perfeito. O *shabti* perdeu seu equilíbrio e caiu, sua espada se quebrando. Felix caminhou e pisoteou o *shabti* até ele quebrar em pedaços.

Ele olhou para mim com satisfação. "Você não me disse que tinha que usar magia."

"Justo." Eu fiz uma nota mental de nunca jogar basquete com Felix.

Walt era o mais interessante de assistir. Ele era um *sau*, um criador de encantamentos, então ele tendia lutar com qualquer item mágico que tinha em mãos. Eu nunca sabia o que ele ia fazer.

Quanto ao seu caminho, Walt não decidiu qual magia deveria estudar. Ele era um bom pesquisador, como Tot, deus da sabedoria. Ele podia usar pergaminhos e poções quase tão bem quanto Sadie, então ele talvez escolhesse o caminho de Ísis. Ele poderia escolher até o caminho de Osíris, porque Walt era natural em trazer coisas inanimadas á vida.

Hoje ele estava tomando seu tempo, manejando seus amuletos e considerando suas opções. Enquanto o *shabti* se aproximava, Walt recuava. Se Walt tivesse uma fraqueza, era sua cautela. Ele gostava de pensar muito antes de agir. Em outras palavras, ele era exatamente o oposto de Sadie.

[Não me dê um murro, Sadie. É verdade!]

"Vamos lá, Walt," Julian chamou. "Mate-o agora."

"Você consegue," Alyssa disse.

Walt alcançou um de seus anéis. Então ele deu um passo para trás e tropeçou nos cascos do *shabti* quebrado de Felix.

Eu gritei, "Cuidado!"

Mas Walt escorregou e caiu duro. Seu oponente *shabti* correu, esquartejando com sua espada. Eu corri para ajudar, mas estava muito longe. A mão de Walt já estava levantada

instintivamente para bloquear o golpe. A lâmina de cerâmica encantada era tão afiada quanto um metal de verdade. Machucaria Walt razoavelmente, mas ele a agarrou, e o *shabti* congelou. Debaixo dos dedos de Walt, a lâmina ficou cinza e cheia de rachaduras. O 'cinza' se espalhou como o gelo por todo o guerreiro, e o *shabti* se desintegrou em uma pilha de poeira.

Walt parecia aturdido. Ele abriu a sua mão, que estava perfeitamente bem.

"Isso foi legal!" Felix disse. "Que amuleto foi esse?"

Walt me deu um olhar nervoso, e eu sabia a resposta. Não foi um amuleto. Walt não tinha ideia de como fez aquilo.

Aquilo tinha sido agitação demais para um dia. Sério. Mas a bizarrice só estava começando.

Antes que qualquer um de nós pudesse dizer alguma coisa, o chão sacudiu. Eu pensei que talvez a magia de Walt estivesse se espalhando pelo prédio, o que não era nada bom. Ou talvez alguém embaixo de nós estivesse experimentando explodir maldições burras novamente.

Alyssa ganiu. "Pessoal..."

Ela apontou para a estátua de Rá sobressaindo da parede, dez pés acima de nós. Nossa cesta de basquete divina estava desmoronando.

Primeiro eu não tinha certeza do que estava vendo. A estátua de Rá não estava virando pó como um *shabti*. Estava se rompendo, caindo no chão aos pedaços. Então meu estômago se apertou. As peças não eram de pedra. A estátua estava virando cascas de escaravelhos. A última estátua desmoronou, e a pilha de escaravelho começou a se mexer. Três cabeças de serpente levantaram-se do meio.

Eu não ligo de te falar: entrei em pânico. Pensei na minha visão de Apófis virando realidade bem ali. Eu tropecei para trás, corri para Alyssa. A única razão para eu não fugir do quarto era porque os quatro estagiários estavam me olhando procurando segurança.

Não pode ser Apófis, eu disse para mim mesmo.

As cobras emergiram, e eu percebi que não eram três animais diferentes. Era uma cobra maciça com três cabeças.

Ainda mais estranho, ela tinha um par de asas de falcão. O tronco da coisa era tão grosso quanto a minha perna. Estava tão alta quanto eu, mas não era grande o suficiente para ser Apófis. Seus olhos não estavam brilhando com um tom de vermelho. Eles eram olhos verdes arrepiantes normais de cobra.

Mesmo assim... com todas as três cabeças olhando para mim, eu não posso dizer que relaxei.

"Carter?" Felix perguntou desconfortavelmente. "Isso é parte da lição?"

A serpente sibilou em uma harmonia de três. Sua voz parecia falar dentro da minha cabeça – e soava exatamente como o *bau* no Museu do Brooklyn.

Seu último aviso, Carter Kane, ela disse. *Me dê o pergaminho.*

Meu coração pulou uma batida. O pergaminho — Sadie tinha dado isso para mim depois do café da manhã. Idiota — eu poderia ter trancado o pergaminho, colocado em um de nossos cubículos seguros na livraria; mas ainda estava na bolsa no meu ombro.

O que você é? Eu perguntei para a cobra.

"Carter." Julian sacou a espada. "Não vamos atacar?"

Meus estagiários não tinham indício de que tinham escutado a cobra ou eu falando.

Alyssa levantou suas mãos como se estivesse pronta para pegar uma bola de queimada. Walt se posicionou entre a cobra a Felix, e Felix se inclinou para o lado para ver por ele.

Dê para mim. A serpente se curvou para atacar, esmagando escaravelhos mortos debaixo de seu corpo. Suas asas ficaram tão largas, que elas poderiam ter envolvido a todos nós. *Abandone sua missão, ou eu vou destruir a garota que você procura, assim como eu destruí sua vila.*

Eu tentei puxar minha espada, mas meus braços não se mexiam. Senti-me paralisado, como se esses três conjuntos de olhos tivessem me colocado em transe.

Sua vila, eu pensei. A vila de Zia.

Cobras não podiam rir, mas o silvo da coisa soou como uma risada.

Você vai fazer uma escolha, Carter Kane — a garota ou o deus. Abandone sua missão tola, ou em breve você vai ser só outra casca seca como os escaravelhos de Rá.

Minha raiva me salvou. Sacudi a paralisia e gritei, "Matem-no!" assim que a serpente abriu suas bocas, explodindo três colunas de chamas.

Eu levantei um escudo verde de magia para desviar o fogo. Julian lançou sua espada como um machado. Alyssa gesticulou com sua mão e três estátuas de pedra saltaram de seus pedestais, voando para a serpente.

Walt disparou um parafuso de luz cinzenta de sua varinha. E Felix tirou seu sapato esquerdo e arremessou no monstro.

Nesse momento, era ruim ser uma serpente. A espada de Julian cortou uma de suas cabeças. O sapato de Felix ricocheteou na outra. A explosão da varinha de Walt transformou a outra em poeira. Então as estátuas de Alyssa bateram nele, esmagando o monstro debaixo de uma tonelada de pedra.

O que restou do corpo da serpente se dissolveu em areia.

O quarto ficou quieto de repente. Meus quatro estagiários olharam para mim. Eu abaixei e peguei uma das conchas de escaravelhos.

"Carter, isso era parte da lição, certo?" Feliz perguntou. "Me diga que era parte da lição."

Eu pensei na voz da serpente — a mesma voz do *bau* no Museu do Brooklyn. Eu percebi porque parecia tão familiar. Eu tinha ouvido durante a batalha na Pirâmide Vermelha.

"Carter?" Felix parecia prestes a chorar. Ele era um desordeiro, ás vezes eu esquecia que ele só tinha nove anos de idade.

"É, só um teste," eu menti. Eu olhei para Walt, e nós fizemos um acordo silencioso. *Precisamos falar sobre isso mais tarde*. Mas primeiro, eu tinha alguém para perguntar. "Classe dispensada." Eu corri para encontrar Amós.

C A R T E R

6. Uma Banheira de Pássaros Quase Me Mata

AMÓS VIROU A CONCHA DE ESCARAVELHO em seus dedos. “Uma cobra de três cabeças, você disse.”

Me senti culpado por ele. Ele tinha passado por tanta coisa desde o Natal. Então ele finalmente se curou e veio para casa, e *boom* — um monstro invade sua sala de práticas. Mas eu não sabia com quem falar. Era um tipo de desculpa em que Sadie deveria estar por perto.

[Tudo bem, Sadie, não me fite. Eu não *estava* arrependido.]

“É,” eu disse, “com asas e lança-chamas. Já viu algo como aquela coisa antes?”

Amós colocou a concha de escaravelho na mesa. Ele cutucou-a, como se esperasse que viesse á vida. Tínhamos a biblioteca para nós mesmos, o que era incomum. Ás vezes, a câmara grande e redonda ficava cheia de estagiários procurando por rolos pelas fileiras de cubículos, ou enviando *shabti* de recuperação pelo mundo para artefatos, livros ou pizza. Pintada no piso estava uma figura de Geb, o deus da terra, seu corpo pontilhado de árvores e rios.

Acima de nós, a deusa do céu de pele estrelada, Nut, se estendia por todo o teto. Eu geralmente me sentia seguro naquela sala, protegido por dois deuses que viraram amigáveis conosco. Mas agora eu olhava para os *shabti* de recuperação postados ao redor da biblioteca e me perguntava se eles se dissolveriam em escaravelhos ou decidiriam nos atacar.

Finalmente Amós disse uma palavra de comando: “*A’max*.”

Queime.

Um pequeno hieróglifo vermelho brilhou sobre o escaravelho:

A concha explodiu em chamas e se desfez em um pequeno monte de cinzas.

“Eu me lembro de uma pintura,” Amós disse, “na tumba de Tutmés III. Mostrava uma cobra de três cabeças e asas como essa que você descreveu. Mas o que isso significa...” Ele balançou a cabeça. “Cobras podem ser boas *ou* ruins na lenda egípcia. Podem ser inimigas de Rá, ou suas protetoras.”

“Aquela não era uma protetora,” eu disse. “Ela queria o rolo.”

“E ainda tinha três cabeças, que deve simbolizar os três aspectos de Rá. E nasceu dos cascalhos da estátua de Rá.”

“Não era de Rá,” eu insisti. “Por que Rá queria que parássemos de procurá-lo? Além disso, eu reconheci a voz da cobra. Era a voz do seu—” Mordi minha língua. “Quer dizer, era a voz do criado de Set da Pirâmide Vermelha — o único que foi possesso por Apófis.”

Os olhos de Amós ficaram confusos.

“Rosto do Terror,” ele lembrou. “Você acha que Apófis estava falando com você pela serpente?”

Eu assenti. “Eu acho que ele colocou aquelas armadilhas no Brooklyn Museum. Ele falou comigo através do *baú*. Se ele é tão poderoso, pode se infiltrar nessa mansão—”

“Não, Carter. Mesmo se estiver certo, não era Apófis em pessoa. Se ele quebrou sua prisão, a causa seria ondulações através do Duat muito poderosas, todo mago poderia senti-las. Mas possuindo as mentes dos criados, até mesmo enviando-os em lugares protegidos para entregar uma mensagem — que é muito mais fácil. Eu não acho que a cobra poderia ter feito muito dano a você. Teria ficado muito fraca depois de romper nossas defesas. Ela foi enviada principalmente para te avisar, e te assustar.”

“Funcionou,” eu disse.

Eu não perguntei a Amós como ele sabia tanto sobre possessões e os caminhos do Caos. Ter seu corpo assumido por Set, o deus do mau, tinha dado a ele um curso intensivo de coisas assim. Agora ele pareceu voltar ao normal, mas eu sabia da minha própria experiência de compartilhar uma mente com Hórus: uma vez que hospeda um deus — quer seja voluntário ou não — você nunca é exatamente o mesmo. Você retém as memórias, até alguns traços do poder do deus. Eu não podia ajudar notando a cor da magia de Amós ter mudado. Ela costumava ser azul. Agora quando ele convocava hieróglifos, eles brilhavam vermelho — a cor de Set.

“Vou reforçar o encanto ao redor da casa,” ele prometeu. “É hora de atualizar nossa segurança. Vou me certificar de que Apófis não possa enviar mensageiros novamente.”

Eu assenti, mas sua promessa não me fez sentir melhor.

Amanhã, *se* Sadie voltar a salvo, nós ficaríamos fora em uma missão para encontrar os outros dois pergaminhos do Livro de Rá.

Claro, nós sobrevivemos na nossa última aventura lutando contra Set, mas Apófis era um campeonato totalmente diferente. E nós não estávamos mais hospedando deuses. Nós éramos só crianças, enfrentando magos do mal, demônios, monstros, espíritos, e o eterno Lorde do Caos. Na maior coluna, eu tinha uma irmã excêntrica, uma espada, um babuíno, e um grifo com uma desordem pessoal. Eu não estava gostando dessas chances.

“Amós,” eu disse, “e se estivermos errados? E se acordar Rá não funcionar?”

Fazia muito tempo desde que eu vi meu tio sorrir. Ele não parecia muito com meu pai, mas quando ele sorria, ele tinha as mesmas rugas ao redor dos olhos.

“Meu garoto, veja o que você realizou. Você e Sadie têm redescoberto um caminho da magia que não era praticado em milênios. Vocês levaram seus estagiários a mais de dois meses que a maioria dos iniciantes do Primeiro Nomo conseguiu em dois anos. Vocês batalharam com deuses. Vocês conseguiram mais que qualquer mago vivo conseguiu — até eu, ou Michael Desjardins. Acredite em seus instintos. Se eu fosse um homem de apostas, meu dinheiro estaria em você e sua irmã todas as vezes.”

Um nó se formou em minha garganta. Eu não tinha começado uma conversa de vitalidade como aquela desde que meu pai ainda estava vivo, e eu acho que não tinha percebido do quanto precisava de uma.

Infelizmente, ouvir o nome de Desjardins me lembrou que tínhamos outros problemas além de Apófis. Assim que começamos nossa missão, um mago russo, vendedor de sorvete, chamado Vlad o Inalador tentou nos assassinar. E se Vlad era o terceiro mago mais poderoso do mundo...

“Quem é o segundo?” eu perguntei.

Amós franziu o cenho. “Do que você está falando?”

“Você disse que esse cara russo, Vlad Menshikov, é o terceiro mago mais poderoso vivo. Desjardins é o mais poderoso. Quem é o segundo? Eu quero saber se temos outros inimigos para ficar de olho.”

A ideia pareceu divertir Amós. “Não se preocupe com isso. E apesar de suas relações passadas com Desjardins, eu não diria que ele é verdadeiramente um inimigo.”

“Diga isso a *ele*,” eu murmurei.

“Eu disse, Carter. Nos falamos algumas vezes enquanto eu estava no Primeiro Nomo. Eu acho que o que você e Sadie conseguiram na Pirâmide Vermelha abalou-o profundamente. Ele sabe que não teria derrotado Set sem vocês. Ele ainda se opõe a vocês, mas se tivéssemos mais tempo, eu poderia ser capaz de convencê-lo...”

Aquilo soou tão provável quanto Apófis e Rá virarem amigos no Facebook, mas eu decidi não dizer nada.

Amós passou sua mão sobre a mesa e disse uma magia. Uma holografia de Rá, vermelha, apareceu — uma réplica em miniatura da estátua da sala de práticas. O deus do sol se parecia com Hórus: um homem com cabeça de falcão. Mas não como Hórus, Rá usava um disco solar como uma coroa e segurava um cajado de pastor e um mangual de guerra — os dois símbolos do faraó. Ele estava vestido com trajes em vez de armadura, sentado calmamente e majestosamente em seu trono, como se estivesse feliz de assistir os outros lutando. A imagem do deus parecia estranha em vermelho, brilhando com a cor do Caos.

“Outra coisa que você deve considerar,” Amós advertiu. “Eu não digo isso para te desencorajar, mas você perguntou por que Rá queria que parassem de acordá-lo. O Livro de Rá

foi dividido por uma razão. Foi feito, intencionalmente, para ser difícil encontrar, então só o merecedor conseguiria. Você pode esperar desafios e obstáculos em sua missão. Os outros dois rolos vão ser *pelo menos* tão protegidos quanto o primeiro. E você pode perguntar para si mesmo: O que acontece se você acordar um deus que não quer ser acordado?"

As portas da biblioteca bateram abertas, e eu quase pulei da minha cadeira. Cleo e outras três garotas entraram, conversando e rindo com seus braços cheios de rolos.

"Aqui está minha classe de pesquisa." Amós agitou a mão, e a holografia de Rá desapareceu. "Nós falaremos novamente, Carter, talvez depois do almoço."

Eu assenti, mas mesmo assim eu tinha uma suspeita de que nunca terminaríamos nossa conversa. Quando eu olhei para trás, para a porta da biblioteca, Amós estava cumprimentando seus estudantes, e casualmente limpando as cinzas da concha de escaravelho da mesa.

Eu fui para o meu quarto e encontrei Khufu caído na cama, surfando pelos canais de esportes. Ele estava vestindo seu colete favorito dos Lakers e tinha uma vasilha de Cheetos sobre seu estômago. Desde que os nossos estagiários se mudaram, a Sala Grande ficou muito barulhenta para Khufu ver TV em paz, então ele decidiu virar meu companheiro de quarto.

Eu acho que isso foi uma honra, mas dividir espaço com um babuíno não era fácil. Você acha que cães e gatos perdem pêlos? Tente tirar pêlo de macaco de suas roupas.

"O que foi?" eu perguntei.

"*Agh*!"

Isso é basicamente o que ele sempre diz.

"Ótimo," eu disse a ele. "Eu vou estar na varanda."

Ainda estava frio e chovendo lá fora. O vento do East River faria os pinguins de Felix se arrepiarem, mas eu não liguei. Pela primeira vez no dia, eu finalmente poderia ficar sozinho.

Desde que nossos estagiários vieram para a Mansão do Brooklyn, eu me senti como se estivesse no centro do palco. Eu tinha que agir confiante mesmo quando tinha dúvidas. Eu não podia perder minha calma com ninguém (bem, tirando Sadie de vez em quando), e quando as coisas davam errado, eu não podia reclamar muito alto. As outras crianças vieram de longe para treinar com a gente. Muitas delas tinham lutado com monstros e magos no caminho. Eu não podia admitir que não tinha ideia do que estava fazendo, ou me perguntar se essa coisa de caminho-de-deus iria matar a todos nós. Eu não podia dizer, *Agora que vocês estão aqui, talvez isso não seja uma boa ideia.*

Mas teve muitos momentos que foi assim que me senti. Com Khufu ocupando meu quarto, a varanda era o único lugar que eu podia ficar deprimido na solidão.

Olhei do rio para Manhattan. Era uma ótima vista. Quando Sadie e eu tínhamos chegado à Mansão do Brooklyn, Amós tinha nos dito que magos tentaram sair de Manhattan. Ele disse que Manhattan tinha outros problemas — seja lá o que significava. E ás vezes quando eu olhava através da água, eu podia jurar que estava vendo coisas. Sadie riu sobre isso, mas uma vez eu vi cavalos voadores. Provavelmente só as barreiras mágicas da mansão causando ilusões de ótica, mas ainda assim, era estranho.

Eu me virei para a única mobília da varanda: minha tigela de cristalomancia. Parecia uma banheira de pássaros — só um pires de bronze em um pedestal de pedra — mas era meu item mágico favorito. Walt fez para mim assim que voltou.

Um dia, eu mencionei que seria bom saber o que estava acontecendo em outros nomes, então ele me fez essa tigela.

Eu via iniciantes usá-las no Primeiro Nomo, mas eles sempre pareciam ter dificuldade para dominá-la.

Felizmente, Walt era um *expert* em encantamentos. Se minha tigela de cristalomancia fosse um carro, seria um Cadillac, com direção hidráulica, transmissão automática, e assentos mais quentes. Tudo que eu tinha que fazer era limpá-lo com óleo de oliva e falar uma palavra de comando. A tigela me mostraria tudo, contanto que eu pudesse visualizá-lo e não estivesse protegido por magia. Lugares que eu nunca tinha ouvido falar. Pessoas ou lugares que eu vi pessoalmente ou que significou muito para mim — *esses* geralmente eram fáceis.

Eu procurei por Zia centenas de vezes sem sorte. Tudo o que eu sabia era que seu antigo professor, Iskandar, tinha colocado ela em um sono mágico e a escondido em algum lugar, substituindo-a por um *shabti* para deixá-la a salvo; mas eu não tinha ideia de onde a Zia verdadeira estava dormindo.

Eu tentei algo novo. Eu passei minha mão sobre o pires e imaginei o Lugar de Areias Vermelhas. Nada aconteceu. Eu nunca estivera lá, não tinha ideia de como parecia além de possivelmente ser vermelho e arenoso. O óleo só mostrou meu próprio reflexo.

Certo, então eu não podia ver Zia. Eu fiz a melhor coisa depois. Me concentrei em sua sala secreta no Primeiro Nomo. Eu estive lá só uma vez, mas eu lembrava cada detalhe. Era o primeiro lugar onde eu me senti próximo de Zia. A superfície do óleo ondulou e virou um vídeo mágico.

Nada tinha mudado na sala. Velas mágicas ainda queimavam na mesa pequena. As paredes estavam cobertas de fotografias de Zia — fotos da vila, de sua família no Nilo, sua mãe e seu pai, Zia como uma criança pequena.

Zia havia me contado a história de como seu pai tinha desenterrado uma relíquia egípcia e acidentalmente soltou um monstro na vila. Magos vieram derrotar o monstro, mas não antes da cidade inteira ser destruída. Só Zia, escondida por seus pais, tinha sobrevivido. Iskandar, o

antigo Sacerdote-Leitor Chefe, levou-a para o Primeiro Nomo e a treinou. Ele era como um pai para ela.

Então, no último Natal, os deuses foram soltos no British Museum. Um deles — Néftis — havia escolhido Zia como hospedeiro. Sendo que um "deus menor" era punido por morte no Primeiro Nomo, quer você hospede o espírito do deus ou não, então Iskandar escondeu Zia longe. Ele provavelmente a traria de volta depois de resolver as coisas, mas ele havia morrido antes de isso acontecer.

Então a Zia que havia conhecido era uma réplica, mas eu nunca tinha acreditado que o *shabti* e a Zia verdadeira compartilhavam pensamentos. Onde quer que a verdadeira Zia esteja, ela se lembraria de mim quando acordasse. Ela sabia que nós compartilhávamos uma conexão — talvez o começo de uma grande relação. Eu não podia aceitar que eu havia me apaixonado por nada mais que um pedaço de cerâmica. E eu definitivamente não podia aceitar que Zia estava além do meu poder de resgate.

Me concentrei na imagem no óleo. Ampliei uma fotografia de Zia montando nos ombros de seu pai. Ela era jovem na foto, mas você podia dizer que ela seria bonita quando crescesse.

Seu cabelo preto brilhante estava cortado curto, como quando eu a conheci. Seus olhos eram âmbar brilhantes. O fotógrafo a pegou no meio da risada, tentando cobrir os olhos de seu pai com suas mãos. Seu sorriso irradiava uma travessura brincalhona.

Eu vou destruir a garota que você procura, a cobra de três cabeças disse, *assim como destruí sua vila.*

Eu tinha certeza de que ele falava da vila de Zia. Mas o que um ataque de seis anos atrás tinha a ver com a ascensão de Apófis agora? Se não foi só um acidente qualquer — se Apófis quis destruir a casa de Zia — então por quê? Eu tinha que encontrar Zia. Não era mais pessoal. Ela estava conectada de algum jeito com a batalha que estava vindo com Apófis. E se o aviso da cobra fosse verdade — se eu tivesse que escolher entre encontrar o Livro de Rá ou salvar Zia? Bem, eu já tinha perdido minha mãe, meu pai, e minha antiga vida pelo objetivo de parar Apófis. Eu não iria perder Zia também.

Estava pensando o quão forte Sadie me chutaria se ela me ouvisse dizendo isso, quando alguém bateu na porta da varanda de vidro.

"Ei." Walt estava no vão da porta, segurando a mão de Khufu. "Hã, espero que você não ligue. Khufu me deixou entrar."

"*Agh!*" Khufu confirmou. Ele levou Walt para fora, então pulou da grade, desconsiderando a queda de cem pés no rio abaixo.

"Sem problemas," eu disse. Não que eu tivesse escolha. Khufu adorava Walt, provavelmente porque jogava basquete melhor que eu.

Walt assentiu para a tigela de cristalomancia. "Como isso está trabalhando pra você?"

A imagem do quarto de Zia ainda tremeluzia no óleo. Eu acenei minha mão sobre a tigela e mudei para outra coisa. Desde que estive pensando sobre Sadie, eu escolhi a sala do vovô e dá vovó.

"Trabalhando bem." Me virei para Walt. "Como você se sente?"

Por alguma razão, todo o seu corpo ficou tenso. Ele olhou para mim como se eu estivesse tentando encurralá-lo. "Do que você está falando?"

"O acidente na sala de treinamento. A cobra de três cabeças. Do que você acha que eu estou falando?"

Os tendões de seu pescoço relaxaram. "Certo... desculpe, só uma manhã estranha. Amós deu uma explicação?"

Me perguntei o que eu disse para chateá-lo, mas decidi deixar isso passar. Eu o enchi com minha conversa com Amós. Walt era geralmente calmo com as coisas. Ele era um bom ouvinte. Mas ele ainda parecia cauteloso, nervoso.

Quando eu terminei de falar, ele passou por cima da grade onde Khufu estava empoleirado. "Apófis deixou aquela coisa solta na casa? Se não tivéssemos parado aquilo—"

"Amós acha que a serpente não tinha muito poder. Estava aqui só para entregar uma mensagem e nos assustar."

Walt balançou a cabeça em desespero. "Bem... agora conhece nossas habilidades, eu acho. Sabe que Felix arremessa um sapado médio."

Eu não podia ajudar, mas sorri. "É. Só que não era essa habilidade que eu estava pensando. Aquela luz cinza que você explodiu a cobra com... e o jeito que você manipulou o *shabti* de prática simulada e o transformou em pó—"

"Como eu fiz isso?" Walt deu de ombros impotente. "Honestamente, Carter, eu não sei. Estive pensando sobre isso desde então, e... foi só instinto. Primeiro eu pensei que talvez o *shabti* tivesse algum tipo de feitiço de autodestruição colocado nele, e eu sem querer eu acionei. Ás vezes eu posso fazer isso com itens mágicos — fazer com que eu os ative ou os desligue."

"Mas isso não explicaria como você fez isso de novo com a serpente."

"Não," ele concordou. Ele parecia até mais distraído pelo incidente do que eu. Khufu começou a arrumar o cabelo de Walt, procurando por insetos, e Walt nem mesmo tentou pará-lo.

"Walt..." hesitei, não querendo empurrá-lo. "Essa nova habilidade, transformar as coisas em pó – não teria nada a ver com... você sabe, o que você estava dizendo para Jaz?"

Lá estava ele de novo: o olhar de um animal enjaulado.

"Eu sei," eu disse rapidamente, "não é da minha conta. Mas ultimamente tenho agido perturbado. Se tiver alguma coisa que eu possa fazer..."

Ele olhou para baixo para o rio. Ele parecia muito deprimido, Khufu grunhiu e bateu em seu ombro.

“Ás vezes me pergunto por que vim pra cá,” Walt disse.

“Você está brincando?” perguntei. “Você é *ótimo* em magia. Um dos melhores! Você tem um futuro aqui.”

Ele puxou alguma coisa de sua bolsa — um dos escaravelhos mortos da sala de práticas

“Obrigado. Mas o *timing*... é como uma piada de mau gosto. As coisas são complicadas pra mim, Carter. E o futuro... eu não sei.”

Eu senti que ele estava falando sobre mais do que o nosso prazo de quatro dias para salvar o mundo.

“Olha, se tiver um problema...” eu disse. “Se é alguma coisa sobre o jeito que Sadie e eu ensinamos—”

“Claro que não. Você tem sido ótimo. E Sadie—”

“Ela gosta muito de você,” eu disse. “Eu sei que ela pode ficar um pouco resistente. Se você quiser que ela se afaste...?”

[Certo, Sadie. Talvez eu não devesse dizer aquilo. Mas você não é exatamente sutil quando gosta de alguém. Isso pode estar fazendo o cara ficar desconfortável.]

Walt na verdade riu. “Não, não é nada com Sadie. Eu gosto dela, também. Eu só—”

“*Agh!*” Khufu ladrou tão alto, que me fez pular. Ele arreganhou os dentes. Me virei e percebi que ele estava rosnando para a tigela de cristalomancia.

A cena ainda estava na sala do vovô e da vovó. Mas enquanto eu investigava mais de perto, percebi que algo estava errado. As luzes da TV estavam desligadas. O sofá estava tombado.

Senti um gosto metálico na boca.

Me concentrei em deslocar a imagem até poder ver a porta da frente. Tinha sido esmagada em pedaços.

“O que há de errado?” Walt se aproximou de mim. “O que é isso?”

“Sadie...” foquei toda a minha força de vontade em encontrá-la. Eu sabia bem que podia localizá-la instantaneamente, mas dessa vez o óleo ficou preto. Uma dor aguda me apunhalou por trás dos olhos, e a superfície do óleo pegou fogo.

Walt me puxou para trás antes de meu rosto ser queimado. Khufu ladrou em alarme e derrubou a tigela de bronze sobre a grade, arremessando-a em direção ao East River.

“O que aconteceu?” Walt perguntou. “Eu nunca vi uma tigela fazer—”

“Portal para Londres.” Eu tossi, minhas narinas ardendo com o óleo de oliva queimado. “O mais próximo. Agora!”

Walt pareceu entender. Sua expressão endureceu com determinação. “Nosso portal ainda está em resfriamento. Vamos precisar voltar ao Mudeu do Brooklyn.”

“O grifo,” eu disse.

“É. Estou indo também.”

Me virei para Khufu. “Diga a Amós que estamos saindo. Sadie está encrencada. Sem tempo para explicações.”

Khufu ladrou e pulou direto para o lado do balcão — pegando o elevador expresso para baixo.

Walt e eu disparamos do meu quarto, correndo nas escadas para o telhado.

S A D I E

7. Um Presente do Garoto de Cabeça de Cachorro

BEM, VOCÊ JÁ *FALOU* O SUFICIENTE, querido irmão.

Enquanto você estava tagarelando, todo mundo me imaginou congelada no vão da porta do apartamento do vovô e da vovó, gritando “AAHHHHH!”

E o fato de você e Walt saírem para Londres, assumindo que eu precisava ser resgatada — cara!

É, bem justo. Eu *precisava* de ajuda. Mas aquele não era o momento.

Voltando a história: eu só ouvi uma voz sibilando de cima: “Bem vinda ao lar, Sadie Kane.”

Claro, eu sabia que era má notícia. Minhas mãos formigavam como se eu tivesse enfiado meus dedos em uma tomada elétrica. Tentei convocar meu cajado e minha varinha, mas como eu já mencionei, sou um lixo em recuperar coisas do Duat em um pequeno espaço de tempo. Xinguei por não vir preparada — mas sério, eu não podia esperar estar vestida de pijama de linho e arrastar por toda a parte uma bolsa mágica para uma noite na cidade com minhas colegas.

Pensei em fugir, mas vovô e vovó poderiam estar em perigo. Eu não podia sair sem saber que eles estavam a salvo.

A escada rangia. No topo, a margem de um vestido preto apareceu, junto com pés calçados que não eram bem humanos Os sapatos eram deformados e de couro, com unhas grandes como garras de uma ave.

Quando a mulher desceu em visão inteira, eu fiz um gemido indigno. Ela parecia ter cem anos, encurvada e magra. Seu rosto, orelhas e pescoço vergavam com pele rosada enrugada e dobrada, como se ela tivesse se fundido com uma lâmpada ultravioleta. Seu nariz era um bico inclinado.

Seus olhos brilhavam em suas órbitas cavernosas, e ela estava quase careca — só alguns tufos pretos oleosos como ervas daninhas empurradas por seu couro cabeludo íngreme.

Seu vestido, no entanto, era absolutamente de pelúcia. Era meio escuro, peludo, e enorme como um casaco de pele seis vezes maior. Quando ela deu um passo em minha direção, o material mudou, e eu percebi que não era pêlo. O vestido era feito de penas pretas.

Suas mãos apareciam sob suas mangas — dedos parecidos com garras me chamando para perto. Seu sorriso revelou dentes como pedaços de vidro. Eu mencionei o cheiro? Não só cheiro de pessoa velha — era cheio de pessoa velha *morta*.

"Estive esperando por você," disse a bruxa. "Felizmente, sou muito paciente."

Agarrei o ar á procura de minha varinha. Claro, eu não tive sorte. Sem Ísis na minha cabeça, eu não podia mais simplesmente falar palavras de poder. Eu teria que ter meus truques. Minha única chance era ganhar tempo e esperar poder reunir meus pensamentos o bastante pra acessar o Duat.

"Quem é você?" perguntei. "Cadê meus avós?"

A bruxa alcançou o pé da escada. A dois metros de distância, seu vestido emplumado parecia estar coberto com pedaços de... ah, meu Deus, aquilo era carne?

"Não me reconhece, querida?" Sua imagem tremulou. Seu vestido se transformou em um roupão florido. Suas sandálias viraram chinelos verdes distorcidos. Ela tinha cabelo curto grisalho, olhos azuis lacrimosos, e uma expressão de um coelho assustado. Era o rosto da minha avó.

"Sadie?" Sua voz soava frágil e confusa.

"Vovó!"

Sua imagem voltou para a bruxa emplumada de preto, seu terrível rosto derretido sorrindo maliciosamente. "Sim, querida. Sua família é sangue dos faraós, afinal de contas — perfeitos anfitriões para os deuses. Não me cause esforço, no entanto. O coração de sua avó não é o que costumava ser."

Meu corpo inteiro começou a tremer. Eu fui possuída antes, e sempre foi medonho. Mas *isso* — a ideia de alguma bruxa egípcia tomar posse da minha pobre e velha vovó — isso era horripilante. Se eu tivesse qualquer sangue dos faraós, estava virando gelo.

"Deixe-a em paz!" Eu queria gritar, mas tinha medo que minha voz saísse mais como um grito apavorado. "Saia dela!"

A bruxa gargalhou. "Oh, eu não posso fazer isso. Você vê, Sadie Kane, que alguns de nós duvidamos de sua força."

"Alguns de quem — dos deuses?"

Seu rosto enrugou, momentaneamente mudando em uma cabeça de pássaro horrível, careca, escamosa e rosa com um bico afiado longo. Então ela se transformou de volta na bruxa gargalhando. Eu realmente desejava que ela ajustasse sua mente.

"Não me preocupo com a força, Sadie Kane. Nos dias antigos, eu mesma protegia o faraó se ele se provasse digno. Mas os fracos... Ah, uma vez que eles caíam sob as sombras de minhas asas, eu nunca deixei-os sair. Esperei eles morrerem. Esperei para me alimentar. E eu acho, minha querida, que você vai ser minha próxima refeição."

Pressionei minha costa na porta.

“Eu te conheço,” menti. Desesperadamente, corri minha lista mental de deuses egípcios, tentando identificar a bruxa velha. Eu ainda não era tão boa quanto Carter em lembrar todos aqueles nomes estranhos. [E não, Carter. Isso não é um elogio. Simplesmente significa que você é o maior *nerd*.] Mas depois de semanas ensinando nossos estagiários, eu tinha ficado melhor.

Nomes tinham poder. Se eu pudesse descobrir o nome da minha inimiga, era um bom primeiro passo para derrotá-la. Um pássaro preto horrível... Um pássaro que se alimenta de morte...

Para o meu espanto, eu na verdade lembrei de alguma coisa.

“Você é a deusa abutre,” eu disse triunfante. “Neckbutt, não é?”

A bruxa velha rosnou. “Nekhbet!”

Tudo bem, então eu cheguei perto.

“Mas você é pra ser supostamente uma *boa* deusa!” protestei.

A deusa abriu os braços. Eles viraram asas — pretas, de plumagem emaranhada, zumbindo com moscas e cheirando a morte. “Abutres são *muito* bons, Sadie Kane. Nós removemos os fracos e frágeis. Nós os rodeamos até morrerem, então nos alimentamos de suas carcaças, limpando o mundo de seu cheiro podre. Você, em outras mãos, poderia trazer Rá de volta, que encarquilha a carcaça velha de um deus do sol. Você seria um faraó fraco no trono dos deuses. Vai contra a natureza! Só a força pode viver. A fraqueza pode ser comida.”

Seu hálito cheirava a carniça.

Criaturas desprezíveis, abutres: sem dúvida as aves mais nojentas. Supus que serviam a seu propósito, mas eles tinham que ser tão sujos e feios? Não podíamos ser coelhos fofos ao invés de carniças?

“Certo,” eu disse. “Primeiro, *saia* da minha avó. Então, se você for um bom abutre, vou te comprar algumas balas de hortelã.”

Deveria ser um assunto delicado para Nekhbet. Ela se jogou em cima de mim. Eu mergulhei de lado, subindo no sofá e derrubando-a no processo. Nekhbet varreu a coleção chinesa da vovó para fora da estante.

“Você vai morrer, Sadie Kane!” ela disse. “Vou me limpar com seus ossos. Então os outros deuses vão ver que você não era digna!”

Esperei por outro ataque, mas ela só olhou para mim do outro lado do sofá. Me ocorreu que os abutres geralmente não matavam. Eles esperavam a sua presa morrer. As asas de Nekhbet cobriram a sala. Sua sombra caiu sobre mim, me envolvendo na escuridão. Comecei a me sentir encurralada, perdida, como um pequeno animal fraco.

Não tinha testado minha força de vontade contra os deuses antes, não deveria reconhecer isso como magia — insistia incomodando no fundo da minha mente, me incentivando a desistir

em desespero. Mas eu tinha ficado contra qualquer número de deuses horríveis no submundo. Eu podia aguentar um pássaro velho sujo.

“Boa tentativa,” eu disse. “Mas eu não vou deitar e morrer.”

Os olhos de Nekhbet brilharam. “Talvez isso leve algum tempo, minha querida, mas como eu te disse, sou paciente. Se você não vai sucumbir, suas amigas mortais estarão aqui em breve. Quais eram seus nomes — Liz e Emma?”

Deixe-as fora disso!”

Ah, elas fariam adoráveis aperitivos. E você nem mesmo disse olá para seu querido e velho vovô ainda.”

sangue rugia em minhas orelhas. “Onde ele está?” pedi.

ekhbet olhou para o teto. “Oh, ele estará junto em breve. Nós abutres gostamos de seguir um grande e bom predador, você sabe, e esperamos por ele para fazer a matança.”

o andar de cima veio um som de acidente abafado — como se uma peça grande da mobília fosse arremessada pela janela.

ovô gritou, “Não! Nã-ã-ã-ão!” Então sua voz mudou para um rugido de um animal furioso. “NOOOOOOAHHH!”

O fim da minha coragem derreteu nas minhas botas de combate. “O q- o que—”

“Sim,” Nekhbet disse. “Babi está acordando.”

“B-bobby? Vocês têm um deus chamado Bobby?”

“B-A-B-I,” a deusa abutre rosnou. “Você é realmente muito estúpida, não é querida?”

O teto de gesso rachou sob o peso dos passos pesados. Alguma coisa estava pisando fundo na escada.

“Babi vai cuidar bem de você,” Nekhbet prometeu. “E haverá muita sobra para mim.”

“Adeus,” eu disse, e disparei pela porta.

Nekhbet não tentou me parar. Ela gritou atrás de mim, “Uma caçada! Excelente!”

Eu fui para o outro lado da rua quando nossa porta da frente explodiu. Olhando para trás, vi alguma coisa emergir das ruínas e poeira — uma forma escura peluda grande demais para ser meu avô. Eu não esperei para ter uma visão melhor.

Corri ao virar a esquina da South Colonnade e dei de cara com Liz e Emma.

“Sadie!” Liz gritou, derrubando um presente de aniversário. “O que há de errado?”

A criatura atrás de mim berrou, muito próximo agora.

“Explico depois,” eu disse. “A não ser que vocês queiram ser rasgadas por um deus chamado Bobby, me sigam!”

Olhando para trás, pude apreciar apenas um *miserável* aniversário que eu estava tendo, mas naquela hora eu estava muito em pânico para sentir pena de mim mesmo devidamente.

Nós corremos South Colonnade abaixo, o rugido atrás de nós quase abafados pelas reclamações de Liz e Emma.

“Sadie!” Emma disse. “Essa é uma das suas pegadinhas?”

Ela tinha ficado um pouco mais alta, mas ainda parecia a mesma, com seu tamanho desproporcional, óculos reluzentes e cabelo curto espetado. Ela vestia uma minissaia de couro preta, um saltador rosa, e ridículas sandálias de plataforma em que ela mal conseguia andar, muito menos correr. Quem é aquele cara do rock ’n’ roll extravagante dos anos 70 — Elton John? Se ele tivesse uma filha indiana, deveria ser parecida com Emma.

“Não é uma pegadinha,” prometi. “E pelo amor de Deus, joga esses sapatos fora!”

Emma parecia assustada. “Você sabe quando isso custou?”

“Honestamente, Sadie.” Liz interveio. “Para onde você está nos arrastando?”

Ela estava vestida mais sensatamente com jeans e tênis de corrida, um top branco e jaqueta de brim, mas ela parecia tão sem fôlego quanto Emma. Escondido debaixo de seu braço, meu presente de aniversário estava ficando um pouco achatado. Liz era ruiva com muitas sardas, e quando ela ficava com vergonha ou desgastada, seu rosto pálido ficava tão vermelho, que suas sardas desapareciam. Sob circunstâncias normais Emma e eu teríamos provocado ela por isso, mas não hoje.

Atrás de nós, a criatura rugiu novamente. Eu olhei para trás, o que foi um erro. Vacilei até parar, e minhas amigas correram até mim.

Por um breve momento, eu pensei, meu Deus, é Khufu.

Mas Khufu não era do tamanho de um urso-pardo. Ele não tinha pêlo prata brilhante, garras como cimitarras ou um olhar sedento de sangue. O babuíno devastava o Canary Wharf [9] parecendo que comeria qualquer coisa, não só comidas terminadas com um *O*, e não teria dificuldade em me rasgar membro a membro.

A única boa notícia: a atividade na rua havia distraído ele. Carros desviavam para evitar a besta. Pedestres gritavam e corriam. O babuíno começou a derrubar táxis, esmagar vitrines, e causar um tumulto geral. Assim que se aproximou de nós, vi um pedaço de pano vermelho em seu braço esquerdo — as sobras do casaco de lã favorito do vovô. Preso em sua testa estavam os óculos do vovô.

Até aquele momento, o choque não havia me atingido em cheio. Aquela coisa era meu avô, que nunca tinha usado magia, nunca fez nada para irritar os deuses egípcios.

Tinha vezes que eu não gostava dos meus avós, especialmente quando eles diziam coisas ruins sobre meu pai, ou ignoravam Carter, ou quando deixaram Amós me levar embora no Natal

[9] Canary Wharf: É um grande bairro comercial de Londres. (N.T.)

sem uma luta. Mas ainda assim, eles me criaram por seis anos. Vovô tinha me colocado em seu colo e lido para mim suas histórias velhas e empoeiradas de Enid Blyton[10]. Ele tinha me vigiado no parque e me levou ao zoológico inúmeras vezes. Ele tinha me comprado doces, embora vovó desaprovasse. Ele pode ter tido um certo temperamento, mas ele era razoavelmente um velho aposentado inofensivo. Ele certamente não merecia ter seu corpo assumido desse jeito.

O babuíno arrancou a porta de um bar e cheirou lá dentro. Fregueses bêbados em pânico esmagaram uma janela e saíram correndo pela rua, ainda segurando suas bebidas. Um policial correu em direção ao tumulto, viu o babuíno, então se virou e correu para o outro lado, gritando em seu rádio por reforços.

Quando enfrentavam eventos mágicos, os olhos mortais tendiam a entrar em curto circuito, mandando para o cérebro só imagens que podiam entender. Eu não tinha ideia do que aquelas pessoas *pensavam* que estavam vendo — possivelmente um animal de zoológico solto ou um pistoleiro enfurecido — mas eles sabiam o suficiente para fugir. Eu imaginei o que as câmeras de segurança de Londres fariam depois da cena.

"Sadie," Liz disse em uma voz muito baixa, "o que é *isso*?"

"Babi," eu disse. "O deus sangrento dos babuínos. Ele é meu avô possuído. E ele quer nos matar."

"Dá licença," Emma disse. "Você acabou de dizer que um deus babuíno quer nos matar?"

O babuíno rugiu piscando e apertando os olhos como se tivesse esquecido do que estava fazendo. Talvez ele tenha herdado a distração do vovô e a vista ruim. Talvez ele não tenha percebido que seus óculos estavam em sua cabeça. Ele cheirou o chão, então berrou de frustração e esmagou a janela de uma padaria.

Eu quase acreditei que ganhamos um pouco de sorte. Talvez pudéssemos fugir.

Então uma forma escura deslizou por cima, abrindo suas asas negras e gritando, "Aqui! Aqui!"

Que maravilha. O babuíno tinha suporte aéreo.

"Dois deuses, na verdade," disse para as minhas amigas. "Agora, a não ser que tenham mais perguntas — corram!"

Dessa vez Liz e Emma não precisaram de incentivo. Emma tirou seus sapados, Liz deixou meu presente de lado — que pena — e descemos outra rua.

Nós ziguezagueamos pelos becos, abraçando paredes para nos cobrir sempre que o vulto da deusa mergulhava do alto. Ouvi Babi rugindo atrás de nós, arruinando as noites das pessoas e esmagando a vizinhança; mas ele parecia ter perdido nosso cheiro no momento.

---

[10] Enid Mary Blyton: Escritora inglesa de livros de aventuras para crianças e adolescentes. (N.T.)

Nós paramos em um T na rua enquanto decidia que caminho tomar. Em frente de nós estava uma pequena igreja, um tipo de prédio antigo que você as vezes encontra em Londres — sombrio de pedra medieval firmada entre um Café Nero e uma farmácia com sinais de neon oferecendo produtos capilares de um por três. A igreja tinha um pequeno cemitério fechado com uma cerca enferrujada, mas eu não teria prestado muita atenção se uma voz de dentro do cemitério não tivesse sussurrado, "Sadie."

Foi um milagre meu coração não ter pulado para fora da minha garganta. Virei-me e me encontrei cara-a-cara com Anúbis. Ele estava em sua forma mortal, como um garoto adolescente com cabelo preto soprado pelo vento e olhos castanhos calorosos. Ele vestia uma camiseta Morte ao Tempo e jeans escuros que serviram extremamente bem nele. Liz e Emma não eram conhecidas por serem boas ao redor de rapazes com boa aparência. Na verdade, seus cérebros mais ou menos param de funcionar.

Liz gaguejou sílabas simples que soavam como a respiração Lamaze[11], "Oh — ah — oi — quem — o quê —?"

Emma perdeu o controle de suas pernas e tropeçou em mim.

Mandei um olhar severo para as duas, então me virei para Anúbis.

"É a vez de alguém amigável se apresentar," reclamei. "Tem um babuíno e um abutre tentando nos matar. Você poderia *por favor* separá-los?"

Anúbis mordeu os lábios, e eu senti que ele não me trouxe boas notícias. "Venha ao meu território," ele disse, abrindo o portão do cemitério. "Precisamos conversar, e não há muito tempo."

Emma tropeçou em mim de novo. "Seu, *hum*, território?"

Liz gaguejou. "Quem — ah —?"

"Shhh," disse a elas, tentando ficar calma, como se conhecesse caras quentes em cemitérios todo dia. Olhei para a rua e não vi sinais de Babi ou Nekhbet, mas ainda podia ouvi-los — um deus babuíno rugindo, a deusa abutre gritando com a voz da minha avó (se vovó tivesse comido pedregulhos e tomado esteróides) "Por aqui! Por aqui!"

"Esperem aqui," disse para minhas amigas, e entrei no portão.

Imediatamente, o ar ficou mais frio. Névoa subia do solo encharcado. As lápides brilhavam, e tudo do lado de fora da cerca ficou levemente fora de foco. Anúbis me faz sentir desequilibrada de várias maneiras, claro, mas eu reconheci esse efeito. Estávamos deslizando para o Duat — passando o cemitério em dois níveis de uma vez: o mundo de Anúbis e o meu.

Ele me levou a um sarcófago de pedra em ruínas e curvou-se respeitosamente.

"Beatrice, você liga se nós nos sentarmos?"

[11] Respiração Lamaze: Método de respiração para auxiliar uma mãe no parto.

Nada aconteceu. A inscrição no sarcófago foi desgastada séculos atrás, mas eu supus que era o lugar do repouso final de Beatrice.

“Obrigado.” Anúbis gesticulou para eu me sentar. “Ela não liga.”

“O que acontece se ela *ligar*?” me sentei um pouco apreensiva.

“O Décimo Oitavo Nomo,” Anúbis disse. “É onde você deve ir. Vlad Menshikov tem a segunda parte do Livro de Rá na gaveta no topo de sua mesa, em seu quartel-general em São Petersburgo. É uma armadilha, é claro. Ele está esperando te atrair. Mas se você quer o pergaminho, você não tem escolha. Você pode ir essa noite, antes que ele tenha tempo de reforçar suas defesas ainda mais. E Sadie, se os outros deuses descobrirem que estou te falando isso, vou estar em um grande problema.”

Eu olhei para ele. Ás vezes ele agia tanto como um adolescente, que era difícil acreditar que ele tinha milhares de anos. Acho que vinha de viver uma vida protegido no País da Morte, não afetado pela passagem do tempo. O garoto realmente precisava sair mais.

“Você está preocupado em arrumar problemas?” perguntei. “Anúbis, não que eu seja ingrata, mas nós temos problemas maiores no momento. Dois deuses possuíram meus avós. Se você quiser dar uma mão—”

“Sadie, não posso intervir.” Ele virou as palmas das mãos de frustração. “Eu te disse isso quando nos conhecemos, isso não é um corpo físico real.”

“Que desperdício.” murmurei.

“O quê?”

“Nada. Continue.”

“Posso me manifestar em lugares de morte, como esse cemitério, mas há muito pouco que eu possa fazer fora do meu território. Agora, se você já estiver morta e quiser um bom funeral, posso te ajudar, mas—”

“Oh, obrigada!”

Em algum lugar próximo, o deus babuíno rugiu. Vidros quebraram, e tijolos desmoronaram.

Minhas amigas gritaram para mim, mas os sons eram distorcidos e abafados, como se estivesse ouvindo debaixo d’água.

“Se eu for sem minhas amigas,” perguntei para Anúbis, “os deuses vão deixá-las em paz?”

Anúbis sacudiu a cabeça. “Nekhbet ataca os fracos. Ela sabe que machucar seus amigos vai te enfraquecer. Quanto a Babi, ele representa as qualidades escuras de vocês primatas: fúria assassina, força incontrolável—”

“Nós primatas?” eu disse. “Desculpa, você me chamou de uma babuína?”

Anúbis me estudou com uma espécie de admiração confusa. “Eu esqueci do quão irritante você é. Meu ponto era que ele vai te matar só pela motivo de matar.”

“E você não pode me ajudar.”

Ele me deu um olhar choroso com aqueles magníficos olhos castanhos. “Eu te disse sobre São Petersburgo.”

Deus, ele tinha uma boa aparência, e isso era *tão* irritante.

“Bem, então, deus de praticamente nada útil,” eu disse, “qualquer outra coisa antes de eu me matar?”

Ele levantou sua mão. Um estranho tipo de faca se materializou em seu punho. Tinha a forma de uma navalha Sweeney Todd: longa, curvada, e perversamente afiada ao longo da extremidade, feita de metal escuro.

“Pegue isso,” Anúbis disse. “Vai ajudar.”

“Você viu o *tamanho* do babuíno? Eu tenho que fazer a barba dele?”

“Não é para a luta com Babi ou Nekhbet,” ele disse. “Mas você vai precisar disso em breve para alguma coisa ainda mais importante. É uma lâmina *netjeri*, feito de ferro de meteoro. É usado para uma cerimônia que eu te disse uma vez — a abertura da boca.”

“Sim, bem, se eu sobreviver à essa noite, vou me garantir de aproveitar essa navalha para abrir a boca de alguém. Muito obrigada.”

Liz gritou, “Sadie!” Através da neblina do cemitério, eu vi Babi a alguns quarteirões de distância, estorvando em direção da igreja. Ele nos viu.

“Pegue o subterrâneo,” Anúbis sugeriu, me puxando de pé. “Há uma estação à metade do quarteirão ao sul. Eles não vão ser capazes de te seguir estando bem debaixo da terra. Água corrente também é boa. As criaturas do Duat são enfraquecidas ao atravessar um rio. Se você lutar contra elas, encontre uma ponte pelo Tamisa. Oh, e eu disse ao seu motorista para vir te buscar.”

“Meu motorista?”

“Sim. Ele não estava planejando te conhecer até amanhã, mas—”

Uma caixa vermelha do Correio Real foi arremessada no ar e colidiu com o prédio ao lado. Minhas amigas gritavam para eu me apressar.

“Vá,” Anúbis disse. “Me desculpe, não posso fazer mais nada. Mas feliz aniversário, Sadie.”

Ele deu um passo para frente e me beijou. Então ele derreteu em névoa e desapareceu. O cemitério ficou normal de novo — uma parte do mundo normal não cintilante.

Eu deveria ter ficado nervosa com Anúbis. Me beijar sem permissão — que nervos!

Mas eu fiquei ali, paralisada, olhando para o sarcófago desintegrado de Beatrice, até Emma gritar, “Sadie, vamos!”

Minhas amigas agarraram meus braços, e eu lembrei como correr.

Nós disparamos para a estação de metrô Canary Wharf. O babuíno rugia e esmagava através do tráfego atrás de nós. Acima, Nekhbet guinchava, “Lá vão elas! Mate-as!”

“Quem era aquele garoto?” Emma perguntou enquanto mergulhávamos na estação. “Deus, ele era quente.”

“Um deus,” murmurei. “Sim.”

Enfiei a navalha negra em minha bolsa e desci a escada rolante, meus lábios ainda formigando pelo meu primeiro beijo.

E se eu estava cantarolando “Feliz Aniversário” e sorrindo estupidamente enquanto fugia pela minha vida — bem, não era da conta de ninguém, não é?

S A D I E

8. Grandes Atrasos Na Estação de Waterloo (Pedimos Desculpas Ao Babuíno Gigante)

O metrô de Londres tinha uma acústica encantadora. O som ecoava através dos túneis, assim, enquanto nós descíamos, eu podia ouvir o barulho dos trens, os músicos tocando por moedas e, claro, o deus babuíno assassino que rugia por sangue enquanto ele pulverizava as catracas atrás de nós.

Com as ameaças de terrorismo e segurança intensificada, podia-se ter esperado alguns policiais à disposição, mas, infelizmente, não a esta hora da noite, e não nesse tipo de estação relativamente pequena. Sirenes tocaram a partir da rua acima, mas estaríamos mortos há muito tempo quando a ajuda mortal chegasse. E se a polícia tentasse atirar no babuíno enquanto ele possuía o corpo do Vovô — não. Eu me forcei a não pensar sobre isso.

Anúbis tinha sugerido que eu viajasse pelo subterrâneo. E que se eu tivesse de lutar, eu deveria encontrar uma ponte. Eu tive que ficar com esse plano.

Não havia muita escolha de trens em Canary Wharf. Felizmente, a linha Jubilee estava rodando em tempo. Fomos para a plataforma, pulamos a bordo do último vagão quando as portas estavam se fechando, e desabamos em um banco.

O trem seguiu para dentro do túnel escuro. Atrás de nós, eu não vi nenhum sinal de Babi ou Nekhbet perseguindo-nos.

“Sadie Kane,” Emma arquejou. “Você vai, por favor, nos dizer o que está acontecendo?”

Minhas pobres amigas. Eu nunca tinha colocado-as em tantos problemas, nem mesmo quando ficamos presas no vestiário masculino na escola. (Longa história, envolvendo uma aposta de cinco libras, cuecas de Dylan Quinn, e um esquilo. Talvez eu te conte mais tarde.)

Os pés de Emma estavam cortados e cheios de bolhas por correr descalça. Seu suéter rosa parecia uma pele de poodle mutilada, e seus óculos haviam perdido várias lantejoulas.

O rosto de Liz estava vermelho como se houvesse recebido um cartão de dia dos namorados. Ela tinha tirado sua jaqueta jeans, o que ela nunca fazia, já que ela estava sempre com frio. Seu top branco estava manchado de suor. Seus braços eram tão sardentos, que me lembrou das constelações de Nut, deusa do céu.

Das duas, Emma parecia mais irritada, esperando pela minha explicação. Liz parecia horrorizada, sua boca se movia como se quisesse falar, mas tivesse perdido suas cordas vocais.

Eu pensei que ela faria algum comentário sobre os deuses sanguinários nos perseguindo, mas quando ela finalmente encontrou sua voz, ela disse: “Esse menino te beijou!”

Liz tem suas prioridades bem definidas.

“Eu *vou* explicar:” eu prometi. “Sei que fui uma amiga horrível por arrastar vocês duas para isso. Mas, por favor, me dêem um minuto. Preciso me concentrar.”

“Concentrar-se em quê?” Emma indagou.

“Emma, silêncio!” Liz censurou. “Ela disse para deixá-la se concentrar.” Fechei os olhos, tentando acalmar os meus nervos.

Não foi fácil, especialmente com público. Sem o meu material, no entanto, eu estava indefesa, e não era provável que eu tivesse outra chance de recuperá-los. Pensei: *Você pode fazer isso, Sadie. É só alcançar a outra dimensão. Só abrir um rasgo no tecido da realidade.*

Estendi a mão. Nada aconteceu. Tentei de novo, e minha mão desapareceu no Duat. Liz gritou. Felizmente, não perdi minha concentração (ou minha mão). Meus dedos se fecharam em torno da cinta de minha bolsa mágica, e eu puxei-a.

Emma arregalou os olhos. “Isso foi incrível. Como você fez isso?”

Fiquei me perguntando a mesma coisa, na verdade. Dadas as circunstâncias, eu não podia acreditar que tinha conseguido apenas em minha segunda tentativa.

“É, hum... mágica,” eu disse.

Minhas colegas me encararam, perplexas e assustadas, e a enormidade dos meus problemas de repente desabou sobre mim.

Um ano atrás, Liz, Emma, e eu teríamos ido neste trem para Funland [12] ou ao cinema. Nós teríamos rido dos ridículos toques do telefone da Liz ou das fotos editadas das meninas que Emma detestava na escola. As coisas mais perigosas na minha vida tinham sido a culinária da Vovó e o temperamento do Vovô quando via minhas notas do trimestre.

Agora, Vovô era um babuíno gigante e Vovó era um abutre do mal. Minhas amigas me olhavam como se eu tivesse caído de outro planeta, o que não estava longe da verdade.

Mesmo com o meu material mágico na mão, eu não tinha ideia do que eu ia fazer. Eu não tinha mais os plenos poderes de Ísis ao meu comando. Se eu tentasse lutar com Babi e Nekhbet, eu poderia ferir meus avós e provavelmente me matar. Mas se eu não impedi-los, quem o faria? Possessão divina eventualmente mata o hospedeiro humano. Isso quase aconteceu com o tio Amós, que era um mago e sabia como se defender. Vovó e Vovô eram idosos, frágeis e muito “não-mágicos.” Eles não tinham muito tempo.

Desespero — muito pior do que as asas da deusa abutre — despencou sobre mim.

[12] Funland: Local em Londres com jogos Hi-tech, simuladores de boliche e etc.

Eu não sabia que estava chorando até Liz colocar a mão no meu ombro. “Sadie, querida, pedimos desculpa. É apenas... um pouco estranho, sabe? Diga-nos qual é o problema. Deixe-nos ajudar.”

Minha respiração estava instável. Eu sentia tanta falta das minhas colegas. Eu sempre as achei um pouco estranhas, mas agora elas pareciam alegres e normais, parte de um mundo que não era mais meu. Ambas estavam tentando bancar as corajosas, mas eu sabia que elas estavam apavoradas por dentro. Eu gostaria de deixá-las, escondê-las, mantê-las fora de perigo, mas me lembrei do que tinha dito Nekhbet: *Elas vão se tornar aperitivos encantadores*. Anúbis tinha advertido que a deusa abutre ia caçar as minhas amigas e machucá-las apenas para me atingir. Pelo menos se elas estivessem comigo, eu poderia tentar protegê-las. Eu não queria arruinar suas vidas do jeito que a minha foi arruinada, mas eu devia a elas a verdade.

“Isso pode soar absolutamente maluco,” eu avisei.

Eu contei-lhes a versão mais curta possível de porque eu deixei Londres, como os deuses egípcios tinham escapado no mundo e como eu descobri minha ascendência como uma maga. Eu disse a elas sobre a nossa luta com Set, a ascensão de Apófis, e nossa idéia insana para despertar o deus Rá.

Duas estações passaram, mas eu me senti tão bem ao contar a história às minhas amigas que eu perdi a noção do tempo.

Quando eu terminei, Liz e Emma se entreolharam, sem dúvida, procurando como dizer delicadamente que eu estava maluca.

“Eu sei que parece impossível,” eu disse, “mas...”

“Sadie, acreditamos em você,” disse Emma.

Eu pisquei incrédula. “Acreditam?”

“Claro que sim.” O rosto de Liz estava corado, do jeito que ela fica depois de vários passeios de montanha russa. “Eu nunca ouvi você falar sobre qualquer coisa tão a sério. Você... você mudou.”

“É só que eu sou uma maga agora, e... e eu não posso acreditar no quanto isso soa estúpido.”

“É mais do que isso” Emma estudava meu rosto como se eu estivesse me transformando em algo assustador “Você parece mais velha. Mais madura.”

A voz dela estava com um toque de tristeza, e eu percebi que minhas amigas e eu estávamos nos distanciando. Era como se nós estivéssemos em lados opostos de um largo abismo, e eu tinha a triste certeza de que a fenda estava grande demais para que eu pulasse para o outro lado.

“Seu namorado é maravilhoso,” Liz acrescentou, provavelmente pra me animar.

“Ele não é meu...” Eu parei. Não havia como convencer Liz. Além disso, eu estava tão confusa sobre Anúbis que nem sabia por onde começar.

O trem desacelerou. Eu vi o letreiro da estação de Waterloo.

“Oh deus” Eu disse “Eu devia ter saído na London Bridge, eu preciso de uma ponte!”

“Não podemos voltar?” Liz perguntou.

Um rugido no túnel atrás de nós respondeu a pergunta. Eu vi um corpo enorme com um pêlo prateado brilhante galopando ao longo dos trilhos. Seu pé tocou o metal do trilho e faíscas voaram, mas o deus babuíno se moveu pesadamente, inabalado. Quando o trem freou, Babi começou a ganhar terreno.

“Sem volta,” Eu disse. “Vamos ter de fazer isso na Ponte de Waterloo.”

“Ela está a quase um quilômetro da estação!” Liz protestou “E se ele nos alcançar?”

Eu vasculhei minha mochila e peguei meu novo cajado. Instantaneamente ele se expandiu até sua extensão total. O leão entalhado na ponta resplandecia com uma luz dourada. “Então eu acho que teremos de lutar.”

Devo descrever a estação de Waterloo como ela era antes ou depois de destruirmos ela? O pátio principal era enorme, tinha um piso de mármore polido, varias lojas, quiosques e um teto de vidro com vigas que era alto o suficiente para que um helicóptero voasse tranquilamente sob ele.

Rios de pessoas entravam e saiam, misturavam-se, separavam-se e ocasionalmente colidiam enquanto iam em direção as diversas escadas rolantes e plataformas.

Quando eu era pequena a estação me apavorava. Eu temia que o gigante relógio vitoriano suspenso no teto caísse e me esmagasse. As vozes dos locutores eram muito altas (eu prefiro ser a coisa mais barulhenta no ambiente em que estou, obrigada). As massas de trabalhadores embaixo das tabuas de partida, procurando por seus trens me lembravam uma multidão em um filme de zumbi que, eu admito, não devia ter assistido ainda criança, mas eu sempre fui muito precoce.

De qualquer forma, minhas colegas e eu estávamos correndo pela estação principal, empurrando todos em nosso caminho até a saída mais próxima, quando uma escadaria atrás de nós explodiu.

A multidão se dispersou quando Babi escalou a alvenaria. Empresários gritavam, deixando cair suas maletas e correndo por suas vidas. Liz, Emma e eu nos esprememos contra a parede de um quiosque para evitar sermos pisoteadas por um grupo de turistas gritando em italiano.

Babi uivou. Seu pêlo estava coberto de sujeira e fuligem de sua corrida pelo túnel. O casaco de malha do Vovô estava em frangalhos em seu braço, mas miraculosamente seus óculos continuavam em seu rosto.

Ele cheirou o ar, provavelmente tentando captar meu cheiro. Então uma sombra negra passou por cima de sua cabeça.

“Aonde esta indo, Sadie Kane?” Guinchou Nekhbet. Ela disparou pelo terminal, descendo até a já aterrorizada multidão. “Você vai fugir da luta? Você não tem honra!”

A calma voz de um locutor ecoou pelo terminal “O trem das 8:02 para Basingstoke chegará pela plataforma três.”

“ROOOAR!” Babi bateu numa estatua de bronze de alguém famoso e arrancou sua cabeça. Um policial correu armado com uma pistola. Antes que eu pudesse gritar pra que ele parasse, ele atirou em Babi. Liz e Emma gritaram, A bala ricocheteou no pêlo de Babi como se ele fosse feito de titânio e quebrou um letreiro do Mcdonalds. O policial desmaiou.

Eu nunca tinha visto tantas pessoas esvaziarem o terminal tão rápido. Eu cheguei a pensar em segui-los, mas decidi que seria muito perigoso. Eu não podia deixar esses deuses insanos matarem centenas de pessoas apenas porque eu estava entre elas; e se tentássemos nos juntar ao êxodo, apenas seriamos presas ou pisoteadas pelas pessoas em sua fuga desesperada.

“Sadie, olha!” Liz apontou para cima e Emma gemeu.

Nekhbet deslizou pela viga mestra e lá se empoleirou com os pombos. Ela olhou para baixo e gritou para Babi “Ela está aqui, meu caro! Aqui!”

“Eu queria que ela se calasse” eu resmunguei.

“Ísis foi tola ao escolher você” Nekhbet gritou “Eu vou comer suas entranhas”

“ROOOAR!” Disse Babi, concordando vigorosamente.

“O trem das 8:14 para Brighton está atrasado” disse o locutor “Nós pedimos desculpas pela inconveniência”

Babi nos viu. Seus olhos ardiam em uma fúria primitiva, mas eu também vi algo do vovô em sua expressão. O jeito que ele enrugou as sobrancelhas e projetou o queixo do mesmo jeito que o vovô fazia quando ficava zangado com a televisão e gritava com os jogadores de rúgbi. Ver essa expressão no deus babuíno quase me fez perder a coragem.

Eu não iria morrer aqui. Eu não iria deixar esses dois deuses repulsivos machucarem minhas amigas e matarem meus avós.

Babi veio devagar em nossa direção. Agora que ele nos achara, não tinha nenhuma pressa em nos matar. Ele deu um profundo latido da esquerda para a direita, como se estivesse convidando, chamando amigos para o jantar. Emma cravou os dedos em meu braço e Liz sussurrou “Sadie...?”

A multidão já tinha se dispersado quase completamente. Nenhum policial a vista. Talvez tenham fugido ou talvez estivessem todos indo para Canary Wharf sem perceber que o problema estava aqui agora.

"Nós não vamos morrer" prometi à minhas colegas "Emma, segure meu cajado."

"Seu... ah, certo!" Ela pegou o cajado cautelosamente como se eu a tivesse dado um lança-foguetes, o que eu suponho que poderia ser com a magia adequada.

"Liz," eu ordenei, "Fique de olho no babuíno."

"Vigiando o babuíno." Ela disse. "Meio difícil perder isso de vista."

Eu vasculhei minha bolsa mágica, fazendo um inventário desesperado. Varinha... Boa para defesa, mas para dois deuses de uma vez eu precisava de algo melhor. Filhos de Hórus e um giz mágico... esse não era o melhor lugar para desenhar um circulo de proteção. Eu tinha que chegar até a ponte. Eu precisava arrumar tempo pra sair do terminal.

"Sadie..." Liz avisou.

Babi pulou no telhado de uma loja de produtos de beleza. Ele rugiu e babuínos menores começaram a aparecer vindo de todas as direções — escalando as cabeças dos passageiros em fuga, balançando nas vigas e pulando nas escadarias das lojas. Havia dúzias deles, todos vestindo camisas de basquete pretas e prateadas. O basquete era o esporte internacional dos babuínos?

Até hoje, eu havia encontrado poucos babuínos. Os que eu conheci, como Khufu e seus sociáveis amigos, eram os animais sagrados de Tot, deus do conhecimento. Eles geralmente eram sensatos e prestativos. Eu suspeitei, entretanto, que a tropa de babuínos de Babi era totalmente diferente. Eles tinham pêlo vermelho-sangue, olhos selvagens e presas que fariam um tigre dente-de-sabre se sentir humilhado.

Eles se aproximavam, rosnando enquanto se preparavam para atacar.

Eu tirei um bloco de cera da minha bolsa — não, não tenho tempo para moldar um *shabti*. Dois amuletos *tyet,* a marca sagrada de Ísis — ah, esses podem ser úteis. Então eu achei um frasco de vidro fechado com uma rolha que eu havia me esquecido. Dentro havia uma lama escura: minha primeira tentativa de fazer uma poção. Isso ficou no fundo da minha bolsa por anos, porque eu nunca tinha estado desesperada o suficiente para testá-lo.

Eu sacudi a poção. O liquido brilhou com uma pálida luz verde. A lama se agitou lá dentro. Eu abri o vidro. Aquilo cheirava pior que Nekhbet

"O que é isso?" Liz perguntou.

"Repugnante," Eu disse. "Pergaminho de animação misturado com óleo, água, e alguns ingredientes secretos. Temo que tenha ficado um pouco espesso."

"Animação?" Emma perguntou "Você vai invocar desenhos?"

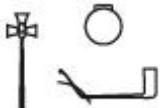
“Seria ótimo,” Eu admiti. “Mas isso vai ser um pouco mais perigoso. Se eu fizer isso certo eu poderei absolver uma grande quantidade de magia sem entrar em combustão.”

“E se você errar?” Liz perguntou.

Eu entreguei a cada uma delas um amuleto de Ísis “Segurem isso. Quando eu disser *corram,* vão para um ponto de táxi. Não parem.”

“Sadie,” Emma Protestou “Porque diabos—”

Antes que eu perdesse a coragem, engoli a poção.

Acima de nós Nekhbet cacarejou. “Desista, você não pode se opor a nós!” A sombra de suas asas pareceu se estender até cobrir todo o pátio, fazendo o último dos passageiros fugir e fazendo meu corpo pesar com o medo. Eu sabia que aquilo era só uma magia, mas a tentação de me entregar a uma morte rápida era avassaladora.

Alguns babuínos se distraíram com o cheiro de comida e foram para o McDonald’s. Vários outros estavam perseguindo um condutor de trem, batendo nele com rolos de revistas de moda.

Infelizmente, a maioria deles ainda estava focada em nós. Eles fizeram um largo anel ao redor do quiosque. De sua central de comando no topo da loja de produtos de beleza Babi uivou — um claro comando para atacar.

Então a poção atingiu minhas vísceras. Magia corria pelo meu corpo. Minha boca estava como se eu tivesse engolido um sapo morto, mas agora eu entendia porque as poções eram tão populares entre os magos antigos.

O feitiço de animação, que teria me tomado dias para escrever e pelo menos uma hora para lançar, estava agora ardendo em minha corrente sanguínea. Energia fluía na ponta dos meus dedos. Meu único problema era canalizar a magia, me certificando de que ela não me queimasse como uma batata frita.

Eu chamei Ísis do melhor jeito que pude, tocando seu poder para me ajudar a dar forma ao encantamento. Eu imaginei o que eu queria e a palavra de poder adequada surgiu em minha mente: *Protect. N’dah.* Eu liberei a magia. Um hieróglifo dourado apareceu na minha frente, como se estivesse queimando.

Uma oscilante luz dourada ondulou pelo pátio. A tropa de babuínos hesitou. Babi tropeçou no telhado da loja. Até Nekhbet Piou e hesitou sobre as vigas do teto.

Por toda estação, objetos inanimados começaram a se mover. Mochilas e pastas subitamente começaram a voar. Prateleiras de revistas, chicletes, balas e diversas bebidas geladas explodiam das lojas para atacar a tropa de babuínos. A cabeça de bronze decepada disparou do nada e atingiu o peito de Babi, jogando-o para os fundos da loja. Um tornado rosa

de jornais *Financial Times* rodou em direção ao teto. Eles tragaram Nekhbet, que tropeçou e caiu cegamente de sua viga, gritando em um turbilhão de rosa e preto.

"Corram!" Eu disse para as minhas amigas. Nós corremos para a saída, costurando entre os babuínos que estavam ocupados demais para nos impedir. Um deles estava sendo esmurrado por meia dúzia de garrafas de água brilhante. Outro estava rechaçando uma pasta e vários BlackBerrys kamikase.

Babi tentou se levantar, mas um turbilhão de produtos da loja de cosméticos sugiu ao redor dele — loções, esponjas e xampus estavam todos o golpeando, espirrando nos seus olhos e tentando maquia-lo. Ele berrou em fúria, escorregou e caiu de volta à loja em ruínas. Eu duvidava que minha magia fizesse algum dano permanente aos deuses, mas podia deixá-los ocupados por alguns minutos.

Liz, Emma e eu saímos do terminal. Com a estação completamente evacuada, eu não esperava que houvesse algum táxi no ponto, e realmente o meio-fio estava deserto. Eu me resignei em correr todo o caminho até a Ponte de Waterloo, já que Emma estava descalça e a poção tinha me deixado enjoada.

"Olhem!" disse Liz.

"Oh, muito bem feito, Sadie." Disse Emma.

"O quê?" Perguntei. "O que eu fiz?"

Então eu vi o chofer — um homem extremamente baixo, mal vestido parado no fim da rua, usando uma roupa preta e segurando um letreiro onde se lia: KANE.

Eu supus que minhas amigas acharam que eu o havia convocado por magia. Antes que eu pudesse lhes corrigir, Emma disse "Vamos!" e elas correram em direção ao homenzinho. Eu não tinha escolha se não segui-las. Eu me lembrei do que Anúbis disse sobre mandar meu "motorista" me pegar. Eu imaginei que este devia ser ele, mas quanto mais perto chegava, menos ansiosa estava para conhecê-lo.

Ele tinha metade do meu tamanho, era mais robusto que meu tio Amós, e mais feio que qualquer um na Terra. Seu rosto parecia o de um neandertal. Abaixo de sua única sobrancelha, havia um olho maior que o outro. Parecia que sua barba havia sido usada para limpar panelas engorduradas. Sua pele estava cheia de espinhas e verrugas, seu cabelo parecia um ninho de pássaros que fora queimado e então pisoteado.

Quando ele me viu, franziu o cenho, o que não ajudou a melhorar sua aparência.

"Bem a tempo." Seu sotaque era americano. Ele cuspiu em seu punho, e o cheiro de curry quase me fez desmaiar "A amiga de Bastet? Sadie Kane?"

"Hum... Possivelmente" Eu decidi ter uma conversa seria com Bastet sobre seu circulo de amizades. "A propósito, há dois deuses tentando nos matar."

O homenzinho verruguento estalou os lábios, claramente não estava impressionado. “Imagino que você queira chegar a uma ponte, então.”

Ele se virou para o meio-fio e gritou “BOO!”

Uma limusine Mercedes preta surgiu do nada.

O chofer olhou para trás e arqueou a sua sobrancelha “Bem, entrem!”

Eu nunca estive um uma limusine antes. Eu espero que a maioria delas seja melhor que a nossa. O banco de trás estava repleto de recipientes de curry, papéis velhos, sacos de batatas fritas e várias meias sujas. Mesmo assim, Emma, Liz e eu nos amontoamos no lado de trás, já que nenhuma se atreveu a ir na frente.

Você pode pensar que eu estava louca ao entrar num carro com um homem estranho. Você está certo, é claro. Mas Bastet me prometeu ajuda e Anúbis me disse para esperar meu motorista. O fato de que nossa ajuda era um baixinho de higiene ruim e com uma limusine mágica não foi muito surpreendente. Eu já vi coisas mais estranhas.

Alem do mais, eu não tinha muita escolha. O efeito da poção havia passado, e o esforço de usar tanta magia me deixou enjoada e de pernas bambas. Eu não tinha certeza se eu poderia ir andando até a Ponte de Waterloo sem desmaiar.

O chofer pisou fundo e saímos da estação. A polícia a havia cercado, mas nossa limusine passou pelas barricadas, um grupo de vans da BBC, uma multidão de espectadores, e ninguém prestou nenhuma atenção em nós.

O chofer começou a assobiar uma melodia que parecia com a de “Short People.” Sua cabeça mal chegava ao apoio de cabeça do banco. Tudo o que eu podia ver dele era um ninho de cabelo sujo e um conjunto de mãos peludas no volante.

Preso no quebra-sol estava um cartão de identificação com sua imagem — ou algo parecido. Ela havia sido tirada à queima-roupa, mostrando apenas um nariz fora-de-foco e uma boca horrível, como se ele tivesse tentado comer a câmera. O cartão dizia: Seu motorista é BES.

“Você é Bes, eu suponho.” eu disse.

“Sim.” disse ele.

“Seu carro é uma bagunça.” murmurou Liz.

“Se alguém mais rimar,” Emma resmungou. “Eu vou vomitar.” [13]

---

[13] Diálogo em Inglês:
“You’re Bes, I guess?” I said.
“Yes,” he said.
“Your car’s a mess,” Liz muttered.
Em Inglês as palavras Bes, guess, yes e mess rimam, o que não acontece ao traduzi-las para o português, daí o sentido para a afirmação de Emma. (N.T.)

“É Sr. Bes?” Eu perguntei, tentando colocar o seu nome da mitologia egípcia. Eu tinha quase certeza de que não tinha um deus dos motoristas. “Lorde Bes? Bes o Extremamente Baixo?”

“Só Bes,” ele resmungou. “Com um S. E não, esse NÃO é um nome feminino. Chame-me de Bessie, e eu vou ter que matar vocês. Quanto a ser pequeno, eu sou o deus anão, então o que você esperava? Oh, há uma garrafa d’agua lá atrás se você estiver com sede.”

Olhei para baixo. Rolando sobre os meus pés estavam duas garrafas parcialmente vazias de água. Uma delas tinha batom na tampa. A outra parecia que tinha sido mastigada.

“Não estou com sede,” eu decidi.

Liz e Emma murmuraram em acordo. Fiquei surpresa, não estavam absolutamente catatônicas após os eventos da noite, mas, novamente, elas eram *minhas* colegas. Eu não saio com meninas de vontade fraca, saio? Mesmo antes de eu descobrir a magia, era necessária uma constituição forte e uma quantidade razoável de adaptação para ser minha amiga. [Não faça comentarios, Carter.]

Veículos da polícia estavam bloqueando a Ponte de Waterloo, mas Bes desviou deles, pulou no pavimento, e continuou dirigindo. A polícia nem piscou.

“Estamos invisíveis?” Eu perguntei.

“Para a maioria dos mortais.” Bes arrotou. “Eles são muito estúpidos, não são? Exceto a companhia presente e etc.”

“Você é realmente um deus?” Liz perguntou.

“Enorme,” disse Bes. “Sou *enorme* no mundo dos deuses.”

“Um enorme deus dos anões,” Emma ficou admirada. “Você quer dizer como Branca de Neve, ou—”

“Todos os anões.” Bes acenou com a mão efusivamente, o que me deixou um pouco nervosa. “Egípcios eram inteligentes. Eles honravam pessoas que nasciam incomuns. Anões eram considerados extremamente mágicos. Então sim, eu sou o deus dos anões.”

Liz limpou a garganta. “Não há um termo mais educado que é suposto que se use hoje em dia? Como... pessoa pequena, ou verticalmente deficiente, ou—”

“Eu não vou chamar a mim mesmo de o deus das pessoas verticalmente deficientes,” resmungou Bes. “Eu sou um anão! Agora, aqui estamos nós, na hora certa.”

Ele virou o carro em uma parada no meio da ponte. Olhando para trás, eu quase perdi o conteúdo de meu estômago. Uma forma de asas negras estava sobrevoando o rio. No final da ponte, Babi estava cuidando da barricada do seu próprio modo. Ele estava jogando carros da polícia no rio Thames, enquanto os oficiais se dispersavem e disparararavam suas armas, embora as balas pareciam não ter efeito sobre o pelo de aço do deus babuíno.

“Por que paramos?” Emma perguntou.

Bes levantou-se no seu assento e esticou-se, o que ele podia fazer facilmente. “É um rio,” disse ele. “Bom local para combater os deuses. Toda a força da natureza que corre sob os nossos pés torna difícil ficar ancorados no mundo mortal.”

Olhando mais de perto, pude ver o que ele queria dizer. Seu rosto estava brilhando como uma miragem.

Um caroço se formou na minha garganta. Este era o momento da verdade. Eu me senti mal por causa da poção e do medo. Eu não tinha certeza se eu tinha magia suficiente para combater esses dois deuses. Mas eu não tinha escolha.

“Liz, Emma,” eu disse. “Nós estamos saindo.”

“Sa...indo?” Liz choramingou.

Emma engoliu a seco. “Tem certeza—?”

“Eu sei que você está com medo,” Eu disse, “mas você precisa fazer exatamente o que eu digo.”

Elas acenaram hesitantes e abriram as portas do carro. Coitadas. Mais uma vez eu gostaria de tê-las deixado para trás, mas, honestamente, depois de ver os meus avós sendo possuídos, eu não podia suportar a ideia de deixar as minhas amigas fora da minha vista.

Bes reprimiu um bocejo. “Precisa da minha ajuda?”

“Hum...”

Babi estava cambaleando em nossa direção. Nekhbet descrevia círculos em cima dele, gritando ordens. Se o rio estava lhes afetando, eles não mostram isso.

Eu não vejo como um deus anão poderia ficar contra os dois, mas eu disse, “Sim. Preciso de ajuda.”

“Certo.” Bes estralou seus dedos. “Então saia.”

“O quê?”

“Eu não posso trocar de roupa com você no carro, posso? Eu tenho que colocar minha roupa feia.”

“Roupa feia?”

“Vão!” O anão ordenou. “Eu sairei em um minuto.”

Não precisou de muito estímulo. Nenhuma de nós queria ver mais de Bes do que o necessário. Saímos, e Bes fechou as portas atrás de nós. A película das janelas era muito escura, então eu não podia ver o que acontecia dentro do carro, mas aposto que Bes deveria estar relaxando e ouvindo música enquanto nós éramos massacradas. Eu certamente não tinha muita esperança que mudar de roupa fosse ajudar para derrotar Nekhbet e Babi.

Olhei para minhas companheiras assustadas, então os dois deuses investiram em nossa direção.

“Nós vamos fazer a nossa resistência final aqui.”

“Oh, não, não,” disse Liz. “Eu realmente não gosto do termo ‘resistência *final.*’”

Eu vasculhei minha bolsa e tirei um pedaço de giz e as estátuas dos quatro filhos de Hórus. “Liz, ponha as estátuas nos pontos cardeais Norte, Sul — e assim por diante. Emma pegue o giz. Desenhe um círculo conectando as estátuas. Temos apenas alguns segundos.”

Eu troquei o giz pelo meu cajado, então tive uma sensação horrível de déjà vu. Eu tinha acabado de dar ordens para minhas amigas agirem, exatamente como Zia Rashid tinha me ordenado na primeira vez que tínhamos enfrentado um deus inimigo juntas.

Eu não queria ser como Zia. Por outro lado, percebi pela primeira vez, quanta coragem ela deve ter tido para enfrentar uma deusa protegendo ao mesmo tempo dois completos novatos. Eu odeio dizer isso, mas me deu um novo respeito por ela. Queria ter sua coragem.

Eu levantei meu cajado e minha varinha e tentei me concentrar. O tempo pareceu desacelerar. Estendi meus sentidos até que eu estava consciente de tudo ao meu redor — Emma rabiscando com giz para terminar o círculo, o coração de Liz batendo muito rápido, os maciços pés de Babi batendo na ponte enquanto corria em direção a nós, o Thames fluindo debaixo da ponte, e as correntes do Duat fluindo ao meu redor poderosamente.

Bastet me disse uma vez que o Duat era como um oceano de magia sob a superfície do mundo mortal. Se isso era verdade, então este lugar — uma ponte sobre a água em movimento — era como um cruzamento de correntes. Magia flui mais fortemente aqui. Poderia afogar os desavisados. Até mesmo os deuses poderiam ser varridos.

Eu tentei ancorar-me concentrando na paisagem ao meu redor. Londres era minha cidade. Daqui eu podia ver tudo — as Casas do Parlamento, o London Eye, e até mesmo a agulha de Cleópatra na Victoria Embankment, onde minha mãe tinha morrido. Se falhasse agora, tão perto de onde minha mãe tinha feito sua última magia — Não. Eu não podia deixar isso chegar a esse ponto.

Babi estava a apenas um metro de distância quando Emma terminou o círculo. Eu toquei o giz com meu cajado, e uma luz dourada irrompeu do círculo.

O deus babuíno bateu em meu campo de força como se fosse uma parede de metal. Ele cambaleou para trás. Nekhbet afastou-se no último segundo e voou em torno de nós, grasnando em frustração.

Infelizmente, o círculo de luz começou a piscar. Minha mãe me ensinou quando eu era jovem: para cada ação há uma reação igual e oposta. Que se aplicam à magia, bem como ciência. A força do ataque de Babi me deixou vendo manchas pretas. Se ele atacasse novamente, eu não tinha certeza se eu poderia manter o círculo.

Eu me perguntava se eu deveria sair dele, tornando-me o alvo. Se eu canalizasse alguma energia para o círculo antes, ele poderia se manter por um tempo, mesmo se eu morresse. Pelo menos, meus amigos iam viver.

Zia Rashid tinha provavelmente pensado a mesma coisa no último Natal, quando ela saiu do seu círculo para proteger Carter e eu. Ela realmente tinha sido corajosa.

"Aconteça o que acontecer comigo," eu disse às minhas amigas, "permaneçam dentro do círculo."

"Sadie," Emma disse, "Eu conheço esse tom de voz. O que quer que você esteja planejando, não faça."

"Você não pode nos deixar," Liz defendeu. Então ela gritou para Babi em uma voz esganiçada: "V-Vá embora, seu macaco horroroso coberto de espuma! Minha amiga aqui não quer destruí-lo, mas — mas ela vai!"

Babi rosnou. Ele *estava* coberto de espuma, graças ao ataque na loja de produtos de beleza, e seu cheiro estava maravilhoso. Várias cores diferentes de espuma de xampu e sais de banho estavam emaranhadas na sua pele prateada.

Nekhbet não tinha se saído tão bem. Ela estava empoleirada no topo de um poste nas proximidades, parecendo como se tivesse sido esmurrada por todos os pratos do *West Cornwall Pasty Company*[14]. Pedaços de presunto, queijo e batata frita estavam presos em seu manto de penas, testamento das bravas tortas de carne encantadas que tinham dado suas breves vidas para atrasá-la. Seu cabelo estava decorado com garfos de plástico, guardanapos e pedaços de papel de jornal rosa. Ela parecia muito interessada em me fazer em pedaços.

A única boa notícia: os capangas de Babi, evidentemente, não tinham saído da estação de trem. Eu imaginei uma tropa de babuínos empurrados contra viaturas policiais e algemados. Isso levantou meu ânimo um pouco.

Nekhbet rosnou. "Você nos surpreendeu na estação, Sadie Kane. Eu admito que foi bem feito. E nos trazendo nesta ponte — boa tentativa. Mas nós não somos tão fracos. Você não tem força para lutar contra nós por mais tempo. Se você não pode nos derrotar, você não tem como levantar Rá."

"Você deveria estar me ajudando," eu disse. "Não tentando me impedir."

"*Uhh!*" Babi latiu.

"De fato," concordou a deusa abutre. "Os fortes sobrevivem sem ajuda. Os fracos devem ser abatidos e comidos. Qual deles é você, criança? Seja honesta."

A verdade? Eu estava prestes a cair. A ponte parecia estar girando abaixo de mim. Sirenes soavam em ambas as margens do rio. Mais policiais chegaram às barricadas, mas por agora, não fizeram nenhum esforço para avançar.

Babi arreganhou os dentes. Ele estava tão perto que eu podia sentir o cheiro de xampu de seu pelo e seu hálito horrível. Então eu olhei para os óculos do vovô ainda presos na sua cabeça, e toda a minha raiva voltou.

[14] West Cornwall Pasty Company é uma rede de fast food do Reino Unido que vende pastéis/ pastelões. (N.T.)

“Teste-me,” eu disse. “Eu sigo o caminho de Ísis. Fique no meu caminho, e eu vou te destruir.”

Eu consegui iluminar meu cajado. Babi deu um passo atrás. Nekhbet vibrou em seu poste. Sua forma brilhou por alguns instantes. O rio os estava enfraquecendo, soltando a sua ligação ao mundo dos mortais, como interferência em uma linha de celular. Mas não era o suficiente.

Nekhbet deve ter visto o desespero na minha cara. Ela era um abutre. Ela se especializou em saber quando a presa estava acabada.

“Uma boa última tentativa criança,” disse ela, quase com gratidão, “mas você não tem mais nada. Babi, ataque!”

O deus babuíno levantou-se sobre as patas de trás. Eu me preparei para carregar e liberar uma explosão final de energia — usando minha própria fonte de vida na esperança de vaporizar os deuses. Eu tinha que ter certeza que Liz e Emma sobreviveriam.

Então a porta da limusine se abriu atrás de mim. Bes anunciou: “Ninguém vai atacar ninguém! Exceto por mim, é claro.”

Nekhbet gritou alarmada. Virei-me para ver o que estava acontecendo. Imediatamente, eu desejei que pudesse queimar meus olhos e arrancá-los.

Liz gaguejou. “Senhor, não! Isso é *crime*!”

“*Agh!*” Emma gritou, em uma perfeita fala de babuíno. “Faça-o parar!”

Bes tinha realmente vestido a sua roupa feia. Ele subiu no telhado da limusine e parou ali, pernas retas, braços cruzados, como Superman — exceto que somente com roupa de baixo.

Para aqueles de coração fraco, não vou entrar em grandes detalhes, mas Bes, em todo seu um metro de altura, estava mostrando seu fisico nojento — sua barriga proeminente, pernas peludas, os pés horríveis, tudo um pouco flácido — e vestindo apenas um Speedo[15] azul. Imagine a pessoa mais feia que você já viu numa praia pública, a pessoa para quem roupa de banho deveria ser ilegal. Bes parecia pior do que isso.

Eu não sabia o que dizer, exceto: “Ponha alguma roupa!”

Bes riu — o tipo de gargalhada que diz *Ha-ha! Eu sou incrível!*

“Não até que eles saiam,” disse ele. “Ou vou ser obrigado a assustá-los de volta ao Duat.”

“Isso não é da sua conta, deus anão!” Nekhbet rosnou, desviando os olhos de sua horripilância. “Vá embora!”

“Essas crianças estão sob minha proteção,” insistiu Bes.

“Eu não sei você,” disse. “Eu não conhecia você antes de hoje.”

“Bobagem. Você expressamente pediu por minha proteção.”

“Eu não pedi por um Patrulheiro Speedo!”

[15] Marca de roupas de banho, no caso, provavelmente uma sunga. (N.T.)

Bes saltou da limusine e pousou na frente do meu círculo, colocando-se entre Babi e eu. O anão era ainda mais terrível por trás. Suas costas eram tão peludas que parecia um casaco de vison. E atrás da Speedo estava impresso *orgulho anão*.

Bes e Babi circulavam-se, como lutadores. O deus babuíno tentou goupear Bes, mas o anão era ágil. Ele subiu pelo peito Babi e deu-lhe uma cabeçada no nariz. Babi cambaleou para trás enquanto o anão continuou martelando-o, usando seu rosto como uma arma mortal.

"Não o machuque!" Eu gritei. "É o meu avô lá!"

Babi caiu contra o parapeito. Ele piscou, tentando se orientar, mas Bes soprou sobre ele, e o cheiro de curry deve ter sido demais. Os joelhos do babuíno fraquejaram. Seu corpo brilhou e começou a contrair-se. Ele entrou em colapso na calçada e derreteu-se em um pensionista atarracado de cabelos brancos em um casaco esfarrapado.

"Vovô," eu não aguentei. Deixei o círculo de proteção e corri para seu lado.

"Ele vai ficar bem," prometeu Bes. Então ele se virou em direção à deusa abutre. "Agora é sua vez, Nekhbet. *Sáia*!"

"Eu roubei esse corpo de forma justa," ela lamentou. "Eu gosto de estar nele!"

"Você pediu por isso." Bes esfregou as mãos, respirou fundo, e fez algo que nunca serei capaz de apagar da minha memória.

Eu poderia simplesmente dizer que ele fez uma careta e gritou BOO, o que seria tecnicamente correto, mas não seria nem começar a transmitir o horror.

Sua cabeça inchou. Sua mandíbula desarticulou-se até sua boca ter quatro vezes o tamanho anterior. Seus olhos se arregalaram como toranjas. Seus cabelos se arrepiaram para cima, como os de Bastet. Ele balançou a cara, sacudiu sua viscosa língua verde e rugiu *BOOO!* tão alto que o som ecoou nos Thames, como um tiro de canhão. Esta explosão de pura feiúra soprou as penas Nekhbet e drenou toda a cor de seu rosto. Ele arrancou a essência da deusa como papel de seda em uma tempestade. A única coisa que sobrou foi uma mulher velha tonta em um vestido estampado de flores, de cócoras sobre o poste.

"Oh, querida..." Vovó desmaiou.

Bes pulou e a pegou antes que ela pudesse cair no rio. O rosto do anão voltou ao normal — bem pelo menos seu nivel normal de feiúra — quando ele deitou a vovó na calçada ao lado do vovô.

"Obrigado," eu disse a Bes. "Agora, por favor você poderia colocar uma roupa?"

Ele me deu um sorriso cheio de dentes, eu poderia viver sem isso. "Está tudo bem, Sadie Kane. Vejo porque Bastet gosta de você."

"Sadie?" Meu avô gemeu, as suas pálpebras abertas tremulando.

"Estou aqui, vovô." Acariciei sua testa. "Como você se sente?"

“Com um estranho desejo de comer mangas.” Ele ficou vesgo. “E, possivelmente, insetos. Você... que nos salvou?”

“Não realmente,” eu admiti. “Meu amigo aqui—”

“Certamente ela te salvou,” disse Bes. “Menina corajosa que é esta aqui. Uma ótima Maga.”

Vovô focou-se em Bes e fez uma careta. “Deuses egípcios despresíveis em suas infames roupas de banho reveladoras demais. É por isso que não fazemos magia.”

Eu suspirei de alívio. Depois que Vovô começou a reclamar, eu sabia que ia dar tudo certo. Vovó ainda estava desmaiada, mas a respiração dela parecia estável. A cor foi voltando ao seu rosto.

“Nós devemos ir,” disse Bes. “Os mortais estão prontos para invadir a ponte.”

Olhei para as barricadas e vi o que ele quis dizer. Uma equipe estava reunida — homens armados com fuzis, lança-granadas e provavelmente muitos outros brinquedos divertidos que poderiam nos matar.

“Liz, Emma!” Eu chamei. “Ajudem-me com os meus avós.”

Minhas amigas correram e começaram a ajudar Vovô a sentar, mas Bes disse: “Eles não podem vir.”

“O quê?” Eu exigi. “Mas você disse—”

“Eles são mortais,” disse Bes. “Eles não pertencem a essa busca. Se nós vamos obter o segundo pergaminho de Vlad Menshikov, precisamos ir embora *agora*.”

“Você sabe sobre isso?” Então me lembrei que ele tinha falado com Anúbis.

“Seus avós e amigos estarão mais seguros aqui,” disse Bes. “A polícia vai interrogá-los, mas eles não vão ver pessoas idosas e crianças como uma ameaça.”

“Nós não somos crianças,” Emma resmungou.

“Abutres...” Vovó sussurrou em seu sono. “Tortas de Carne...”

Vovô tossiu. “O anão está certo, Sadie. Vá. Eu estarei bem em um momento, mas é uma pena que esse babuíno não me deixou um pouco do seu poder. Não me sentia tão forte á anos.”

Olhei para os meus avós e amigas. Meu coração parecia que estava sendo esticado em mais direções que o rosto de Bes. Eu percebi que o anão estava certo: eles estariam mais seguros aqui diante de uma equipe de assalto do que com a gente. E percebi, também, que eles não pertenciam a uma busca mágica. Meus avós tinham escolhido há muito tempo não usar suas habilidades ancestrais. E minhas amigas eram apenas mortais — corajosas, loucas, ridículas, mortais maravilhosas. Mas elas não podiam ir para onde eu tinha que ir.

“Sadie, tudo bem.” Emma ajeitou os óculos quebrados e tentou dar um sorriso. “Nós podemos lidar com a polícia. Não será a primeira vez que tive que fazer alguns improvisos, hein?”

“Nós vamos cuidar de seus avós.” Liz prometeu.

“Não preciso que cuidem de mim,” Vovô reclamou. Então ele teve um acesso de tosse. “Apenas vá, minha querida. Esse deus babuíno estava na minha cabeça. Posso te dizer — ele quer destruí-la. Termine a sua busca antes que ele venha atrás de você outra vez. Eu não pude impedí-lo. Eu não podia...” Ele olhava com rancor para suas frágeis e velhas mãos. “Eu nunca teria me perdoado. Agora, fora daqui!”

“Sinto muito,” eu disse a todos eles. “Eu não queria—”

“Sinto muito?” Emma estranhou. “Sadie Kane, esta foi a festa de aniversário mais *legal* de da história! Agora, vá!”

Ela e Liz me abraçaram, e antes que eu pudesse começar a chorar, Bes guiou-me para a Mercedes.

Seguimos em direção ao norte até Victoria Embankment. Estávamos quase nas barricadas quando Bes desacelerou.

“O que há de errado?” Eu perguntei. “Não podemos passar invisíveis?”

“Não é com os mortais que eu estou preocupado.” Ele apontou.

Todos os policiais, repórteres e espectadores em torno das barricadas tinham adormecido. Vários militares em armaduras corporais estavam enrolados no chão, abraçando seus rifles de assalto, como ursos de pelúcia.

Parados na frente das barricadas, bloqueando o nosso carro, estavam Carter e Walt. Eles estavam desalinhados e respirando pesadamente, como se tivessem corrido por todo o caminho do Brooklyn até a barricada. Ambos tinham varinhas de prontidão. Carter adiantou-se, apontando sua espada contra o pára-brisa.

“Deixe-a ir,” ele gritou à Bes. “Ou eu vou te destruir!”

Bes olhou para mim. “Eu deveria assustá-lo?”

“Não!” Eu disse. Isso era algo que eu não precisava ver de novo. “Eu vou lidar com isso.”

Eu saí da limusine. “Olá, meninos. Ótimo *timing*.”

Walt e Carter fizeram uma careta.

“Você não está em perigo?” Walt me perguntou.

“Não mais.”

Carter abaixou sua espada com relutância. “Você quer dizer que o cara feio—”

“É um amigo,” eu disse. “Amigo de Bastet. Ele também é o nosso motorista.”

Carter parecia igualmente confuso, irritado e inquieto, o que foi um satisfatório final para minha festa de aniversário.

“E vai dirigir para onde?” Perguntou ele.

“À Rússia, é claro,” eu disse. “Para dentro”

C A R T E R

9. Nós Ganhamos Um Tour Verticalmente Desafiador Pela Rússia

COMO DE COSTUME, SADIE DEIXOU DE FORA alguns detalhes importantes, como a forma que Walt e eu quase nos matamos tentando encontrá-la.

Não foi divertido o voo para o Museu do Brooklyn. Tivemos que pendurar uma corda sob a barriga do grifo como uma dupla de Tarzans, esquivando de policiais, equipes de emergência, funcionários municipais, e várias senhoras de idade que nos perseguiram com guarda-chuvas, gritando: “Ali está o beija-flor! Mate-o!”

Uma vez que conseguimos abrir um portal, eu queria levar Freak conosco, mas o portão de areia redemoinhando meio que... bem, o assustou, então tivemos que deixá-lo para trás.

Quando chegamos a Londres, monitores de televisão nas vitrines estavam mostrando imagens da Estação de Waterloo — algo sobre um estranho distúrbio dentro do terminal com animais fugidos e vendavais. Nossa, que maravilha poderia ter sido? Usamos o amuleto de Walt, do deus do ar Shu para convocar uma rajada de vento e saltar para a ponte de Waterloo. Naturalmente, caímos bem no meio de uma tropa de choque fortemente armada. Que sorte que me lembrei do feitiço do sono.

Então, *finalmente*, estávamos prontos para carregar e salvar Sadie e ela aparece em uma limusine dirigida por um anão feioso em um maiô, e ela *nos* acusa de estarmos atrasados.

Então, quando ela nos disse que o anão estava nos levando para a Rússia, eu fiquei tipo, “Que seja.” E eu entrei no carro.

A limusine atravessou Westminster enquanto Sadie, Walt e eu trocávamos histórias.

Depois de ouvir o que tinha acontecido através de Sadie, Eu não me senti tão mal sobre o meu dia. Um sonho de Apófis e uma cobra de três cabeças na sala de treinamento não pareciam tão assustadores quanto deuses assumindo o controle de nossos avós. Eu nunca tinha gostado muito de vovô e vovó, mas ainda assim — caramba.

Eu também não podia acreditar que nosso chofer era Bes. Meu pai e eu costumávamos rir de suas imagens nos museus — seus olhos esbugalhados, balançando a língua, e a falta geral de roupas. Supostamente, ele poderia assustar quase qualquer coisa — espíritos, demônios, até mesmo outros deuses — razão pela qual os plebeus egípcios o tinham adorado. Bes parecia um pequeno rapaz... hum, o que não significava uma piada de anão. Em carne e osso, ele parecia *exatamente* como suas imagens, só que em todas as cores, com todo o cheiro.

“Te devemos essa,” eu disse a ele. “Então você é um amigo de Bastet?”

As orelhas dele ficaram vermelhas.

“Sim... com certeza. Ela me pede um favor, de vez em quando. Eu tento ajudar.”

Eu tive a sensação de que havia alguma história ali que ele não queria contar.

“Quando Hórus falou comigo,” eu disse, “ele advertiu que alguns dos deuses podem tentar nos impedir de acordar Rá. Agora eu acho que sei quem.”

Sadie expirou.

“Se eles não gostaram do nosso plano, tivessem feito uma mensagem de texto com raiva. Nekhbet e Babi quase me rasgaram em pedaços!”

Seu rosto estava um pouco verde. Suas botas de combate estavam manchadas de xampu e lama, e sua jaqueta de couro favorita tinha uma mancha no ombro que parecia suspeitosamente com cocô de urubu. Ainda assim, fiquei impressionado que ela estivesse consciente. Poções são difíceis de fazer e ainda mais difíceis de usar. Existe sempre um preço para a canalização de muita magia.

“Você foi ótima,” eu disse a ela.

Sadie olhou ressentidamente para a faca negra em seu colo — a lâmina cerimonial que Anúbis tinha dado a ela.

“Eu estaria morta se não fosse por Bes.”

“Que nada,” disse Bes. “Bem, certo, você provavelmente estaria. Mas você teria ido para baixo em grande estilo.”

Sadie virou a estranha faca negra como se pudesse encontrar instruções escritas nela.

“É uma *netjeri,*” eu disse. “Uma lâmina de *serpente*. Sacerdotes a usavam para—”

“A cerimônia-da-abertura-da-boca,” ela disse. “Mas como isso pode nos ajudar?”

“Não sei,” admiti. “Bes?”

“Rituais da morte. Tento evitá-los.”

Olhei para Walt. Itens mágicos eram sua especialidade, mas ele não parecia estar prestando atenção. Desde que Sadie tinha nos contado sobre sua conversa com Anúbis, Walt esteve muito quieto. Ele se sentou ao lado dela, mexendo em seus anéis.

“Você está bem?” Perguntei a ele.

“Sim... só pensando,” ele olhou para Sadie. “Sobre lâminas *netjeri*, quero dizer.”

Sadie puxou seu cabelo, como se estivesse tentando fazer uma cortina entre ela e Walt. A tensão entre eles era tão densa, eu duvidava que mesmo uma faca mágica conseguisse cortá-la.

“Anúbis sanguinário,” ela murmurou. “Eu poderia ter morrido, pelo tanto que ele se importava.”

Dirigimos em silêncio por um tempo depois disso. Finalmente, Bes virou na ponte Westminster e dobrou por trás do rio Tâmisa.

Sadie franziu o cenho.

“Onde estamos indo? Precisamos de um portal. Todos os melhores artefatos estão no British Museum.”

“É,” Bes disse. “E os outros magos sabem disso.”

“Outros magos?” Perguntei.

“Criança, a Casa da Vida tem clãs por todo o mundo. Londres é o Nono Nomo. Com aquela façanha em Waterloo, a senhorita Sadie só mandou uma grande labareda dizendo aos seguidores de Desjardins, *Aqui estou eu!* Pode apostar que eles vão estar te caçando agora. Eles estarão guardando o museu no caso de vocês correrem para lá. Felizmente, conheço um lugar diferente onde podemos abrir um portal.”

Ensinado por um anão. Devia ter ocorrido para mim que Londres tinha outros magos. A Casa da Vida estava em todo lugar. Do lado de fora da segurança da casa no Brooklyn, não havia um simples continente onde estávamos a salvo.

Rodamos pelo sul de Londres. A cena ao longo da Rodovia Camberwell estava quase tão depressiva quanto meus pensamentos.

Fileiras de apartamentos construídos com tijolos e lojas de baixa renda se alinhavam na rua. E uma idosa fez uma careta para nós de um ponto de ônibus. Na porta de uma mercearia Asda, uns caras durões olharam a Mercedes como se quisessem roubá-la. Me perguntei se eram deuses ou magos disfarçados, porque a maioria das pessoas não notou o carro.

Não podia imaginar onde Bes estava nos levando. Não parecia com o tipo de bairro onde você vá encontrar muitos artefatos egípcios.

Finalmente um parque amplo apareceu à nossa esquerda: campos verdes nebulosos, caminhos de árvore enfileiradas, e algumas paredes arruinadas como aquedutos, cobertos de vinhas. O terreno inclinou para o topo de uma colina com uma torre de rádio.

Bes pulou o meio-fio e dirigiu reto pela grama, atropelando uma placa que dizia PERMANEÇA NO CAMINHO. A noite estava cinzenta e chuvosa, então não havia muitas pessoas ao redor. Um casal de corredores próximos ao caminho nem mesmo olharam para nós, como se vissem limusines Mercedes quatro rodas atravessarem o parque todo dia.

“Onde estamos indo?” Perguntei.

“Veja e aprenda, criança.” Bes disse.

Ser chamado de *criança* por um cara menor que eu era um pouco irritante, mas deixei minha boca fechada. Próximo ao topo estava uma escada de pedra, talvez trinta pés de altura, construída ao lado da colina. Parecia levar a lugar nenhum. Bes bateu nos freios e paramos. A colina era mais alta que eu tinha percebido. Atrás de nós estava o resto de Londres.

Então olhei a escada mais de perto. Duas esfinges feitas de pedra estavam prostradas em cada lado da escada, vendo a cidade. Cada uma tinha cerca de dez pés de comprimento com o típico corpo de leão e cabeça de faraó, mas elas pareciam totalmente fora do lugar em um parque em Londres.

“Elas não são reais,” eu disse.

Bes bufou. “Claro que são reais.”

“Quero dizer que não são do Egito Antigo. Elas não são velhas o suficiente.”

“Exigente, exigente,” Bes disse. “Essas são escadas para o Palácio de Cristal. Um salão grande de exposição de vidro e aço do tamanho de uma catedral costumavam ficar bem aqui nessa colina.”

Sadie franziu o cenho. “Eu li sobre isso na escola. A rainha Vitória teve uma festa aqui ou algo do tipo.”

“Uma festa ou algo do tipo?” Bes grunhiu. “Foi a Grande Exibição de 1851. Mostra do Império Britânico, etc. Eles tinham maçãs carameladas deliciosas.”

“Você esteve lá?” Perguntei.

Bes encolheu os ombros. “O palácio queimou na década de 1930, graças a alguns magos — mas isso é outra história. Tudo o que está aqui agora são algumas relíquias, como essas escadas e as esfinges.”

“Uma escada para lugar nenhum,” eu disse.

“Não para lugar nenhum,” Bes corrigiu. “Essa noite vai nos levar para São Petersburgo.”

Walt se levantou. Seu interesse nas estátuas tinha aparentemente o tirado da melancolia. “Mas se as esfinges não são realmente egípcias,” ele disse, “como podemos abrir um portal?

Bes deu a ele um sorriso cheio de dentes. “Depende do que quer dizer *realmente egípcio*, criança. Todo grande império é um Egito aspirante. Tendo coisas egípcias ao redor os faz sentir importante. É por isso que vocês têm artefatos egípcios *novos* em Roma, Paris, Londres — se chama assim. Aquele obelisco em Washington...”

“Não mencione esse, por favor,” Sadie disse.

“De qualquer jeito,” Bes continuou, “estas ainda são esfinges egípcias. Eles foram construídos para manter a conexão entre o Império Britânico e o Império Egípcio. Então é, eles podem canalizar magia. Especialmente se *eu* estou fazendo isso. E agora...” ele olhou para Walt. “Acho que é hora de você ir.”

Fiquei tão surpreso para dizer alguma coisa, mas Walt olhou para seu colo como se estivesse esperando isso.

“Espera aí,” Sadie disse. “Por que Walt não pode vir com a gente? Ele é um mago. Ele pode ajudar.”

A expressão de Bes ficou séria. “Walt, você não falou pra eles?”

“Falou para a gente o quê?” Sadie exigiu.

Walt segurou os amuletos, como se pudesse ter um que o ajudaria a evitar essa conversa. “Não é nada. Sério. É só... eu deveria ajudar na casa do Brooklyn. E Jaz acha que—”

Ele hesitou, provavelmente percebendo que não deveria ter mencionado o nome dela.

“Sim?” O tom de Sadie estava perigosamente calmo. “O que Jaz estava achando?”

“Ela está— ela ainda está em coma,” Walt disse. “Amós disse que ela provavelmente vai melhorar, mas não é que eu—”

“Bom,” Sadie disse. “Fico feliz que ela melhore. Você precisa voltar, então. Isso é brilhante. Vai logo. Anúbis disse que devemos nos apressar.”

Não muito sutil, o jeito que ela atirou o nome para ele. Walt pareceu ter sido golpeado por ela no peito.

Eu sabia que Sadie não estava sendo justa com ele. Pela minha conversa com Walt na casa do Brooklyn, soube que ele gostava de Sadie. O que quer que esteja o incomodando, não houve qualquer tipo de coisa romântica com Jaz. De outro lado, se eu tentasse ficar em seu lugar, Sadie só me diria para cair fora. Eu poderia até piorar as coisas entre Sadie e ele.

“Não é que eu queira voltar,” ele falou.

“Mas você não pode ir conosco,” Bes disse firmemente. Pensei que ouvi preocupação em sua voz, até pena. “Vá, criança. Está tudo bem.”

Walt pescou alguma coisa de sua bolsa. “Sadie, sobre seu aniversário... você, hum, provavelmente não quer mais nenhum presente. Não é uma faca mágica, mas fiz isso para você.”

Ele despejou um colar dourado em sua mão. Era um pequeno símbolo egípcio:

“É a cesta de basquete da cabeça de Rá,” eu disse.

Walt e Sadie franziram o cenho para mim, e percebi que eu provavelmente não estava fazendo o momento mais mágico para eles.

“Quero dizer que é o símbolo que envolve a coroa do sol de Rá,” eu disse. “Um ciclo sem fim, o símbolo da eternidade, certo?”

Sadie engoliu como se a poção mágica ainda estivesse borbulhando em seu estômago. “Eternidade?”

Walt disparou um olhar para mim que claramente significava *Por favor pare de ajudar*.

“É,” ele disse, “hum, se chama *shen*. Eu só achei, você sabe, vocês estão procurando por Rá. E coisas boas, coisas importantes, devem ser eternas. Então talvez eu te traga sorte. Quis dizer que quis dar isso para você essa manhã, mas... eu meio que perdi a cabeça.”

Sadie olhou o talismã brilhando em sua mão. “Walt, eu não— quer dizer, obrigada, mas—”

“Só lembre que eu não quis partir,” ele disse. “Se precisar de ajuda, vou estar lá para você.” Ele olhou para mim e se corrigiu: “Quis dizer para vocês dois, claro.”

“Mas agora,” Bes disse, “você precisa ir.”

“Feliz aniversário, Sadie,” Walt disse. “E boa sorte.”

Ele saiu do carro e marchou colina abaixo. Assistimos até eles só ficar uma figura minúscula na escuridão. Então ele sumiu nas árvores.

“Dois presentes de despedida,” Sadie murmurou, “de dois caras deslumbrantes. Eu odeio a minha vida.”

Ela travou o colar dourado em seu pescoço e tocou o símbolo *shen*.

Bes olhou para baixo nas árvores onde Walt tinha desaparecido. “Pobre criança. Nasceu fora do normal, certo. Isso não é justo.”

“O que quer dizer?” Perguntei. “Por que você estava tão ansioso de Walt ir embora?”

O anão esfregou sua barba desdenhada. “Não é meu trabalho explicar. Nesse momento temos trabalho a fazer. Quando mais tempo nós damos, Menshikov prepara suas defesas, o mais difícil é que isso vai começar.”

Eu não estava pronto para deixá-lo, mas Bes olhou para mim com teimosia, e eu soube que não iria ter mais nenhuma resposta dele. Ninguém conseguia olhar com teimosia como um anão.

“Então, Rússia,” eu disse. “Conduzidos por uma escada vazia.”

“Exatamente.” Bes pisou no acelerador. A Mercedes agitou grama, lama e cano até as escadas. Eu tinha certeza que chegaríamos ao topo e não conseguiríamos nada além de um eixo de rodas quebrado, mas no último segundo, um portal de turbilhão de areia abriu na nossa frente. Nossas rodas deixaram o chão, e a limusine preta voou de cabeça para o turbilhão.

Batemos em um pavimento do outro lado, dispersando um grupo de adolescentes surpresos. Sadie gemeu e tirou a cabeça do encosto.

“Não podemos ir a nenhum lugar *suavemente*?” ela perguntou.

Bes acertou o limpa pára-brisas e raspou a areia. Lá fora estava escuro e nevoso.

Prédios de pedra do século dezoito alinhados em um rio congelado iluminado com postes. Além do rio brilhava mais prédios de contos de fadas: cúpulas douradas, palácios brancos, mansões enfeitadas com ovos de páscoa pintados de verde e azul. Eu poderia ter acreditado que tínhamos viajado de volta em trezentos anos — exceto pelos carros, as luzes elétricas, e é claro os adolescentes com piercings no corpo, cabelo colorido, e roupas pretas de couro gritando para nós em russo e batendo no capô da Mercedes porque nós quase tínhamos matado eles.

“Eles conseguem nos ver?” Sadie perguntou.

“Russos,” Bes disse com um tipo de admiração invejosa. “Pessoas muito supersticiosas. Eles tendem a ver magia pelo que ela é. Temos que ser cuidadosos aqui.”

“Você já esteve aqui antes?” Perguntei.

Ele me deu um olhar *dã*, então apontou para o outro lado do carro. Tínhamos aterrissado entre duas esfinges de pedra em pedestais. Elas se pareciam com um monte de esfinges que eu tinha visto — com cabeças humanas coroadas e corpos de leão — mas eu nunca tinha visto esfinges cobertas de neve.

“Elas são autênticas?” Perguntei.

“Os artefatos egípcios mais longe no norte do mundo,” Bes disse. “Saqueado de Tebas e trazido aqui para decorar a nova cidade imperial da Rússia, São Petersburgo. Como eu disse, todo novo império quer uma peça do Egito.”

As crianças do lado de fora ainda estavam gritando e batendo no carro. Um quebrou uma garrafa contra nosso pára-brisas.

“Hum,” Sadie disse, “temos que nos mover?”

“Não,” Bes disse. “As crianças russas sempre passeiam pelas esfinges. Têm feito isso por centenas de anos.”

“Mas é tipo meia noite aqui,” eu disse. “E está nevando.”

“Eu mencionei que eles são russos?” Bes disse. “Não se preocupe. Vou cuidar disso.”

Ele abriu a porta. Um vento frio varreu a Mercedes, mas Bes saiu vestindo nada além do Speedo. As crianças foram para trás rapidamente. Eu não podia culpá-las. Bes disse algo em russo, então rugiu como um leão. As crianças gritaram e correram.

A forma de Bes pareceu tremeluzir. Quando ele voltou para dentro do carro, estava vestindo um casado de inverno quente, um chapéu forrado, e luvas difusas.

“Viram?” ele disse. “Supersticiosos. Eles sabem o suficiente para correr de um deus.”

“De um deus peludo e pequeno em um Speedo, sim.” Sadie disse. “Então o que vamos fazer agora?”

Bes apontou do outro lado do rio para um palácio brilhante de pedra branca e dourada. “Esse é o Eremitério.”

“Eremitas moram aqui?” Sadie perguntou.

“Não,” eu disse. “Já ouvi falar desse lugar. Era o palácio do czar. Agora é um museu. A melhor coleção egípcia da Rússia.”

“Papai te trouxe aqui, suponho?” Sadie perguntou. Pensei que tínhamos terminado o assunto ciúmes-de-viajar-com-papai, mas de vez em quando ele aparece de novo.

“Nunca viemos.” Tentei não soar defensivo. “Ele ganhou um convite para falar aqui uma vez, mas ele recusou.”

Bes riu. “Seu pai era esperto. Magos russos não dão exatamente boas vindas a forasteiros. Eles protegem seu território violentamente.”

Sadie olhou do outro lado do rio. “Quer dizer que os quartéis generais do Décimo Oitavo Nomo estão *dentro* do museu?”

“Em algum lugar dele,” Bes concordou. “Mas está escondido com magia, porque eu nunca achei a entrada. Essa parte que vocês estão vendo é o Palácio de Inverno, a antiga casa do czar. Há um complexo de outras mansões atrás dele. Ouvi falar que levaria onze dias só para ver tudo das coleções do Eremitério.”

“Mas a não ser que acordemos Rá, o mundo acaba em quatro dias,” eu disse.

“Três dias agora,” Sadie corrigiu, “se é depois da meia-noite.”

Encolhi. “Obrigado por lembrar.”

“Então peguem o passeio abreviado,” Bes disse. “Comecem com a seção egípcia. Andar térreo, museu principal.”

“Não vai vir com a gente?” Perguntei.

“Ele não pode, não é?” Sadie adivinhou. “Como Bastet não pôde entrar na casa de Desjardins em Paris. Os magos encantam seus quartéis generais contra os deuses. Não é isso?”

Bes fez uma cara ainda mais feia. “Vou andar com vocês pela ponte, mas não posso ir mais longe. Se eu atravessar o rio Neva mais perto do Eremitério, vou acionar todos os tipos de alarmes. Vocês têm que entrar sorrateiramente de algum jeito...”

“Invadindo um museu á noite,” Sadie murmurou. “Tivemos sorte com isso.”

“... e achar a entrada para o Décimo Oitavo Nomo. E não sejam capturados vivos.”

“O que você quer dizer?” Perguntei. “É melhor sermos capturados mortos?”

O olhar em seus olhos era severo. “Acredite em mim. Você não vai querer ser prisioneiro de Menshikov.”

Bes estalou os dedos, e de repente estávamos vestindo casacos de lã, calças de esqui e botas de inverno.

“Vamos lá, *malishi,”* ele disse. “Vou andar com vocês pela Ponte Dvortsovyy.”

A ponte só estava a algumas centenas de metros de distância, mas parecia mais longe. Março obviamente não era tempo de primavera em São Petersburgo. O escuro, o vento, e a neve faziam sentir mais como Janeiro no Alasca. Pessoalmente, eu preferiria um dia abafado no deserto egípcio. Mesmo com roupas quentes que Bes tinha invocado para nós, meus dentes não paravam de bater.

Bes não estava com pressa. Ele continuou a desacelerar e nos dar um *tour* até eu achar que meu nariz cairia de congelamento. Ele nos disse que estávamos na Ilha Vasilevsky, do outro

lado do Rio Neva no centro de São Petersburgo. Ele apontou para torres de igreja diferentes e monumentos, e quando ele ficava empolgado, começava a escorregar em russo.

“Você perdeu muito tempo aqui,” eu disse.

Ele caminhou em silêncio por alguns passos. “A maior parte disso foi há muito tempo. Eu não—”

Ele parou tão abruptamente que tropecei nele. Ele olhou para o outro lado da rua para um grande palácio com paredes amarelo canário e telhado triangular verde. Iluminado durante a noite com um redemoinho de neve, parecia surreal, como uma das imagens fantasmagóricas no Salão das Eras do Primeiro Nomo.

“O palácio Prince Menshikov,” Bes murmurou.

Sua voz estava cheia de repugnância. Eu quase achei que ele iria gritar BOO para o prédio, mas ele só cerrou os dentes.

Sadie olhou para mim para uma explicação, mas eu não era um Wikipédia ambulante como ela parecia achar.

Eu sabia coisas sobre o Egito, mas Rússia? Nem tanto.

“Você quer dizer Menshikov como Vlad o Inalador?” Perguntei.

“Ele é um descendente.” Bes contraiu os lábios com desgosto. Ele disse uma palavra em russo que eu estava disposto a apostar que era um insulto muito ruim. “No século dezessete, o príncipe Menshikov deu uma festa para Pedro, o Grande, o czar que construiu essa cidade. Pedro adorava anões. Ele era muito parecido com os egípcios desse jeito. Ele achava que eles davam sorte, então ele sempre deixava alguns de nós em sua corte. De qualquer jeito, Menshikov quis entreter o czar, então ele achou que seria engraçado encenar um casamento anão. Ele forçou-os... ele *nos* forçou a vestir, pretender ficar casados e dançar. Todo o grande povo estava rindo, zombando...”

Sua voz vacilou.

Bes descreveu a festa como se fosse ontem. Então lembrei que esse cara pequeno estranho era um deus. Ele esteve por aí por eras.

Sadie colocou a mão em seu ombro. “Sinto muito, Bes. Deve ter sido terrível.”

Ele fez uma careta. “Magos russos... eles amavam capturar deuses, nos usar. Ainda posso ouvir aquela música de casamento, e o czar rindo...”

“Como você fugiu?” Perguntei.

Bes me encarou. Obviamente, tinha feito uma pergunta ruim.

“Chega.” Bes fez aparecer o colarinho. “Estamos desperdiçando tempo.”

Ele seguiu em frente, mas tive um pressentimento que ele não deixou realmente o palácio de Menshikov. De repente as alegres paredes amarelas e janelas iluminadas pareceram sinistras.

Algumas centenas de metros através do vento severo, e tínhamos alcançado a ponte. Do outro lado, o Palácio de Inverno brilhava.

"Vou levar a Mercedes para longe daqui," Bes disse. "Descendo a próxima ponte, na circunferência sul do Eremitério. É menos provável alertar os magos que eu estou aqui."

Agora percebi por que ele estava tão paranóico a respeito de acionar alarmes. Os magos tinham capturado ele em São Petersburgo uma vez antes. Lembrei o que ele tinha nos falado no carro: *Não sejam capturados vivos*.

"Como vamos te encontrar se conseguirmos?" Sadie perguntou.

"*Quando* conseguirem," Bes disse. "Pense positivo, garota, ou o mundo acaba."

"Certo." Sadie tremeu em seu novo casaco. "Positivo."

"Vou encontrar vocês no Nevsky Prospekt, a rua principal com todas as lojas, ao sul do Eremitério. Vou estar no Museu do Chocolate."

"No *o quê*?" Perguntei.

"Bem, não é realmente um museu. É mais para uma loja — fechada a essa hora da noite, mas o dono sempre abre para mim. Eles tem *tudo* de chocolate — xadrez, conjuntos, leões, cabeças de Vladimir Lênin—"

"O cara comunista?" Perguntei.

"Sim, Professor Brilhante," Bes disse. "O cara comunista, de *chocolate*."

"Então deixa ver se entendi," Sadie disse. "Vamos invadir um museu nacional russo fortemente armado, encontrar o quartel general secreto dos magos, achar o pergaminho perigoso, e escapar. Enquanto isso, você vai estar comendo chocolate."

Bes assentiu solenemente. "É um bom plano. Deve funcionar. Se alguma coisa acontecer e eu não achar vocês no Museu do Chocolate, nosso ponto de saída é a Ponte Egípcia, no sul do Rio Fontanka. Só tomem—"

"Chega," Sadie disse. "Você *vai* nos encontrar na loja de chocolate. E você *vai* me providenciar uma sacola para viagem. Ponto final. Agora, vai!"

Bes deu a ela um sorriso torto. "Você está certa, garota."

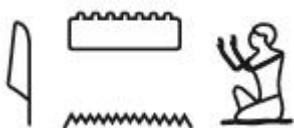
Ele marchou de volta para a Mercedes.

Olhei para o outro lado do rio quase congelado do Palácio de Inverno. De algum jeito, Londres não parecia triste e perigosa mais. "Estamos mais em apuros do que eu acho?" Perguntei a Sadie.

"Mais," ela disse. "Vamos arrombar o palácio do czar, vamos?"

C A R T E R

10. Um Velho Amigo Vermelho Vem Nos Visitar

ENTRAR NAQUELA HABITAÇÃO ISOLADA não era um problema.

Os seguranças do estado-da-arte não são protegidos com magia. Sadie e eu tivemos que juntar nossas forças para passar do portão, mas com um pouco de concentração, tinta e papiros, e aproveitando um pouco da energia dos nossos amigos deuses Ísis e Hórus, nós conseguimos um pequeno passeio através do Duat.

Em um minuto nós estávamos no abandonado Palace Square. Então tudo ficou cinza e místico. Meu estômago formigava como se eu estivesse numa queda livre. Deslizamos, sem sincronia com o mundo mortal, e passamos através dos portões de ferro e pedra sólida para dentro do museu.

A Sala Egípcia era no térreo, assim como Bes havia dito. Nós entramos novamente no mundo mortal e vimos que estávamos no meio da coleção: sarcófagos em caixas de vidro, pergaminhos com hieróglifos, estátuas de deuses e faraós. Não era muito diferente de uma centena de outras coleções Egípcias que eu já vi, mas o cenário era bastante impressionante. A sala possuía um teto abobadado. O chão de mármore polido terminava em um padrão em forma de diamantes branco e cinza, o que fazia com que, quando você andasse nele, parecesse andar tipo numa ilusão de ótica. Eu imaginei quantas salas como essa haviam no palácio do czar, e se realmente levava onze dias para vê-lo por inteiro. Eu esperava que Bes estivesse certo sobre a passagem secreta para o Nomo estar em algum lugar nesta sala. Nós não tínhamos onze dias para procurar. Em menos de setenta e duas horas, Apófis estaria livre. Eu lembrava daqueles olhos vermelhos que brilhavam sob conchas de escaravelhos — uma força do caos tão poderosa que podia derreter os sentidos humanos. Três dias, e essa *coisa* iria estar solta pelo mundo.

Sadie conjurou seu cajado e o apontou para a câmera de segurança mais próxima. As lentes racharam e fizeram um som parecido com o de um mata-mosquitos. Mesmo na melhor das situações, tecnologia e magia não andavam juntas. Um dos feitiços mais fáceis do mundo é fazer aparelhos eletrônicos terem um mau-funcionamento. Eu só precisava olhar de um jeito engraçado para um celular para fazê-lo explodir. E computadores? Esquece. Eu acho que Sadie poderia mandar apenas um pulsar mágico para o sistema de segurança e conseguiria fritar todas as câmeras e sensores da rede.

Ainda assim, havia outras coisas para a vigilância — coisas *mágicas*. Eu puxei um pedaço de pano feito de linho preto e um par de *shabti* feitos de cera crua de minha mochila. Enrolei os *shabti* no pano e falei a palavra de comando: *“I mun”*.

O hieróglifo para *Esconder* brilhou brevemente sobre o pano. Muita escuridão veio do pacote, como uma nuvem de tinta de lula. Ela se expandiu até cobrir Sadie e eu em uma bolha transparente de sombras. Nós podíamos ver através dela, mas nada podia ver dentro dela. A nuvem seria invisível para qualquer um que estivesse fora dela.

“Você fez certo dessa vez!” disse Sadie. “Quando foi que você dominou essa magia?”

Eu provavelmente corei. Estava obcecado em descobrir a magia da invisibilidade por meses, desde que tinha visto Zia usá-la no Primeiro Nomo.

“Na verdade, eu ainda estou—” uma centelha dourada disparou para fora da nuvem, como um fogo de artifício em miniatura. “Eu ainda estou aperfeiçoando-a”.

Sadie suspirou. “Bem… está melhor do que da última vez. A nuvem parecia uma lâmpada de lava. E naquela outra vez, quando cheirava a ovo podre—”

“Podemos apenas continuar indo?” eu perguntei. “Por onde devemos começar?”

Seus olhos foram para uma das exibições. Ela estava andando a deriva, olhando na direção dela, em transe.

“Sadie?” eu a segui até uma lápide de pedra calcária — uma estela — que tinha cerca de meio metro por um metro. A descrição ao lado dela estava em russo e em inglês.

“ ‘Túmulo do escriba Ipi’ ” eu li em voz alta. “ ‘Trabalhou na corte do Rei Tut.’ Porque você está interessada… oh.”

Como eu sou idiota. A imagem da lápide mostrava o escriba falecido honrando Anúbis. Depois de falar com Anúbis em pessoa, Sadie deve ter achado estranho vê-lo em uma pintura de um túmulo de três mil anos de idade, especialmente porque ele estava retratado com a cabeça de chacal, vestindo uma saia.

“Walt gosta de você.”

Eu não tinha a menor ideia de porque balbuciei isso. Essa não era a hora nem o lugar. Eu sabia que não estava fazendo nenhum favor a Walt passando para o lado dele. Mas eu comecei a me sentir mal por ele depois que Bes o chutou da limusine. O cara havia vindo de Londres para me ajudar a salvar Sadie, e nós o abandonamos no Crystal Palace Park como uma carona indesejada.

Eu estava um pouco bravo com Sadie por ela tê-lo tratado com indiferença e ter tido uma queda tão grande por Anúbis, que era uns cinco mil anos mais velho que ela e nem ao menos era

humano. Aliás, a forma como ela esnobou Walt me lembrou muito a forma como Zia havia me tratado primeiro. E talvez, sendo honesto comigo mesmo, eu também estava irritado com Sadie porque ela resolveu os próprios problemas em Londres sem precisar da nossa ajuda.

Uau. Isso soou realmente egoísta. Mas eu suponho que fosse verdade. É incrível de quantas maneiras diferentes uma irmã mais nova consegue te irritar.

Sadie não tirou seus olhos da estela. "Carter, você não tem ideia do que está falando."

"Você não deu uma chance pro cara," eu insisti. "Seja o que for que esteja acontecendo com ele, não tem nada a ver com você."

"Muito tranquilizador, mas não é disso—"

"Além disso, Anúbis é um *deus*. Você não acha, honestamente, que—"

"Carter!" ela retrucou. Minha nuvem enfeitiçada deve ser sensível a emoções, porque outra faísca dourada assobiou e estalou da nossa não-tão-invisível nuvem. "Eu não estava olhando para esta pedra por causa de Anúbis."

"Não?"

"Não. E estou certa de que não tenho que discutir com você sobre *Walt*. Ao contrário do que você deve pensar, eu não gasto cada hora do meu dia pensando em garotos."

"A maior parte das horas do seu dia, então?"

Ela rolou os olhos. "Olhe para a pedra, cérebro de passarinho. Tem uma borda em volta dela, como uma janela ou—"

"Uma porta" eu disse. "É uma porta falsa. Um monte de tumbas tem isso. É tipo um portão simbólico para o *ba* das pessoas mortas, para eles poderem ir e voltar do Duat."

Sadie puxou sua varinha e traçou a borda da estela. "Este sujeito Ipi era um escriba, que é uma outra palavra para mago. Ele pode ter sido um de nós."

"E?"

"E talvez seja por isso que a pedra está *brilhando*, Carter. E se essa porta falsa não for falsa?"

Olhei para a estela mais de perto, mas não via nenhum brilho. Pensei que talvez Sadie estivesse tendo alucinações pela exaustão ou por muita poção em seu corpo. Então ela tocou com sua varinha o centro da estela e falou a primeira palavra de comando que nós havíamos aprendido: *"W peh"*.

Abra. Um hieroglifo dourado brilhou na pedra:

A lápide disparou um feixe de luz, como um projetor de cinema. De repente, uma porta em tamanho real brilhou diante de nós — um portal retangular mostrando a vaga imagem de uma outra sala.

Eu olhei com espanto para Sadie. “Como você fez isso?” perguntei. “Você nunca foi capaz de fazer isso antes.”

Ela encolheu os ombros como se não fosse nada de mais. “Eu não tenho treze anos antes. Talvez seja isso.”

“Mas eu tenho quatorze!” protestei. “E eu *ainda* não consigo fazer isso.”

“Garotas amadurecem mais cedo.”

Cerrei os dentes. Eu odiava os meses de primavera — Março, Abril, Maio — porque até o meu aniversário rolar, em Junho, Sadie podia dizer que era apenas um ano mais nova que eu. Ela sempre tomava uma atitude depois de seu aniversário, como se pudesse me pegar no colo e virar minha irmã mais velha. Tipo um pesadelo.

Ela apontou para a porta brilhante. “Depois de você, irmão querido. Você é o único com a nuvem brilhante e invisível.”

Antes que pudesse perder a calma, pisei para além do portal.

Eu quase caí e quebrei a cara. Do outro lado da porta estava pendurado um espelho há um metro e meio do chão. Eu havia pisado em uma cornija de lareira. Peguei Sadie assim que ela veio, exatamente na hora de impedi-la de cair para fora da borda.

“Obrigada,” ela sussurrou. “Alguém andou lendo muito *Alice Através do Espelho*.”

Eu achei que a sala egípcia era impressionante, mas não era nada comparado a esse salão. Enfeites geométricos cor de cobre brilhavam no teto. As paredes eram revestidas de colunas verde escuro e de portas douradas. No chão, um padrão octogonal enorme, dourado e branco-mármore. Com um candelabro brilhante em cima, uma pedra de filigrana dourada, verde e branco-polido brilhava tão fortemente que feria meus olhos.

Então eu percebi que a maior parte da luz não estava vindo do candelabro. Estava vindo do mago que lançava um feitiço no outro extremo da sala. Estava de costas, mas eu podia dizer que era Vlad Menshikov. Assim como Sadie o havia descrito, ele era um homem gorducho, com cabelo encaracolado e cinzento e um terno branco. Estava em um círculo de proteção que pulsava com uma luz cor de esmeralda. Ele levantou seu cajado e a ponta ardeu como uma tocha de soldagem. À sua direita, fora do círculo, havia um vaso verde do tamanho de um homem adulto. À sua esquerda, contorcendo-se em correntes brilhantes, estava uma criatura que eu reconheci como sendo um demônio. Ele tinha um corpo humanóide peludo, com a pele

arroxeada, mas ao invés de uma cabeça, um saca-rolhas gigante brotava de entre os seus ombros.

"Misericórdia!" ele gritou com uma voz metálica e lacrimosa. Não me pergunte como um demônio pode gritar com uma cabeça de saca-rolhas — mas o som ressoou e ecoou como se fosse um diapasão gigante.

Vlad Menshikov continuou cantando. O vaso verde vibrava com a luz.

Sadie me cutucou e cochichou: "Olhe."

"Sim", eu sussurrei de volta. "Algum tipo de ritual de invocação."

"Não" ela sibilou. "Olhe *lá*!"

Ela apontou para a nossa direita. No canto da sala, há seis metros da lareira, havia uma mesa de mogno fora de moda.

Sadie havia me falado sobre as instruções de Anúbis: Devíamos encontrar a mesa de Menshikov. O próximo capítulo do Livro de Ra estaria na gaveta do meio. Poderia ser essa realmente a mesa? Parecia muito fácil. Tão silenciosamente quanto podíamos, Sadie e eu escalamos para fora da lareira e nos arrastamos ao longo da parede. Rezei para a nuvem da invisibilidade não soltar mais nenhum fogo de artifício.

"Não fique nervoso, Morte-às-Rolhas," Menshikov censurou. Sua voz era ainda pior do que Sadie havia descrito — como um fumante falando através de pás de um ventilador. "Você sabe que eu preciso de um sacrifício para convocar um deus maior. Não é nada pessoal."

Sadie franziu as sobrancelhas e gesticulou com a boca, *deus maior?*

Eu balancei a cabeça, perplexo. A Casa da Vida não permitia que mortais convocassem deuses. Esse foi o principal motivo de Desjardins nos odiar. Menshikov supostamente era o seu melhor amigo. Então o que ele estava fazendo, quebrando as regras?

"Dói!" o pobre demônio gemeu. "Servi você por cinqüenta anos, mestre. Por favor!"

"Chega, chega," Menshikov disse, sem um traço de simpatia. "Eu *tenho* que fazer uma execração. Somente a forma mais dolorosa de banimento vai gerar energia suficiente."

Do bolso do paletó do terno, Menshikov puxou um saca-rolhas comum e um caco de cerâmica, coberto com hieróglifos vermelhos.

Ele ergueu os itens e começou a cantar novamente: "Eu te nomeio Morte-às-Rolhas, o Servo de Vladimir, Aquele Que Se Transformou na Noite."

Enquanto o nome do demônio era dito, as correntes mágicas soltaram vapor e se apertaram ao redor de seu corpo. Menshikov segurou o saca-rolhas acima das chamas de seu cajado. O demônio se debulhou e lamentou. Assim que o pequeno saca-rolhas ficou em brasas, o corpo do demônio começou a soltar fumaça.

Eu assistia com horror. Eu sabia sobre a magia simpática, é claro. A ideia era fazer algo pequeno afetar algo grande, ligando-os. Quanto mais parecidos os itens eram — como o saca-rolhas e o demônio — mais fácil era de ligá-los. Bonecos de vodu funcionavam na mesma teoria.

Mas a execração era coisa séria. Isso significava destruir uma coisa totalmente — apagando a sua forma física, e até mesmo o seu nome, da existência. Precisava de algumas magias sérias para retirar esse tipo de magia. Se feita errado, poderia destruir quem a lançava. Mas, se feita corretamente, a maioria das vítimas não teria a menor chance. Mortais normais, magos, fantasmas, até mesmo demônios, poderiam ser varridos da face da terra. Execração não podia destruir grandes potências, como os deuses, mas ainda assim seria como detonar uma bomba nuclear nos rostos deles. Eles seriam jogados tão profundamente no Duat que talvez nunca mais voltassem.

Vlad Menshikov fez essa magia como se a fizesse todos os dias. Ele continuou cantando enquanto o saca-rolhas começava a derreter, e o demônio derretia com ele. Menshikov deixou o caco de cerâmica cair no chão — os hieróglifos vermelhos que descreviam todos os vários nomes dos demônios. Com uma palavra final de poder, Menshikov pisou no caco e o esmagou aos pedacinhos. Morte-às-Rolhas havia dissolvido, assim como suas correntes e todo o resto.

Normalmente, eu não sinto pena de criaturas do submundo, mas não pude deixar de ficar com um nó na garganta. Eu não conseguia acreditar no jeito casual com que Menshikov havia extinguido o seu servo, só para poder ampliar seu feitiço.

Logo que o demônio foi embora, o fogo no cajado de Menshikov morreu. Hieróglifos queimaram ao redor do círculo de invocação. O grande jarro verde tremeu e uma voz lá do fundo rugiu, “Olá, Vladimir. Quanto tempo.”

Sadie inalou nitidamente. Eu tive que cobrir a boca para impedi-la de gritar. Nós dois conhecíamos aquela voz. Eu me lembrei de tudo muito bem, desde a Pirâmide Vermelha.

“Set.” Menshikov não parecia ao menos cansado da convocação. Ele parecia incrivelmente calmo para alguém que acabara de abordar o deus do mal. “Nós precisamos conversar.”

Sadie empurrou minha mão e sussurrou, “Ele está louco?”

“Mesa” eu disse. “Pergaminho. Fora daqui. *Agora.*”

Pela primeira vez, ela não argumentou comigo. Ela começou a pescar suprimentos de sua bolsa.

Enquanto isso, o jarro verde e grande balançava como se Set estivesse tentando entorná-lo.

“Um vaso malaquita?” O deus parecia irritado. “Realmente, Vladimir. Pensei que estávamos em condições mais amigáveis do que isso.”

A risada de Menshikov parecia alguém esganando um gato. “Excelente para constranger espíritos malignos, não é? E este quarto tem mais malaquita do que qualquer outro lugar do

planeta. A Imperatriz Alexandra foi bastante prudente em ter isso construído em sua sala de estar."

A jarra tilintou. "Mas cheira moedas antigas aqui, e é muito frio. Você um dia já ficou preso em um vaso malaquita, Vlad? Eu não sou um gênio. Eu ficaria muito mais conversável se pudesse me sentar frente a frente, talvez tomando chá."

"Temo que não", disse Menshikov. "Agora, você vai responder minhas perguntas."

"Oh, é claro," Set disse. "Eu gosto do Brasil na Copa do Mundo. Eu o aconselho a fazer um investimento em platina e em fundos de pequena-cobertura. E os seus números da sorte desta semana são 2, 13—"

"Não estas perguntas!" disparou Menshikov.

Sadie puxou um pedaço de cera de sua bolsa e começou a trabalhar arduamente, formando uma espécie de forma animal. Eu sabia que ela ia testar a mesa para magias defensivas. Ela era melhor neste tipo de magia do que eu, mas eu não tinha certeza de como ela o faria. Magia egípcia é bastante ampla. Há sempre mil maneiras diferentes para realizar uma tarefa. O truque é ser criativo com o que se tem de material e escolher um caminho que não vá te matar.

"Você vai me dizer o que eu preciso saber," Menshikov pediu, "ou essa jarra vai ficar ainda mais desconfortável."

"Meu querido Vladimir." A voz de Set era cheia de um divertimento maléfico. "O que você *precisa* saber pode ser bem diferente do que você *quer* saber. O seu lamentável acidente não te ensinou isso?"

Menshikov tocou os seus óculos escuros, como se para ter certeza de que eles não haviam caído.

"Você vai me dizer a ligação para Apófis," ele disse em um tom de aço. "E depois você vai me dizer como neutralizar os encantamentos da Casa do Brooklyn. Você conhece as defesas dos Kane melhor do que ninguém. Uma vez que eu os destrua, eu não vou ter opositores."

Assim que o significado das palavras de Menshikov afundou em mim, uma onda de fúria quase me fez cair. Desta vez, Sadie tinha que prender a minha boca para ela ficar fechada.

"Calma!" ela sussurrou. "Você vai fazer a nuvem da invisibilidade começar a estalar de novo!"

Empurrei a mão dela e sussurrei: "Mas ele quer Apófis livre!"

"Eu sei."

"E quer atacar Amós—"

"Eu sei! Então me ajude a pegar aquela droga de coisa e vamos sair daqui!" Ela colocou o animal de cera sobre a mesa — um cão, eu acho — e começou a escrever hieróglifos nas costas dele com um estilete.

Eu tomei um fôlego instável. Sadie estava certa, mas ainda assim — Menshikov estava falando sobre como libertar Apófis e matar nosso tio. Que tipo de mago faz acordos com Set? Com exceção de Sadie e eu. Aquilo foi diferente.

A risada de Set ecoou dentro do vaso verde. "Então: a ligação para Apófis e o segredo da Casa do Brooklyn. É só isso, Vladimir? Gostaria de saber o que o seu mestre, Desjardins, pensaria se descobrisse o seu plano real, e o tipo de amigos que você tem."

Menshikov pegou seu cajado. A ponta esculpida de serpente recomeçou a queimar. "Tenha cuidado com suas ameaças, *Dia Maligno*."

O vaso tremeu. Ao longo da sala, caixas de vidro estremeceram. O candelabro fez um som estridente, como se um carrilhão de vento de três toneladas estivesse soprando.

Eu dei um olhar de pânico para Sadie. "Ele acabou de pronunciar—"

"O nome secreto de Set," ela confirmou, ainda escrevendo em seu cachorro de cera.

"Como—"

"Eu não sei, Carter. Agora, shh!"

O nome secreto de um deus tinha todo o tipo de poder. Era praticamente impossível de se conseguir. Para realmente aprender, você não pode apenas ouvi-lo repetidas vezes de alguma pessoa aleatória. Você tem que ouvir diretamente do próprio deus, ou da pessoa mais próxima ao seu coração. Uma vez que você o tenha, o nome lhe dava uma alavanca mágica séria sobre esse deus. Sadie tinha aprendido o nome secreto de Set durante a nossa missão no último Natal, mas como Menshikov o havia conseguido?

Dentro do vaso, Set rosnou com aborrecimento. "Eu realmente odeio esse nome. Por que não poderia ter sido Dia da Glória? Ou o Ceifeiro Vermelho que Detona? Isso seria bastante agradável. Já era ruim o bastante quando você era o único que o conhecia, Vlad. Agora eu tenho a garota Kane para me preocupar—"

"Nos sirva," Menshikov disse, "e os Kane serão destruídos. Você será homenageado o tenente de Apófis. Você pode levantar um outro templo, ainda maior do que a Pirâmide Vermelha."

"Ahãm," disse Set. "Talvez você não tenha notado, mas eu não faço bem o tipo da coisa de segundo-no-comando. Quanto a Apófis, ele não é o único a sofrer para chamar a atenção dos outros deuses."

"Nós iremos libertar Apófis, com ou sem a sua ajuda," Menshikov avisou. "No equinócio, ele *irá* se levantar. Mas se você nos ajudar a fazer as coisas acontecerem mais rápido, será recompensado. A sua outra opção é a execração. Oh, eu sei que não vai te destruir completamente, mas com o seu nome secreto eu consigo te enviar para o abismo da eternidade, e isso será muito, muito doloroso. Eu te darei trinta segundos para decidir?"

Cutuquei Sadie. "Mais rápido."

Ela bateu no cão de cera, e ele veio à vida. Começou a cheirar em torno da mesa, olhando para as armadilhas mágicas.

Dentro do vaso, Set suspirou. "Bem, Vladimir, você sabe como fazer uma oferta atraente. A ligação para Apófis, você diz? Sim, eu estava lá quando Rá prendeu a Serpente naquela prisão de escaravelhos. Suponho que eu devesse lembrar os ingredientes que ele usou para a ligação. Foi há muito tempo! Eu estava vestindo vermelho, acho. Na festa da vitória que ele serviu os gafanhotos mais deliciosos, cozidos com mel—"

"Você tem dez segundos," disse Menshikov.

"Oh, eu vou ajudar! Espero que você tenha uma caneta e um papel em mãos. É uma lista realmente longa de ingredientes. Deixe-me ver… o que Rá usou para a base? Esterco de morcego? Então havia os sapos secos, é claro. E depois —"

Set começou a tagarelar ingredientes, enquanto o cão de cera de Sadie farejava ao redor da mesa. Por fim, deitou-se sobre o talão e dormiu.

Sadie franziu a testa para mim. "Sem armadilhas."

"Isso está muito fácil", eu sussurrei de volta.

Ela abriu a gaveta de cima. Lá estava o rolo de papiro, tal como aquele que tínhamos encontrado no Brooklyn. Ela o colocou em sua bolsa.

Estávamos na metade do caminho de volta para a lareira quando Set nos pegou de surpresa.

Ele continuava sua lista de ingredientes ridículos: "E pele de cobra. Sim, três grandes, com uma pitada de molho quente —" Então ele parou abruptamente, como se tivesse uma revelação. Ele falou numa voz bem mais alta, que preenchia toda a sala. "E uma vítima para um sacrifício seria bom! Talvez um mago jovem e idiota que não consegue fazer um feitiço de invisibilidade adequado, como CARTER KANE, ali atrás!"

Congelei. Vladimir Menshikov se virou, e o meu pânico se tornou grande demais para a nuvem de invisibilidade.

Meia dúzia de faíscas douradas pularam com um alto e feliz *WHEEEEE!* A nuvem de escuridão se dissolveu.

Menshikov olhou exatamente para mim. "Meu, meu… que sorte a de vocês de se entregarem. Muito bem, Set."

"Humm?" Set perguntou inocentemente. "Nós temos visitas?"

"Set!" rosnou Sadie. "Eu vou te chutar em forma de *ba* se precisar, então me ajude!"

A voz no vaso ofegou. "Sadie Kane? Que emocionante! Pena que estou preso *neste vaso* e ninguém *me deixa sair*."

A dica não foi muito sutil, mas sério, ele realmente acreditava que nós íamos soltá-lo depois de ele estragar nosso disfarce?

Sadie encarou Menshikov, sua varinha e seu cajado prontos. “Você está trabalhando para Apófis. Está do lado errado.”

Menshikov tirou os óculos. Seus olhos eram poços de cicatrizes arruinados, a pele queimada e as córneas brilhantes. Acredite em mim, essa é a forma menos grosseira de descrevê-lo.

“Do lado errado?” Menshikov perguntou. “Garota, você não tem nem ideia do tanto de poder que está em jogo. Há cinco mil anos, sacerdotes egípcios profetizaram o modo como o mundo iria acabar. Rá iria ficar velho e cansado, e Apófis iria engoli-lo e mergulharia o mundo em trevas. O Caos iria governar para sempre. Esse é o tempo! Você não pode deter isso. Você só pode escolher se vai ser destruído ou se vai se curvar ao poder do caos e sobreviver.”

“Certo,” Set comentou. “É muito ruim eu estar *preso neste vaso*. Porque senão eu poderia *tomar um partido e ajudar alguém*.”

“Cale-se, Set” repreendeu Menshikov. “Ninguém seria louco o suficiente para confiar em você. E quanto a vocês, crianças, claramente não são a ameaça que eu imaginava que fossem.”

“Ótimo” disse eu. “Então podemos ir?”

Menshikov riu. “Para vocês irem correndo à Desjardins e dizerem tudo o que ouviram? Ele não acreditaria em vocês. Ele iria julgá-los e depois executá-los. Mas eu vou poupá-los do embaraço. Vou matá-los agora.”

“Que divertido!” disse Set. “Eu queria poder ver, mas estou preso *nesse vaso*.”

Eu tentei pensar. Menshikov ainda estava dentro do círculo de proteção, o que significava que ele tinha uma grande vantagem defensiva. Eu não estava muito certo que poderia acabar com ele, mesmo se pudesse invocar o meu avatar de combate. Enquanto isso, Menshikov tomava seu tempo tentando encontrar maneiras diferentes de nos destruir. Será que ele iria nos explodir com magia elementar? Nos transformar em besouros?

Ele jogou seu cajado no chão, e eu xinguei.

Jogar o seu cajado no chão deveria parecer algo como um sinal de rendição, mas na magia egípcia, é uma má notícia.

Geralmente significa *Ei, eu vou convocar uma coisa enorme e desagradável para te matar, enquanto eu fico seguro dentro do meu círculo e dou risadas!*

Como eu já imaginava, o cajado de Menshikov começou a se contorcer e a crescer.

Ótimo, pensei. Outra serpente.

Mas algo estava errado com esta. Em vez de uma cauda, ela tinha cabeças em ambas as extremidades. No começo pensei que nós havíamos tido um pouco de sorte e que Menshikov invocara um monstro com um defeito genético raro. Então, da coisa, brotaram quatro pernas de dragão. Seu corpo cresceu até que ele ficasse do tamanho de um cavalo, curvado como um U, com um nuance em escalas de verde e vermelho e uma cabeça de cascavel em ambos os lados.

Isso me lembrou o animal de duas cabeças de Doutor Dolittle. Sabe — o mimpurra-tupuxa[16]? Só que Dr. Dolittle nunca iria querer falar com essa coisa, e mesmo que quisesse, ela provavelmente diria *Olá, eu vou te comer*.

As duas cabeças se viraram na nossa direção e sibilaram.

“Eu realmente já tive a minha dose de cobras por uma semana,” murmurei.

Menshikov sorriu. “Ah, mas serpentes são a minha especialidade, Carter Kane!” Ele tocou em um pingente de prata que estava pendurado em seu colar — um amuleto em forma de serpente. “E essa criatura em especial é a minha favorita: a *tjesu heru*. Duas bocas famintas para alimentar. Duas crianças travessas. Perfeito!”

Sadie e eu nos entreolhamos. Tivemos um daqueles momentos em que podíamos ler as expressões um do outro perfeitamente.

Nós dois sabíamos que não conseguiríamos derrotar Menshikov. Ele faria com que a cobra mimpurra-tupuxa nos desgastasse e depois, se sobrevivêssemos a isso, ele iria apenas nos explodir como qualquer outra coisa. O cara era profissional. Nós iríamos morrer, ou então, seríamos capturados, e Bes havia nos avisado sobre não sermos capturados com vida. Depois de ver o que havia acontecido com aquele demônio Morte-às-Rolhas, eu levei a advertência de Bes à sério.

Para sobreviver, nós teríamos que fazer algo maluco — algo tão suicida que Menshikov nunca imaginaria. Nós tivemos que pedir ajuda *imediatamente*.

“Devo?” perguntou Sadie.

“Faça.” Eu concordei.

A *tjesu heru* mostrou suas presas pingando. Você não pensaria que uma criatura sem fim poderia se mover tão rápido, mas as duas cabeças vieram na nossa direção como uma ferradura gigante e atacou.

Puxei minha espada. Sadie foi mais rápida.

Ela apontou seu cajado para o vaso de malaquita de Set e gritou as suas palavras de comando preferidas: *“Ha-di!”*

Eu estava com medo que isso não funcionasse. Ela não tentara o feitiço de destruição desde que se separara de Ísis. Mas pouco antes do monstro chegar em mim, a jarra verde já havia quebrado.

Menshikov gritou, *“Nyet!”*

Uma tempestade de areia explodiu pela sala. Ventos quentes empurraram Sadie e eu contra a lareira. A parede de areia vermelha bateu no *tjesu heru* e o mandou voando até a coluna de malaquita lateral. Vlad Menshijov foi jogado para a direita, fora de seu círculo de

[16] Mimpurra-tupuxa: Animal fictício citado no livro “*The Story of Doctor Dolittle*” do autor *Hugh Lofting* escrito em 1920. O livro conta a história de um médico que aprende o segredo de como falar com animais. O filme Dr. Dolittle deve ter sido obviamente baseado nesse livro. (N.T.)

proteção, e bateu a cabeça na mesa. Ele caiu no chão, areia vermelha rodopiando sobre si, até que ficou completamente enterrado.

Quando a tempestade se acalmou, um homem em um terno de seda vermelho ficou na nossa frente. Ele tinha cor de um Kool-Aid[17] de cereja, uma cabeça raspada, um cavanhaque escuro e brilhante e olhos pretos e alinhados com kohl. Ele parecia um demônio egípcio pronto para uma noite na cidade.

Ele sorriu e estendeu as mãos num gesto de tcharãm. "Assim está melhor! Obrigado, Sadie Kane!"

À nossa esquerda, o *tjesu heru* sibilou e se debateu, tentando ficar em pé novamente. A pilha de areia vermelha que recobria Vlad Menshikov começou a se mover.

"Faça alguma coisa, Dia Maligno!" ordenou Sadie. "Livre-se deles!"

Set estremeceu. "Não precisa tornar os nomes algo pessoal."

"Talvez você prefira Ceifeiro Vermelho que Detona?" perguntei.

Set gesticulou uma moldura com os dedos, como se imaginasse o nome em sua carteira de motorista.

"Sim… esse monstro é legal, não é?"

O *tjesu heru* cambaleou até ficar de pé. Balançou a cabeça e nos encarou, mas parecia ignorar Set, mesmo que tenha sido ele o único culpado de jogá-lo contra a parede.

"Esse bicho tem uma coloração bonita, não é?" Set perguntou. "Um espécime lindo."

"Mate-o!" eu gritei.

Set olhou chocado. "Oh, eu não posso fazer isso! Eu sou muito afeiçoado a cobras. Além disso, o CDTEM iria ficar no meu pé."

"CDTEM?" perguntei.

"Conselho de Divindades pelo Tratamento Ético com Monstros".

"Você está inventando!"

Set sorriu. "Ainda assim… temo que tenham de lidar com o *tjesu heru* vocês mesmos."

O monstro sibilou para nós, o que provavelmente significava *Ótimo!* Ergui a espada para mantê-lo afastado.

A pilha de areia vermelha se moveu. O rosto abobalhado de Menshikov surgiu do topo da areia. Set estalou os dedos e uma grande panela de barro apareceu no ar, quebrando sobre a cabeça do mago.

Menshikov caiu de volta na areia.

"Eu vou ficar aqui e entreter Vladimir," disse Set.

"Você não pode execrá-lo, ou algo assim?" exigiu Sadie.

---

[17] Kool-Aid é uma mistura em pó para bebida, existem vários sabores. (N.T.)

“Oh, eu bem que gostaria! Infelizmente, fico muito limitado quando alguém possui o meu nome secreto, especialmente quando esse alguém me deu ordens específicas para não matá-lo.” Ele olhou acusatoriamente para Sadie. “De qualquer forma, posso lhes conseguir alguns minutos, mas Vlad vai ficar muito bravo quando acordar, então eu teria pressa se fosse vocês. Boa sorte com o negócio da sobrevivência! E boa sorte em comê-los, *tjesu heru*!”

Eu queria estrangular Set, mas tinha problemas maiores. Como se encorajado pela conversa de Set, o *tjesu heru* investiu contra nós. Sadie e eu corremos para a porta mais próxima.

Corríamos pelo Palácio de Inverno com a risada de Set ecoando atrás de nós.

S A D I E

11. Carter Faz Algo Incrivelmente Idiota (e Ninguém Fica Surpreso)

EU ENTENDI, CARTER. Eu entendi.

Me deixou contar a parte mais dolorosa, eu não posso te culpar. O que aconteceu foi ruim o suficiente para mim, mas para você — bem, eu não quero falar sobre esse assunto.

Nós estávamos no Palácio de Inverno, correndo pelos corredores de mármore polido que *não* foram projetados para correr. Atrás de nós, um *tjesu heru* de duas cabeças derrapava e batia nas paredes enquanto tentava virar os cantos, muito parecido como Muffin costumava fazer sempre que a vovó esfregava o chão. Essa é a única razão para o monstro não nos pegar imediatamente.

Assim surgimos na Sala Malaquita, eu não tinha idéia de onde ficava a saída mais próxima. Eu nem tinha certeza se realmente estávamos no Palácio de Inverno, ou se o escritório de Menshikov tinha algum fax inteligente que só existia no Duat. Estava começando a achar que nunca sairíamos quando viramos uma curva, descemos correndo uma escada, e vimos um conjunto de portas de vidro e ferro que levava para a Praça do Palácio.

O *tjesu heru* estava bem atrás de nós. Ele escorregou e rolou pela escada, demolindo uma estátua de gesso de algum czar infeliz.

Estávamos a dez metros da saída quando vi os cadeados entre as portas.

“Carter,” arquejei, acenando desesperadamente para os cadeados.

Odeio admitir quão fraca eu estava. Eu não tinha forças para outra magia. Rachar o vaso de Set na Sala Malaquita foi meu último suspiro, que é um bom exemplo de por que você não deve usar magia para resolver todos os seus problemas. Invocar a Palavra Divina para quebrar o vaso tinha tomado tanta energia, que eu me sentia como se estivesse cavando buracos no sol ardente. Seria bem mais fácil só arremessar uma pedra. Se eu sobrevivesse àquela noite, decidiria acrescentar algumas pedras na minha bolsa de utilidades.

Estávamos a três metros quando Carter empurrou sua mão em direção à porta. O Olho de Hórus queimou contra o cadeado, e as portas explodiram como se tivessem sido golpeadas por um punho gigante. Eu não tinha visto Carter fazer nada como isso desde nossa luta na Pirâmide Vermelha, mas eu não tive tempo para ficar de boca aberta. Disparamos pela noite de inverno, o *tjesu heru* rugindo atrás de nós.

Você vai achar que eu estava louca, mas meu primeiro pensamento foi: *Isso foi muito fácil*.

Apesar de o monstro nos perseguir e dos negócios com Set (quem eu estrangularia na primeira oportunidade — que traidor imbecil!), eu não pude deixar de sentir que tínhamos violado o santuário de Menshikov e apanhado o rolo sem problemas o suficiente. Onde estavam as armadilhas? Os alarmes? As maldições de explodir burros? Eu tinha certeza que tínhamos roubado o rolo autêntico.

Senti o mesmo formigamento em meus dedos como quando eu tinha pegado o único do Museu do Brooklyn (sem o incêndio, felizmente). Então por que o rolo não tinha sido mais bem protegido?

Eu estava tão cansada, que caí alguns passos atrás de Carter, o que provavelmente salvou a minha vida. Senti uma sensação de arrepio pelo meu coro cabeludo. Senti a escuridão acima de mim — um sentimento que me lembrava muito da trevas das asas de Nekhbet. Olhei para cima e vi o *tjesu heru* velejando por cima de nossas cabeças como uma enorme rã-touro, a tempo de colocar sua garra para pousar—

“Carter, pare!” eu gritei.

É mais fácil dizer do que fazer no pavimento gelado. Eu derrapei até parar, mas Carter estava indo rápido demais. Ele caiu sobre seu traseiro e deslizou. Sua espada deslizando para o lado.

O *tjesu heru* pousou bem em cima dele. Se não estivesse em forma de U, Carter seria esmagado; mas aquilo se curvou ao redor dele como um enorme par de fones de ouvido, uma cabeça olhando abaixo para ele dos dois lados.

Como alguma coisa tão grande podia saltar tão longe? Tarde demais, percebi que poderíamos ter ficado lá dentro onde era mais difícil para o monstro se mexer. Lá fora, não tínhamos chance de ultrapassá-lo.

“Carter,” eu disse. “Fique totalmente parado.”

Ele congelou na posição de caranguejo. As duas cabeças do monstro pingavam veneno que sibilaram e cozinharam as pedras de gelo.

“Oi!” gritei. Não tendo nenhuma pedra, peguei um pedaço grosso de gelo quebrado e arremessei no *tjesu heru*. Certamente acertei a parte de trás de Carter ao invés disso. Mesmo assim, peguei a atenção do *tjesu heru*.

As duas cabeças se viraram na minha direção, as duas línguas tremulando. Primeira etapa concluída: distrair o monstro.

Segunda etapa: encontrar algum jeito inteligente de afastar aquilo de Carter. Essa parte estava me dando um pouco mais de trabalho.

Eu tinha usado minha única poção. A maioria dos meus suprimentos mágicos se foi. Meu cajado e minha varinha não melhorariam minha situação com as minhas reservas mágicas drenadas. A faca de Anúbis? De algum jeito eu duvidava que aquela fosse a situação certa para abrir a boca de alguém.

O amuleto de Walt? Eu não tinha a menor idéia de como usar isso.

Pela milionésima vez, me arrependi de ter dado o espírito de Ísis. Eu sem dúvida podia ter usado o arsenal mágico completo da deusa. Mas, é claro, aquilo foi exatamente o porquê que eu *tive* que me separar dela. Aquele tipo de poder é embriagante, perigosamente viciante. Pode destruir sua vida, bem rápido.

Mas e se eu pudesse criar um elo limitado? Na Sala Malaquita, eu dominei a magia *ha-di* pela primeira vez em meses. E embora tivesse sido difícil, não foi impossível.

Certo, Ísis, pensei. *Aqui está o que eu preciso—*

Não pense Sadie, sua voz sussurrou de volta quase imediatamente, o que foi um choque muito grande. *A magia divina tem que ser involuntária, como respirar.*

Você quer dizer... Parei. *Não pense*. Bem, aquilo não poderia ser tão difícil. Levantei meu cajado, e um hieróglifo dourado brilhou no ar. Um *tyet* de um metro de altura iluminou o pátio como uma estrela de árvore de Natal.

O *tjesu heru* rosnou, seus olhos amarelos fixos no hieróglifo.

“Não gosta disso, hein?” gritei. “O símbolo de Ísis, seu vira-lata feio. Agora, fique longe do meu irmão!”

Foi um blefe total, é claro. Eu duvidava que um sinal brilhante pudesse fazer algo de útil. Mas eu esperava que a criatura cobra não fosse inteligente o suficiente para saber disso.

Lentamente, Carter se moveu para trás. Ele olhou para sua espada, mas ela estava a dez metros de distância — muito fora de alcance.

Mantive meus olhos no monstro. Usei o topo do meu cajado para traçar um círculo mágico na neve ao meu redor. Isso não daria muita proteção, mas era melhor que nada.

“Carter,” gritei, “Quando eu disser vai, corre para cá.”

“Essa coisa é muito rápida!” ele disse.

“Vou tentar detonar o hieróglifo e cegá-lo.”

Eu ainda acho que o plano teria funcionado, mas não tive chance de tentar.

Em algum lugar à minha esquerda, botas esmagaram o gelo. O monstro se virou na direção do som. Um homem jovem corria para a luz do hieróglifo. Ele estava vestido em um casaco de lã pesado e um chapéu de policial, com uma espingarda em suas mãos, mas ele não podia ser muito mais velho que eu. Ele estava praticamente se afogando em seu uniforme. Quando ele viu o monstro, seus olhos se arregalaram. Ele tropeçou para trás, quase derrubando sua arma.

Ele gritou alguma coisa para mim em russo, provavelmente, “Por que tem um monstro serpente de duas cabeças sem traseiro?”

O monstro sibilou para nós dois — o que ele podia fazer, tendo duas cabeças.

“Isso é um monstro,” eu disse ao guarda. Eu tinha quase certeza que ele não conseguia entender, mas tentei manter meu tom firme. “Fique calmo e não atire. Estou tentando salvar meu irmão.”

O guarda engoliu. Suas orelhas largas eram as únicas coisas que apareciam sob seu chapéu. Ele olhou do monstro para Carter e para o *tyet* brilhando acima de minha cabeça. Então ele fez algo que eu não esperava.

Ele disse uma palavra do Egito Antigo: “*Heqat”* — o comando que eu sempre usava para invocar meu cajado.

Sua espingarda virou um bastão de carvalho de dois metros de altura com uma cabeça de falcão esculpida.

Que maravilha, pensei. Os guardas de segurança eram magos em segredo.

Ele se dirigiu a mim em russo — algum tipo de aviso. Reconheci o nome *Menshikov*.

“Deixe-me adivinhar,” eu disse. “Você quer me levar para seu líder.”

O *tjesu heru* estalou as mandíbulas. Ele estava perdendo medo do meu *tyet* brilhante muito rápido. Carter não estava longe o suficiente para correr dele.

“Olha,” eu disse ao guarda, “seu chefe, Menshikov, é um traidor. Ele invocou essa coisa para nos matar então não iríamos atrapalhar seus planos de libertar Apófis. Entende a palavra *Apófis*? Cobra má. Cobra muito má! Agora, ou me ajude a matar esse monstro ou fique fora do meu caminho!

O guarda-mago hesitou. Ele apontou para mim nervoso. “Kane.” Não era uma pergunta.

“Sim,” concordei. “Kane.”

Sua expressão era uma mistura de emoções — medo, incredulidade, até mesmo respeito. Eu não sabia o que ele tinha ouvido sobre nós, mas antes de poder decidir entre nos ajudar ou lutar contra nós, a situação saiu do controle.

O *tjesu heru* investiu. Meu irmão ridículo — em vez de rolar para fora do caminho -— enfrentou o monstro.

Ele fechou seus braços ao redor do pescoço direito da criatura e tentou subir em suas costas, mas o *tjesu heru* simplesmente virou sua outra cabeça e o atacou.

O que meu irmão estava pensando? Talvez ele achasse que podia montar a besta. Talvez ele estivesse tentando me comprar alguns segundos para conjurar um feitiço. Se você perguntar a ele sobre isso agora, ele vai afirmar que não foi completamente um acidente. Mas se você perguntar para mim, o idiota estava tentando me salvar, mesmo que isso significasse se sacrificar. Que raiva!

[Oh, sim, *agora* você tenta se explicar, Carter. Você acha que eu não me lembro disso! Só fica quieto e me deixe contar a história.]

Como eu estava dizendo, o *tjesu heru* atacou Carter, e tudo pareceu desacelerar. Eu me lembro de gritar, baixando meu cajado para o monstro. O soldado-mago gritou alguma coisa em russo. A criatura afundou suas presas no ombro esquerdo de Carter, e ele caiu no chão.

Esqueci meu círculo improvisado. Corri em direção a ele, e meu cajado brilhou. Eu não sei como manejei o poder. Como Ísis disse, eu não pensei. Eu simplesmente canalizei toda a minha raiva e comovi para meu cajado.

Ver Carter machucado foi a última ofensa. Meus avós foram possuídos. Minhas amigas foram atacadas, e meu aniversário arruinado. Mas meu irmão passou dos limites. A ninguém era permitido machucar meu irmão.

Soltei um raio de luz dourada que atingiu o monstro com a força de um jato de areia.

O *tjesu heru* se desfez em pedaços, até não ter nada restando além de uma camada de areia fumegando na neve e algumas lascas do cajado destruído de Menshikov.

Corri para o lado de Carter. Ele estava tremendo, seus olhos girando em sua cabeça. Dois furos em seu casaco estavam fumegando.

“Kane,” o jovem russo disse com um tom de medo.

Peguei uma lasca de madeira e levantei para ele ver.

“Seu chefe Menshikov fez isso. Ele está trabalhando para Apófis. Menshikov: Apófis. Agora, SAIA DAQUI!”

O mago não deveria ter entendido minhas palavras, mas ele captou a mensagem. Virou-se e correu.

Aninhei a cabeça de Carter. Eu não conseguia carregá-lo, mas tinha que tirá-lo de lá.

Estávamos em território inimigo. Eu precisava encontrar Bes.

Lutei para colocar ele de pé. Então alguém pegou o outro braço de Carter e nos ajudou. Encontrei Set sorrindo para mim, ainda em seu terno de discoteca vermelho ridículo, empoeirado com destroços de malaquita.

Os óculos de sol quebrado de Menshikov estavam apoiados em sua cabeça.

“Você,” eu disse, muito cheia de nojo para fazer uma ameaça de morte boa.

“Eu,” Set concordou alegremente. “Vamos tirar seu irmão daqui, vamos? Vladimir *não* está de bom humor.”

O Nevsky Prospekt seria um belo lugar para fazer compras se não tivesse uma tempestade de neve durante as primeiras horas da manhã. E se eu não tivesse levado irmão comatoso e envenenado. A rua tinha grandes pavimentos, perfeito para ambulantes, alinhados com uma

variedade impressionante de boutiques, cafés, igrejas e mansões. Com todas as placas em russo, eu não via como encontraríamos a loja de chocolates. Não consegui localizar a Mercedes preta de Bes em lugar nenhum.

Set se voluntariou para carregar Carter, mas eu não estava disposta a deixar o deus do caos se encarregar de meu irmão, então ele se arrastou entre nós. Set decidiu conversar amigavelmente sobre o veneno do *tjesu heru*:

"Completamente incurável! Fatal em cerca de doze horas. É uma coisa incrível!" E sua luta com Menshikov: "Seis vasos se quebraram sobre sua cabeça, e ele ainda sobreviveu! Eu invejo seu crânio duro." E minhas perspectivas de viver o bastante para encontrar Bes: "Oh, você está frita, minha querida! Uma dúzia de magos mais velhos estavam se juntando a Menshikov quando eu fiz minha, er, saída estratégica. Eles vão te alcançar em pouco tempo. Eu poderia ter destruído todos eles, é claro, mas não podia arriscar que Vladimir usasse meu nome secreto de novo. Talvez ele fique com amnésia e esqueça isso. Então se vocês morrerem seriam dois problemas resolvidos. Oh, desculpe, suponho que soou insensível. Venha!"

A cabeça de Carter pendeu. Sua respiração soava quase tão ruim quanto o inalador do Darth Vader.

Agora, por favor não pense que eu fui estúpida. Claro que me lembrei da mini-figura de cera de Carter que Jaz me deu. Reconheci que aquele era o tipo de emergência onde isso poderia vir a calhar. Como Jaz tinha previsto que Carter precisaria de cura, eu não tinha ideia. Mas era possível que a figura podia extrair o veneno dele, apesar do que Set disse sobre isso ser incurável. O que um deus do mal sabia sobre cura, de qualquer jeito?

Havia problemas, no entanto. Primeiro, eu sabia muito pouco sobre magia de cura. Eu precisava de tempo para descobrir a fusão adequada, e como eu só tinha uma estátua de cera, não podia me dar ao luxo de errar.

Segundo, eu não podia fazer isso muito bem enquanto estava sendo perseguida por Menshikov e seu pelotão de magos russos valentões, nem queria baixar minha guarda com Set em algum lugar perto de mim. Eu não sabia por que ele decidiu ser útil de repente, mas o quanto mais rápido eu pudesse perdê-lo, melhor. Precisava encontrar Bes e fugir para um lugar seguro — se houvesse um lugar assim.

Set ficou falando de todos os jeitos excitantes que os magos deveriam me matar assim que me pegarem. Finalmente vi uma fonte à frente sobre um lago congelado. Estacionada no meio estava a Mercedes preta.

Bes se encostou ao capô, comendo peças de um tabuleiro de xadrez de chocolate. Próximo a ele estava uma bolsa grande de plástico — felizmente com mais chocolate para mim.

Gritei para ele, mas ele estava tão ocupado comendo chocolate (que acho que eu poderia entender) que ele não nos notou até estarmos a alguns metros de distância. Então ele olhou para cima e viu Set.

Eu comecei a dizer, "Bes, não—"

Tarde demais. Como um gambá, o deus anão ativou seu modo de defesa. Seus olhos incharam. Sua boca se abriu incrivelmente grande. Ele gritou "BUU!" tão alto, que meu cabelo se partiu, e pingentes de gelo choveram dos postes da ponte.

Set não pareceu nem um pouco intimidado.

"Olá, Bes," ele disse. "Sério, você não é tão assustador com chocolate esfregado no seu rosto."

Bes olhou para mim. "O que *ele* está fazendo aqui?"

"Não foi minha idéia!" prometi. Dei a ele uma história resumida de nosso encontro com Menshikov.

"E então Carter foi machucado," resumi, o que pareceu bastante óbvio. "Temos que tirá-lo daqui."

"Mas primeiro," Set interrompeu, apontando para a sacola do Museu do Chocolate perto de Bes, "Não aguento surpresas. O que tem aí? Um presente para mim?"

Bes franziu o cenho. "Sadie queria um souvenir. Comprei a cabeça de Lênin para ela."

Set deu um tapa na coxa com prazer. "Bes, que malvado! Há esperança para você ainda."

"Não é sua cabeça *de verdade*," Bes disse. "É de chocolate."

"Ah... Que vergonha. Posso ter parte de seu tabuleiro de xadrez, então? Eu simplesmente adoro comer peões."

"Saia daqui, Set!" Bes disse.

"Bem, eu poderia fazer isso, mas já que nossos amigos estão a caminho, acho que talvez nós possamos fazer um acordo."

Set estalou os dedos, e um globo de luz vermelha apareceu em frente a ele. Nele, imagens holográficas de seis homens em uniformes de seguranças amontoados em dois carros esportivos. Seus faróis brilhavam em vida. Os carros desviaram de um estacionamento, então passaram direto através de uma parede de pedra como se fosse feita de fumaça.

"Eu diria que vocês tem cerca de dois minutos." Set sorriu, e o globo de luz desapareceu. "Você se lembra dos servidores de Menshikov, Bes. Você tem certeza que quer conhecê-los de novo?"

O rosto do deus anão escureceu. Ele esmagou uma peça de xadrez de chocolate branco na mão.

"Você está mentindo, planejando, assassinando..."

"Parem!" eu disse.

Carter gemeu em seu envenenamento atordoado. Ou ele estava ficando mais pesado, ou eu estava ficando cansada de segurá-lo de pé.

“Não temos tempo para discutir,” eu disse. “Set, você está se oferecendo para parar os magos?”

Ele riu. “Não, não. Ainda estou esperando eles matarem vocês, você vê. Mas estou oferecendo a vocês a localização do último pergaminho do Livro de Rá. É *isso* que vocês estão procurando, não é?”

Achei que ele estivesse mentindo. Ele normalmente estaria — mas se estivesse falando sério...

Olhei para Bes. “É possível que ele saiba a localização?”

Bes grunhiu. “Mais que possível. Os sacerdotes de Rá *deram* a ele o pergaminho para manter a salvo.”

“Por que diabos eles fizeram isso?”

Set tentou parecer modesto. “Convenhamos, Sadie. Eu era um tenente leal de Rá. Se você fosse Rá, e não quisesse ser incomodado por qualquer mago velho tentando te incomodar, você não confiaria à chave da sua localização com seu servo mais assustador?

Ele tinha um ponto. “Onde está o pergaminho, então?”

“Não tão rápido. Vou te dar a localização se *você* me der de volta meu nome secreto.

“Nem sonhando!”

“É bem simples. É só você dizer ‘eu devolvo seu nome.’ Você vai se esquecer da forma adequada de dizer isso...”

“E então não vou mais ter poder sobre você! Você vai me matar!

“Você tem minha palavra que não vou.”

“Certo. É uma pena. E se eu usar seu nome secreto para te *forçar* a me dizer?”

Set encolheu os ombros. “Com alguns dias de procura pelo encantamento correto, você deve conseguir. Infelizmente...” Ele colocou sua orelha na mão. Á distância, pneus guincharam dois carros, viajando rápido, chegando mais perto.” Vocês não tem alguns dias.

Bes xingou em egípcio. “Não faça isso, garota. Ele pode não ser confiável.”

“Nós podemos achar o pergaminho sem ele?”

“Bem... Talvez. Provavelmente não. Não.”

Os faróis dos dois carros desviaram para a Nevsky Prospekt, cerca de uma milha de distância. Estávamos fora do tempo. Eu tinha que tirar Carter dali, mas se Set realmente fosse nosso único jeito de achar o pergaminho, não podia fugir sem ele.

“Tudo bem, Set. Mas eu vou te dar uma última ordem.”

Bes suspirou. “Não posso suportar ver isso. Dê-me seu irmão. Vou colocá-lo no carro.
O anão pegou Carter e o enfiou no banco de trás da Mercedes.”

Eu mantive meus olhos em Set, tentando achar o jeito *menos* terrível de fazer esse acordo. Eu não podia simplesmente falar para ele *nunca* machucar minha família. Um pacto mágico precisava ser cuidadosamente formulado, com limites claros e uma data de expiração, ou toda a magia se desvencilharia. "*Dia do mal*, você não fará mal para a família Kane. Você vai manter uma trégua conosco até — até Rá ser acordado."

"Ou até vocês tentarem e *falharem* de acordá-lo?" Set perguntou inocentemente.

"Se isso acontecer," eu disse, "o mundo vai acabar. Então por que não? Vou fazer o que você pede a respeito de seu nome. Em troca, você vai me dizer a localização do último pergaminho do Livro de Rá, sem trapaça ou engano. Então você vai partir para o Duat.

Set considerou a oferta. Os dois carros esportivos brancos estavam a apenas alguns quarteirões de distância agora. Bes fechou a porta de Carter e correu de volta.

"Nós temos um acordo," Set concordou. "Você vai encontrar o pergaminho na Bahariya. Bes conhece o lugar que estou falando."

Bes não pareceu feliz. "Esse lugar é fortemente protegido. Vamos ter que usar o portal de Alexandria."

"Sim." Set sorriu. "Isso pode ser interessante! Por quanto tempo você consegue segurar seu fôlego, Sadie Kane?"

"O que você quer dizer?"

"Não se preocupe, não se preocupe. Agora, acredito que você me deve um nome secreto.

"Eu devolvo seu nome," eu disse. Assim mesmo, senti a magia me deixar. Eu ainda sabia o nome de Set: Dia do Mal. Mas de algum jeito eu não conseguia lembrar como costumava dizer isso, ou como isso funcionava em um encantamento. A memória foi apagada.

Para a minha surpresa, Set não me matou instantaneamente. Ele só sorriu e me jogou os óculos de Vlad Menshikov. "Espero que sobreviva, apesar de tudo, Sadie Kane. Você é muito divertida. Mas se eles te matarem, pelo menos aproveite a experiência!"

"Puxa, obrigada."

"E só porque eu gosto muito de você, vou te dar uma peça gratuita de informação para seu irmão. Diga a ele que a vila de Zia Rashid era chamada de Al-Hamrah Makan."

"Por que é que—"

"Boa viagem!" Set desapareceu em uma nuvem de névoa cor de sangue. Há um quarteirão de distância, os dois carros esportivos embarrilavam em nossa direção. Um mago enfiou a cabeça para fora do teto solar do carro líder e apontou seu cajado na nossa direção.

"Hora de ir," Bes disse. "Entre!"

Eu vou dizer isso de Bes: ele dirigiu como um maníaco. E eu quero dizer isso do melhor jeito possível. As ruas congeladas não o incomodavam. Nem os sinais de trânsito, calçadas de pedestres, ou canais, que ele pulou duas vezes sem se importar de encontrar uma ponte. Felizmente, a cidade estava mais vazia na hora da manhã, ou tenho certeza que teríamos atropelado um bom número de russos.

Nós traçamos o centro de São Petersburgo enquanto os dois carros esportivos cerravam atrás de nós. Eu tentava segurar Carter firme perto de mim no banco de trás. Seus olhos estavam meio abertos, suas córneas o tom verde mais terrível. Apesar do frio, ele estava queimando de febre. Eu tirei seu casaco de inverno e encontrei sua camisa encharcada de suor. Em seu ombro, as feridas estavam escorrendo como... Bem, acho que é melhor eu não descrever essa parte.

Olhei para trás. O mago no teto solar apontou seu cajado — não é uma tarefa fácil em uma perseguição de carro em alta velocidade — e uma lança brilhante branca disparou da ponta, zunindo na nossa direção como um míssil teleguiado.

“Mergulhe!” gritei, e empurrei Carter contra o assento.

A lança quebrou na janela traseira e voou direto pelo pára-brisa. Se Bes tivesse uma altura normal, ele teria conseguido um furo na cabeça. Como era assim, o projétil o errou completamente.

“Eu sou um anão,” ele grunhiu. “Eu não mergulho!”

Ele guinou para a direita. Atrás de nós, uma loja explodiu. Olhando para trás, eu vi a parede toda dissolver em uma pilha de cobras vivas. Nossos perseguidos ainda estavam atrás de nós.

“Bes, tira a gente daqui!” eu gritei.

“Estou tentando, criança. A Ponte Egípcia está vindo. Ela foi originalmente construída nos oitocentos, mas—”

“Não estou nem aí! Só dirija!”

Realmente, era incrível quantas entradas e saídas egípcias haviam em São Petersburgo, e o pouco que eu ligava para elas. Ser perseguida por magos demoníacos atirando lanças e bombas de cobra tende a esclarecer as prioridades.

É o bastante dizer: Sim, realmente havia uma Ponte Egípcia sobre o Rio Fontanka, ao sul do centro de São Petersburgo. Por quê? Não tenho ideia. Não ligo. Enquanto corríamos na direção dela, eu vi esfinges escuras de pedra — senhoras esfinges com coroas douradas de faraó — mas a única coisa que importava para mim era se elas podiam invocar um portal.

Bes ladrou alguma coisa em egípcio. No topo da ponte, uma luz azul brilhou. Um turbilhão de areia apareceu.

“O que Set quis dizer,” perguntei, “sobre prender minha respiração?”

“Esperemos que não seja por muito tempo,” Bes disse. “Só vamos estar a trinta pés debaixo.”

“Trinta pés debaixo d’*água*?”

BANG! A Mercedes adernou para o lado. Só depois eu percebi que outra lança deveria ter acertado nosso pneu de trás. Nós giramos pelo gelo e capotamos, deslizando para baixo do turbilhão.

Minha cabeça bateu contra alguma coisa. Eu abri meus olhos, lutando contra a inconsciência, mas ou eu fiquei cega ou estávamos na escuridão completa. Eu ouvi a água escorrendo pelo vidro quebrado pelo dardo, e o teto da Mercedes se amassou como um cano de alumínio.

Eu tive tempo de pensar: *Uma adolescente por menos de um dia, e vou me afogar*.

Então eu apaguei.

S A D I E

12. Eu Domino a Fina Arte dos Xingamentos

É PERTURBADOR ACORDAR como uma galinha.

Meu *ba* flutuava pelas águas escuras. Minhas asas brilhantes batiam enquanto tentava descobrir como estava subindo. Achei que meu corpo estava em algum lugar próximo, possivelmente já afogado na parte traseira do Mercedes, mas não consegui descobrir como voltar para ele.

Por que diabos Bes tinha nos levado através de um portal debaixo d'água? Eu esperava que o pobre Carter tivesse de algum jeito sobrevivido, talvez Bes fosse capaz de libertá-lo. Mas morrer envenenado, em vez de se afogar não parecia uma grande melhora.

Uma corrente me pegou e levou para o Duat. A água mudou para névoa fria. Lamentações e rosnados encheram a escuridão. Minha aceleração diminuiu e quando a névoa se dissipou, eu estava do lado de fora da enfermaria. Em um banco encostado na parede, sentados juntos, como velhos amigos, estavam Anúbis e Walt Stone. Parecia que estavam esperando más noticias. As mãos de Walt estavam entrelaçadas sob seu colo. Seus ombros caídos. Ele tinha mudado de roupa — uma nova camiseta sem mangas, um novo par de shorts de corrida — mas parecia que ele não tinha dormido desde que voltou de Londres.

Anúbis falava com ele em tons suaves, como se tentando aliviar seu sofrimento. Eu nunca havia visto Anúbis em trajes tradicionais do Egito antes: sem camisa, com um colar de ouro e rubi em volta do pescoço, um saiote preto simples amarrado em sua cintura. Não era um visual que eu recomendo para a maioria dos caras, mas Anúbis era exceção. Eu sempre imaginei que ele ficaria um pouco magro sem camisa (não que eu imaginasse muito isso, você sabe), mas ele estava em ótima forma. Deviam ter uma boa academia no submundo, banco de prensagem de lápides e tudo mais.

De qualquer forma, após o choque de vê-los juntos, meu primeiro pensamento foi de que algo terrível tivesse acontecido a Jaz.

"O que é isso?" eu perguntei, não tinha certeza se eles podiam me ouvir. "O que aconteceu?"

Walt não reagiu, mas Anúbis olhou para cima. Como de costume o meu coração fez uma dancinha feliz completamente sem a minha permissão. Seus olhos eram tão fascinantes, eu esqueci completamente como usar meu cérebro.

Eu disse, “Hum.”

Eu sei, Liz teria ficado orgulhosa.

“Sadie,” disse Anúbis. “Você não deveria estar aqui. Carter está morrendo.”

Aquilo trouxe de volta meus sentidos. “Eu sei disso, garoto chacal! Eu não pedi para estar — Espere, por que *estou* aqui?”

Anúbis apontou para a porta da enfermaria. "Acredito que o espírito de Jaz chamou por você.”

“Ela está morta? *Eu* estou morta?”

“Nenhuma das duas,” Anúbis disse. “Mas vocês duas estão à beira da morte, o que significa que suas almas podem falar umas com as outras com bastante facilidade. Apenas não fique muito tempo.

Walt ainda não havia me reconhecido. Ele murmurou: “Não podia dizer a ela. Por que eu não podia dizer a ela?” Ele abriu suas mãos. Encaixado em suas palmas estava um amuleto dourado *shen* exatamente igual ao que ele me deu.

“Anúbis, o que há de errado com ele?” Eu perguntei. “Não consegue me ouvir?”

Anúbis colocou a mão no ombro de Walt. “Ele não pode ver qualquer um de nós, embora eu ache que ele consiga sentir a minha presença. Ele me chamou para orientá-lo. É por isso que estou aqui.”

“Orientação de você? Por quê?”

Acho que pareceu mais grosseiro do que pretendia, mas de todos os deuses que Walt poderia ter chamado, Anúbis parecia ser a opção menos possível.

Anúbis olhou para mim, seus olhos até mais melancólicos que o normal. “Você deve passar agora, Sadie,” disse ele. “Você tem muito pouco tempo. Prometo que farei o meu melhor para aliviar a dor de Walt.”

“Sua dor?” eu perguntei. “Espere—”

Mas a porta da enfermaria se abriu, e as correntes do Duat me puxaram para dentro.

A enfermaria era o melhor centro médico que já estive, mas isso não era dizer muito. Eu odiava hospitais. Meu pai costumava brincar que nasci gritando e que não parei até eles me tirarem da maternidade. Ficava morrendo de medo de agulhas, comprimidos, e acima de tudo o cheiro de pessoas doentes. Os mortos e os cemitérios? Esses não me incomodam. Mas a doença... bem, me desculpe, mas ela tem que cheirar tão *sanguinária*?

Minha primeira visita a Jaz na enfermaria tinha tomado toda a minha coragem. Esta segunda vez, mesmo na forma de *ba*, não estava nada fácil.

A sala era do tamanho do meu quarto. As paredes eram grossas de pedra calcária. Grandes janelas deixavam entrar o brilho noturno de Nova York. Armários de cedro foram cuidadosamente etiquetados com medicamentos, provisões de primeiros socorros, encantos e poções mágicas. E num canto havia uma fonte com uma estátua em tamanho natural da deusa leão Sekhmet, patrona dos curandeiros. Eu tinha ouvido falar que a água que verte através das mãos de Sekhmet poderia curar uma gripe ou resfriado instantaneamente, e fornecem a maioria das nossas vitaminas diárias e ferro, mas eu nunca tive a coragem de tomar um gole.

O borbulhar da fonte era pacífico o suficiente. Em vez de anti-séptico, o ar recendia a encantar velas com aroma de baunilha que flutuavam ao redor da sala. Mas, ainda assim, o lugar me deixou nervosa.

Eu sabia que as velas monitoravam as condições dos pacientes. Suas chamas mudavam de cor para indicar problemas. No momento, todas elas pairavam em torno da cama ocupada por Jaz. Suas chamas estavam laranja escuro.

As mãos de Jaz estavam cruzadas sobre seu peito. Seu cabelo loiro estava penteado sobre seu travesseiro. Ela sorriu vagamente, como se estivesse tendo um sonho agradável.

E, sentada aos pés da cama de Jaz estava... Jaz, ou pelo menos uma imagem verde cintilante da minha amiga. Não era um *ba*. A forma era completamente humana. Eu perguntei se ela tinha morrido depois de tudo, e este era o seu fantasma.

"Jaz..." Uma onda de culpa nova tomou conta de mim. Tudo o que tinha ido mal nos últimos dois dias havia começado com o sacrifício de Jaz, que foi por minha culpa. "Você—"

"Morreu? Não, Sadie. Este é o meu *ren*."

Seu corpo transparente tremeluziu. Quando olhei mais de perto, vi que era composto de imagens, como um vídeo 3D da vida de Jaz. Jaz bebê sentada em uma cadeira alta, pintando seu rosto com comida de bebê. Jaz adolescente saltando sobre o piso de um ginásio, ensaiando para sua primeira animação de torcida. A Jaz dos dias atuais abrindo seu armário da escola e encontrando um amuleto brilhante *djed* — nosso cartão de visitas mágico que a levou para o Brooklyn.

"Seu *ren*," eu disse. "Outra parte da sua alma?"

A imagem verde brilhante confirmou com a cabeça, "Os egípcios acreditavam que havia cinco partes diferentes da alma. O *ba* é a personalidade. O *ren* é—"

"Seu nome," lembrei. "Mas como isso pode ser seu nome?"

"Meu nome é minha identidade," disse ela. "A soma de minhas experiências. Enquanto meu nome for lembrado, eu ainda existo, mesmo se eu morrer. Você entendeu?"

Eu não entendi, nada mesmo. Mas entendi que ela poderia morrer e que a culpa era minha.

"Eu sinto muito," Eu tentei não chorar. "Se eu não tivesse pegado aquele pergaminho estúpido—"

"Sadie, não se desculpe. Fico feliz que você veio."

"Mas—"

"Tudo acontece por uma razão, Sadie, até mesmo coisas ruins."

"Isso não é verdade!" eu disse. "É uma injustiça!"

Como podia Jaz estar tão calma e agradável, mesmo quando estava em coma? Eu não queria ouvir coisas ruins que aconteceram como parte de um grande plano. Eu *odiava* quando as pessoas diziam isso. Perdi minha mãe. Perdi meu pai. Minha vida foi virada de cabeça para baixo, e eu quase morri inúmeras vezes. Agora, até onde eu sabia, estava morta ou morrendo. Meu irmão foi envenenado e afogado, e eu não podia ajudá-lo.

"Nenhum motivo vale a pena tudo isso," disse. "A vida é imprevisível. É cruel. É— é—"

Jaz ainda estava sorrindo, olhando um pouco distraída.

"Oh," eu disse. "Você quer me deixar louca, não é?"

"Essa é a Sadie que todos nós amamos. Sofrimento não é realmente produtivo. Você faz melhor quando você está com raiva."

"Uma ova," Supus que ela estivesse certa, mas eu não tinha que gostar disso. "Então por que você me trouxe aqui?"

"Duas coisas," disse ela. "Primeiro, você não está morta. Quando acordar, só terá alguns minutos para curar Carter. Você terá que agir rapidamente."

"Usando a estátua de cera," disse. "Sim, imaginei isso. Mas eu não sei *como*. Eu não sou boa em cura."

"Não é apenas mais um ingrediente que importa. Você sabe o que é."

"Mas eu não sei!"

Jaz levantou uma sobrancelha como se eu estivesse apenas sendo teimosa. "Você está tão perto de compreender, Sadie. Pense sobre Ísis. Pense em como você canalizou sua energia em São Petersburgo. A resposta virá até você."

"Mas—"

"Temos de nos apressar. A segunda coisa: você vai precisar da ajuda de Walt. Eu sei que é arriscado. Sei que Bes advertiu sobre isso. Mas use o amuleto para chamar Walt de volta para você. É o que ele quer. Alguns riscos valem a pena correr, mesmo que isso signifique perder uma vida."

"Perder a vida de *quem*? Sua?"

A imagem da enfermaria começou a se dissolver, se transformando em uma aquarela borrada.

“Pense sobre Ísis,” Jaz repetiu. “E Sadie... *há* um propósito. Você nos ensinou isso. Escolhemos acreditar no Ma’at. Criamos ordem do caos, beleza e significado a partir feiúra. Isso é o que o Egito tem a ver. É por isso que o seu nome, a *ren*, tem sofrido por milênios. Não se desespere. Caso contrário o caos ganha.”

Lembrei-me de dizer algo como isso em uma de nossas aulas, mas mesmo assim, eu não tinha acreditado.

“Vou te contar um segredo,” eu disse. “Sou uma péssima professora.”

A forma de Jaz, todas as suas memórias, transformou-se lentamente em névoa. “Vou *te* contar um segredo,” disse ela, sua voz desaparecendo. “Você foi uma excelente professora. Agora, visite Ísis, e veja como isso começou.”

A enfermaria desapareceu. De repente eu estava em um barco real, boiando no rio Nilo. O sol brilhava alto. Exuberantes gramas verdes e palmeiras nas margens do rio. Além o deserto se espalhava pelo horizonte — áridas colinas vermelhas tão secas e ameaçadoras, elas poderiam muito bem estar em Marte.

O barco era como o que Carter havia descrito de sua visão com Hórus, embora em melhor condição. Sua vela branca estava estampada com uma imagem do disco solar, brilhando em vermelho e dourado. Esferas de luz multicolorida flutuavam ao redor do convés, tripulando os remos e puxando as cordas. Como faziam isso sem as mãos, eu não sei, mas não foi a primeira vez que vi uma tripulação tão mágica.

O casco estava incrustado com metais preciosos — cobre, prata, ouro com desenhos mostrando imagens da viagem do barco através do Duat, e hieróglifos invocando o poder do sol.

No meio do barco, um abrigo azul e dourado sombreava o trono do deus sol, que era sem dúvida a mais impressionante e desconfortável cadeira que eu já tinha visto. No começo eu achei que era de ouro derretido. Então eu percebi que era formado a partir do fogo aceso — chamas amarelas, que de alguma forma tinham sido esculpidas na forma de um trono. Gravado em suas pernas e braços, hieróglifos branco-ardentes brilhavam tão intensamente que queimavam meus olhos.

O ocupante do trono não era tao impressionante. Rá era um homem velho curvado como um ponto de interrogação, sua cabeça calva com manchas hepáticas e seu rosto tão flácido e enrugado que parecia uma máscara. Somente seus olhos delineados com *kohl* davam alguma indicação de que ele estava vivo, porque estavam cheios de dor e cansaço. Ele vestia um saiote e colar, que não combinavam com ele tão bem como em Anúbis. Até agora, a pessoa mais velha que eu já vi era Iskandar, o ex-chefe Sacerdote-Leitor chefe, que havia sido por dois mil anos. Mas Iskandar jamais teria parecido tão mal, mesmo quando estava prestes a morrer. Para piorar, a perna esquerda de Rá estava envolvida em ataduras e inchada com o dobro do tamanho adequado. Ele gemeu e apoiou o pé sobre uma pilha de almofadas. Duas feridas de picada

escorriam através das ataduras em sua canela, muito parecido com o sinal das presas no ombro de Carter. Enquanto Rá movia a perna, o veneno verde espalhou-se pelas veias da coxa. Só olhar fez meu *ba* arrepiar as penas com repulsa.

Rá olhou para os céus. Seus olhos ficaram amarelo derretido como seu trono.

"Ísis," ele exclamou. "Muito bem! Me acalmei!"

Uma sombra ondulava sob o abrigo. Uma mulher apareceu, e ajoelhou-se diante do trono. Eu a reconheci, claro. Ela tinha cabelos longos e escuros, cortado ao estilo Cleópatra e um vestido de linho branco, que completou sua figura graciosa. Suas asas luminosas de arco-íris brilhavam como as luzes do norte.

Com a cabeça baixa e as palmas das mãos levantadas em súplica, olhou com humildade, mas eu conhecia Ísis muito bem. Eu podia ver o sorriso que ela estava tentando esconder. Eu podia sentir a sua alegria.

"Lorde Rá," disse ela. "Vivo para servi-lo."

"Há!" Rá disse. "Você vive pelo poder, Ísis. Não tente me enganar. Eu sei que você criou a cobra que me mordeu! É por isso que ninguém mais pode encontrar uma cura. Você deseja meu trono para seu marido, o arrogante Osíris.

Ísis começou a protestar. "Meu senhor—"

"Chega! Se eu fosse um deus jovem, "Rá cometeu o erro de mexer a perna. Ele gritou de dor. O veneno verde espalhou-se mais subindo pelas suas veias. "Não se preocupe." Suspirou miseravelmente. "Estou cansado deste mundo. Chega de conspiração e armações. Só cure o veneno."

"Com prazer, meu rei. Mas vou precisar de—"

"Meu nome secreto," disse Rá. "Sim, eu sei. Prometa me curar, e terá tudo o que deseja... e muito mais."

Ouvi a advertência na voz de Rá, mas ou Ísis não percebeu, ou ela não se importou.

"Juro curá-lo," disse ela.

"Então se aproxime, deusa."

Ísis se inclinou para frente. Eu pensei que Rá iria sussurrar seu nome no ouvido dela, mas ele agarrou a sua mão e colocou-a na testa enrugada. Seus dedos estavam ardendo. Ela tentou se afastar, mas Rá prendeu-a pela mão. Toda a forma do deus sol brilhava com imagens de fogo de sua longa vida: a primeira aurora; seu barco de sol brilhando sobre as terras recém-nascidas do Egito, a criação dos outros deuses e dos homens; batalhas intermináveis de Rá contra Apófis quando este atravessava o Duat a cada noite, mantendo o Caos à distância. Era demais para ter em — séculos passados com cada batimento cardíaco. Seu nome secreto era a soma de suas experiências e, mesmo assim, naqueles tempos antigos, Rá era inimaginavelmente velho. A aura impetuosa espalhou-se para a mão de Ísis, viajando pelo seu braço até que todo o seu corpo foi

envolto em chamas. Ela gritou uma vez. Em seguida, o fogo morreu. Ísis desabou, fumaça saindo de seu vestido.

"Então," disse Rá. "Você sobreviveu."

Eu não podia dizer se ele sentiu decepção ou relutante respeito.

Ísis levantou-se cambaleante. Ela parecia em estado de choque, como se tivesse andado através de uma zona de guerra, mas levantou a mão. Um hieróglifo ardente gravado na palma da mão — o nome secreto de Rá, resumido em uma única palavra incrivelmente poderosa.

Ela colocou a mão na perna envenenada de Rá e falou um feitiço. O veneno verde sumiu de suas veias. O inchaço diminuiu. Os curativos caíram, e as duas marcas de presas fecharam.

Ra reclinou sobre seu trono e suspirou de alívio. "Até que enfim. Não há dor."

"Meu senhor precisa descansar," Ísis sugeriu. "Um longo, longo descanso."

O deus sol abriu seus olhos. Não havia fogo neles agora. Pareciam os olhos leitosos de um homem velho.

"Bastet!" ele chamou.

A deusa gato se materializou ao seu lado. Ela estava vestida com armadura egípcia de couro e ferro, e parecia mais jovem, embora talvez fosse apenas porque ela ainda não tinha sobrevivido a séculos de prisão em um abismo, lutando contra Apófis. Fiquei tentada a gritar para ela e avisá-la sobre o que estava por vir, mas minha voz não iria funcionar.

Bastet fez Ísis olhar para os lados. "Meu senhor, esta mulher está... o incomodando?"

Rá balançou a cabeça. "Nada mais me incomodará, minha gata fiel. Venha comigo agora. Temos assuntos importantes para discutir antes de eu partir."

"Meu senhor? Onde o senhor está indo?"

"Para uma aposentadoria forçada." Rá olhou para Ísis. "É i*sso* que você quer, deusa da magia?"

Ísis fez uma reverência.

"Nunca, meu senhor!" Bastet puxou suas facas e foi em direção a Ísis, mas Rá estendeu o braço.

"Chega, Bastet," disse ele. "Tenho outra luta em mente para você, uma última, uma luta crucial. Quanto a você, Ísis, pode pensar que ganhou porque domina o meu nome secreto. Percebe o que você começou? Osíris pode tornar-se faraó, mas o seu reinado será curto e amargo. Sua sede real será um reflexo pálido do meu trono de fogo. Este barco não mais voltará ao Duat. O equilíbrio entre o Ma'at e o caos desaparecerá lentamente. O próprio Egito vai cair. Os nomes de seus deuses desaparecerão para uma memória distante. Então um dia, o mundo inteiro vai ficar à beira da destruição. Você vai clamar por Rá, e eu não estarei lá. Quando esse dia chegar, lembre-se como sua ganância e ambição fizeram isso acontecer.

"Meu senhor." Ísis inclinou-se respeitosamente, mas eu sabia que ela não estava pensando em um futuro distante. Ela estava embriagada com sua vitória. Ela pensou que Osíris iria governar o Egito para sempre, e que Rá era apenas um velho tolo. Ela não sabia que em pouco tempo, sua vitória se voltaria para a tragédia. Osíris seria assassinado pelo seu irmão, Set. E um dia, outras previsões de Rá se tornariam verdade.

"Vamos, Bastet," Rá disse. "Não somos mais queridos."

O trono irrompeu em uma coluna de chamas, queimando o abrigo azul e dourado. Uma bola de fogo subiu aos céus, até que foi perdido no brilho do sol.

Quando a fumaça se dissipou, Ísis ficou sozinha e riu com prazer.

"Consegui!" exclamou. "Osíris, você será rei! Dominei o nome secreto de Rá!"

Queria lhe dizer que ela não havia dominado nada, mas só pude ver como Ísis dançou por todo o barco. Ela ficou tão satisfeita com seu próprio sucesso, que não prestou atenção nos servos mágicos luminosos desaparecendo. As cordas caíram. A vela foi folgada. Remos arrastaram na água, e o barco Sol caiu no rio, não tripulado.

Minha visão falhou, e mergulhei na escuridão.

Eu acordei em uma cama macia. Por um momento feliz, pensei que eu estava de volta ao meu quarto na Casa do Brooklyn. Eu poderia me levantar e ter um café da manhã com meus amigos, Amós, Filipe da Macedônia, e Khufu, em seguida, passar o dia ensinando nossos iniciantes como transformar os outros em répteis. Isso soou brilhante.

Mas é claro que eu não estava em casa. Sentei-me, e minha cabeça começou a girar. Eu estava em uma cama enorme com lençóis de algodão macio e uma pilha de travesseiros de plumas. O quarto era muito elegante, decorado em branco deslumbrante, que não ajudou a minha tontura. Me senti como se estivesse de volta à casa da deusa do céu Nut. A qualquer momento, a sala poderia dissolver-se em nuvens.

Minhas pernas estavam rígidas, mas consegui sair da cama. Eu estava usando um daqueles roupões de hotel grande e luxuoso, parecia uma idiota albina. Cambaleei até a porta e encontrei uma linda sala de estar, também branca. As portas de correr de vidro levavam a uma varanda com vista para o mar, muito alta — possivelmente quinze ou vinte andares. O céu e o mar eram de um azul deslumbrante.

Meus olhos demoraram um pouco para se adaptarem à luz. Em uma mesa próxima, os poucos pertences meus e de Carter foram cuidadosamente colocados — nossas velhas roupas amarrotadas, nossas bolsas de magia, e os dois pergaminhos do Livro de Rá, juntamente com o saco de Bes do Museu do Chocolate.

Carter estava envolvido em um roupão branco como o meu. Ele estava deitado no sofá com os olhos fechados. Seu corpo inteiro tremia. Bes sentou próximo a ele, enxugando a testa de Carter com um pano frio.

"Como... como ele está?" consegui dizer.

Bes olhou para cima. Ele parecia um turista em miniatura em uma camisa havaiana grande, bermudas cáqui e chinelos. O feioso americano — tamanho extra-pequeno.

"Já era tempo," disse ele. "Estava começando a achar que você nunca mais iria acordar."

Eu dei um passo pra frente, mas o quarto se inclinou para trás e para frente.

"Cuidado," Bes correu e segurou meu braço. "Você tem um galo horrível na cabeça."

"Não se preocupe," murmurei. "Tenho que ajudar Carter."

"Ele está mal, Sadie. Eu não sei se—"

"Eu posso ajudar. Minha varinha, e a estatueta de cera—"

"Sim. Sim, está bem. Vou buscá-los."

Com a ajuda de Bes, que balançou para o lado de Carter. Bes buscou minhas coisas enquanto eu checava a testa de Carter. Sua febre estava pior do que antes. As veias do seu pescoço tinham ficado verde por causa veneno, assim como Rá ficou na minha visão.

Olhei para Bes. "Quanto tempo estive fora?"

"É quase meio-dia de terça-feira." Ele espalhou meus suprimentos mágicos nos pés de Carter. "Então, cerca de 12 horas."

"*Doze horas*? Bes, este é o tempo *máximo* que Set disse que Carter poderia permanecer vivo antes do veneno o matar! Por que você não me acordou mais cedo?"

Seu rosto ficou vermelho como sua camisa havaiana. "Eu tentei! Puxei vocês dois para fora do Mediterrâneo e trouxe vocês para o hotel, não é? Eu usei todos os feitiços de acordar que conheço! Você só ficava sussurrando em seu sono sobre Walt, Anúbis, nomes secretos..."

"Ótimo!" eu disse. "Basta me ajudar."

A campainha tocou.

Bes fez um gesto para eu ficar calma. Ele gritou em outro idioma, possivelmente árabe e um garçom do hotel abriu a porta. Ele se curvou para Bes, como se o anão fosse um sultão, então trouxe um carrinho de serviço-de-quarto carregado com frutas tropicais, pães fresquinhos e garrafas de refrigerante.

"Excelente," Bes me disse. "Volto já."

"Você está perdendo tempo!" Respondi.

Naturalmente, Bes me ignorou. Ele pegou sua mochila da mesa de jantar e trouxe a cabeça de chocolate de Vladimir Lênin. Os olhos do garçom se arregalaram. Bes colocou a cabeça no meio do carrinho e assentiu como se fosse colocada no centro perfeito.

Bes deu ao garçom mais algumas ordens em árabe, em seguida, entregou-lhe algumas moedas de ouro. O garçom obedeceu e no geral parecia aterrorizado. Ele saiu de costas, continuando curvado.

“Onde estamos exatamente?” eu perguntei. “E por que você é um rei aqui?”

“Alexandria, no Egito,” disse Bes. “Desculpe a chegada rude. É um lugar complicado para se teleportar. Antiga capital de Cleópatra, você sabe, onde o Império Egípcio se desfez, assim a magia costuma ficar ao redor. Os portais estão apenas funcionando na cidade antiga, que está fora da costa, debaixo de trinta pés de água.”

“E esse lugar? Obviamente, um hotel de luxo, mas como você—”

“Apartamento Suíte, Quatro Estações de Alexandria,” Ele parecia um pouco envergonhado. “As pessoas no Egito ainda se lembram dos antigos deuses, mesmo que não admitam isso. Eu era popular antigamente, então posso normalmente pedir favores quando preciso deles. Desculpe-me não ter mais tempo. Eu poderia ter nos conseguido uma vila privada.”

“Como você ousa,” eu disse. “Fazendo nos contentar com um hotel cinco estrelas. Agora, porque você não se certifica de que não seremos interrompidos enquanto eu curo Carter?”

Eu agarrei a estatueta de cera que Jaz tinha me dado e ajoelhei ao lado do meu irmão. A estátua foi deformada ficando amassada perto da minha bolsa. Então novamente, Carter parecia pior por causa do desgaste, também.

Esperançosamente a conexão mágica ainda funcionaria.

“Carter,” disse eu. “Eu vou te curar. Mas eu preciso de sua ajuda.”

Eu coloquei minha mão sobre a sua testa febril. Agora eu sabia por que Jaz tinha aparecido a mim como um *ren*, a parte da alma que representava seu nome. Eu sabia por que ela havia me mostrado a visão de Ísis e Rá.

Você está tão perto de compreender, Sadie, ela disse.

Eu nunca havia pensado nisso antes, mas um *ren* era o mesmo que um nome secreto. Era mais do que apenas uma palavra especial. O nome secreto é seus pensamentos mais obscuros, seus momentos mais embaraçosos, os seus maiores sonhos, seus piores temores, tudo embrulhado junto. É a soma de suas experiências, mesmo aquelas que você nunca iria querer compartilhar. Seu nome secreto faz você ser quem é.

É por isso que um nome secreto tem poder. E também porque você não pode simplesmente ouvir alguém repetir um nome secreto e saber como usá-lo. Você tinha que *conhecer* essa pessoa e entender sua vida. Quanto mais você entendesse uma pessoa, mais poder o seu nome poderia render. Você só poderá aprender um nome secreto da própria pessoa ou da pessoa mais próxima ao seu coração.

E que o céu me ajude, para mim Carter era essa pessoa.

Carter, pensei. *Qual é seu nome secreto?*

Mesmo doente, sua mente resistia a mim. Você não cede apenas seu nome secreto. Todo ser humano tinha um, assim como Deus fez cada um, mas a maioria das pessoas passou toda a sua vida não sabendo que, jamais se deve pôr em palavras sua identidade mais particular. É compreensível, na verdade. Tentar resumir toda sua existência em cinco palavras ou menos. Não é exatamente fácil, não é?

"Você consegue fazer isso," murmurei. "Você é meu irmão. Eu te amo. Todas as partes embaraçosas, todas as partes irritantes imagino que seja a *maior* parte você — mil Zias poderiam fugir de você, se soubessem a verdade. Mas eu não vou. Eu ainda estarei aqui. Agora, me diga o seu nome, seu grande idiota, para que eu possa salvar sua vida."

Minha mão formigava em sua testa. Sua vida passou por entre meus dedos — lembranças fantasmagóricas de quando éramos crianças, vivendo com nossos pais, em Los Angeles. Vi minha festa de aniversário de quando eu fiz seis anos e o bolo explodiu. Vi a nossa mãe lendo histórias de ninar para nós a partir de um livro de ciências da faculdade; nosso pai tocando jazz e dançando comigo em volta da sala, enquanto Carter tapava os ouvidos e gritava: "Papai!" Vi momentos que eu não tinha compartilhado com meu irmão também: Carter e meu pai presos em um tumulto em Paris; Carter e Zia conversando à luz de velas no Primeiro Nomo; Carter sozinho na biblioteca da Casa do Brooklyn, olhando para seu amuleto Olho de Hórus e lutando contra a tentação de reivindicar o poder de um deus. Ele nunca me falou sobre isso, mas isso me fez sentir aliviada. Achei que eu era a única que tinha estado tão tentada.

Lentamente, Carter relaxou. Seus piores temores passaram por mim, seus segredos mais embaraçosos. Sua força estava falhando quando o veneno tomou conta de seu coração. Com o seu último bocado de força de vontade, ele me disse seu nome.

[Naturalmente eu não vou te dizer o que é. Você não pode usá-lo de qualquer maneira, ouvindo-o de uma gravação, mas não vou correr riscos.]

Levantei a estatueta de cera e falei o nome secreto de Carter. Imediatamente, o veneno recuou de suas veias. A estátua de cera ficou verde e derretida em minhas mãos. A febre de Carter sumiu. Ele estremeceu, respirou fundo e abriu os olhos.

"Certo," eu disse com firmeza. "Nunca monte em outro monstro-cobra sanguinário novamente!"

"Desculpe..." ele resmungou "Você acabou de—"

"É."

"Com o meu nome secreto—"

"É."

"E todos os meus segredos—"

“É.”

Ele gemeu e cobriu o rosto como se quisesse voltar a cair em coma, mas honestamente, eu não tinha intenção de provocá-lo. Há uma diferença entre manter seu irmão em seu lugar e ser cruel. Eu *não era* cruel. Além disso, depois de ver os mais profundos cantos da mente de Carter, eu estava um pouco envergonhada, possivelmente até mesmo com medo. Não havia realmente muita coisa lá. Comparado com os meus medos e segredos embaraçosos — ah, cara.

Ele estava *calmo*. Eu esperava que nossa situação não estivesse revertida e ele tivesse que me curar.

Bes veio com a cabeça de Lênin escondida na curva do braço. Ele obviamente tinha uma mordida, a testa de Lênin estava faltando — vítima de uma choco-lobotomia frontal.

“Bom trabalho, Sadie!” Ele quebrou o nariz de Lênin e ofereceu a Carter. “Aqui, rapaz. Você merece isso.”

Carter fez uma careta. “O chocolate tem propriedades curativas mágicas?”

Bes bufou. “Se isso acontecesse, eu seria o mais saudável anão no mundo. Não. Ele só tem um gosto bom.”

“E você vai precisar de sua força,” acrescentei. “Temos muito que conversar.”

Apesar de nosso curto prazo — a partir de amanhã, somente mais dois dias até o equinócio e o fim do mundo — Bes insistiu que nós descansássemos até a manhã seguinte. Ele avisou que, se Carter se excedesse física ou magicamente tão cedo depois de ser envenenado, isto poderia muito bem matá-lo.

Perder tempo me deixou bastante agitada, mas depois de ter tantas dificuldades para reanimar o meu irmão, eu queria muito mantê-lo vivo. E eu admito que não estava em condições muito melhores. Eu estava tão esgotada magicamente. Eu não acho que poderia ter me movido mais longe do que até a varanda.

Bes ligou para a recepção e pediu uma “*personal shopper*” para nos comprar algumas roupas e mantimentos na cidade. Eu não tenho certeza de qual é a palavra árabe para botas de combate, mas a senhora das compras conseguiu encontrar um novo par. Quando entregou nossas coisas, ela tentou dar as botas para Carter, em seguida, olhou horrorizada quando Bes apontou para mim. Eu também consegui um pouco de tintura para cabelo, um confortável par de jeans, um top de algodão em cores de camuflagem do deserto, e um lenço na cabeça que era, provavelmente, a última moda para as mulheres egípcias, mas que eu decidi não usar, porque ele provavelmente iria confrontar com o novo roxo realçado que eu queria para o meu cabelo.

Carter ficou com jeans, botas e uma camiseta que dizia *Propriedade da Universidade de Alexandria*, em inglês e árabe. Claramente, até mesmo a *personal shopper* tinha tachado ele de nerd completo.

A compradora também conseguiu encontrar alguns materiais para a nossa bolsa de magia — blocos de cera, barbante, até mesmo alguns papiros e tinta — embora eu duvide que Bes explicou-lhe para que fossem.

Depois que ela saiu, Bes, Carter e eu pedimos mais comida do serviço de quarto. Sentamos na varanda e vimos a tarde passar. A brisa do Mediterrâneo estava fresca e agradável. A Moderna Alexandria estendia-se à nossa esquerda — uma estranha mistura de reluzentes arranha-céus, sujeira, desmoronamento de edifícios e ruínas antigas. A auto-estrada costeira estava lotada com palmeiras e com todo tipo de veículos desde BMWs até burros. De nossa suíte, tudo parecia um pouco irreal — a energia bruta da cidade, a agitação e os congestionamentos abaixo — enquanto nós nos sentávamos na nossa varanda na cobertura comendo frutas frescas e os últimos pedaços da cabeça de Lênin.

Eu me perguntava se era assim como os deuses se sentiam, vendo o mundo mortal de sua sala do trono no Duat.

Enquanto conversávamos, joguei os dois pergaminhos do Livro de Rá em cima da mesa do pátio. Eles pareciam tão simples e inofensivos, mas nós quase morremos recuperando-os. Ainda mais que encontrar, então, a *verdadeira* diversão iria começar, descobrindo como usá-los para despertar Rá. Parecia impossível que pudéssemos fazer muito em 48 horas, mas aqui nós sentamos, isolados e exaustos, em repouso forçado até amanhã. Carter e seu heroísmo sangrento, sendo mordido por essa cobra Doutor Dolittle... e ele me chama de impulsiva. Enquanto isso, Amós e o nosso novo iniciado foram deixados sozinhos na Casa do Brooklyn, preparando-se para se defender contra Vlad Menshikov, um mago muito cruel, que estava em uma base de reputação secreta do deus do mal.

Eu disse a Carter o que havia acontecido em São Petersburgo, depois que ele foi envenenado — como eu tinha desistido do nome de Set em troca da localização do último pergaminho: um lugar chamado Bahariya. Eu descrevi a minha visão de Anúbis e Walt, meu papo com o espírito de Jaz, e minha viagem de volta ao tempo do barco de Rá. A única coisa que eu detive: O que Set tinha dito sobre a vila de Zia ter se chamado de al-Hamrah Makan. E sim, eu sei que foi errado — mas eu tinha acabado de estar dentro da cabeça de Carter. Agora eu entendia quão importante Zia era para ele. Eu sabia o quanto *qualquer* informação sobre ela abalava ele.

Carter estava sentado em sua poltrona e ouvia atentamente. Sua cor tinha voltado ao normal. Seus olhos estavam claros e alertas. Era difícil acreditar que ele tinha estado à beira da morte poucas horas antes. Eu queria crédito pelos meus poderes de cura, mas eu tive uma

sensação de que sua recuperação tinha muito a ver com descansarmos, várias cervejas de gengibre, um *cheeseburger* e serviço de quarto com batata-frita.

"Bahariya..." Ele olhou para Bes. "Eu conheço este nome. Por que eu conheço este nome?" Bes coçou sua barba. Ele havia ficado sombrio e silencioso desde que me contou sua conversa com Set. O nome Bahariya pareceu especialmente incomodá-lo.

"É um oásis," disse ele, "saindo do deserto. As múmias estavam enterradas ali em segredo até 1996. Então, algum burro bobo colocou a perna em um buraco no chão e quebrou o topo de uma tumba."

"Certo!" Carter sorriu para mim, tipo *Caramba, a história é legal*! Tinha luz em seus olhos, então eu sabia que ele devia estar se sentindo melhor. "É o chamado Vale das Múmias Douradas."

"Eu gosto de ouro," eu disse. "Múmias — nem tanto."

"Oh, você só não encontrou múmias o suficiente," disse Bes.

Eu não podia dizer se ele estava brincando, e decidi não perguntar. "Então o último pergaminho está escondido lá?"

Bes encolheu os ombros. "Não faria sentido. O oásis está fora do caminho. Não foi encontrado até recentemente. Há também as maldições poderosas no local para evitar viagens do portal. Os arqueólogos mortais escavaram alguns dos túmulos, mas ainda há uma imensa rede de túneis e câmaras que ninguém andou em milhares de anos. *Muitas* múmias."

Imaginei múmias de filmes de terror com os braços para cima e suas roupas se desfazendo, gemendo quando perseguiam atrizes gritando e arqueólogos estrangulados.

"Quando você diz *muitas* múmias," arrisquei, "quantas são?"

"Eles descobriram algumas centenas," Bes disse, "talvez umas dez mil."

"Dez mil?" Olhei para Carter, que não parecia incomodado com tudo isso.

"Sadie," disse ele, "não é como se eles fossem voltar a vida e te matar."

"Não," Bes concordou. "Provavelmente não. Quase certeza que não."

"Obrigada," eu murmurei. "Me sinto muito melhor."

(Sim, eu sei o que eu disse antes sobre pessoas mortas e cemitérios não me incomodarem. Mas dez mil múmias? Isso era forçar.)

"De qualquer forma," Bes disse, "a maioria das múmias é da época romana. Elas não são propriamente egípcias. Bando de Latinos presunçosos tentando entrar em nossa vida *após* a morte, porque é mais legal. Mas alguns dos túmulos mais antigos... bem, teremos que ver. Com duas partes do Livro de Rá, você deve ser capaz de rastrear a terceira parte uma vez que você chegar perto o suficiente.

"Como, exatamente?" Perguntei.

Bes encolheu os ombros. “Quando os itens mágicos se rompem, as peças são como ímãs. Quanto mais próximos elas ficam, mais elas atraem umas a outras.”

Isso não necessariamente me fez sentir melhor. Imaginei-me correndo em um túnel em chamas com pergaminhos presos às duas mãos.

“Certo,” eu disse. “Então tudo o que teremos que fazer é rastejar através de uma rede de tumbas de dez mil múmias douradas, que provavelmente, quase ao certo, não virão à vida nos matar.”

“Sim,” disse Bes. “Bem, elas não são realmente de ouro maciço. A maioria delas são apenas pintadas de dourado. Mas, é.”

“Isso faz um diferença enorme.”

“Então está decidido.” Carter soou positivamente entusiasmado. “Podemos sair de manhã. Qual é a distância?”

“Um pouco mais de 200 milhas,” Bes disse, “mas as estradas são duvidosas. E portais... bem, como eu disse, o oásis é amaldiçoado contra eles. E mesmo se não fosse, estamos de volta ao Primeiro Nomo. Seria sábio usar tão pouca mágica quanto possível. Se vocês forem descobertos no próprio território de Desjardins...”

Ele não precisou terminar a frase.

Olhei para o horizonte de Alexandria sumindo ao longo da costa do Mediterrâneo brilhante. Eu tentei imaginá-la como ela pode ter sido em tempos remotos, antes de Cleópatra, ultima faraó do Egito, que escolheu o lado errado em uma guerra civil romana e perdeu sua vida e seu reino. Esta foi a cidade onde o Antigo Egito tinha morrido. Não parecia um lugar muito auspicioso para começar uma busca.

Infelizmente, eu não tinha escolha. Eu teria que viajar 200 milhas através do deserto para algum oásis isolado e encontrar uma agulha de um pergaminho em um palheiro de múmias. Eu não vejo como poderíamos fazer isso no tempo que restava.

Pior, eu ainda não havia dito a Carter minha última gota de informações sobre a vila de Zia. Poderia apenas manter minha boca fechada. Isso seria uma coisa egoísta. Podia até ser a coisa certa, como eu precisava de sua ajuda, e eu não podia dar ao luxo detê-lo distraído.

Mas eu não poderia esconder dele. Invadi sua mente e aprendi seu nome secreto. O mínimo. O mínimo que eu podia fazer era ser sincera com ele.

“Carter... há outra coisa. Set queria que você soubesse. A vila de Zia era chamada de al-Hamrah Makan.”

Carter ficou um pouco verde de novo. “Você simplesmente esqueceu de mencionar isso?”

“Lembre-se, Set é um mentiroso,” eu disse. “Ele não estava sendo útil. Ele ofereceu a informação porque ele queria causar o caos entre nós.”

Eu poderia dizer que eu já estava perdendo ele. Sua mente estava presa em uma corrente forte que estava puxando-o junto desde janeiro — a idéia de que ele poderia salvar Zia. Agora que eu havia estado em sua mente, eu sabia que ele não iria descansar — ele não *podia* descansar — até que ele a tivesse encontrado. Ele foi além do gostar da garota. Ele se convenceu de que ela era parte de seu destino.

Um de seus segredos sombrios? No fundo, Carter continua ressentido por nosso pai não salvar nossa mãe, embora ela tivesse morrido por uma causa nobre, e mesmo que tenha sido escolha dela se sacrificar. Carter simplesmente *não* podia falhar com Zia, da mesma forma, não importa qual o perigo. Ele precisava de alguém para acreditar nele, alguém para salvar — e ele estava convencido de que Zia era essa pessoa. Desculpe, uma irmã mais nova simplesmente não faria.

Me machucou, especialmente porque eu não concordei com ele, mas eu sabia que não adiantava discutir. Iria apenas empurrá-lo para mais longe.

"Al-Hamrah Makan..." ele disse. "Meu árabe não é muito bom. Mas Makan é vermelho."

"Sim," concordou Bes. "Al-Hamrah significa 'as areias'."

Carter arregalou os olhos. "O lugar das areias vermelhas! A voz no Museu do Brooklyn, disse que Zia estava dormindo no Lugar de Areias Vermelhas." Ele me olhou suplicante. "Sadie, são as ruínas da aldeia natal dela. *Foi* onde Iskandar a escondeu. Temos que encontrá-la."

Assim: o destino do mundo sai pela janela. Temos que encontrar Zia.

Eu poderia ter apontado várias coisas: Ele ia na palavra de um espírito mau que estava, provavelmente, falando diretamente por Apófis. Se Apófis sabia onde Zia estava escondida, por que ele nos disse, exceto para nos atrasar e distrair? E se ele queria Zia morta, por que ele não a havia matado antes? Além disso, Set tinha nos dado o nome de al-Hamrah Makan. Set *nunca* foi bom. Ele estava claramente esperando para nos dividir. Finalmente, mesmo se tivéssemos o nome da aldeia, que não quer dizer que poderíamos encontrá-la. O lugar tinha sido dizimado há quase uma década.

Mas olhando para Carter, eu percebi que não havia nenhuma argumentação com ele. Esta não era uma escolha razoável. Ele viu uma chance de salvar Zia, e ia usá-la.

Eu simplesmente disse: "É uma má idéia." E sim, me senti *muito* estranha sendo forçada a bancar a irmã responsável.

Carter voltou-se para Bes. "Você pode encontrar essa vila?"

O deus anão puxou sua camisa havaiana. "Talvez, mas isso levaria tempo. Você tem um pouco mais de dois dias restando. O equinócio começa depois de amanhã ao pôr do sol. Chegar ao oásis de Bahariya é um dia inteiro de viagem. Encontrar estas ruínas da vila... facilmente outro dia... e se for pelo Rio Nilo, está na direção oposta. Assim que tiver o Livro de Rá, você precisará de outro dia, pelo menos para descobrir como usá-lo. Garanto que despertar Rá vai

significar uma viagem ao Duat, onde o tempo é sempre imprevisível. Você terá que estar de volta com Rá ao amanhecer do equinócio...

"Não temos tempo suficiente," resumi. "ou é o Livro de Rá, ou Zia."

Por que eu pressionei Carter, quando eu sabia o que ele ia dizer?

"Não posso deixá-la." Ele olhou para o sol, agora, mergulhando na direção do horizonte. "Ela tem um papel a desempenhar, Sadie. Eu não sei qual é, mas ela é importante. Não podemos perdê-la."

Esperei. Era óbvio o que tinha que acontecer, mas Carter não ia dizer isso.

Eu respirei profundamente. "Vamos ter que nos separar. Você e Bes vão atrás de Zia. Eu vou achar o pergaminho."

Bes tossiu. "Falando em idéias ruins..."

Carter não podia me olhar nos olhos. Eu sabia que ele se importava comigo. Ele não queria se livrar de mim, mas eu podia sentir o seu alívio. Ele queria ser liberado de suas responsabilidades para que ele pudesse procurar Zia.

"Você salvou minha vida," disse ele. "Eu não posso deixar você ir sozinha ao deserto."

Eu soltei meu colar *shen*. "Não vou sozinha. Walt se ofereceu para ajudar."

"Ele não pode," disse Bes.

"Mas você não vai me dizer o porquê," eu disse.

"Eu—" Bes vacilou. "Olha, eu prometi a Bastet cuidar de vocês, mantê-los a salvo."

"E eu espero que você cuide de Carter muito bem. Ele vai precisar de você para encontrar essa vila. Quanto a mim, Walt e eu podemos conseguir."

"Mas—"

"Seja qual for o segredo obscuro de Walt, o que você está tentando protegê-lo, está fazendo-o infeliz. Ele quer ajudar. E eu vou deixar."

O anão olhou para mim, talvez se perguntando se ele poderia gritar *BOO!* E vencer a discussão. Acho que ele percebeu que eu era muito teimosa.

Ele suspirou, resignado. "Dois jovens viajando sozinhos pelo Egito... um menino e uma menina. Vai parecer estranho."

"Eu só vou dizer que Walt é meu irmão."

Carter fez uma careta. Eu não tinha a intenção de ser dura, mas acho que o comentário foi um pouco doloroso. Olhando para trás, sinto muito por isso, mas na época eu estava apavorada e com raiva. Carter estava me colocando em uma posição impossível.

"Vão," disse com firmeza. "Salvem Zia."

Carter tentou ler a minha expressão, mas evitei olhar para ele. Este não era o momento para que tivéssemos uma de nossas conversas em silêncio. Ele realmente não ia querer saber o que eu estava pensando.

“Como vamos encontrar um ao outro?” perguntou ele.

“Vamos nos encontrar novamente aqui,” sugeri. “Vamos sair ao amanhecer. Nos dê 24 horas, nada mais, para eu achar o livro, você achará a vila de Zia, e nós dois voltamos para Alexandria.

Bes resmungou. “Não há tempo suficiente. Mesmo se tudo correr perfeitamente, isso vai deixar você com cerca de 12 horas para montar o livro de Rá e usá-lo antes da véspera do equinócio.”

Ele estava certo. Era impossível.

No entanto, Carter concordou. “É nossa única chance. Temos que tentar.”

Ele olhou para mim esperançoso, mas eu acho que eu sabia ainda assim que não nos encontraríamos em Alexandria. Éramos os Kanes, o que significava que tudo ia dar errado.

“Tudo bem,” eu murmurei. “Agora, se vocês me dão licença, devo ir arrumar as malas.”

Caminhei para dentro antes que eu pudesse começar a chorar.

C A R T E R

13. Um Demônio Entra Pelo Meu Nariz

NESTE PONTO, EU DEVERIA MUDAR meu nome secreto para *Morrendo de Vergonha da Minha Irmã*, porque a isso praticamente se resume minha existência.

Vou pular nossos preparativos para a viagem, como Sadie convocou Walt e explicou a situação, como Bes e eu nos despedimos ao amanhecer e alugamos um carro de um dos “amigos de confiança” de Bes, e como o carro quebrou a meio caminho para o Cairo.

Basicamente, vou pular para a parte onde Bes e eu estávamos nos deslocando ruidosamente por uma estrada empoeirada na parte traseira de uma caminhonete dirigida por alguns Beduínos, procurando por uma aldeia que já não existia.

Neste ponto era fim de tarde, e eu estava começando a achar que a estimativa de Bes de precisar de um dia para encontrar al-Hamrah Makan era muito otimista. Com cada hora que perdíamos, meu coração se sentia mais pesado. Eu arrisquei tudo pra ajudar Zia. Eu deixei Amós e nossos iniciados sozinhos na casa no Brooklyn para se defenderem contra o mago mais maligno no mundo. Eu deixei minha irmã continuar a busca pelo último pergaminho sem mim. Se eu falhar em encontrar Zia... bem, eu *não posso* falhar.

Viajar com nômades profissionais tem algumas vantagens. Por um lado, os Beduínos conhecem todas as aldeias, fazendas, e encruzilhadas empoeiradas do Egito. Eles estavam felizes em parar e perguntar aos habitantes locais sobre a aldeia desaparecida que nós buscávamos.

Por outro lado, os Beduínos veneravam Bes. Eles o trataram como um amuleto vivo de boa sorte. Quando nós paramos para almoçar (que levou duas horas para fazer), os Beduínos nos deram até a melhor parte da cabra. Até onde eu poderia dizer a melhor parte não era tão diferente da pior parte da cabra, mas eu suponho que era uma grande honra.

A única coisa ruim sobre viajar com Beduínos? Eles não tinham pressa. Levamos o dia todo para fazer nosso caminho para o sul ao longo do Vale do Nilo. A jornada era quente e tediosa. Na traseira da caminhonete, eu não poderia mesmo falar com Bes sem ficar com a boca cheia de areia, então eu tive muito tempo para pensar.

Sadie descreveu minha obsessão muito bem. Do momento em que ela me deu o nome da aldeia de Zia, eu não consegui me concentrar em mais nada. É claro que eu achei que era algum tipo de truque. Apófis estava tentando nos dividir e nos impedir de ter sucesso em nossa busca. Mas eu também acreditei que ele estava contando a verdade, só porque a verdade é o que me

confunde mais. Ele tinha destruído a aldeia de Zia quando ela era uma criança — por qual razão, eu não sei. Agora ela estava escondida lá em um sono mágico. A menos que eu a salvasse, Apófis poderia matá-la.

Porque ele não a tinha matado se ele já sabia onde ela estava? Eu não tinha certeza — e isso me preocupava. Talvez ele não tivesse o poder ainda. Talvez ele não quisesse. Afinal, se ele estava tentando me atrair para uma armadilha, ela era a melhor isca. Seja qual for o caso, Sadie estava certa: não era uma escolha racional para mim. *Eu tinha* que salvar Zia.

Apesar disso, eu me sentia como um verme por deixar Sadie sozinha novamente. Primeiro eu a tinha deixado ir para Londres embora eu soubesse que era uma má ideia. Agora eu a tinha enviado para localizar um pergaminho em uma catacumba cheia de múmias. Com certeza, Walt poderia ajudá-la, e ela geralmente pode cuidar de si própria. Mas um bom irmão teria ter ficado com ela. Sadie tinha acabado de salvar minha vida, e eu estava como "Ótimo. Vejo você depois. Divirta-se com as múmias."

Só vou dizer que Walt é meu irmão.

Ai.

Para ser sincero comigo mesmo, Zia não foi a única razão para eu estar ansioso para sair por conta própria. Eu estava em choque porque Sadie havia descoberto meu nome secreto. De repente, ela me conhecia melhor que qualquer um no mundo. Eu me sentia como se ela tivesse me aberto na mesa de cirurgia, me examinado, e me costurado de volta. Meu primeiro instinto foi fugir, para por a maior distância possível entre nós dois.

Eu me perguntei se Rá tinha se sentido do mesmo jeito quando Ísis aprendeu seu nome — se esse foi o real motivo de ele ter se exilado: completa humilhação.

Além do mais, eu precisava de tempo para processar o que Sadie tinha feito. Há meses que estávamos tentando reaprender o caminho dos deuses. Tínhamos nos empenhado para descobrir como os antigos magos usavam os poderes dos deuses sem ficarem possuídos ou serem subjugados. Agora eu suspeitava que Sadie tivesse encontrado a resposta. Tinha algo a ver com o *ren* do deus.

Um nome secreto não era apenas um nome, assim como uma palavra mágica. Era a soma das experiências de um deus. Quanto mais você entender o deus, mais perto você fica de saber seu nome secreto, e mais você poderia canalizar seu poder.

Se isso fosse verdade, então o caminho dos deuses era basicamente simpatia mágica — encontrando uma semelhança entre duas coisas, como um saca-rolhas comum e um demônio-cabeça-de-saca-rolhas, e usando essa semelhança para formar um vínculo mágico. Só que aqui, o vínculo era entre o mágico e o deus. Se você pudesse encontrar um traço em comum ou experiência, você poderia utilizar o poder do deus.

Isso pode explicar como eu tinha explodido as portas no Hermitage com o Punho de Hórus — magia que eu nunca tinha sido capaz de fazer por conta própria. Sem pensar nisso, sem precisar combinar a alma com Hórus, eu tinha aproveitado suas emoções. Nós dois odiávamos nos sentir confinados. Eu tinha usado essa simples conexão para invocar um feitiço e quebrar as correntes. Agora, se eu pudesse descobrir como fazer coisas como essa de forma mais confiável, isso poderia nos salvar nas batalhas futuras...

Nós viajamos por milhas na caminhonete dos Beduínos. O Nilo serpenteava através de campos verdes e marrons à nossa esquerda. Nós não tínhamos nada pra beber, exceto a água de uma jarra velha de plástico que tinha gosto de vaselina. A carne de cabra não estava assentando bem no meu estômago. De vez em quando eu me lembrava do veneno que percorria meu corpo, e meu ombro começava a doer onde a *tjesu heru* tinha me mordido.

Em torno de seis horas da tarde chegamos à nossa primeira pista. Um velho *fellahin,* um camponês fazendeiro vendendo tâmaras à beira da estrada, disse que conhecia a aldeia que nós estávamos procurando. Quando ouviu o nome de al-Hamrah Makan, ele fez um sinal de proteção contra o Mau-Olhado, mas já que Bes era quem havia perguntando, o velho nos contou o que sabia.

Ele disse que Areias Vermelhas era um mau lugar, muito amaldiçoado. Ninguém o visitava atualmente. Mas o velho se lembrava da aldeia antes de ter sido destruída. Nós a acharíamos a dez quilômetros ao sul, numa curva do rio onde a areia tornava-se vermelho vivo.

Bem, dã, eu pensei, mas eu não poderia deixar de ficar animado.

Os Beduínos decidiram fazer acampamento para passar a noite. Eles não iriam conosco o resto do caminho, mas disseram que eles ficariam honrados se tomássemos emprestada sua caminhonete.

Alguns minutos depois, Bes e eu estávamos viajando na picape. Bes usava um chapéu flexível quase tão feio quanto sua camiseta havaiana. Ele estava puxado tão para baixo, que eu não tinha certeza se ele podia ver alguma coisa, principalmente porque ele estava com o painel quase no nível do olho.

Cada vez que atingíamos um obstáculo, bugigangas Beduínas chocalhavam no espelho retrovisor — um disco de metal gravado com caligrafia árabe, uma árvore de natal — purificadores de ar em forma de pinheiro, alguns dentes de animal em uma tira de couro, e um pequeno ícone de Elvis Presley, por razões que eu desconhecia. A caminhonete não tinha nenhuma suspensão e dificilmente algum estofo nos assentos. Me senti como se estivesse montando um touro mecânico. Mesmo sem os solavancos, meu estômago já teria se revirado. Depois de meses de procura e espera, eu não podia acreditar que estava tão perto de encontrar Zia.

“Você parece horrível,” Bes disse.

"Obrigado."

"Quero dizer magicamente falando. Você não parece pronto para uma luta. O que quer que seja que está esperando por nós, você entende que não vai ser amigável?"

Sob a aba de seu chapéu, seu queixo se projetava como se ele estivesse se preparando para uma discussão.

"Você acha que isso é um erro," eu disse. "Você acha que eu deveria ter ficado com Sadie."

Ele encolheu os ombros. "Eu acho que se você estivesse prestando atenção, você veria que isso tem escrito *ARMADILHA* por toda parte. O antigo Sacerdote-Leitor Chefe — Iskandar — ele não teria escondido sua namorada —"

"Ela não é minha namorada."

"— sem colocar algumas magias de proteção em torno dela. Set e Apófis, aparentemente *ambos*, querem que você encontre esse lugar, o que significa que *não pode* ser bom para você. Você está deixando sua irmã e Walt por conta própria. E, além de tudo isso, estamos perambulando pelo quintal de Desjardins, e depois dessa façanha em São Petersburgo, Menshikov não vai descansar até encontrá-lo. Então, sim, eu diria que esta não é sua ideia mais brilhante."

Eu olhei para fora pelo pára-brisa. Eu queria ficar bravo com Bes por me chamar de estúpido, mas eu estava com medo que ele pudesse estar certo. Eu estava esperando por um reencontro feliz com Zia. As chances eram de eu nunca conseguir passar desta noite vivo.

"Talvez Menshikov ainda esteja se recuperando dos ferimentos da cabeça." Eu disse, esperançoso.

Bes riu. "Vá por mim, garoto. Menshikov já está atrás de você. Ele nunca se esquece de uma ofensa."

Sua voz estava ardendo de ira, como aconteceu em São Petersburgo, quando ele nos contou sobre o casamento anão. Eu me perguntava o que tinha acontecido a Bes naquele palácio, e por que ele ainda estava pensando nisso trezentos anos depois.

"Foi Vlad?" Perguntei. "Foi ele quem capturou você?"

Isso não parecia tão absurdo. Eu conheci vários mágicos que tinham séculos de idade. Mas Bes balançou a cabeça.

"Seu avô, o príncipe Alexander Menshikov." Bes disse o nome como se fosse um insulto grave. "Ele era secretamente o chefe do Décimo Oitavo Nomo. Poderoso. Cruel. Um pouco como seu neto. Eu nunca lidei com um mágico como esse. Fora a primeira vez que eu tinha sido capturado."

"Mas os magos não bloquearam todos os deuses no Duat depois que o Egito caiu?"

“A maioria de nós,” Bes concordou. “Alguns dormiram dois milênios inteiros, até seu pai nos soltar. Outros acordaram ao longo do tempo e a Casa da Vida pôde encontrá-los e colocá-los de volta. Sekhmet escapou em 1918. Grande epidemia de gripe. Mas alguns deuses como eu estiveram no mundo mortal, o tempo todo. Nos dias antigos, eu estava só, você sabe, um cara simpático. Eu afugentava espíritos. Os plebeus gostaram de mim. Então, quando o Egito caiu, os romanos me adotaram como um de seus deuses. Depois, na Idade Média, os cristãos moldaram gárgulas semelhantes a mim, para proteger suas catedrais e outras coisas mais. Fizeram lendas sobre gnomos, anões, duendes prestativos, tudo baseado em mim.”

“Duendes prestativos?”

Ele fez uma careta. “Você não acha que eu sou prestativo? Eu fico bem em uniformes verdes.”

“Eu não preciso dessa imagem.”

Bes bufou. “De qualquer modo, a Casa da Vida nunca se preocupou em ir atrás de mim. Eu só mantive um perfil tranquilo e fiquei longe de problemas. Eu nunca havia sido capturado até a Rússia. Provavelmente ainda seria um prisioneiro lá se não fosse por—” Ele parou a si próprio, como se tivesse percebido que tinha falado demais.

Ele saiu da estrada. A caminhonete sacudindo-se passando sobre mais areia e rochas, indo em direção ao rio.

“Alguém te ajudou a escapar?” Eu adivinhei. “Bastet?”

O pescoço do anão ficou vermelho. “Não... não Bastet. Ela estava presa no abismo combatendo Apófis.”

“Então —”

“A questão é, eu estou livre, e tenho minha vingança. Eu consegui fazer Alexander Menshikov ser condenado por acusações de corrupção. Ele ficou humilhado, despojado de sua riqueza e títulos. Sua família inteira foi despachada para a Sibéria. O melhor dia da minha vida. Infelizmente, seu neto Vladimir retornou. Por fim, ele voltou para São Petersburgo, reconstruiu a fortuna de seu avô, e assumiu o Décimo Oitavo Nomo. Se Vlad tivesse a chance de me capturar...”

Bes se mexeu no lugar do motorista, como se as molas estivessem ficando desconfortáveis. “Eu acho que estou te contando isso porque... você está bem, garoto. A maneira como você se levantou pela sua irmã sobre a ponte de Waterloo, pronto para me pegar — aquilo teve coragem. E tentando montar um *tjesu heru*? Aquilo foi muito valente. Estúpido, mas valente.”

“*Hum*, Obrigado.”

“Você faz eu me lembrar de mim mesmo,” Bes continuou, “quando eu era um jovem anão. Você é teimoso. E quando se trata de problemas com garotas, você está completamente perdido.”

“Problemas com garotas?” Eu pensei que ninguém poderia me embaraçar tanto como Sadie fez quando descobriu meu nome secreto, mas Bes estava fazendo um ótimo trabalho. “Isso não é só um problema com uma garota.”

Ele me olhou como se eu fosse um pobre cachorro perdido. “Você deseja salvar Zia. Eu entendo isso. Você quer que ela goste de você. Mas quando você salva alguém... isso complica as coisas. Não fique deslumbrado por alguém que você não pode ter, especialmente se ela te deixa cego para alguém que é realmente importante. Não... não cometa meus erros.”

Eu ouvi a dor em sua voz. Eu sabia que ele estava tentando ajudar, mas ainda me sentia esquisito recebendo conselhos de um deus de um-metro-e-vinte-de-altura em um chapéu feio.

“A pessoa que lhe resgatou,” eu disse. “Era uma deusa, não era? Alguém além de Bastet — Alguém com quem você estava envolvido?”

Seus dedos ficaram brancos no volante. “Criança.”

“Sim?”

“Estou contente que tivemos esta conversa. Agora, se você valoriza os seus dentes—”

“Eu vou calar a boca.”

“Isso é bom.” Bes colocou o pé no freio. “Porque acho que estamos no lugar.”

O sol estava se pondo nas nossas costas. Tudo á nossa frente estava banhado em luz vermelha, a areia, a água do Nilo, as montanhas no horizonte. Mesmo as folhas das palmeiras pareciam que estavam tingidas de sangue.

Set iria amar esse lugar, eu pensei.

Não havia nenhum sinal de civilização, apenas algumas garças-reais voando no alto e uma pequena ondulação ocasional no rio: talvez um peixe ou um crocodilo. Imaginei que essa parte do Nilo não estava muito diferente do tempo dos faraós.

“Vamos lá,” disse Bes. “Traga suas coisas.”

Bes não esperou por mim. Quando eu o alcancei, ele estava de pé na beira do rio, peneirando areia por entre os dedos.

“Não é apenas a luz,” eu percebi. “Essa areia é *realmente* vermelha.”

Bes assentiu com a cabeça. “Você sabe por quê?”

Minha mãe teria dito óxido de ferro ou algo parecido. Ela tinha uma explicação científica para tudo. Mas algo me disse que Bes não estava procurando por esse tipo de resposta.

“Vermelho é a cor do mal,” eu disse. “O deserto. Caos. Destruição.”

Bes espanou suas mãos. “Este foi um lugar ruim para se construir uma vila.”

Olhei em volta em busca de qualquer sinal de um povoado. A areia vermelha estendida em ambos os sentidos por cerca de uma centena de metros. Árvores frondosas e salgueiros de grama delimitavam a área, mas a areia era completamente estéril. Do jeito que brilhava e transformava-se debaixo dos meus pés me lembrou dos montes de conchas secas de escaravelho no Duat, segurando Apófis. Eu realmente desejei que não tivesse pensado nisso.

“Não há nada aqui,” eu disse. “Sem ruínas. Nada.”

“Olhe novamente.” Bes apontou para o rio. Juncos velhos e mortos presos aqui e ali em uma área do tamanho de um campo de futebol. Então que percebi que os juncos não eram juncos — eles eram placas e postes de madeira em decomposição, os restos de habitações simples. Eu andei até a beira d’água. A alguns metros, ele estava calmo e raso o suficiente para que eu pudesse ver uma linha de tijolos submersos na lama: a fundação de um muro lentamente se dissolvendo em lama.

“A aldeia inteira afundou?”

“Foi engolida,” disse Bes. “O Nilo está tentando lavar o mal que aconteceu aqui.”

Eu tremi. As feridas das presas no meu ombro começaram a doer novamente. “Se é um lugar tão mau, porque Iskandar esconderia Zia aqui?”

“Boa pergunta,” disse Bes. “Se você quer encontrar a resposta, você terá que caminhar por aí afora.”

Uma parte de mim queria correr de volta para a caminhonete. A última vez que eu entrei em um rio — o Rio Grande em El Paso — não tinha ido tão bem. Nós combatemos o deus crocodilo Sobek e mal saímos com vida. *Este* era o Nilo. Deuses e monstros seriam muito mais fortes aqui.

“Você está vindo também, não é?” Perguntei ao Bes.

O canto de seu olho estremeceu. “Água corrente não é boa para os deuses. Afrouxa nossa ligação com o Duat...”

Ele deve ter visto o olhar de desespero em meu rosto.

“Sim, tudo bem,” ele suspirou. “Estou bem atrás de você.”

Antes que eu pudesse desistir, coloquei um pé no rio, e afundei até o tornozelo.

“Nojento.” Eu entrei no rio, meus pés fazendo sons como uma vaca mascando goma.

Um pouco tarde, eu percebi o quão mal preparado eu estava. Eu não tinha minha espada, porque eu a tinha perdido em São Petersburgo. Eu não tinha sido capaz de convocá-la de volta. Pelo que eu sabia, os magos da Rússia a tinham derretido. Eu ainda tinha minha varinha, mas ela era melhor para feitiços de defesa. Se eu tivesse que ir para a ofensiva, eu estaria em uma séria desvantagem.

Eu tirei da lama uma vara velha e a usei para bisbilhotar ao redor. Bes e eu nos arrastamos pelas águas rasas, tentando encontrar algo de útil. Nós chutamos alguns tijolos,

descobrindo alguns trechos de paredes intactas, e trouxe até alguns fragmentos de cerâmica. Eu pensei sobre a história que Zia tinha me contado — como seu pai causou a destruição da aldeia por desenterrar um demônio preso em um jarro. Pelo que eu sabia, eram fragmentos desse mesmo jarro.

Nada nos atacou com exceção de mosquitos. Nós não encontramos nenhuma armadilha. Mas cada *splash* no rio me fazia pensar nos crocodilos (e não o tipo albino simpático como o Felipe no Brooklyn) ou o grande peixe-tigre dentuço que Zia havia me mostrado uma vez no Primeiro Nomo. Eu os imaginei nadando em torno de meus pés, tentando decidir qual das pernas parecia mais apetitosa.

Com o canto do olho, eu ficava vendo ondinhas e pequenos redemoinhos como se alguma coisa estivesse me seguindo. Quando eu golpeei a água com minha vara, não havia nada ali.

Depois de uma hora de busca, o sol já estava quase posto. Nós devíamos voltar para Alexandria para nos encontrar com Sadie pela manhã, o que nos deixou quase tempo nenhum para encontrar Zia. E vinte e quatro horas a contar de agora, na próxima vez que o sol se pusesse, o equinócio começaria.

Nós continuamos procurando, mas não encontramos nada mais interessante do que uma bola de futebol murcha e lamacenta, e um conjunto de dentaduras. [Sim, Sadie, elas eram ainda mais nojentas que a do Vovô.] Parei para esmagar os mosquitos do meu pescoço. Bes pegou algo de dentro d'água — um peixe se contorcendo ou um sapo — e enfiou-o em sua boca.

"Você *tem* que fazer isso?"

"Que?" Disse ele, ainda mastigando. "É hora do jantar."

Eu me virei com nojo e cutuquei minha vara na água.

Tum.

Eu atingi alguma coisa mais dura que tijolos de barro ou madeira. Isso era uma pedra.

Tracei o fundo com a minha vara. Não era uma rocha. Era uma fileira plana de blocos talhados. A borda descia para outra fileira de pedras cerca de um pé menor: como escadas, levando para baixo.

"Bes," chamei.

Ele nadou cuidadosamente até onde eu estava. A água chegou quase até seus ombros. Sua forma tremeluzia na corrente como se ele pudesse desaparecer a qualquer momento.

Mostrei a ele o que eu tinha encontrado.

"Hum." Ele mergulhou sua cabeça abaixo d'água. Quando ele voltou, sua barba estava coberta de ervas daninhas. "Escadas, tudo bem. Me lembra a entrada de uma tumba."

"Uma tumba," disse, "no meio de uma aldeia?"

À minha esquerda, houve outro *splash*.

Bes franziu o cenho. "Você viu isso?"

“Sim. Desde que entramos na água. Você não tinha percebido?”

Bes colocou o dedo na água como se estivesse testando a temperatura. “Nós devemos nos apressar.”

“Por quê?”

“Provavelmente nada.” Ele mentia ainda pior do que o meu pai. “Vamos dar uma olhada nesta tumba. Parta o rio.

Ele disse isso como se fosse um pedido perfeitamente normal, como *passe o sal*.

“Eu sou um mago de combate,” eu disse. “Eu não sei como partir um rio.”

Bes pareceu ofendido. “Ah, vamos lá. Isso é uma coisa normal. Nos dias de Khufu soube de um mago que partiu o Nilo para que pudesse ir no fundo e recuperar o colar de uma garota. Então houve aquele camarada israelita, Mickey.”

“Moisés?”

“É, ele,” Bes disse. “De qualquer modo, você é totalmente capaz de partir a água. Nós temos pressa.”

“Se é tão fácil, porque você não faz?”

“*Agora* ele toma uma atitude. Eu te disse, garoto, água corrente interfere no poder divino. Provavelmente é uma das razões de Iskandar ter escondido sua amiga lá embaixo, se é onde ela está. Você pode fazer isso. Apenas—”

De repente, ele ficou tenso. “Vá para a margem.”

“Mas você disse—”

“Agora!”

Antes que pudéssemos nos mover, o rio irrompeu em torno de nós. Três trombas d’água separadas explodiram para cima, e Bes foi puxado para debaixo d’água.

Eu tentei correr, mas meus pés atolaram na lama. As trombas d’água me rodeavam. Elas espiralavam em formas humanas, ombros e braços feitos de tiras de águas agitadas, como se fosse múmias criadas a partir do Nilo.

Seis metros abaixo, Bes irrompeu para a superfície.

“Demônios aquáticos!” ele balbuciou “Desvie deles!”

“Como?” gritei.

Dois dos demônios aquáticos se voltaram para Bes. O deus anão tentou manter o equilíbrio, mas o rio fervia em corredeiras, e já estava acima de seus ombros.

“Vamos, garoto!” gritou. “todo pastor costumava saber encantos contra demônios aquáticos!”

“Bem, me arranje um pastor, então!”

Bes gritou: “BOO!” e o primeiro demônio aquático evaporou. Ele se virou para o segundo, mas antes que ele pudesse assustá-lo, o demônio aquático explodiu em seu rosto.

Bes engasgou e tropeçou, a água atirando-se de suas narinas. O demônio se chocou contra ele, e Bes afundou novamente.

"Bes!" eu gritei.

O terceiro demônio surgiu próximo de mim. Ergui minha varinha e fiz um fraco escudo de luz azul. O demônio bateu contra ele, me jogando para trás.

Sua boca e olhos giraram como mini-redemoinhos. O olhar em seu rosto era como usar uma bacia de vidência. Eu podia sentir a fome sem fim daquela coisa, seu ódio pelos seres humanos. Ele queria quebrar cada barragem, devorar cada cidade, e afogar o mundo em um mar de caos. E iria começar me matando.

Minha concentração vacilou. A coisa avançou em mim, destruindo meu escudo e me puxando para debaixo d'água.

Já entrou água pelo seu nariz? Imagine uma onda inteira entrar no seu nariz — uma onda *inteligente* que sabe exatamente como te afogar. Eu perdi minha varinha. Meus pulmões cheios de líquido. Todos os pensamentos racionais se dissolveram no pânico.

Eu me debati e chutei, sabendo que eu estava à apenas um metro debaixo água, mas eu não conseguia me levantar. Eu não conseguia ver nada através da escuridão. Minha cabeça rompeu à superfície, e vi uma vaga imagem de Bes se lançando em cima de uma tromba d'água, gritando, "Boo... Já! Seja mais medroso!"

Então eu fui para baixo de novo, minhas mãos tentando agarrar a lama.

Meu coração batia forte. Minha visão começou a escurecer. Mesmo se eu pudesse ter pensado em uma magia, não poderia tê-la dito. Gostaria de ter poderes de deus do mar, mas eles não eram exatamente especialidade de Hórus.

Eu estava perdendo a consciência quando algo agarrou meu braço. Eu dei socos freneticamente, e meu punho uniu-se a um rosto barbudo.

Eu rompi à superfície de novo, ofegando. Bes estava meio-afogado próximo de mim, gritando: "Estúpido — *glub, glub* — tentando salvar sua *glub glub*.

O demônio me puxou para baixo novamente, mas de repente, meus pensamentos ficaram claros. Talvez esse último bocado de oxigênio tenha feito isso. Ou talvez esmurrar Bes tenha me tirado do pânico.

Lembrei que Hórus tinha vivido uma situação como essa antes. Set tinha tentado afogá-lo uma vez, puxando-o para o Nilo.

Eu me conectei a essa memória e fiz dela minha própria.

Alcancei o Duat e canalizei o poder do deus da guerra para dentro de meu corpo. A fúria me preencheu. Eu não seria encurralado. Eu segui o Caminho de Hórus. Eu *não* deixaria uma estúpida múmia líquida me afogar em 90 centímetros de água.

Minha visou ficou vermelha. Eu gritei, expulsando a água de meus pulmões em uma grande explosão.

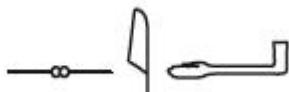
WHOOOM! O Nilo explodiu. Eu desmoronei em um campo de lama.

A princípio, eu estava cansado demais para fazer qualquer coisa além de tossir. Quando me controlei e, consegui parar de cambalear, limpei o lodo dos meus olhos, pude ver que o rio tinha mudado seu curso. Ele agora contornava as ruínas da aldeia. Expostos na lama vermelho-brilhante estavam tijolos e placas, lixo, roupas velhas, o pára-lama de um carro, e ossos que poderiam ter sido de um animal ou de um ser humano. Alguns peixes se debatiam ao redor, se perguntando aonde o rio tinha ido. Não havia nenhum sinal de demônios aquáticos. A cerca de três metros de distância, Bes estava olhando zangado para mim. Ele tinha um nariz sangrando e estava enterrado na lama até a cintura.

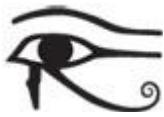
“Geralmente, quando você parte um rio” ele murmurou, “isso não implica esmurrar um anão. Agora, me tire daqui!”

Eu consegui livrá-lo, o que causou um ruído de sucção tão impressionante que desejei que eu o tivesse gravado. [E não, Sadie, eu não vou tentar fazê-lo pelo microfone.]

“Sinto muito,” eu gaguejei. “Eu não pretendia—”

Ele acenou de lado as desculpas. “Você lidou com demônios aquáticos. Isso é o que importa. Agora nós temos que ver se você pode lidar com *isso*.”

Eu me virei e vi a tumba.

Era uma sepultura retangular do tamanho de um *closet* grande demais, alinhado com blocos de pedra. Degraus conduziam até uma porta fechada de pedra gravada com hieróglifos. O maior deles era o símbolo da Casa da Vida:

“Aqueles demônios estavam guardando a entrada,” Bes disse. “Talvez seja pior ali dentro.”

Debaixo do símbolo, reconheci uma linha de hieróglifos fonéticos:

“Z—I—A,” eu li. “Zia está aí dentro.”

“E isso,” resmungou Bes, “é o que nós chamamos de *armadilha* nos negócios da magia. Última chance para mudar de ideia, garoto.”

Mas eu não estava realmente escutando. Zia estava lá embaixo. Mesmo se eu soubesse o que estava prestes a acontecer, eu não acho que poderia ter parado a mim mesmo. Desci as escadas e abri a porta.

C A R T E R

14. Na Tumba de Zia Rashid

O SARCÓFAGO era feito de água.

Era uma figura humana de tamanho grande, com os pés arredondados, ombros largos, e um sorriso enorme na cara, como outros caixões egípcios que eu tinha visto, mas a coisa toda fora esculpida a partir de puro líquido brilhante. Jazia sobre um tablado de pedra no meio de uma câmara quadrada. Arte egípcia decorava as paredes, mas eu não dei muita atenção a isso.

Dentro do sarcófago, Zia Rashid flutuava em vestes brancas. Seus braços estavam cruzados sobre o peito. Em suas mãos ela segurava um cajado curvo e um mangual de guerra, os símbolos de um faraó. Seu cajado e sua varinha flutuavam ao seu lado. Seu cabelo preto curto estava a deriva ao redor de seu rosto, era tão bonito quanto eu lembrava. Se você já viu a famosa escultura da rainha Nefertiti, Zia me lembrava ela, com as sobrancelhas levantadas, maçãs do rosto salientes, nariz gracioso e perfeitos lábios vermelhos.

[Sadie diz que eu estou exagerando com a descrição, mas é verdade. Há uma razão Nefertiti ter sido chamada de a mulher mais bonita do mundo.]

Ao me aproximar do sarcófago, a água começou a tremeluzir. Uma corrente desceu pelos lados, traçando o mesmo símbolo novamente e novamente:

Bes fez um som estrondoso em sua garganta. “Você não me disse que ela era uma deusa menor.”

Eu não tinha pensado em mencionar isso, mas é claro que é por isso que Iskandar tinha escondido Zia. Quando o nosso pai libertou os deuses no Museu Britânico, um deles, a deusa dos rios Néftis — tinha escolhido Zia como sua hospedeira.

“Esse é o símbolo de Néftis?” Eu supus.

Bes assentiu. “Você não disse que essa garota era uma Elemental do Fogo?”

“Sim.”

“Humpf. Não é uma boa combinação. Não admira que o Sacerdote-leitor Chefe colocou-a em animação suspensa. Um mago do fogo hospedando uma deusa da água — poderia matá-la, a menos... hum, isso foi muito inteligente.”

“O quê?”

"A combinação de água sobre o fogo também pode mascarar os poderes de Zia. Se Iskandar estava tentando escondê-la de Apófis..." Seus olhos se arregalaram. "Santa Mãe Nut. Estes são o Cajado e o Mangual?"

"Sim, eu acho." Eu não sabia porque ele estava tão chocado. "Um monte de gente importante não é enterrado com isso?"

Bes me deu um olhar incrédulo. "Você não entende, garoto. Esses são os Cajado e Mangual originais, os instrumentos reais de Rá."

De repente eu senti como se tivesse engolido uma bola de gude. Eu não acho que poderia ter ficado mais surpreso se Bes tivesse dito *A propósito, você está encostado em uma bomba de hidrogênio*. O Cajado e o Mangual de Rá eram os mais poderosos símbolos do deus mais poderoso do Egito. No entanto, nas mãos de Zia, eles não parecem ser nada de especial. O Cajado parecia um bastão de caramelo azul e dourado de tamanho exagerado. O Mangual era um pedaço de madeira
com três correntes pontudas no final. Eles não brilhavam ou diziam *propriedade de Rá*.

"Por que eles estariam aqui?" Eu perguntei.

"Não sei," disse Bes "mas são eles. Ouvi dizer que eles foram trancados nos cofres do primeiro Nome. Só o Sacerdote-leitor Chefe tinha acesso. Eu acho que Iskandar enterrou com sua amiga aqui."

"Para protegê-la?"

Bes encolheu os ombros, claramente desconcertado. "Isso seria como conectar seu sistema de segurança a um míssil nuclear. Um exagero completo. Não admira que o Apófis não tenha sido capaz de atacá-la. Isso é uma proteção séria contra o caos."

"O que acontece se eu acordá-la?"

"As magias protegendo ela serão quebradas. Poderia ser por isso que Apófis o conduziu até aqui. Uma vez fora do sarcófago ela é um alvo mais fácil. Quanto ao porquê de Apófis querer que ela morra, ou porque Iskandar se deu ao trabalho de guardá-la, eu sei tanto quanto você."

Estudei o rosto de Zia. Durante três meses, eu sonhei em encontrá-la. Agora, eu estava quase com medo de acordá-la. Ao quebrar o feitiço do sono, eu poderia acidentalmente machucá-la, ou deixá-la exposta a um ataque de Apófis. Mesmo se eu conseguisse, e se ela acordasse e decidisse que ela me odiava? Eu queria acreditar que ela possuía memórias guardadas em seu *shabti*, para que ela pudesse recordar os tempos que passamos juntos. Mas se ela não tivesse, eu não tinha certeza se poderia suportar a rejeição.

Eu toquei o caixão de água.

"Cuidado, garoto," alertou Bes.

Energia mágica ondulou através de mim. Foi sutil, como olhar no rosto do demônio da água, mas eu podia sentir os pensamentos de Zia. Ela estava presa em um sonho de afogamento.

Ela estava tentando se agarrar à sua última boa memória: a face gentil de Iskandar quando ele colocou o cajado e o mangual em suas mãos: *Fique com isso, minha cara. Você vai precisar deles. E não tenha medo. Sonhos não a incomodarão.*

Mas Iskandar estava errado. Pesadelos invadiram seu sono. A voz do Apófis sibilou das trevas *eu destruí sua família. E eu estou indo atrás de você*. Zia viu a demolição de sua aldeia de novo e de novo, enquanto Apófis ria, e o espírito de Néftis agitou-se desconfortável dentro dela. A magia de Iskandar tinha prendido a deusa também em um sono encantado e ela tentou proteger Zia, convocando o Nilo para cobrir esta câmara e protegê-las da serpente. Ainda assim, ela não podia parar os sonhos. Zia estava tendo o mesmo pesadelo caótico durante três meses, e sua sanidade estava desintegrando-se.

"Tenho que libertá-la," disse eu. "Ela está parcialmente consciente."

Bes sugou o ar através dos dentes. "Isso não deve ser possível, mas se é verdade."

"Ela está em sérios apuros." Eu afundei minha mão mais fundo no sarcófago. Eu canalizei o mesmo tipo de magia que eu tinha usado para partir o rio, só que em menor escala. Aos poucos, a água foi perdendo sua forma, derretendo como um cubo de gelo. Antes que Zia caísse, peguei-a nos meus braços. Ela largou o Cajado e o Mangual. Seu Cajado e sua varinha caíram no chão. Quando os restos do sarcófago escoaram, os olhos de Zia se abriram. Ela tentava respirar, mas não parecia ter conseguido inspirar.

"Bes, o que há de errado com ela?" Eu perguntei. "O que eu faço?"

"A deusa", disse ele. "O corpo de Zia está rejeitando o espírito de Néftis. Leve-a para o rio!"

O rosto de Zia começou a ficar azul. Peguei-a em meus braços e corri com ela pelas escadas escorregadias, o que não foi fácil com Zia chutando e se debatendo todo o caminho. Consegui passar pela lama, sem cair e deitei-a ao lado do rio. Ela arranhou a garganta, os olhos cheios de temor, mas logo que seu corpo tocou no Nilo, uma aura azul tremulou ao seu redor. Seu rosto voltou à sua cor normal. A água jorrava de sua boca como se ela tivesse se transformado em uma fonte humana. Pensando bem, eu acho que foi muito grosseiro, mas na época eu estava muito aliviado para pensar nisso.

A partir da superfície do rio subiu a forma aquosa de uma mulher em um vestido azul. A maioria dos deuses egípcios enfraquecia em água corrente, mas Néftis era claramente uma exceção. Ela brilhava com o poder. Ela usava um coroa egípcia de prata nos seus longos cabelos negros. Seu rosto suntuoso me lembrou Ísis, mas essa mulher tinha um suave sorriso e os olhos mais gentis.

"Olá, Bes." Sua voz era suave e sussurrante, como uma brisa na relva.

"Néftis," disse o anão. "Há quanto tempo."

A deusa da água olhou para Zia, que tremia em meus braços, ainda ofegante. "Lamento por usá-la como hospedeira," disse Néftis. "Foi uma má escolha, que quase nos destruiu a ambas. Guarde-a bem, Carter Kane. Ela tem um bom coração e um destino importante."

"Qual destino?" Eu perguntei. "Como faço para protegê-la?"

Em vez de responder, o espírito de Néftis derreteu-se no Nilo.

Bes grunhiu com aprovação. "O Nilo é o lugar onde ela deveria estar. Essa é sua forma apropriada."

Zia arquejava e se contorcia.

"Ela ainda não pode respirar!" Eu fiz a única coisa que eu conseguia pensar. Eu tentei reanimação boca-a-boca.

Sim, ok, eu sei como isso soa, mas eu não estava pensando direito.

[Pare de rir, Sadie.]

Honestamente, eu não estava tentando tirar proveito. Eu só estava tentando ajudar.

Zia não viu isso dessa forma. Ela me deu um soco no peito duramente, eu fiz um som como um brinquedo estridente. Então ela se virou para o lado e vomitou.

Eu não acho que a minha respiração era *tão* ruim assim.

Quando ela se concentrou em mim novamente, seus olhos brilhavam com raiva, como nos velhos tempos.

"Não se atreva a me beijar!" Ela conseguiu dizer.

"Eu não estava— eu não—"

"Onde está Iskandar?" Ela exigiu. "Eu pensei..." Seus olhos perderam o foco. "Eu tive um sonho que..." Ela começou a tremer. "Egito Eterno, ele não está... Ele não pode estar—"

"Zia—" Eu tentei colocar minha mão no ombro dela, mas ela me empurrou. Ela se virou em direção ao rio e começou a soluçar, com os dedos arranhando a lama. Eu queria ajudá-la. Eu não aguentava vê-la sofrendo. Mas olhei para Bes, e ele deu uma tapa no próprio nariz sangrento, como um aviso: *Vá com calma, ou ela vai te dar um desses.*

"Zia, temos muito que conversar," disse eu, tentando não transparecer meu coração partido. "Vamos levá-la para longe do rio."

Ela sentou-se sobre os degraus de seu próprio túmulo e cruzou os braços. Suas roupas e cabelos estavam começando a secar, mas apesar da noite quente e do vento seco do deserto, ela ainda tremia.

A meu pedido, Bes havia trazido seu cajado e a varinha do túmulo, junto com o Cajado e o Mangual, mas ele não parecia feliz com isso. Ele lidava com os itens como se fossem tóxicos.

Tentei explicar as coisas para Zia: sobre o *shabti*, a morte de Iskandar, Desjardins ter se tornado o Sacerdote-leitor Chefe, e o que havia acontecido nos últimos três meses desde a batalha com Set, mas eu não sei quanto ela ouviu. Ela continuou balançando a cabeça, apertando as mãos nos ouvidos.

"Iskandar não pode estar morto." Sua voz estava embargada. "Ele não teria... ele não teria feito isso comigo."

"Ele estava tentando protegê-la," eu disse. "Ele não sabia que você teria esses pesadelos. Eu tenho procurado por você."

"Por quê?" Ela exigiu. "O que você quer de mim? Eu me lembro de você em Londres, mas depois disso..."

"Eu conheci seu *shabti* em Nova York. Ela — você — levou Sadie e eu para o Primeiro Nomo. Você começou o nosso treinamento. Trabalhamos juntos no Novo México, em seguida, na Pirâmide Vermelha."

"Não." Ela fechou os olhos com força. "Não, não era eu."

"Mas você pode se lembrar do que o *shabti* fez. Apenas tente—"

"Você é um Kane," ela chorou. "Vocês são todos foras da lei. E você está aqui com *isso*." Ela apontou para Bes.

"Isso tem um nome," Bes resmungou. "Estou começando a me perguntar porque eu dirigi por metade do Egito para acordá-la."

"Você é um deus!" Disse Zia. Então ela se virou para mim. "E se você o chamou, vai ser condenado à morte!"

"Ouça, menina," disse Bes. "Você estava hospedando o espírito de Néftis. Então, se alguém vai ser condenado à morte"

Zia pegou seu cajado. "Vá embora!"

Felizmente, ela não estava de volta à sua força total. Ela conseguiu disparar uma coluna de fogo fraca na cara de Bes, mas o deus anão golpeou facilmente as chamas para o lado.

Eu peguei o fim do seu cajado. "Zia, pare! Ele não é o inimigo."

"Posso dar um soco nela?" Bes perguntou. "Você me deu um soco, criança.P arece justo."

"Sem socos," disse eu. "E sem lançar chamas. Zia, estamos do mesmo lado. O equinócio será iniciado amanhã ao pôr do sol, e Apófis vai sair da sua prisão. Ele quer te destruir. Estamos aqui para salvá-la."

O nome Apófis a atingiu em cheio. Ela lutou para respirar, como se seus pulmões tivessem se enchido de água novamente. "Não. Não, não é possível. Por que eu deveria acreditar em você?"

"Porque..." eu hesitei. O que eu poderia dizer? Porque nós tínhamos nos apaixonado um pelo outro, há três meses?

Porque nós já passamos por tantas coisas juntos e salvamos a vida um do outro? Essas lembranças não eram dela. Ela lembrou de mim de certa forma. Mas o nosso tempo juntos era como um filme que ela assistiu, com uma atriz fazendo seu papel, fazendo coisas que ela nunca tinha feito.

"Você não me conhece," disse ela amargamente. "Agora, vá, antes que eu seja forçada a lutar com você. Eu vou sozinha até o Primeiro Nomo."

"Talvez ela esteja certa, garoto," disse Bes. "Devemos sair. Usamos magia aqui suficiente para ativar todos os tipos de alarme."

Cerrei os punhos. Meus piores temores se confirmaram. Zia não gostava de mim. Tudo o que tínhamos partilhado tinha desintegrado com sua réplica de cerâmica. Mas como eu já mencionei, eu sou teimoso, quando dizem que eu não posso fazer alguma coisa.

"Eu não vou deixar você." Eu apontei para as ruínas de sua aldeia. "Zia, o local foi destruído por Apófis. Não foi um acidente. Não foi culpa do seu pai. A serpente estava mirando em *você*. Iskandar ajudou você, porque ele sentiu que você tinha um destino importante. Escondeu-a com o cajado do faraó e mangual pela mesma razão — não apenas porque você estava hospedando uma deusa, mas porque ele estava morrendo e ele teve medo de que não seria capaz de protegê-la mais. Eu não sei o que seu destino é, exatamente, mas—"

"Pare!" Ela reacendeu a ponta de seu cajado. Ele brilhou mais intensamente dessa vez. "Você está confundindo os meus pensamentos. Você é como os pesadelos."

"Você sabe que eu não sou." Eu provavelmente deveria ter me calado, mas eu não podia acreditar que Zia iria realmente incinerar-me. "Antes de morrer, Iskandar percebeu que os velhos métodos tinham que ser trazidos de volta. É por isso que ele deixou Sadie e eu vivos. Os deuses e os magos têm de trabalhar juntos. Você — seu *shabti* — percebeu isso quando lutamos juntos na Pirâmide Vermelha."

"Garoto," disse Bes com mais urgência. "Nós realmente deveríamos ir."

"Venha com a gente," disse à Zia. "Eu sei que você sempre se sentiu sozinha. Você nunca teve ninguém alem de Iskandar, mas eu sou seu amigo. Nós podemos protegê-la."

"Ninguém me protege!" Ela se atirou de pé. "Eu sou uma escriba da Casa da Vida!"

Chamas dispararam de seu cajado. Procurei por minha varinha, mas é claro que eu tinha perdido no rio. Instintivamente minhas mãos se fecharam em torno dos símbolos do faraó, o Cajado de pastor e o mangual de guerra. Segurei-os em um X na defensiva, e o cajado de Zia quebrou-se imediatamente. O fogo se dissipou. Zia cambaleou para trás, fumaça ondulando de suas mãos.

Ela olhou para mim em um estado de choque absoluto. "Você se atreve a usar os símbolos de Rá?"

Eu provavelmente parecia surpreso. “Eu — eu não quis! Eu só quero conversar. Você deve estar com fome. Nós temos água e comida na traseira da caminhonete—”

“Carter!” Bes estava tenso. “Algo está errado...”

Ele se virou tarde demais. Uma luz ofuscante branca explodiu ao redor dele. Quando minha visão voltou ao normal, Bes estava congelado em uma gaiola de barras brilhantes como lâmpadas fluorescentes. Junto com ele estavam as duas pessoas que eu menos queria ver: Michel Desjardins e Vlad, o inalador.

Desjardins parecia ainda mais velho do que eu me lembrava. Seus cabelos grisalhos e barba bifurcada estavam longos e despenteados. Suas vestes de cor creme caíam folgadamente sobre ele. O manto de pele de leopardo do Sacerdote-leitor Chefe estava escorregando de seu ombro esquerdo.

Vlad Menshikov, por outro lado, parecia bem descansado e pronto para um bom jogo de Torture-o-Kane. Ele usava um terno de linho branco fresco e carregava um novo cajado de serpente. Seu colar de prata em forma de cobra brilhava contra o cordão. Em seu cabelo encaracolado cinzento estava um chapéu branco, provavelmente para cobrir as lesões na cabeça que Set lhe dera. Ele sorriu como se ele estivesse feliz em me ver, o que talvez teria sido convincente — exceto que ele não tinha mais os óculos de sol. No meio das cicatrizes e ferimentos, aqueles horríveis olhos brilhavam de ódio.

“Como eu lhe disse, Sacerdote-leitor Chefe”, Menshikov disse asperamente, “O próximo passo do Kane seria encontrar essa pobre menina e tentar corrompê-la.”

“Desjardins, ouça,” eu disse. “Menshikov é um traidor. Ele convocou Set. Ele está tentando libertar Apófis—”

“Você vê?” Menshikov exclamou. “Como eu previ, o rapaz tenta por a culpa de sua magia ilegal em mim.”

“O quê?” Eu disse. “Não!”

O russo voltou a examinar Bes, que ainda estava congelado em sua jaula brilhante. “Carter Kane, você afirma ser inocente e, ainda encontramos você aqui confraternizando com os deuses. O que temos aqui? Bes, o anão! Felizmente, o meu avô me ensinou uma magia excelente para prender essa criatura em especial. Meu avô também me ensinou muitas magias de tormento, que foram bastante... Eficazes no deus anão. Eu sempre quis experimentar.”

Desjardins torceu o nariz em desagrado, mas eu não poderia dizer se era por minha causa ou de Menshikov.

“Carter Kane", disse o Sacerdote-leitor Chefe, “eu sabia que você desejava o trono do faraó. Eu sabia que você estava conspirando com Hórus. Mas agora eu encontro você segurando o cajado e o mangual de Rá, que descobrimos recentemente estarem sumidos de nossos cofres. Mesmo para você, este é um ato imprudente de agressão.”

Eu olhei para as armas em minhas mãos. “Não é assim. Eu só os encontrei...”

Eu parei. Eu não poderia dizer-lhe que os símbolos tinham sido enterrados com Zia. Mesmo que ele acreditasse em mim, isso podia colocar Zia em apuros. Desjardins assentiu como se eu tivesse confessado. Para minha surpresa, ele parecia um pouco triste com isso. “Como eu pensei. Amós assegurou-me que você era um servo honroso do Ma'at. Em vez disso, eu descubro que você é um deus menor um e ladrão.”

“Zia.” Eu me virei para ela. “Você tem que ouvir. Você está em perigo. Menshikov está trabalhando para Apófis. Ele vai te matar.”

Menshikov fez um bom trabalho em parecer ofendido. “Por que eu iria querer prejudicá-la? Eu sinto que ela está livre de Néftis agora. Não é culpa dela que a deusa invadiu a sua forma.” Estendeu a mão para Zia. “Estou contente de vê-la segura, filha. Você não tem culpa da decisão estranha de Iskandar, em seus últimos dias de lhe esconder aqui, suavizando sua atitude para com estes criminosos Kane. Venha para longe do traidor. Venha para casa com a gente.”

Zia hesitou. “Eu tinha... Eu tinha sonhos estranhos...”

“Você está confusa,” disse gentilmente Desjardins. “Isso é natural. Seu *shabti* transmitia suas memórias para você. Você viu Carter Kane e sua irmã, fazerem um pacto com Set na Pirâmide Vermelha. Ao invés de destruir o Senhor Vermelho, deixáram-no ir. Você se lembra?”

Zia me estudou com cautela. “Lembre-se por que fizemos isso,” implorei. “O caos está crescendo. Apófis irá se libertar, em menos de 24 horas. Zia... eu...”

As palavras ficaram presas na minha garganta. Eu queria dizer a ela o quanto eu sentia por ela, mas seus olhos se endureceram como âmbar.

“Eu não conheço você,” ela murmurou. “Sinto muito.”

Menshikov sorriu. “Claro que não, filha. Você não tem nada com traidores. Agora, com sua permissão Senhor Desjardins, vamos levar este jovem herege para o Primeiro Nomo. Onde lhe será dado um julgamento justo” — Menshikov se virou para mim, os olhos arruinados ardendo em triunfo — “e, em seguida, executado.”

S A D I E

15 – Camelos São Maus...

SIM CARTER, TODO O NEGÓCIO com os demônios aquáticos deve ter sido horrível. Mas eu *não* sinto simpatia alguma por você, porque 1) você mesmo quis fazer essa viagem sozinho e 2) porque enquanto você estava resgatando Zia, *eu* estava lidando com camelos.

Camelos são nojentos.

Você deve pensar: *Mas, Sadie, eram camelos mágicos, convocados por um dos amuletos do Walt. Que cara inteligente, esse Walt! Sem dúvida, camelos mágicos são melhores que os camelos normais.*

Eu posso agora atestar que camelos mágicos cospem, defecam, babam, mordem, comem e o pior, cheiram como camelos normais. Na verdade, a sujeira deles é magicamente realçada.

Não começamos com os camelos, claro. Nós começamos nosso caminho até eles com uma série de horríveis e progressivas maneiras de se transportar. Primeiro pegamos um ônibus para uma pequena cidade a oeste de Alexandria — um ônibus sem ar condicionado, no meio de homens que ainda não haviam descoberto os benefícios do desodorante. Então alugamos um motorista para nos levar a Bahariya — um motorista que primeiro teve a coragem de tocar as melhores do Abba e comer cebolas, e que depois nos levou para o meio do nada e — surpresa! — nos apresentou para seus amigos, os bandidos, que estavam entusiasmados para roubar adolescentes americanos indefesos. Eu adorei mostrar a eles como meu cajado se transforma em um leão grande e faminto. Até onde eu sei, os bandidos e o motorista ainda estão correndo. De qualquer jeito, o carro havia parado, e nenhuma quantidade de magia faria aparecer outro.

Nessa situação, decidimos que era melhor permanecer longe da trilha. Eu podia dispensar o estranho estilo local. Eu podia dispensar a atração que seria uma menina — americano-inglesa com o cabelo com mechas roxas, viajando sozinha com um garoto que *não* parecia seu irmão. Bem, certamente isso descrevia minha vida. Mas após o acidente com os bandidos na estrada, Walt e eu percebemos o *quanto* os locais estavam vigiando a gente, marcando-nos como alvo. Eu não tinha desejo nenhum de ter problemas com mais bandidos, ou com a polícia egípcia, ou pior, feiticeiros que podiam estar escondidos. Então convocamos os camelos mágicos, encantamos um punhado de areia para demonstrar o caminho até Bahariya, e nos lançamos para o deserto.

E como era o deserto, Sadie? Você pode se questionar.

Obrigada pela pergunta. Era quente.

E outra coisa: porque desertos tem que ser tão abominavelmente gigantes? Porque eles não podem ter algumas centenas de metros de largura, apenas o suficiente para lhe dar a ideia de areia, seca e miséria, e então ceder a uma paisagem apropriada, como um hipódromo com um rio, ou uma rua com lojas?

Não tínhamos tanta sorte assim. O deserto continuava para sempre. Eu podia imaginar Set, o deus das terras devastadas, rindo de nós enquanto nos arrastávamos pelas dunas. Se essa era a morada dele, não gostei muito do modo como ele a decorou.

Chamei o meu camelo de Katrina. Ela era um desastre natural. Descansava em qualquer lugar e parecia achar que minha mecha roxa no cabelo era algum tipo de fruta exótica. Ela era obcecada em tentar comer minha cabeça. Eu chamei o camelo do Walt de Hindenburg. Ele era quase tão grande quanto um dirigível e, definitivamente, quase tão cheio de gás.

Enquanto progredíamos, Walt parecia imerso em pensamentos, fitando o horizonte. Ele veio em meu socorro em Alexandria sem hesitação. Como eu suspeitava, nossos amuletos *shen* estavam conectados. Com um pouco de concentração, eu seria capaz de mandar uma mensagem telepática a ele sobre nossos apuros. Com um pouco mais, eu seria capaz de literalmente empurrá-lo através do Duat para meu lado. Que item mágico cômodo: garoto gostoso instantâneo.

Aqui, porém, ele foi se tornando cada vez mais quieto e desconfortável. Ele estava vestido como um adolescente americano normal numa excursão ao ar livre — uma blusa preta de treinamento que caía muito bem nele, calças de caminhada e botas. Mas se você olhasse melhor, veria que ele veio com muitos equipamentos mágicos que ele fez. Ao redor de seu pescoço estava um verdadeiro zoológico de amuletos animais. Três anéis brilhando em cada mão, e em sua cintura havia um cinto de corda que eu não tinha visto antes, então imaginei que tivesse poderes mágicos. Ele também carregava uma mochila, sem dúvida estufada com mais artefatos. Apesar de seu arsenal pessoal, Walt parecia terrivelmente nervoso.

"Tempo ótimo," eu disse.

Ele franziu a testa, saindo de seus pensamentos. "Desculpe, eu estava pensando."

"Sabe, às vezes falar ajuda. Por exemplo, ah, sei lá. Se eu tivesse um grande problema, algo que oferece risco de vida e eu tivesse confiado apenas em Jaz... e se Bes soubesse o que estava acontecendo, mas não falasse... e se eu tivesse concordado em começar uma aventura com uma boa amiga, e tivesse horas para conversar enquanto atravessássemos o deserto, talvez eu me sentisse tentada a dizer a ela o que estava errado."

"Hipoteticamente," ele disse.

"Sim. E se essa garota fosse a última pessoa na Terra a saber o que estava errado comigo, e se realmente se *importasse*... Bem, eu posso imaginar que ela ficaria bem frustrada por ficar

tanto tempo no escuro. E ela poderia, hipoteticamente, estrangular você — quero dizer eu. Hipoteticamente.”

Walt deu um sorriso fraco. Apesar de eu não poder dizer que os olhos dele me derreteram tanto quando os de Anúbis, ele tinha um rosto maravilhoso. Não parecia nada com meu pai, mas ele tinha o mesmo tipo de força e beleza rude — um tipo de gravidade suave que me fez sentir mais segura, e com um pouco mais de pé no chão.

“É difícil pra mim falar disso,” ele disse, “não tinha intenção alguma de esconder nada de você.”

“Felizmente, não é tarde demais.”

Nossos camelos seguiam se arrastando. Katrina tentou beijar, ou possivelmente cuspir em Hindenburg, e Hindenburg peidou em resposta. Achei isso um comentário depressivo sobre relações menino-e-menina.

No fim Walt disse, “Isso tem a ver com o sangue dos faraós. Vocês — quero dizer os Kanes — vocês combinam duas linhagens reais poderosas — Narmer e Ramsés, o Grande, certo?”

“Foi o que me contaram. Sadie, a Grande, soa bem.”

Walt não respondeu a isso. Talvez ele estivesse me imaginando como faraó, o que eu tinha que admitir que era um conceito aterrorizante.

“Minha linhagem real...” Ele hesitou. “O quanto você sabe sobre Amenófis?”

“Na minha cabeça, ele era um faraó. Provavelmente do Egito.”

Walt riu, o que foi bom. Se eu pudesse manter seu humor não muito sério, talvez fosse mais fácil para ele se abrir.

“Top de linha,” ele disse. “Amenófis foi o faraó que decidiu acabar com todos os deuses antigos e adotar apenas Aton, o sol.”

“Ah... certo.” A história vagamente ligou um alarme, como se me fizesse sentir quase como um Geek egípcio como Carter. “Ele é o cara quem mudou a capital, não?”

Walt aquiesceu. “Ele construiu uma cidade inteiramente nova em Amarna. Ele era um cara meio estranho, mas ele foi o primeiro a ter a ideia que os deuses antigos eram maus. Ele tentou banir sua adoração, destruindo seus templos. Ele queria adorar apenas um deus, mas ele fez uma escolha estranha para esse deus. Ele escolheu o sol. Não o deus do sol Rá — o *atual* disco do sol, Aton. De qualquer jeito, os antigos mágicos e sacerdotes, especialmente os sacerdotes de Amon-Rá—”

“Outro nome para Rá?” chutei.

“Mais ou menos,” disse Walt. “Então, os sacerdotes do templo de Amon-Rá não estavam muito felizes com Amenófis. Depois que ele morreu, eles desfiguraram suas estátuas, tentaram apagar seu nome de todos os monumentos, essas coisas. Amarna foi completamente abandonada. O Egito voltou aos dias antigos.”

Eu absorvi aquilo. Milhares de anos antes de Iskandar emitir uma lei exilando os deuses, um faraó teve a mesma ideia.

"E ele era o que, seu ta-ta-ta-não-sei-o-que avô?" Perguntei.

Walt enrolou as rédeas dos camelos em volta de seu punho. "Sou um dos descendentes de Amenófis, sim. Temos a mesma aptidão para magia que a maioria das linhagens reais, mas... temos problemas também. Os deuses não ficaram felizes com Amenófis, como você pode imaginar. O filho dele, Tutancâmon—".

"Rei Tut?" perguntei. "Você é parente do Rei Tut?"

"Infelizmente," disse Walt. "Tutancâmon foi o primeiro a sofrer a maldição. Ele morreu aos dezenove anos. E ele foi um dos mais sortudos."

"Espera aí. Que maldição?"

Foi aí que Katrina começou um grito alto. Você pode protestar, dizer que camelos não gritam, mas você está extremamente errado. Quando ela alcançou o topo de uma duna maciça, Katrina produziu um som agudo, muito pior que os freios de carro. Hindenburg estava mais para um som de peido.

Olhei para o outro lado da duna. Abaixo de nós, no meio do deserto, um nebuloso vale de campos verdes e palmeiras esparramadas, quase o tamanho da Londres central. Pássaros voavam acima. Lagos pequenos brilhavam no sol da tarde. Fumaça rosa de cozinhas em algumas habitações aqui e ali. Após tanto tempo no deserto, meus olhos doeram de ver todas aquelas cores, como quando você sai de uma sala de cinema para uma tarde ensolarada.

Eu entendi como viajantes anciãos devem ter caído, descobrindo um oásis como esse após dias no deserto. Era a coisa mais próxima que eu já tinha visto do Jardim do Éden.

Nossos camelos pararam para admirar o lindo cenário. Uma trilha de pegadas meio apagadas serpeava pela areia, em todo o caminho do oásis ao centro de nossa duna. E em cima da colina, havia um gato bem descontente.

"É hora," disse o gato.

Desci das costas de Katrina e encarei o gato. Não porque ele falou — eu já tinha visto coisas mais estranhas — mas porque reconheci a voz.

"Bastet?" eu disse. "O que você está fazendo nesse... O que *é* isso, afinal?"

O gato sentou-se nas patas traseiras e estendeu as dianteiras como se dissesse: *Voilà!* "Um gato egípcio, claro. Lindas pintas de leopardo, pelo colorido—"

"Parece que você acabou de sair de um liquidificador!"

Eu não estava só sendo cruel. O gato estava terrivelmente mal. Largos tufos de pêlo estavam faltando. Deve ter sido bonito antes, mas eu estava mais inclinada a pensar que ele

sempre foi assim. O pouco pêlo restante estava sujo e embaraçado, e seus olhos estavam inchados e marcados como Vlad Menshikov's.

Bastet — ou o gato — ou *o que quer que fosse* — defecou e fungou indignadamente.

"Sadie, minha querida, acho que já falamos sobre cicatrizes de batalha em gatos. Esse Amigo aqui é um guerreiro!"

Um guerreiro que perde, pensei, mas decidi não dizer.

Walt escorregou das costas de Hindenburg. "Bastet, como — onde você está?".

"Ainda no Duat". Ela suspirou. "Não será hoje que encontrarei meu caminho de volta. As coisas aqui embaixo estão meio... caóticas."

"Você está bem?" perguntei.

O gato assentiu. "Eu só preciso ser cuidadosa. O abismo está cheio de inimigos. Todos os caminhos normais e caminhos pelos rios estão guardados. Eu terei um longo caminho a percorrer para voltar a salvo, e assim que o equinócio começar amanhã ao pôr-do-sol, o tempo será ainda menor. Eu achei melhor te mandar uma mensagem".

"Então..." Walt uniu as sobrancelhas. "Esse gato não é real?"

"É claro que é real," disse Bastet. "Apenas controlado por um estilhaço do meu *ba*. Posso falar através de gatos facilmente, sabe, pelo menos alguns minutos por vez, mas essa é a primeira vez que vocês estiveram perto de um. Entende isso? Inacreditável! Vocês realmente precisam andar mais perto de gatos. Pelo jeito, esse gato vai precisar de uma recarga quando eu for embora. Algum peixe bom, talvez, ou um pouco de leite—"

"Bastet,", eu interrompi. "Você disse que tinha uma mensagem?"

"Certo. Apófis está acordando."

"Nós sabíamos!"

"Mas é pior do que pensamos," ela disse. "Ele tem uma legião de demônios trabalhando em sua prisão, e ele planeja se libertar ao mesmo tempo em que você acordar Rá. Na verdade, ele está *contando* com que você liberte Rá. É parte de seu plano."

Minha cabeça parecia que tinha virado geleia, mas deve ter sido porque Katrina, o camelo, estava mastigando meu cabelo. "Apófis *quer* que libertemos seu arqui-inimigo? Isso não faz sentido."

"Não posso explicar," Bastet disse, "mas quanto mais perto chego de sua prisão, eu posso captar seus pensamentos. Acho que por termos lutado tantos séculos, temos algum tipo de conexão. De qualquer jeito, o equinócio começa amanhã ao pôr-do-sol, como eu disse. Na alvorada seguinte, a manhã de 21 de Março, Apófis pretende erguer-se do Duat. Ele planeja engolir o sol e destruir o mundo. E ele acredita que seu plano de acordar Rá o ajudará a fazer isso."

Walt franziu a testa. “Se Apófis quer que o façamos, porque ele está tentando tanto nos impedir?”

“Está mesmo?” Perguntei.

Dúzias de pequenos detalhes que me intrigaram durante dias de repente fizeram sentido. Porque Apófis apenas *assustou* Carter no Museu do Brooklyn, quando as Flechas de Sekhmet poderiam tê-lo destruído? Como escapamos tão facilmente de São Petersburgo? Porque Set tinha dito voluntariamente a localização do terceiro pergaminho?

“Apófis deseja o caos,” eu disse. “Ele quer dividir seus inimigos. Se Rá retornar, isso poderia nos deixar no meio de uma guerra civil. Os mágicos já estão divididos. Os deuses estariam brigando entre eles. Não haveria regra clara. Se Rá não renascer numa nova forma forte — se ele é tão velho e frágil quanto eu vi em minha visão—”

“Então *não devemos* acordar Rá?” perguntou Walt.

“Essa também não é a resposta,” eu disse.

Bastet inclinou a cabeça. “Estou confusa.”

Minha mente trabalhava rápido. Katrina, o camelo, ainda estava mastigando meu cabelo, tornando-o uma desordem empapada, mas eu mal reparei. “Nós *temos* que prosseguir com o plano. Precisamos de Rá. O Maat e o Caos precisam de equilíbrio, certo? Se Apófis retornar, Rá precisa retornar também.”

Walt girou seus anéis. “Mas se Apófis *quer* Rá acordado, se ele acha que isso vai ajudá-lo a destruir o mundo—”

“Nós temos que acreditar que Apófis está errado.” Lembrei-me de uma coisa que Jaz me disse: *Escolhemos Acreditar no Maat*.

“Apófis não imagina que alguém pode unir os mágicos e os deuses,” eu disse. “Ele pensa que o retorno de Rá irá nos enfraquecer ainda mais. Precisamos provar que ele está errado. Precisamos criar ordem a partir do caos. É o que o Egito sempre fez. É um risco — um risco *enorme* — mas se não fizermos nada porque temos medo, cairemos, iremos direto para as mãos de Apófis.”

É difícil dar um discurso extraordinário com um camelo lambendo seu cabelo, mas Walt assentiu. O gato não pareceu assim tão entusiasmado. Mas gatos raramente o fazem.

“Não subestime Apófis. Você não lutou com ele. Eu lutei.”

“E é por isso que nós precisamos de você novamente rápido.” Contei a ela sobre a conversa de Vlad Menshikov com Set, e seus planos de destruir a Brooklyn House. “Bastet, nossos amigos estão em grande perigo. Menshikov é provavelmente até mais louco do que Amós acha. Assim que você puder, vá para o Brooklyn. Eu sinto que nossa última parada será lá. Conseguiremos o terceiro pergaminho e encontraremos Rá.”

“Não gosto de paradas,” disse o gato. “Mas você está certa. Isso soa mal. Pelo jeito, onde estão Bes e Carter?” Ela olhou suspeitosa para os camelos. “Você não os transformou naquilo ali, transformou?”

“Era uma boa idéia,” eu disse, “Mas não.” Contei a ela, resumidamente, o que Carter estava fazendo.

Bastet assobiou com desgosto. “Um desvio tolo! Terei coisas a dizer para aquele anão sobre deixar você ir sozinha.”

“Eu sou o que, invisível?” protestou Walt.

“Desculpe, querido, eu não quis dizer—” Os olhos do gato estremeceram. Tossiu como se tivesse uma bola de pelo. “Minha conexão está falhando. Boa sorte, Sadie. A melhor entrada para as tumbas está numa pequena fazenda antiga, a sudeste. Procure por uma torre negra. E cuidado com os Romanos. Eles são bem—”

O gato estendeu a cauda. Então piscou e olhou em volta, confuso.

“Que romanos?” perguntei. “Eles são bem o que?”

“Miau.” O gato me encarou com uma expressão que dizia: *Quem é você e onde está a comida?*

Empurrei o nariz do camelo para longe do meu cabelo empapado. “Vamos, Walt,” resmunguei. “Vamos encontrar algumas múmias.”

Nós demos ao gato pedaços de carne e um pouco de água de nossos suprimentos. Não era tão bom quanto peixe e leite, mas o gato pareceu feliz o suficiente. Como ele estava no oásis e obviamente sabia seu caminho melhor que nós, nós o deixamos completar sua refeição. Walt transformou os camelos novamente em amuletos, graças a Deus, e trilhamos o caminho para Bahariya a pé.

A fazenda não foi difícil de encontrar. A torre negra era vista de longe da propriedade, e era a maior estrutura à vista. Caminhamos em volta dela, entrelaçando-nos entre acres de palmeiras, o que causou certa sombra. Uma casa de fazenda era vista ao longe, mas não vimos ninguém. Provavelmente os Egípcios sabiam melhor onde ficar no calor da tarde.

Quando alcançamos a torre, eu não vi nenhuma entrada óbvia de tumba. A torre parecia bem antiga — quatro postes de aço enferrujado segurando um tanque redondo do tamanho de uma garagem quinze metros no ar.

O tanque tinha uma fenda pequena. A cada poucos segundos água vinha do céu e batia na areia dura abaixo. Não havia muito mais à vista exceto palmeiras, algumas ferramentas manchadas e um compensado jogado no chão. O símbolo estava pintado de spray em árabe e inglês, provavelmente em alguma tentativa do dono de vender seus artigos em marketing. O inglês dizia: *Encontros — o melhor breço. Bebsi gelada.*

“Bebsi?” eu perguntei.

"Pepsi," disse Walt. "Li sobre isso na internet. Não existe 'p' em árabe. Todo mundo chama de Bebsi."

"Então você brecisa comer Bebsi com bizza?"

"Brovavelmente."

Limpei a garganta. "Se é um terreno de escavação, não deveria ter mais atividade? Arqueologistas? Cabines de tickets? Vendedores de souvenires?"

"Talvez Bastet nos mandou a uma entrada secreta," disse Walt. "Melhor que passar escondido no meio de um monte de guardas e zeladores."

Uma entrada secreta parecia bem intrigante, mas a não ser que a torre fosse um ponto de teletransporte, ou uma das árvores tivesse uma frota escondida, eu não tinha certeza que era tão *ah-que-grande-ajuda-de-entrada-deve-ser*. Eu chutei o símbolo da Bebsi. Não havia mais nada a não ser a areia, tornando-se lama lentamente, conforme a água pingava no chão.

"Espere aí," eu disse. A água estava empoçada como um pequeno canal, como se a areia tivesse uma fissura subterrânea. A fenda tinha mais ou menos um metro de largura e não mais espessa que um lápis, mas muito reta para ser natural. Eu toquei a areia. Seis centímetros abaixo, minhas unhas arranharam pedra.

"Ajude-me a limpar isso," pedi a Walt.

Um minuto depois desenterramos uma pedra pavimentada de mais ou menos um metro quadrado. Tentei puxar pelas bordas molhadas, mas a pedra era grande e pesada demais para levantar.

"Podemos usar algo como alavanca," sugeriu Walt, "tente."

"Ou," eu falei, "vá pra trás."

Walt parecia prestes a protestar, mas quando eu peguei meu cajado, ele entendeu que era melhor sair do meu caminho. Com o meu novo entendimento da magia dos deuses, eu não pensei muito sobre o que eu precisava, apenas *senti* uma conexão com Ísis. Lembrei-me de uma situação que ela encontrou o caixão de seu marido dentro de um tronco de cipreste, e em sua raiva e desespero ela partiu a árvore. Canalizei aquelas emoções e apontei para a pedra: "*Ha-di!*"

Notícia boa: o feitiço funcionou melhor que em São Petersburgo. O hieróglifo brilhou no final do meu cajado, e a pedra explodiu, revelando um buraco escuro abaixo dela.

Notícia ruim: não foi só isso que eu destruí. Em volta do buraco, o chão começou a se desfazer. Walt e eu nos arrastamos para trás enquanto mais pedras caíam na fissura, e reparei que eu desestabilizei toda a entrada de um cômodo subterrâneo. O buraco alargou-se até que alcançou os suportes da torre. A torre começou a rachar.

"Corre!" gritou Walt.

Não paramos até que estivéssemos escondidos atrás de uma palmeira treze metros longe. A torre tinha centenas de diferentes rachaduras, e sacudia-se para frente e para trás como um bêbado, e então se inclinou em nossa direção e caiu, encharcando-nos da cabeça aos pés e inundando as fileiras de palmeiras.

O barulho era tão ensurdecedor que deve ter sido ouvido através do oásis.

“*Oops,*” eu disse.

Walt olhou para mim como se eu estivesse louca. Eu estava me sentindo tão culpada quanto era. Mas é tão tentador fazer as coisas voarem pelos ares, não é?

Corremos para A Cratera Memorável de Sadie Kane. Agora era do tamanho de uma piscina. Cinco metros abaixo, sobre uma pilha de areia e rochas, havia fileiras de múmias, todas enroladas em roupas antigas e acamadas em pedra. As múmias agora estavam achatadas. Estava com medo, mas pude dizer que elas estavam pintadas de vermelho, azul e dourado.

“Múmias douradas.” Walt pareceu horrorizado. “Parte do sistema da tumba que não havia sido escavado ainda. Você acabou de arruinar—”.

“Eu disse *Oops*. Agora, me ajude aqui, antes que o dono dessa torre apareça com uma espingarda.”

S A D I E

16. ...Mas Não Tanto Quanto Romanos

PARA SER JUSTA, AS MÚMIAS só naquela sala já estavam bem arruinadas, graças à umidade da torre vazando acima. Só adicionar água em múmias para um cheiro realmente horrível.

Escalamos pelos escombros e encontramos um corredor levando mais para o subsolo. Eu não podia dizer se era natural ou feito pelo homem, mas serpenteamos uns bons quarenta metros pela rocha sólida antes de chegarmos à outra câmara funerária. Essa sala não tinha sido danificada pela água. Tudo estava extraordinariamente bem preservado. Walt trouxera tochas [lanternas, para vocês americanos], e na luz opaca, nas placas de pedra e nos nichos esculpidos ao longo das paredes, múmias pintadas de ouro brilhavam. Elas eram pelo menos cem só naquela sala, e mais corredores levavam a todas as direções.

Walt colocou a luz em três múmias deitadas juntas em um trono do centro. Seus corpos estavam completamente enrolados em linho, então elas se pareciam bastante com pinos de boliche. Suas semelhanças foram pintadas no linho em detalhes meticulosos — mãos cruzadas sobre seus peitos, joias enfeitando seus pescoços, saias egípcias e sandálias, e um esquadrão de hieróglifos protetores e imagens de deuses na borda de cada lado. Tudo isso era arte egípcia, mas seus rostos foram feitos em um estilo completamente diferente — retratos realistas que pareciam recortar-e-colar nas cabeças das múmias. Na esquerda estava um homem com um rosto barbado e fino e tristes olhos escuros. Na direita estava uma mulher bonita com cabelo curto ruivo. O que realmente puxou meu coração, acho, foi à múmia do meio. Seu corpo era muito pequeno — obviamente uma criança. Seus retratos mostravam um garoto de cerca de sete anos de idade. Ele tinha os olhos do homem e o cabelo da mulher.

“Uma família,” Walt adivinhou. “Enterrada junta.”

Havia alguma coisa dobrada debaixo do cotovelo direito da criança — um cavalo de madeira pequeno, provavelmente seu brinquedo favorito. Mesmo que essa família estivesse morta por milhares de anos, não consegui não ficar com lágrimas nos olhos. Era tão cruel e triste.

“Como eles morreram?” Perguntei.

Do corredor bem na nossa frente, uma voz ecoou, “Da doença do desperdício.”

Meu cajado estava instantaneamente na minha mão. Walt instruiu sua tocha para a porta, e um fantasma entrou na sala. Pelo menos eu achei que fosse um fantasma, pois ele era transparente. Ele era um homem gordo e velho com cabelo branco curto, bochechas de buldogue, e uma expressão intrigada. Ele vestia roupas do estilo romano e delineador *Kohl*, então ele se parecia bastante com Winston Churchill — se o antigo primeiro ministro vestisse uma toga de festa selvagem e pintado seu rosto.

"Recém-mortos?" Ele olhou para nós com cuidado. "Não vejo recém-chegados há muito tempo. Onde estão seus corpos?"

Walt e eu olhamos um para o outro.

"Na verdade," eu disse, "estamos vestindo eles."

As sobrancelhas do fantasma levantaram. "*Di immortales!* Vocês estão vivos?"

"Por enquanto," Walt disse.

"Então vocês trouxeram oferendas?" O homem esfregou as mãos. "Oh, eles *disseram* que vocês viriam, mas eu esperei eras! Onde estiveram?"

"*Hm*..." Eu não queria desapontar o fantasma, especialmente enquanto ele estava começando a brilhar mais intensamente, o que na magia geralmente é um prelúdio de explosão. "Talvez devemos nos apresentar. Eu sou Sadie Kane. Esse é Walt—"

"Claro! Vocês precisam de meu nome para o encanto." O fantasma pigarreou. "Eu sou Appius Claudius Iratus."

Senti que era para eu estar impressionada. "Certo. Isso não é egípcio, imagino?"

O fantasma pareceu ofendido. "Romano, claro. Seguindo esses malditos costumes egípcios é como todos nós acabamos aqui para começar! Como se não bastasse eu fiquei postado nesse oásis abandonado por Deus — como se Roma precisasse de uma legião inteira para guardar só algumas explorações! Então eu tive a má sorte de adoecer. Disse à minha esposa no meu leito de morte: 'Lobélia, um enterro romano á moda antiga. Não esses lugares sem sentido.' Mas não! Ela nem escutou. *Tinha* que me mumificar, então meu *ba* está preso aqui para sempre. Mulheres! Ela provavelmente voltou para Roma e morreu do jeito apropriado."

"Lobélia?" Perguntei, porque na verdade não tinha ouvido muito depois disso. Que tipo de pais chamaria sua criança de Lobélia?

O fantasma bufou e cruzou os braços. "Mas vocês não querem me ouvir continuar, não é? Vocês podem me chamar de Cláudio Maluco. É a tradução para a sua língua."

Me perguntei como um fantasma romano sabia falar inglês — ou se eu simplesmente entendesse ele através de algum tipo de telepatia. De qualquer jeito, não fiquei aliviada de saber que seu nome era Cláudio Maluco.

"*Hm*..." Walt levantou a mão. "Você é maluco como furioso? Ou maluco como louco?"

“Sim,” Cláudio disse. “Agora, sobre aquelas oferendas. Vejo cajados, varinhas, e amuletos, então presumo que sejam sacerdotes com a Casa da Vida local? Bom, bom. Então saberão o que fazer.”

“O que fazer!” concordei com vontade. “Sim, tudo!”

Os olhos de Cláudio se estreitaram. “Oh, Júpiter. Vocês são novatos, não é? O templo *explicou* mesmo o problema para vocês?”

“*Um...*”

Ele disparou para a família de múmias que estávamos olhando. “Esse é Lucius, Flávia e o pequeno Purpens. Eles morreram da doença do desperdício. Estive aqui por tanto tempo, podia te dizer praticamente a historia de *todo mundo*!”

“Eles falam com você?” Me afastei da família mumificada. De repente o pequeno Purpens não parecia tão fofo.

Cláudio Maluco agitou sua mão impaciente. “Ás vezes, sim. Não tanto quanto os dias antigos. Seus espíritos dormem a maior parte do tempo, agora. O ponto é, não importa o quanto ruim a morte que essas pessoas tiveram, seu destino *após* a morte é pior! Todos de nós — todos esses romanos vivendo no Egito — tiveram um enterro egípcio. Costumes locais, sacerdotes locais, mumificar os corpos para a próxima viva, etc. Pensávamos que estávamos cobrindo nossas bases — duas religiões, duas vezes seguro. O problema era, vocês sacerdotes egípcios tolos não sabiam o que estavam fazendo mais! No momento em que nós Romanos viemos, a maioria da sua magia de conhecimento se perdeu. Mas vocês nos disseram isso? Não! Vocês ficaram felizes de pegar nossas moedas e fazer um trabalho de má qualidade.”

“Ah.” Me afastei um pouco mais do Cláudio Maluco, que agora estava brilhando muito perigosamente.

“Bem, tenho certeza que a Casa da Vida tem um número de atendimento ao cliente para isso...”

“Vocês não conseguem ir até a metade do caminho com esses rituais egípcios,” ele resmungou. “Nós acabamos com corpos mumificados e almas eternas presas a eles, e ninguém nos segue! Ninguém disse orações para nos ajudar a ir para a próxima vida. Ninguém fez oferendas para alimentar os nossos *bas*. Vocês sabem o quanto faminto eu estou?”

“Temos alguma carne seca,” Walt ofereceu.

“Não pudemos ir para o reino de Plutão como bons romanos,” Cláudio Maluco continuou. “porque nossos corpos foram preparados para um pós-vida diferente. Não pudemos ir para o Duat, porque não tivemos os rituais egípcios apropriados. Nossas almas foram presas aqui, amarradas a esses corpos. Você tem alguma ideia do quanto *entediante* é aqui embaixo?”

“Então, se você é um *ba*,” perguntei, “por que você não tem um corpo de pássaro?”

“Eu te disse! Somos todos misturados, nem fantasma romano puro, nem *ba* apropriado. Se eu tivesse asas, acredite, eu teria voado para fora daqui! A propósito, que ano é esse? Quem é o imperador agora?”

“Oh, seu nome é...” Walt tossiu, então se apressou: “Você sabe, Cláudio, que tenho certeza que podemos te ajudar.”

“Podemos?” eu disse. “Ah, certo! Podemos!”

Walt assentiu encorajadoramente. “A coisa é, temos que encontrar alguma coisa primeiro.”

“Um pergaminho,” intervim. “Parte do Livro de Rá.”

Cláudio arranhou suas bochechas consideráveis. “E isso vai ajudar vocês a mandar nossas almas para a próxima vida?”

“Bem...” eu disse.

“Sim,” Walt disse.

“Provavelmente,” eu disse. “Não sabemos realmente até encontrá-lo. É supostamente para acordar Rá, veja, o que vai ajudar os deuses egípcios. Acho que melhoraria suas chances de ir para a pós-vida. Além disso, estou em boas condições com os deuses egípcios. Eles vem para um chá de vez em quando. Se você nos ajudasse, eu podia conversar sobre seu caso.”

Honestamente, eu só estava inventando coisas para dizer. Tenho certeza que isso vai te surpreender, mas ás vezes eu me perco quando fico nervosa.

[Ah, pare de rir, Carter.]

De qualquer jeito, a expressão de Cláudio Maluco ficou perspicaz. Ele nos estudou como se acessasse nossas contas bancárias. Me perguntei se o Império Romano usava vendedores de bigas, e se Cláudio Maluco fora um. Imaginei ele em um comércio romano em uma toga xadrez barata: *Devo ser louco para estar oferecendo bigas a esses preços!*

“Em boas condições com os deuses egípcios,” ele refletiu. “Conversar sobre meu caso, você disse.”

Então ele se virou para Walt. A expressão de Cláudio estava tão calculista, tão *ansiosa*, que fez minha pele se arrepiar. “Se o pergaminho que vocês procuram é antigo, poderia estar na seção mais velha das catacumbas. Alguns nativos estavam escondidos aqui, sabe, muito antes de nós romanos viermos. Seus *bas* todos se mudaram agora. Não há problemas para entrar no Duat para *eles*. Mas seus locais escondidos ainda estão intactos, muitas relíquias e assim por diante.”

“Você está disposto a nos mostrar?” Walt perguntou, com mais empolgação que eu podia ter controlado.

“Oh, sim.” Cláudio Maluco nos deu seu melhor sorriso de ‘vendedor de bigas’. “E depois, vamos conversar sobre uma recompensa apropriada, hein? Venham, meus amigos. Não é longe.”

Nota pessoal: Quando um fantasma oferece para te guiar para mais fundo em uma escavação escondida e seu nome inclui a palavra *Maluco*, é melhor dizer não.

Enquanto passávamos pelos túneis e câmaras, Cláudio Maluco nos dava comentários rápidos das várias múmias. Calígula, o comerciante da época: "Nome horrível! Mas uma vez vocês o nomearam para um imperador, mesmo um psicótico, vocês não podem fazer muito sobre isso. Ele morreu apostando com alguém que ele podia beijar um escorpião."

Varens, o traficante de escravos: "Homem nojento. Tentou entrar para o negócio de gladiador. Se você desse a um escravo uma espada, bem... você pode imaginar como ele morreu!" Otávia, a mulher do comandante da legião: "Era completamente nativa! Teve seu gato mumificado. Ela até acreditava ter o sangue dos faraós e tentou canalizar o espírito de Ísis. Sua morte, desnecessário dizer, foi dolorosa."

Ele sorriu para mim como se fosse extremamente engraçado. Tentei não parecer horrorizada.

O que mais me atingiu foi o grande número e variedade de múmias. Algumas estavam embrulhadas em ouro de verdade. Seus retratos pareciam tão naturais, seus olhos pareciam me seguir enquanto passávamos. Elas sentavam em esculturas de mármore cercadas de objetos de valor: joias, vasos, até alguns *shabti*. Outras múmias pareciam como se as crianças da creche tivessem feito isso na aula de artes. Elas estavam grosseiramente enroladas, pintadas com hieróglifos fracos e pequenas figuras de deuses de palitos. Seus retratos não eram muito melhores do que eu teria feito — o que quer dizer, medonho. Seus corpos foram cheios profundamente em três nichos superficiais, ou simplesmente empilhados nos cantos do quarto.

Quando perguntei sobre eles, Cláudio Maluco foi desdenhoso. "Plebeus. Imitadores. Não tem dinheiro para artistas e rituais fúnebres, então tentaram a abordagem faça-você-mesmo."

Olhei para baixo para o retrato mais próximo da múmia, seu rosto como uma imagem pintada a dedo brutamente. Me perguntei se seus filhos de luto tinham feito isso — um único presente para sua mãe. Apesar de sua qualidade ruim, percebi que era bem encantador. Eles não tinham direito e nem habilidade artística, mas eles fizeram seu melhor para carinhosamente mandá-la para a pós-vida. Da próxima vez que visse Anúbis, pediria a ele sobre isso. Uma mulher como essa merecia uma chance de felicidade no próximo mundo, mesmo se ela não puder pagar. Tivemos esnobismo o suficiente nesse mundo sem exportá-lo para o além.

Walt se arrastava atrás de nós, sem falar. Ele colocava sua luz nessa múmia ou outra, como se pensasse no destino de cada uma. Me perguntei se ele estava pensando no rei Tut, seu ancestral famoso, cuja tumba tinha sido uma caverna não muito diferente dessa.

Depois de vários túneis mais longos e lotados de salas de múmias, chegamos a uma câmara funerária que era claramente muito velha. As pinturas na parede tinham desbotado, mas

elas pareciam mais autenticamente egípcias, com pessoal andando de lado e hieróglifos que na verdade formavam palavras, ao invés de simplesmente oferecer decoração. Em vez de retratos faciais realistas, as múmias tinham genéricos com olhos arregalados, rostos sorridentes que eu tinha visto na maioria das máscaras de morte egípcias. Algumas tinham desintegrado em poeira. Outras estavam envoltas em sarcófagos de pedra.

“Nativos,” Cláudio Maluco confirmou. “Nobres egípcios de antes de Roma assumir. O que vocês estão procurando pode estar em algum lugar dessa área.”

Vasculhei a sala. A única outra porta estava bloqueada com pedras e escombros. Enquanto Walt começava a procurar, lembrei do que Bes tinha dito — que os primeiros dois pergaminhos de Rá poderiam me ajudar a encontrar o terceiro. Puxei-os de minha bolsa, esperando eles apontarem o caminho como um cajado de radiestesia[18], mas nada aconteceu.

Do outro lado da sala, Walt gritou, “O que é isso?”

Ele estava em pé em frente a algum tipo de santuário um conjunto de nicho na parede, com a estátua de um homem embrulhado como uma múmia. A figura estava esculpida na madeira, decorada com joias e metais preciosos.

Suas envolturas brilhavam como pérola na luz da tocha. Ele segurava um cajado dourado com o símbolo *djed* prateado no topo. Ao redor de seus pés estavam vários roedores de ouro — ratos, talvez. A pele do seu rosto brilhava azul turquesa.

“É meu pai,” adivinhei. “Er... Quis dizer Osíris, não é?”

Cláudio Maluco arqueou suas sobrancelhas. “Seu pai?”

Felizmente, Walt me salvou da explicação. “Não,” ele disse. “Olha essa barba.”

A barba da estátua era bem incomum. Era fino nas costeletas em torno da linhas de suas mandíbulas, com um tipo de reta perfeita descendo para um cavanhaque — como se alguém tivesse traçado a barba com tinta de caneca, então enfiou a caneta em seu queixo.

“E o colar,” Walt continuou. “Tem um pendão pendurado nas costas. Não se parece com Osíris. E esses animais em seus pés... são ratos? Lembro de alguma historia sobre ratos—”

“Eu achava que vocês fossem sacerdotes,” Cláudio Maluco resmungou. “Obviamente, o deus é Ptá.”

“Ptá?” Eu já tinha ouvido muitos nomes estranhos de deus egípcios, mas esse era novo para mim. “Ptá, filho de Pitooey? Ele é deus do cuspe?”

Cláudio olhou para mim. “Você é sempre tão irreverente?”

“Geralmente, mais.”

“Uma novata *e* herege,” ele disse. “Que sorte a minha. Bem, garota, não deveria ter que ensinar a *você* sobre nossos próprios deuses, mas como entendo disso, Ptá era o deus dos artesãos. Nós o comparávamos com nosso deus romano Vulcano.”

---

[18] Radiestesia: Aquelas varas que algumas pessoas usam para procurar água no subsolo. (N.T.)

“Então o que ele está fazendo em uma tumba?” Walt perguntou.

Cláudio coçou a cabeça inexistente. “Eu nunca tive certeza, na verdade. Vocês não o vêem na maioria dos ritos funerários.”

Walt apontou para o cajado da estátua. Quando olhei mais de perto, percebi que o símbolo *djed* estava combinado com algo mais, um topo curvado que parecia estranhamente familiar.

“Esse é o símbolo *was*,” Walt disse. “Quer dizer *poder*. Muitos deuses tinham cajados como esse, mas nunca percebi que parecia—”

“Sim, sim,” Cláudio disse impaciente. “A faca cerimonial dos sacerdotes para a abertura da boca da morte. Honestamente, vocês sacerdotes egípcios estão sem solução. Não é à toa que nós os conquistamos com tanta facilidade.”

Minha mão agiu por conta própria, vasculhando minha bolsa e tirando a lâmina *netjeri* escura que Anúbis tinha me dado.

Os olhos de Cláudio Maluco brilharam. “Ah, então vocês *não* são sem solução. Isso é perfeito! Com essa faca e o encanto apropriado, vocês devem conseguir tocar minha múmia e me libertar para o Duat.”

“Não,” eu disse. “Não, é mais que isso. A faca, o Livro de Rá, essa estátua do deus do cuspe. Tudo isso se encaixa de algum jeito.”

O rosto de Walt se iluminou. “Sadie, Ptá era mais que o deus artesão, certo? Ele não era chamado de Deus da Abertura?”

“Hm... é possível.”

“Acho que você nos ensinou isso. Ou talvez seja Carter.”

“Tipo de informação chata? Provavelmente Carter.”

“Mas é importante,” Walt insistiu. “Ptá era um deus da criação. Em algumas lendas, ele criou as almas da humanidade só falando uma palavra. Ele podia reviver qualquer alma, e abrir qualquer porta.”

Meus olhos se direcionaram para a porta cheia de entulhos, a única saída da sala. “Abrir qualquer porta?”

Segurei os dois pergaminhos de Rá e caminhei na direção do túnel desmoronado. Os pergaminhos ficaram desconfortavelmente quentes.

“O último pergaminho está do outro lado,” eu disse. “Precisamos passar esse pedregulho.”

Segurei a faca escura em uma mão e os pergaminhos na outra. Falei o comando para Abrir.

Nada aconteceu. Voltei para a estátua de Ptá e tentei a mesma coisa. Sem sorte.

"Alô, Ptá?" chamei. "Desculpe pelo comentário do cuspe. Olha, estamos tentando pegar o terceiro pergaminho de Rá, que está no outro lado, ali. Acho que você está colocado aqui para abrir um caminho. Então você se importaria?"

Ainda assim, nada aconteceu.

Cláudio Maluco agarrou o corte de sua toga como se quisesse nos estrangular com isso. "Olha, eu não sei por que vocês precisam desse pergaminho para nos libertar se têm essa faca. Mas por que não tentam uma oferenda? Todos os deuses precisam de oferendas."

Walt vasculhou seus suprimentos. Ele colocou uma jarra de suco e um tipo de carne seca no pé da estátua. A estátua não fez nada. Até os ratos de ouro em seus pés aparentemente não queria nossa carne seca.

"Deus do cuspe sanguinário." Me atirei no chão empoeirado. Eu tinha uma múmia em cada lado, mas não ligava mais. Não podia acreditar que nós chegamos tão perto do último pergaminho, depois de lutar contra demônios, deuses, e assassinos russos, e agora tínhamos sido parados por uma pilha de rochas.

"Odeio sugerir isso," Walt disse, "mas você podia explodir isso com a magia *ha-di*."

"E derrubar o teto em cima de nós?" eu disse.

"Vocês morreriam," Cláudio concordou. "Que não é uma experiência que eu recomendo."

Walt se ajoelhou perto de mim. "Tem que ser alguma coisa..." Ele fez um balanço de seus amuletos.

Cláudio Maluco passeou pela sala. "Ainda não entendi. Vocês são sacerdotes. Vocês tem uma faca cerimonial. Por que não nos libertam?"

"A faca não é para você!" Vociferei. "É para Rá!"

Ambos Walt e Cláudio me encararam. Não tinha percebido antes, mas assim que falei, soube que era a verdade.

"Desculpe," eu disse. "Mas a faca é usada para a cerimônia da Abertura da Boca, para libertar uma alma. Vou precisar disso para acordar Rá. É por isso que Anúbis me deu isso."

"Você conhece Anúbis!" Cláudio aplaudiu prazeroso. "Ele pode libertar a todos nós! E você—" Ele apontou para Walt. "Você é um dos escolhidos de Anúbis, não é? Vocês pode nos dar mais facas se precisar! Senti a presença do deus ao redor assim que nos conhecemos. Vocês pegaram seu serviço quando ele percebeu que você estava morrendo?"

"Espera... o quê?" Perguntei.

Walt não me olhou nos olhos. "Não sou um sacerdote de Anúbis."

"Mas *morrendo*?" Engasguei. "Como está morrendo?"

Cláudio Maluco pareceu incrédulo. “Quer dizer que não sabe? Ele tem a maldição do antigo faraó. Não víamos ele nos meus dias, mas reconheço isso, certamente. Ocasionalmente uma pessoa de uma das antigas linhagens reais egípcios—”

“Cláudio, cale a boca,” eu disse. “Walt, fale. Como essa maldição funciona?”

Na luz ofuscante, ele parecia mais magro e mais velho. Na parede atrás dele, sua sombra parecia um monstro deformado.

“A maldição de Aquenáton corre pela minha família,” ele disse. “Um tipo de doença genética. Não toda geração, não toda pessoa, mas quando ataca, é ruim. Tut morreu com dezenove. A maioria dos outros... doze, treze. Eu tenho dezesseis agora. Meu pai... meu pai tinha dezoito. Eu nunca o conheci.”

“Dezoito?” Mas isso só trouxe à tona uma série de perguntas novas, mas tentei ficar focada. “Isso não pode ser curado...?” A culpa tomou conta de mim, e me senti como uma total imbecil. “Ah, deus. É por isso que você estava falando com Jaz. Ela é uma curandeira.”

Walt assentiu severamente. “Achava que ela pudesse conhecer encantos que eu não tinha conseguido achar. A família de meu pai — eles perderam anos procurando. Minha mãe esteve procurando por uma cura desde que nasci. Os médicos de Seattle não podiam fazer nada.”

“Médicos,” Cláudio Maluco disse com desgosto. “Eu tinha um na legião, adorava colocar sanguessugas nas minhas pernas. Só me fez piorar. Agora, sobre essa conexão com Anúbis, e usando essa faca...”

Walt balançou a cabeça. “Cláudio, vamos tentar te ajudar, mas não com a faca. Conheço itens mágicos, tenho certeza absoluta que só podem ser usados uma vez, e não podemos apenas fazer outro. Se Sadie precisa disso para Rá, ela não pode arriscar usando isso antes.”

“Desculpas!” Cláudio rugiu.

“Se você não calar a boca,” avisei, “vou achar sua múmia e desenhar um bigode no seu retrato!”

Cláudio ficou tão branco quanto... bem, um fantasma. “Você não ousaria!”

“Walt, eu disse, tentando ignorar o romano, “Jaz conseguiu ajudar?”

“Ela tentou seu melhor. Mas essa maldição vem desafiando curandeiros por três mil anos. Médicos modernos acham que está relacionado a anemia falciforme, mas eles não sabem. Eles tem tentando por décadas descobrir como rei Tut morreu, e não concordam. Alguns dizem veneno. Alguns dizem uma doença genética. É a maldição, mas claro que não dizem isso.”

“Não tem outro jeito? Quer dizer, conhecemos *deuses*. Talvez eu possa te curar como Ísis fez com Rá. Se eu soubesse de seu nome secreto—”

“Sadie, eu já pensei nisso,” ele disse. “já pensei em tudo. A maldição não pode ser curada. Ela só pode ser diminuída se... se eu evitar a magia. É por isso que eu entrei para os talismãs e amuletos. Eles armazenam magia avançada, então não requerem muito do usuário.

Mas isso só ajuda um pouco. Eu *nasci* para fazer magia, então a maldição progride em mim, não importa o que eu faça. Alguns dias isso não é tão ruim. Quando eu faço magia, ela piora."

"E quanto mais você fazer—"

"Mais rápido eu morro."

Eu dei um soco em seu peito. Não podia ajudar nisso. Todo o meu sofrimento e culpa virou raiva. "Seu idiota! Por que você está aqui, então? Você deveria ter me falado para dar o fora! Bes te avisou para ficar no Brooklyn. Por que você não ouviu?"

O que eu te disse mais cedo sobre os olhos de Walt não me derreterem? Retiro o que disse. Quando ele olhou para mim naquela tumba empoeirada, seus olhos estavam tão escuros, sensíveis, e tristes quanto os de Anúbis. "Vou morrer de qualquer jeito, Sadie. Eu quero que minha vida signifique alguma coisa. E... quero perder todo tempo que puder com você."

Isso me machucou mais que um soco no peito. Muito mais.

Acho que eu deveria ter beijado ele. Ou possivelmente dado um tapa.

Cláudio Maluco, no entanto, não era uma audiência simpática. "Muito meigo, tenho certeza, mas vocês me prometeram um pagamento! Voltar para as tumbas romanas. Libertar meu espírito da múmia. Então libertar os outros. Depois disso, vocês podem fazer o que bem-entenderem."

"Os outros?" Perguntei. "Você ficou maluco?"

Ele me encarou.

"Pergunta idiota," admiti. "Mas há milhares de múmias. Só temos uma faca."

"Vocês prometeram!"

"Não fizemos isso," eu disse. "Você disse que iria discutir uma taxa *depois* de encontrarmos o pergaminho. Não encontramos nada além de um beco sem saída aqui."

O fantasma rosnou, mais como um lobo que um humano. "Se vocês não vierem conosco," ele disse, "teremos que ir com vocês."

Seu espírito brilhou, então desapareceu em um clarão.

Olhei nervosa para Walt. "O que ele quis dizer com isso?"

"Não sei," ele disse. "Mas devemos descobrir como passar pelo escombro e sair daqui — *rápido*."

Apesar de nossos melhores esforços, nada pareceu acontecer tão rápido. Não conseguimos mexer os detritos. Havia muitos pedregulhos. Não conseguimos cavar em volta, por cima, ou por baixo. Eu não arrisquei a magia *ha-di* ou usei a magia da lâmina escura. Walt não tinha amuletos que ajudariam. Eu estava francamente perplexa. A estátua de Ptá sorria para nós, mas não ofereceu qualquer sugestão útil, não que ele parecesse interessado em sua carne seca e suco.

Finalmente, coberta de poeira, encharcada de suor, sentei em um sarcófago de pedra e examinei meus dedos cheios de bolhas.

Walt se sentou perto de mim. “Não desista. Tem que haver um jeito.”

“Há?” Perguntei, me sentindo especialmente ressentida. “Como tem que haver uma cura para você? E se *não* tiver? E se...”

Minha voz falhou. Walt virou seu rosto escondido na sombra.

“Me desculpe,” eu disse. “Isso é terrível. Mas eu não poderia suportar se...”

Eu estava tão confusa, não sabia o que dizer, ou como me sentia. Tudo o que sabia era que não queria perder Walt.

“Você quis dizer isso?” Perguntei. “Quanto você disse que queria perder tempo... você sabe.”

Walt encolheu os ombros. “Não é óbvio?”

Não respondi, mas, por favor — *nada* é óbvio com garotos. Para criaturas tão simples, eles são bem desorientadores.

Imaginei que estivesse corando ferozmente, então decidi mudar de assunto.

“Cláudio disse que sentia o espírito de Anúbis em você. Você esteve falando muito com Anúbis?”

Walt virava seus anéis. “Achava que talvez ele pudesse me ajudar. Talvez me concedesse um tempo extra antes... antes do fim. Eu queria ficar tempo o suficiente para te ajudar a derrotar Apófis. Então senti como se tivesse alguma coisa com minha vida. E... tinha outras razões que eu quisesse falar com ele. Alguns — alguns poderes que desenvolvi.”

“Que tipo de poderes?”

Foi a vez de Walt mudar de assunto. Ele olhou para suas mãos como se tivessem virado armas perigosas. “A coisa é, eu quase não vim do Brooklyn. Quando eu ganhei o amuleto *djed* — aquela gravação que vocês mandaram — minha mãe não queria me deixar ir. Ela sabia que aprender magia faria a maldição acelerar. Parte de mim estava preocupada em ir. Parte de mim estava zangada. Parecia uma piada cruel. Vocês me ofereceram um treinamento de magia quando eu sabia que não sobreviveria muito mais que um ano ou dois.”

“Um ano ou dois?” Eu conseguia respirar com dificuldade. Sempre achei que um ano era incrivelmente longo. Eu esperei *para sempre* ter treze. E cada ano letivo parecia uma eternidade. Mas de repente dois anos pareceram muito pouco. Eu só teria quinze, nem mesmo dirigia ainda. Não podia imaginar o que seria como saber que morreria em dois anos — possivelmente mais cedo, se eu continuasse fazendo o que nasci para fazer, praticando magia. “Por que você veio do Brooklyn, então?”

“Tive que vir,” Walt disse. “Vivi toda a vida sob ameaça de morte. Minha mãe fez tudo tão seriamente, tão *imenso*. Mas então no Brooklyn, senti como se tivesse um destino, um propósito. Mesmo se isso fizesse da maldição mais dolorosa, valeria a pena.”

“Mas isso é tão injusto.”

Walt olhou para mim, e percebi que ele estava sorrindo. “Essa é a *minha* linhagem. Estive dizendo isso por anos. Sadie, eu *quero* ficar aqui. Os últimos dois meses eu senti como se estivesse realmente vivendo pela primeira vez. E tendo conhecido você...” Ele pigarreou. Ele ficava bem atraente quando ficava nervoso. “Comecei a me preocupar com coisas pequenas. Meu cabelo. Minhas roupas. Sequer escovar meus dentes. Quer dizer, estou *morrendo*, e me preocupando com meus dentes.”

“Você tem dentes adoráveis.”

Ele riu. “É isso que quis dizer. Um pouco de comentário como esse, e me sinto melhor. Todas essas coisas pequenas de repente pareceram importantes. Não sinto como se estivesse morrendo. Me sinto feliz.”

Pessoalmente, me senti miserável. Por meses sonhei sobre Walt admitir que gostava de mim, mas não desse jeito — não como, *Posso ser honesto com você, porque estou morrendo de qualquer jeito*.

Alguma coisa que ele disse estava me irritando, também. Lembrei de uma lição que ensinei na casa do Brooklyn, e uma ideia começou a formar na minha mente.

“’Coisas pequenas de repente pareceram importantes’” repeti. Olhei para baixo para um pequeno monte de escombro que estava claramente bloqueando a porta. “Oh, isso não pode ser tão fácil.”

“O que?” perguntou Walt.

“Pedras.”

“Eu só mostrei a minha alma, e você está pensando em pedras?”

“A porta,” eu disse. “Magia simpática. Você acha...”

Ele piscou. “Sadie Kane, você é um gênio.”

“Bem, eu *sei* disso. Mas podemos trabalhar?”

Walt e eu começamos recolhendo a maioria dos pedregulhos. Lascamos algumas peças das bordas largas e adicionamos para nossa pilha. Tentamos nosso melhor para fazer uma réplica em miniatura da coleção do escombro bloqueando a porta.

Minha esperança, claro, era criar uma ligação solidária, como eu tinha feito com Carter e a estatueta de cera em Alexandria. As pedras da nossa pilha de rochas vieram do túnel destruído, então nossa pilha e o original já estavam conectadas em substância, que deve ter facilitado para estabelecer uma ligação. Mas mexer alguma coisa tão grande com alguma coisa tão pequena é sempre complicado. Se não fizéssemos isso com cuidado, podíamos destruir

aquela sala. Eu não sabia o quanto profundo estávamos, mas imaginei que tinha pedra o suficiente e nos enterrar sob nossas cabeças para sempre.

"Pronto?" Perguntei.

Walt assentiu e puxou sua varinha.

"Oh, não, garoto da maldição," eu disse. "Você só assiste atrás de mim. Se o teto começar a cair e precisarmos de um escudo, esse é seu trabalho. Mas você não vai fazer nenhuma mágica a não ser que seja absolutamente necessário. Vou limpar a porta."

"Sadie, eu não sou fraco," ele se queixou. "Não preciso de um protetor."

"Burrice," eu disse. "Isso é arrogância machista, e todos os garotos gostam de ser cuidados."

"O que? Deus, você é irritante!"

Sorri suavemente. "Você que queria perder tempo comigo."

Antes que ele pudesse protestar, levantei minha varinha e comecei o encanto.

Imaginei uma ligação entre nossa pequena pilha de escombro e os detritos na porta. Imaginei isso no Duat, eles eram um e o mesmo. Falei um comando de *unir*: *"Hi-nehm."*

O símbolo queimou levemente sobre nossa pilha de escombro em miniatura.

Lentamente e cuidadosamente, afastei algumas pedras para longe da pilha. Os detritos no corredor ribombaram.

"Está funcionando," Walt disse.

Não ousei olhar. Fiquei focada na minha tarefa — mover as pedras um pouco de cada vez, dispersando a pilha em montes menores. Era quase tão difícil quando mover pedregulhos de verdade. Fiquei atordoada. Quando Walt colocou a mão no meu ombro, não tinha ideia de quanto tempo tinha passado. Estava tão exausta que não podia ver direito.

"Está feito," ele disse. "Você foi ótima."

A porta estava limpa. O escombro tinha sido empurrado para os cantos do quarto, onde estavam colocadas em pilhas menores.

"Bom trabalho, Sadie." Walt se inclinou e me beijou. Ele provavelmente só estava expressando apreciação ou felicidade, mas o beijo não me fez sentir menos tonta.

"*Hum,*" eu disse — de novo com incríveis habilidades verbais.

Walt me ajudou a ficar de pé. Entramos no corredor para o próximo quarto. Por todo o trabalho que tínhamos feitos para entrar ali, o quarto não era muito empolgante, só uma câmara de cinco metros quadrados com nada dentro exceto uma caixa vermelha lacrada em um

pedestal de arenito. No topo da caixa estava uma escultura de madeira em forma de punho como um cachorro galgo demoníaco com orelhas compridas — o animal de Set.

"Oh, isso não pode ser bom," Walt disse.

Mas eu caminhei direto para a caixa, abri a tampa, e peguei o pergaminho de dentro.

"Sadie!" Walt gritou.

"O que?" me virei. "É a caixa de Set. Se ele quisesse me matar, teria feito isso em São Petersburgo. Ele *quer* que eu tenha o pergaminho. Provavelmente acha que vai ser engraçado me ver me matando tentando acordar Rá." Olhei para cima no teto e gritei, "Não é mesmo, Set?"

Minha voz ecoou através das catacumbas. Eu não tinha mais o poder de invocar o nome secreto de Set, mas ainda sentia como se tivesse sua atenção. O ar ficou mais nítido. O chão tremeu como se alguma coisa embaixo, alguma coisa muito grande, estivesse rindo.

Walt expirou. "Gostaria que você não se arriscasse assim."

"Isso de um garoto que está disposto a morrer para perder tempo comigo?"

Walt fez um arco exagerado. "Retiro o que disse, senhorita Kane. Por favor, continue tentando se matar."

"Obrigada."

Olhei para os três pergaminhos em minhas mãos — o Livro de Rá inteiro, junto provavelmente pela primeira vez desde que Cláudio Maluco vestiu pequenas fraldas romanas. Eu tinha coletado os pergaminhos, feito o impossível, triunfado sobre todas as expectativas. No entanto, não seria suficiente até que conseguíssemos encontrar Rá e acordá-lo antes de Apófis se levantar. "Não temos tempo para desperdiçar," eu disse. "Vamos—"

Um gemido profundo ecoou pelos corredores, como se alguma coisa — ou uma *série* de algumas coisas — tivesse acordado em um mau humor danado.

"Sair daqui," Walt disse. "Ótima ideia."

Enquanto corríamos pela câmara anterior, olhei para a estátua de Ptá. Fiquei tentada a pegar de volta a carne e o suco, só para ser má, mas decidi evitar.

Acho que não é sua culpa, pensei. *Não deve ser fácil ter um nome como Ptá. Aproveite o lanche, mas eu gostaria que você nos ajudasse*.

Corremos. Não foi fácil lembrar nosso caminho. Duas vezes tivemos que voltar antes de encontrar a sala com a família de múmias onde tínhamos conhecido Cláudio Maluco.

Eu estava prestes a disparar cegamente pela câmara e entrar no último túnel, mas Walt me segurou e salvou minha vida. Ele brilhou sua luz na saída distante, então nos corredores de cada lado.

“Não,” eu disse. “Não, não, não.”

Todas as três portas estavam entupidas com figuras humanas enroladas em linho. Elas se apertaram juntas na medida em que eu podia ver para baixo em cada corredor. Algumas ainda estavam completamente delimitadas. Elas pularam e se embaralharam e gingavam para frente como se fossem casulos gigantes envolvidos em uma corrida de saco. Outras múmias tinham parcialmente se libertado. Elas se perduravam nas pernas magras, mãos como ramos secos arranhando suas roupas.

Mas ainda vestiam seus retratos de rosto pintado, e o efeito foi macabro — máscaras realistas sorrindo serenamente no topo de espantalhos vivos de ossos e linho pintado.

“Odeio múmias,” choraminguei.

“Talvez um encanto de fogo,” Walt disse. “Eles devem queimar fácil.”

“Vamos nos queimar, também! Aqui é muito fechado.”

“Tem uma ideia melhor?”

Eu queria chorar. A liberdade tão perto — assim como eu temia, estávamos presos por um aglomerado de múmias. Mas essas eram piores que múmias de filme. Elas eram silenciosas e lentas, pateticamente coisas arruinadas que uma vez foram humanas.

Uma das múmias no chão agarrou minha perna. Antes de eu mesmo poder gritar, Walt estendeu a mão e bateu na coisa no pulso. A múmia virou pó na hora.

Eu o encarei com espanto. “É *esse* o poder que você estava preocupado? Isso é brilhante! Faça isso de novo!”

Imediatamente me senti terrível por sugerir isso. O rosto de Walt estava tenso com pânico.

“Não posso fazer isso mil vezes mais,” ele disse lamentavelmente. “Quem sabe se...”

Então, do trono central, a família de múmias começou a se mexer.

Não vou mentir. Quando a múmia do tamanho de uma criança do pequeno Pur-pens levantou, eu quase tive um acidente que teria arruinado meus novos jeans. Se meu *ba* pudesse ter derramado minha pele e voado longe, ele faria isso.

Agarrei o braço de Walt.

No fim longe da sala, o fantasma de Cláudio Maluco entrou à vista. Enquanto ele caminhava na nossa direção, o resto das múmias começou a se mexer.

“Vocês devem ser honrados, meus amigos.” Ele nos deu um sorriso maluco. “É preciso muita emoção para o *ba* voltar para seus antigos corpos murchos. Mas nós simplesmente não podemos deixar vocês irem até nos libertarem para a pós-vida. Usem a faca, façam seus encantos, e podem ir.”

“Não vamos libertar vocês todos!” Gritei.

“Uma pena,” Cláudio disse. “Então vamos ter que pegar a faca e libertar a nós mesmos. Acho que mais dois corpos nas catacumbas não farão alguma diferença.”

Ele disse algo em latim, e todas as múmias vaguearam na nossa direção, se embaralhando e tropeçando, caindo e rolando. Algumas desmoronaram em pedaços enquanto tentavam caminhar. Outras caíram e foram pisoteadas por seus parceiros. Mas mais vieram para frente.

Nós voltamos para o corredor. Eu tinha o cajado em uma mão. Com a outra, apertei firme a mão de Walt. Nunca fui boa em invocar fogo, mas controlei meu cajado em chamas até o fim.

“Vamos tentar do seu jeito,” disse a Walt. “Ilumine-os e corra.”

Eu sabia que era uma má ideia. Em aposentos fechados, uma chama nos machucaria tanto quanto as múmias. Iríamos morrer de inalação de fumaça ou sufocação ou calor. Mesmo se conseguíssemos voltar para as catacumbas, só iríamos nos perder e correr para mais múmias.

Walt acendeu seu próprio cajado.

“No três,” sugeri. Olhei com horror para a múmia da criança vindo na nossa direção, o retrato de um garoto de sete anos sorrindo para mim além do túmulo. “Um, dois—”

Hesitei. As múmias estavam só a um metro de distância, mas atrás de mim veio um novo som — como água correndo. Não — como deslizes. Um conjunto de coisas vivas indo em nossa direção, possivelmente insetos ou...

“O três vem depois,” Walt disse nervoso. “Vamos queimá-los ou não?”

“Abrace as paredes!” Gritei. Eu não sabia exatamente o que estava vindo, mas sabia que não queria estar em seu caminho. Puxei Walt contra a pedra e me achatei perto dele, nossos rostos pressionados contra a parede, enquanto uma onda de garras e pêlo batia em nós e capotava sobre nossas costas: um exército de roedores afundando de profundidade ao longo do chão e correndo horizontalmente pelas paredes, desafiando a gravidade.

Ratos. Milhares de ratos.

Eles correram direto para nós, não fazendo dano exceto pelos arranhões de garras. Não tão ruim, você deve achar, mas você já esteve em pé e pisoteado por um exército de ratos imundos? Não pague para a experiência.

Os ratos fluíram da câmara funerária. Eles rasgaram as múmias, agarrando e mastigando e guinchando em sua minúscula batalha. As múmias se contorciam debaixo do ataque, mas não tiveram uma chance.

O quarto estava em um furação de pêlos, dentes e linho picado. Era como os desenhos animados antigos de cupins fervilhando sobre a madeira e dissolvendo-a a nada.

“Não!” gritou Cláudio Louco. “Não!”

Mas ele era o único gritando. As múmias murcharam silenciosamente debaixo da fúria dos ratos.

“Vou acabar com vocês!” Cláudio rosnou enquanto seu espírito começava a tremeluzir. “Vou ter minha vingança!”

E com um brilho final do mal, sua imagem desvaneceu e se foi.

Os ratos dividiram suas forças e correram pelos três corredores, mastigando por meio das múmias enquanto elas iam, até a sala ficar silenciosa e vazia, o chão cheio de poeira, farrapos de linho, e alguns ossos.

Walt parecia abalado. Caí contra ele e o abracei. Eu provavelmente chorei de alívio. Eu estava tão feliz de segurar um ser humano vivo e quente.

“Está tudo bem.” Ele acariciou meus cabelos, que me fez sentir bem. “Essa — essa foi a

historia sobre ratos.”

“O que?” Me controlei.

“Eles... eles salvaram Mênfis. Um exército inimigo sitiou a cidade, e as pessoas rezaram por ajuda. Seu deus patrono mandou uma horda de ratos. Eles comeram as cordas de arco dos inimigos, suas sandálias, tudo o que conseguiam mastigar. Os atacantes tiveram que se retirar.”

“O deus patrono — você que dizer—”

“Eu.” Da saída do corredor da sala, um fazendeiro egípcio entrou em vista. Ele vestia roupas sujas, uma cabeça envolvida e sandálias. Ele segurava uma espingarda ao seu lado. Ele sorriu para nós, e enquanto se aproximava, vi que seus olhos eram completamente brancos. Sua pele tinha um tom levemente azulado, como se ele estivesse sufocando e realmente aproveitando experiência.

“Desculpe por não ter respondido mais cedo,” disse o fazendeiro. “Eu sou Ptá. E não, Sadie Kane, não sou o deus do cuspe. Por favor, se sentem,” o deus disse. “Desculpem pela bagunça, mas o que esperavam dos romanos? Eles nunca se limpam.”

Nem Walt nem eu sentamos. Um deus sorridente com uma espingarda era um pouco desconcertante.

“Ah, muito bem.” Ptá piscou com os olhos brancos vazios. “Estão com pressa.”

“Desculpa,” eu disse. “Você é um fazendeiro?”

Ptá olhou para baixo para suas vestes sujas. “Só estou pegando emprestado esse pobre coitado por um minuto, entende. Achei que vocês não ligariam, já que ele estava descendo para cá para atirar em vocês por destruir sua torre de água.”

“Não, continue,” eu disse. “Mas as múmias — o que vai acontecer com seus *ba?*”

Ptá riu. “Não se preocupe com elas. Agora que seus restos estão destruídos, imagino que seus *ba* vão ir para qualquer lugar pós-vida romano que as esperam. Como deve ser.”

Ele colocou a mão sobre sua boca e arrotou. Uma nuvem de gás branco ondulou para fora, coalesceu em um *ba* brilhante, e voou pelo corredor.

Walt apontou para o espírito pássaro. “Você acabou de—”

“Sim.” Ptá sorriu. “Eu tento não falar para todos. Como eu os criei, entende, com palavras. Eles podem me dar problemas. Uma vez por diversão eu compus a palavra ‘ornitorrinco’ e—”

Instantaneamente, uma coisa com bico de pato e peluda apareceu no chão, arranhando em pânico.

“Oh, queridos,” Ptá disse. “Sim, foi exatamente isso que aconteceu. O deslize da língua. Realmente o único jeito de uma coisa como essa ser criada.”

Ele ondulou a mão, e o ornitorrinco desapareceu. “De qualquer maneira, tenho que ser cuidadoso, então não posso falar muito. Estou feliz que tenham encontrado o Livro de Rá! Sempre gostei do meu velho. Eu teria ajudado mais cedo, quando pediu, mas demorou um pouco para chegar aqui do Duat. Também, posso abrir só uma única porta por cliente. Pensei que tinham aquele corredor bloqueado bem na mão. Mas há uma porta muito mais importante da qual vocês precisam.”

“Desculpe?” perguntei.

“Seu irmão,” Ptá disse. “Ele está em sérios problemas.”

Estava tão exausta, suja, e coberta de arranhões de ratos, que as novidades fizeram meus nervos formigarem. Carter precisava de ajuda. Eu tinha que salvar o ridículo do meu irmão.

“Você pode nos mandar para lá?” Perguntei.

Ptá sorriu. “Pensei que nunca pediria.”

Ele apontou para a parede mais próxima. As pedras dissolveram em um portal de turbilhão de areia.

“E, minha querida, algumas palavras de aviso.” Os olhos leitosos de Ptá me estudaram. “Coragem. Esperança. Sacrifício.”

Não tinha certeza se ele estava lendo aquelas qualidades em mim, ou me dando uma conversa estimulante, ou talvez *criando* as características que eu precisava, do jeito que ele criou o *ba* e o ornitorrinco. Qualquer que seja o caso, de repente me senti mais quente, cheia de energia nova.

“Você está começando a entender,” ele me disse. “Palavras são a fonte de todo o poder. E nomes são mais que uma coleção de letras. Muito bem, Sadie. Você ainda pode ter sucesso.”

Olhei para o funil de areia. “Com o que vamos dar de cara no outro lado?”

“Inimigos e amigos,” Ptá disse. “Mas quem é quem, não posso dizer. Se sobreviverem, vão para o topo da Grande Pirâmide. Pode ser um bom ponto de entrada para o Duat. Quando você ler o Livro de Rá—”

Ele engasgou, se dobrando e derrubando sua espingarda.

“Tenho que ir,” ele disse, se endireitando com um grande esforço. “Esse hospedeiro não consegue mais aguentar. Mas, Walt...” Ele sorriu suavemente. “Obrigado pela carne seca e o suco. *Há* uma resposta para você. Não é uma que irá gostar, mas é o melhor jeito.”

“Do que você está falando?” Walt perguntou. “Que resposta?”

O fazendeiro piscou. De repente seus olhos ficaram normais. Ele olhou para nós com surpresa, então gritou alguma coisa em árabe e levantou sua arma.

Agarrei a mão de Walt, e juntos pulamos dentro do portal.

C A R T E R

17. Menshikov Contrata Um Feliz Esquadrão da Morte

EU ACHO QUE ESTAMOS QUITES, SADIE. Primeiro Walt e eu saímos em disparada para te salvar em Londres. Então, você e Walt saíram em disparada para me salvar. O único em desvantagem em ambos os casos foi Walt. O pobre sujeito foi arrastado pelo mundo todo nos tirando de problemas. Mas admito que eu precisava de ajuda.

Bes estava preso em uma jaula com brilho fluorescente. Zia estava convencida de que nós éramos inimigos. Minha espada e cajado se foram. Eu estava levando um cetro e um mangual que eram, aparentemente, propriedade roubada, e dois dos mais poderosos magos do mundo, Michel Desjardins e Vlad, o Inalador, estavam prontos para me prenderem, me julgarem e me executarem — não necessariamente nessa ordem.

Eu voltei para a tumba de Zia, não havia para onde ir. Lama vermelha se espalhava em todas as direções pontilhada com destroços e peixes mortos. Eu não podia correr ou me esconder, sobrando-me duas opções: render-me ou lutar.

Os olhos marcados de Menshikov brilharam. “Sinta-se à vontade para resistir, Kane. O uso da força letal tornaria o meu trabalho muito mais fácil.”

“Vladimir, pare,” Desjardins disse cansado, apoiado em seu cajado. “Carter, não seja tolo. Renda-se agora.”

Há três meses, Desjardins teria ficado entusiasmado em me explodir em pedacinhos. Agora ele parecia triste e cansado, como se a minha execução fosse uma necessidade desagradável. Zia estava ao lado dele. Ela olhava cautelosamente para Menshikov, como se ela pudesse sentir algo de mal sobre ele.

Se eu pudesse usar isso, possivelmente compraria algum tempo...

“Qual é o seu plano, Vlad?” eu perguntei. “Você nos deixou fugir de São Petersburgo com muita facilidade. Quase como se você quisesse que despertássemos Rá”.

O russo riu. “É por isso que eu os segui até o outro lado do mundo para impedi-los?”

Ele tentou dar um olhar de desprezo, mas um sorriso puxou-lhe os cantos dos lábios, como se estivéssemos partilhando uma piada particular.

“Você não veio para me impedir,” eu imaginei. “Você está contando conosco para encontrar os pergaminhos para você e juntá-los. Você precisa que Rá acorde a fim de libertar Apófis?”

“Chega, Carter.” Desjardins falou em um tom monótono, como um paciente em cirurgia fazendo contagem regressiva à espera da anestesia fazer efeito. Eu não entendia o motivo dele parecer tão apático, mas Menshikov parecia bastante irritado pelos dois. Pelo ódio nos olhos do russo, eu pude dizer que eu atingi um nervo.

“É isso, não é?” eu disse. “Ma'at e Caos estão conectados. Para libertar Apófis você tem que acordar Rá, mas você quer controlar a invocação, ter certeza de que Rá voltará velho e fraco.”

O novo cajado de carvalho de Menshikov irrompeu em chamas verdes. “Rapaz, você não tem idéia do que está dizendo.”

“Set provocou você sobre um erro do passado,” eu lembrei-me. “Você tentou despertar Rá uma vez antes, não foi? Usando o quê — somente um pergaminho que você possuía? Foi assim que você queimou o seu rosto?”

“Carter!” Desjardins interrompeu. “Vlad Menshikov é um herói da Casa da Vida. Ele tentou destruir aquele pergaminho para impedir que qualquer um o utilizasse. Foi assim que ele foi ferido.”

Por um momento eu fiquei muito chocado para falar. “Isso... não pode ser verdade.”

“Você deveria fazer sua lição de casa, rapaz.” Menshikov fixou seus olhos arruinados em mim. “Os Menshikovs são descendentes dos sacerdotes de Amon-Rá. Você já ouviu falar daquele templo?”

Tentei me lembrar das histórias que meu pai tinha me dito. Eu sabia que Amon-Rá era um outro nome para Rá, o Deus Sol. E seu templo...

“Eles praticamente controlaram o Egito por séculos”, eu me lembrei. “Eles se opuseram Akhenaton quando ele baniu os deuses antigos, talvez até mesmo o assassinaram.”

“De fato,” Menshikov disse. “Meus antepassados foram campeões dos deuses! Foram eles que criaram o Livro de Rá e esconderam seus três pergaminhos, esperando que um dia um mágico valoroso despertasse seu deus sol.”

Eu tentei me concentrar nisso. Eu podia ver totalmente Vlad Menshikov como um antigo sacerdote sanguinário. “Mas se você é descendente dos sacerdotes de Rá—”

“Por que eu me oponho aos deuses?” Menshikov olhou para o Sacerdote-leitor Chefe como se eu estivesse perguntado algo obviamente estúpido. “Porque os deuses destruíram a nossa civilização! No momento em que o Egito caiu e Senhor Iskandar proibiu o caminho dos deuses, mesmo a *minha* família percebeu a verdade. Os antigos caminhos devem ser proibidos. Sim, eu tentei destruir o pergaminho para compensar os pecados dos meus ancestrais. Aqueles que invocarem os deuses devem ser eliminados.”

Eu balancei minha cabeça. “Eu *vi* você invocar Set. Eu ouvi você falar sobre libertar Apófis. Desjardins, Zia — esse cara está mentindo. Ele vai matar vocês dois.”

Desjardins olhou para mim numa espécie de torpor. Amós insistiu que o Sacerdote-leitor Chefe era inteligente, então como ele não percebia a ameaça?

"Chega," disse Desjardins. "Venha pacificamente, Carter Kane, ou será destruído."

Eu dei a Zia mais um olhar suplicante. Eu podia ver a dúvida nos olhos dela, mas ela não estava em qualquer condição de me ajudar. Ela tinha acabado de acordar de um pesadelo de três meses de duração. Ela queria acreditar que a Casa da Vida ainda era sua casa e Desjardins e Menshikov eram os mocinhos. Ela não quer ouvir mais nada sobre Apófis.

Eu levantei o cajado e o mangual. "Eu não vou pacificamente."

Menshikov assentiu. "Então, será a destruição."

Ele apontou seu cajado para mim, e meus instintos assumiram. Eu ataquei com o cajado.

Eu estava muito longe para alcançá-lo, mas uma força invisível arrancou o cajado da mão de Menshikov e o mandou voando para o Nilo. Ele estendeu sua varinha, mas eu cortei o ar novamente, e Menshikov saiu voando. Ele aterrissou de costas com tanta força que fez um anjo na lama.

"Carter!" Desjardins empurrou Zia para trás dele. Seu próprio cajado aceso com chamas púrpuras. "Você se atreve a usar as armas de Rá?"

Eu olhei para minhas mãos com espanto. Eu nunca senti tanto poder vir a mim tão facilmente — como se eu estivesse destinado a ser um rei. No fundo da minha mente, eu ouvi a voz de Hórus incitando-me:

Este é o seu caminho. Este é o seu direito de nascença.

"Você vai me matar de qualquer jeito," eu disse a Desjardins.

Meu corpo começou a brilhar. Eu me levantei do chão. Pela primeira vez desde o Ano Novo, eu estava envolto no avatar do deus-falcão — um guerreiro com cabeça de falcão três vezes o meu tamanho normal. Em suas mãos estavam enormes réplicas holográficas do cajado e do mangual. Eu não havia prestado muita atenção ao mangual, mas ele era um malvado "causador-de-dor" — um cabo de madeira com três correntes farpadas, cada uma com uma bola de metal espinhosa na ponta — como uma combinação entre chicote e amaciante de carne. Eu dei uma forte pancada no chão, e o guerreiro falcão espelhou minha ação. O flagelo brilhante pulverizou os degraus de pedra do túmulo de Zia, mandou blocos de calcário voando pelo ar.

Desjardins levantou um escudo para desviar os cacos. Os olhos de Zia se arregalaram. Eu sabia que provavelmente estava aterrorizando-a e convencendo-a de que eu era o cara mau, mas eu tinha que protegê-la. Eu não poderia deixar Menshikov levá-la para longe.

"Combate mágico," Desjardins disse com desdém. "Assim era a Casa da Vida quando nós seguíamos o caminho dos deuses, Carter Kane: mago combatendo mago, traição e duelos entre diferentes templos. Você quer que esses tempos retornem?"

“Não tem que ser assim,” eu disse. “Eu não quero brigar com você, Desjardins, mas Menshikov é um traidor. Saia daqui. Deixe-me lidar com ele.”

Menshikov se levantou da lama, sorrindo como se tivesse gostado de ser jogado lá. “Lidar comigo? Quão confiante! De qualquer maneira, Sacerdote-leitor Chefe, deixe o rapaz tentar. Eu vou ter a certeza de pegar os pedaços quando terminar.”

Desjardins começou a dizer: “Vladimir, não. Não é sua a decisão—”

Mas Menshikov não esperou. Ele pisoteou o chão com seu pé, e a lama ficou seca e branca em volta dele. Linhas gêmeas de terra endurecida serpenteavam em minha direção, cruzando-se como uma hélice de DNA. Eu não tinha certeza do que elas fariam, mas eu sabia que não queria que elas me tocassem. Eu bati com o meu mangual, arrancando uma porção de lama grande o suficiente para uma banheira de água quente. As linhas brancas continuaram avançando, deixando branco seu caminho abaixo da cratera e subindo do outro lado, correndo em minha direção. Eu tentei sair do seu caminho, mas o guerreiro avatar não era exatamente rápido.

As linhas de magia atingiram meus pés. Elas teciam como vinhas nas pernas do avatar até eu estar enrolado até a cintura. Elas se apertavam contra meu escudo, drenando minha magia, e eu ouvi a voz de Menshikov forçando sua entrada em minha mente.

Cobra, a voz sussurrava. *Você é um réptil deslizando*.

Eu lutei contra o meu terror. Eu tinha sido transformado em um animal contra a minha vontade uma vez antes e foi uma das piores experiências da minha vida. Desta vez estava acontecendo em câmera lenta. O avatar de combate lutou para manter sua forma, mas a magia de Menshikov era forte. As vinhas de incandescência branca continuavam subindo, circundando meu peito.

Eu abati Menshikov com meu cajado. A força invisível agarrou-o pelo pescoço e o levantou do chão.

“Faça isto!” ele arfou. “Mostre-me — o seu poder — deus menor!”

Eu levantei meu mangual. Uma boa batida, e eu poderia destruir Vlad Menshikov como um inseto.

“Não vai importar!” ele engasgou, arranhando seu pescoço. “O feitiço vai te derrotar de qualquer maneira. Mostre-nos que você é um assassino, Kane!”

Olhei para o rosto aterrorizado de Zia, e eu hesitei por muito tempo. As vinhas brancas cercaram meus braços. O avatar de combate dobrou os joelhos, e eu deixei cair Menshikov.

Dor assolou o meu corpo. Meu sangue gelou. Os membros do avatar se encolheram, a cabeça do falcão lentamente se transformou em uma cabeça de uma serpente. Eu podia sentir meu coração desacelerando, minha visão escurecendo. O gosto do veneno encheu minha boca.

Zia gritou. “Pare! Isso é demais!”

“Pelo contrário,” Menshikov disse, esfregando o pescoço irritado. “Ele merece coisa pior. Sacerdote-leitor Chefe, você viu como esse garoto te ameaçou. Ele quer o trono do faraó. Ele deve ser destruído.”

Zia tentou correr para mim, mas Desjardins a deteve.

“Interrompa o feitiço, Vladimir,” disse ele. “O rapaz pode ser contido de formas mais humanas.”

“Humanas, meu senhor? Ele mal é humano!”

Os dois magos travaram os olhos. Eu não sei o que teria acontecido — mas então um portal se abriu sob a jaula de Bes.

Já vi muitos portais, mas nenhum como este. O vórtice abriu-se ao nível do solo, sugando uma área de tamanho de um trampolim de areia vermelha, peixes mortos, madeiras velhas, cacos de cerâmica, e uma brilhante jaula fluorescente contendo um deus anão. Enquanto a jaula entrava no vórtice, as barras quebravam-se em estilhaços de luz. Bes descongelou, encontrou-se meio submerso na areia, e proferiu alguns xingamentos criativos. Então minha irmã e Walt foram atirados por cima do portal, suspensos horizontalmente, como se estivessem correndo na direção do céu. Quando a gravidade assumiu, eles balançaram os braços e caíram na areia. Eles poderiam ter sido sugados exceto que Bes agarrou os dois e conseguiu transportá-los para fora do vórtice.

Bes depositou-os em terra firme. Então ele se virou para Vlad Menshikov, plantou os pés, e arrancou sua camisa havaiana e bermuda como se eles fossem feitos de tecido. Seus olhos brilhavam de raiva. Sua sunga estava bordada com as palavras *Orgulho Anão*, que era algo que eu realmente não precisava ver.

Menshikov só teve tempo de dizer, “Como—”

“BOO!” gritou Bes.

O som foi como a explosão de uma bomba-H — ou uma bomba-F, de Feio. O chão tremeu. O rio ondulou. Meu avatar colapsou, e o feitiço de Menshikov se dissolveu com ele, o gosto do veneno na minha boca foi cedendo, a pressão diminuindo então eu pude respirar novamente. Sadie e Walt já estavam no chão. Zia tinha rapidamente se afastado. Mas Menshikov e Desjardins levaram uma plena explosão de feio direto em seus rostos.

Suas expressões se tornaram de espanto, e eles se desintegraram no local.

Após um momento de choque, Zia, ofegou. “Você os matou!”

“Nah.” Bes espanou suas mãos. “Apenas os assustei de volta para casa. Eles podem ficar inconscientes por algumas horas, enquanto seus cérebros tentam processar o meu físico magnífico, mas eles viverão. Mais importante—” Ele franziu a testa para Sadie e Walt. “Vocês dois tiveram coragem de ancorar de um portal em mim? Pareço uma relíquia?”

Sadie e Walt sabiamente não responderam. Eles levantaram, sacudindo a areia.

"Não foi idéia nossa!" Sadie protestou. "Ptá nos enviou aqui para te ajudar."

"Ptá", eu disse. "Ptá, o deus?"

"Não, Ptá o plantador de tâmaras. Eu te conto mais tarde."

"O que há de errado com seu cabelo?" Eu perguntei. "Parece que um camelo lambeu."

"Cale a boca." Então ela notou Zia. "Meu Deus, é ela? A verdadeira Zia?"

Zia cambaleou para trás, tentando levantar seu cajado. "Vão embora!" O fogo crepitou fraco.

"Nós não vamos te machucar," Sadie prometeu.

As pernas de Zia tremiam. Suas mãos tremiam. Então ela fez a única coisa lógica para alguém que passou pelo o que ela passou ao longo do dia depois de um coma de três meses. Seus olhos viraram e ela desmaiou.

Bes resmungou. "Menina forte. Ela se aguentou sob um BOO frontal completo! Ainda assim... é melhor a pegarmos e sairmos daqui. Desjardins não se foi para sempre."

"Sadie," eu disse, "você conseguiu o pergaminho?"

Ela puxou os três pergaminhos de sua bolsa. Parte de mim estava aliviado. Parte de mim estava assustado.

"Precisamos chegar à Grande Pirâmide", disse ela. "Por favor me diga que você tem um carro."

Não somente tínhamos um carro, nós tivemos um grupo inteiro de beduínos. Nós devolvemos o caminhão deles logo após escurecer, mas os beduínos pareciam felizes em nos ver, apesar de trazermos mais três pessoas, uma das quais inconsciente. De alguma forma Bes fez um acordo com eles para nos levarem ao Cairo. Depois de alguns minutos conversando na tenda, ele saiu usando vestes novas. Os beduínos saíram rasgando os restos de sua camisa havaiana em tiras, que eles cuidadosamente amararam em torno de seus braços, antena e retrovisor como talismãs de boa sorte.

Subimos na parte traseira do caminhão. Estava muito lotado e barulhento de tanta conversa enquanto nos dirigíamos para Cairo. Bes nos disse para dormir um pouco enquanto ele vigiava. Ele prometeu que seria gentil com Zia se ela acordasse.

Sadie e Walt caíram direto no sono, mas eu olhei para as estrelas por um tempo. Eu estava dolorosamente ciente de que Zia — a verdadeira Zia — dormia irrequieta bem ao meu lado, e as armas mágicas de Rá, o cajado e o mangual, estavam agora escondidos na minha bolsa. Meu corpo ainda estava zunindo da batalha. O feitiço de Menshikov havia sido quebrado, mas eu ainda podia ouvir sua voz em minha cabeça, tentando me transformar em um réptil de sangue frio — algo como ele.

Finalmente consegui fechar os olhos. Sem proteção mágica, meu *ba* flutuou à deriva logo que eu adormeci.

Eu me encontrei no Hall das Eras, em frente ao trono do faraó. Entre as colunas de ambos os lados, imagens holográficas brilhavam. Assim como Sadie havia descrito, a borda da cortina mágica estava se transformando de vermelho para roxo profundo — indicando uma nova era. As imagens em púrpura eram difíceis de decifrar, mas eu pensei ter visto duas figuras lutando em frente a uma cadeira em chamas.

"Sim," disse a voz de Hórus. "A batalha se aproxima."

Ele apareceu em uma onda de luz, de pé sobre os degraus do tablado onde o Sacerdote-leitor Chefe costumava sentar. Ele estava na forma humana, um jovem homem musculoso, pele bronzeada e cabeça raspada. Jóias brilhavam em sua armadura de batalha de couro, e sua khopesh pendurada ao seu lado. Seus olhos brilharam — um ouro, um prata.

"Como você chegou até aqui?" Eu perguntei. "Este local não é protegido contra os deuses?"

"Eu não estou aqui, Carter. Você está. Mas nós estivemos juntos uma vez. Eu sou um eco em sua mente — uma parte de Hórus que nunca te deixou."

"Eu não entendo."

"Basta ouvir. Sua situação mudou. Você está no limiar da grandeza."

Ele apontou para meu peito. Olhei para baixo e percebi que não estava na minha forma de *ba* habitual. Ao invés de um pássaro, eu era um humano, vestido como Hórus numa armadura egípcia. Em minhas mãos estavam o cajdo e o mangual.

"Não são meus," eu disse. "Eles estavam enterrados com Zia."

"Eles poderiam ser seus," Hórus, disse. "Eles são os símbolos do faraó — como o cajado e a varinha, só que cem vezes mais poderosos. Mesmo sem prática, você foi capaz de canalizar seus poderes. Imagine o que poderíamos fazer juntos." Ele apontou para o trono vazio. "Você poderia unir a Casa da Vida como seu líder. Poderíamos esmagar nossos inimigos."

Eu não vou negar: parte de mim sentiu um arrepio. Meses atrás, a ideia de ser um líder me aterrorizava até a morte.

Agora as coisas mudaram. Minha própria compreensão da magia tinha crescido. Eu passei três meses ensinando e transformando nossos iniciados em uma equipe. Eu entendi a ameaça que estávamos enfrentando de forma mais clara, e eu estava começando a compreender como canalizar o poder de Hórus sem ser oprimido. E se Hórus estivesse certo, e eu pudesse liderar os deuses e os magos contra Apófis? Eu gostei da ideia de esmagar nossos inimigos, voltar-me contra as forças do Caos que virou as nossas vidas de cabeça para baixo.

Então me lembrei do modo que Zia olhou para mim quando eu estava prestes a matar Vlad Menshikov — como se eu fosse o monstro. Eu lembrei o que Desjardins havia dito sobre os maus velhos tempos, quando magos lutavam contra magos. Se Hórus era um eco em minha mente,

talvez eu estivesse sendo afetado por seu desejo de governar. Eu conhecia Hórus muito bem agora. Ele era um bom sujeito de muitas maneiras — corajoso, honrado, justo. Mas ele também era ambicioso, ganancioso, invejoso e determinado no que dizia respeito a seus objetivos. E seu maior desejo era governar os deuses.

"O cajado e o mangual pertencem a Rá," eu disse. "Nós temos que acordá-lo."

Hórus inclinou a cabeça. "Mesmo que Apófis deseje que isso aconteça? Mesmo que Rá esteja fraco e velho? Eu o adverti sobre as divisões entre os deuses. Você viu como Nekhbet e Babi tentaram eles próprios resolverem o assunto. O conflito só vai piorar. O Caos se alimenta de líderes fracos, lealdades divididas. É disto que Vladimir Menshikov está atrás."

O Hall das Eras tremeu. Ao longo de duas paredes, a cortina de luz púrpura expandiu. À medida que a cena holográfica se alargava, eu pude dizer que a cadeira era um trono de fogo, como a que Sadie tinha descrito em sua visão do barco de Rá. Duas figuras sombrias estavam atracadas em combate, agarradas corpo a corpo como lutadores, mas eu não poderia dizer se eles estavam tentando empurrar um ao outro na cadeira, ou tentando manter um ao outro longe dela.

"Menshikov realmente tentou destruir o livro de Rá?" eu perguntei.

O olho prata de Hórus cintilou. Ele sempre pareceu um pouco mais brilhante do que o dourado, o que fazia eu me sentir desorientado, como se o mundo inteiro tivesse escolhido um lado. "Como a maioria das coisas Menshikov diz, é uma verdade parcial. Certa vez ele pensava como você. Ele pensou que poderia trazer de volta Rá e restaurar o Ma'at. Ele se imaginou como o sumo sacerdote de um novo e glorioso templo, muito mais poderoso do que seus antepassados. Em seu orgulho, ele pensou que poderia reconstruir o Livro de Rá do pergaminho em sua posse. Ele estava errado. Rá fez um enorme esforço para não ser despertado. As maldições no pergaminho queimaram os olhos de Menshikov. Fogo solar cauterizou sua garganta porque ele se atreveu a ler as palavras do feitiço. Depois disso, Menshikov se tornou amargo. Inicialmente ele conspirou para destruir o Livro de Rá, mas ele não tem o poder. Em seguida criou um novo plano. Ele iria despertar Rá, mas por vingança. É pelo o que ele espera por todos estes anos. É por isso que ele quer que você reúna os pergaminhos e reconstrua o Livro de Rá. Menshikov quer ver o velho deus engolido por Apófis. Ele quer ver o mundo mergulhado na escuridão e no caos. Ele está completamente louco."

"Oh."

[Grande resposta, eu sei. Mas o que você diz depois de uma história como essa?]

No tablado, ao lado de Hórus, o trono vazio do faraó parecia ondular na luz púrpura. Aquela cadeira sempre me intimidou. Há muito tempo atrás, o faraó tinha sido o governante mais poderoso do mundo. Ele havia controlado um império que durou vinte vezes mais do que meu próprio país, os EUA, tinha de existência. Como eu poderia ser digno de estar lá?

“Você pode fazer isso, Carter,” Hórus insistiu. “Você pode tomar o controle. Por que correr o risco de invocar Rá? Sua irmã terá que ler o livro, você sabe. Você viu o que aconteceu com Menshikov quando apenas um pergaminho saiu pela culatra. Você consegue imaginar se três vezes mais desse poder for desencadeado sobre sua irmã?”

Minha boca ficou seca. Já era ruim o bastante eu ter deixado Sadie sair para encontrar o último pergaminho sem mim. Como eu poderia deixá-la se arriscar que aquilo a deformasse como Vlad, o Inalador, ou pior?

“Você vê a verdade agora”, disse Hórus. “Reivindique o cajado e o mangual para si mesmo. Assuma o trono. Juntos, podemos vencer Apófis. Podemos voltar para o Brooklyn e proteger seus amigos e sua casa.”

Casa. Isso soou tão tentador. E os nossos amigos estavam em terrível perigo. Eu tinha visto em primeira mão o que Vlad Menshikov poderia fazer. Imaginei o pequeno Felix ou a tímida Cleo tentando lutar contra esse tipo de magia. Eu imaginei Menshikov transformando os nossos jovens iniciados em cobras desamparadas. Eu nem sequer tinha certeza se Amós poderia prevalecer contra ele. Com as armas de Rá, eu poderia proteger a Casa do Brooklyn.

Então olhei para as imagens púrpuras piscando contra a parede — duas figuras lutando perante o trono em chamas. Esse era o nosso futuro. A chave para o sucesso não era eu, ou mesmo Hórus — era Rá, o verdadeiro rei dos deuses egípcios. Perto do trono ardente de Rá, o assento do faraó parecia tão importante como uma poltrona reclinável.

“Nós não somos o suficiente,”, eu disse a Hórus. “Precisamos de Rá.”

O deus me encarou com seus olhos de ouro e prata como se eu fosse uma pequena presa milhas abaixo dele, e ele estivesse considerando se eu valia ou não o mergulho.

“Você não entende a ameaça,” ele decidiu. “Fique, Carter. E ouça seus inimigos planejando sua morte.”

Hórus desapareceu.

Ouvi passos nas sombras atrás do trono, seguida de uma familiar respiração rouca. Esperava que meu *ba* estivesse invisível. Vladimir Menshikov caminhou para a luz, meio que carregando seu chefe, Desjardins.

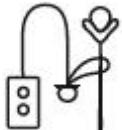
“Quase lá, meu senhor,” disse Menshikov.

O russo parecia bem descansado em um novo terno branco. O único sinal de nossa luta recente foi uma atadura no pescoço, onde eu o dominei com o cajado. Desjardins, no entanto, parecia ter envelhecido uma década em algumas poucas horas. Ele tropeçou, inclinando-se sobre Menshikov. Seu rosto estava magro. Seu cabelo tinha se tornado branco sólido, e eu não acho que foi tudo devido a ele ter visto a sunga de Bes.

Menshikov tentou colocá-lo com calma sobre o trono do faraó, mas Desjardins protestou. “Nunca Vladimir. O degrau. O degrau.”

“Mas, com certeza, senhor, na sua condição—”

“Nunca!” Desjardins sentou-se nos degraus ao pé do trono. Eu não pude acreditar o quão pior ele parecia.

“O Ma'at está falhando.” Desjardins estendeu a mão. Uma nuvem fraca de hieróglifos flutuaram das pontas de seus dedos no ar. “O poder do Ma'at uma vez me sustentou, Vladimir. Agora parece estar solapando a minha força vital. É tudo que posso fazer...” Sua voz foi enfraquecendo.

“Não tema, meu senhor,” disse Menshikov. “Assim que lidarmos com os Kanes, tudo ficará bem.”

“Será mesmo?” Desjardins olhou para cima, e por um momento seus olhos flamejaram com raiva, como costumavam fazer.

“Você nunca tem dúvidas, Vladimir?”

“Não, meu senhor”, disse o russo. “Eu dei minha vida para lutar contra os deuses. Eu continuarei a fazê-lo. Se me permite a ousadia, Sacerdote-leitor Chefe, você não deveria ter permitido Amós Kane em sua presença. Suas palavras são como veneno.”

Desjardins pegou um hieróglifo do ar e estudou enquanto girava em sua palma. Eu não reconheci o símbolo, mas ele me lembrava um semáforo com uma figura reta parecendo um sujeito em pé ao seu lado.

“*Menhed,*” Desjardins disse. “A paleta do escriba.”

Eu olhei para o símbolo vagamente tremulo, e eu podia ver a semelhança com as ferramentas de escrita em minha sacola de suprimentos. O retângulo era a paleta, com lugares para a tinta preta e vermelha. A figura reta, ao lado era uma caneta de escrita, presa a uma corda.

“Sim, meu senhor,” disse Menshikov. “Que... interessante.”

“Era o símbolo favorito do meu avô,” ponderou Desjardins. “Jean-François Champollion, você sabe. Ele decifrou o código dos hieróglifos usando a Pedra de Roseta — o primeiro homem fora da Casa da Vida a fazer isso.”

“De fato, meu senhor. Eu ouvi a história.” *Umas mil vezes*, sua expressão parecia dizer.

“Ele ascendeu do nada para se tornar um grande cientista,” Desjardins continuou, “*e* um grande mago — respeitado pelos mortais e também pelos magos.”

Menshikov sorriu como se ele estivesse achando graça uma criança que estava se tornando irritante. “E agora você é o Sacerdote-leitor Chefe. Ele ficaria orgulhoso.”

“Ele ficaria?” Desjardins perguntou. “Quando Iskandar aceitou a minha família na Casa da Vida, ele disse dar boas vindas ao novo sangue e novas ideias. Ele tinha esperanças de revigorar a Casa. Contudo, com o que nós contribuímos? Nós não mudamos nada. Não questionamos nada. A Casa enfraqueceu. Temos menos iniciantes a cada ano.”

“Ah, meu senhor.” Menshikov arreganhou os dentes. “Deixe-me mostrar que não somos fracos. Sua força de ataque está reunida.”

Ele bateu palmas. No final do salão, as portas enormes de bronze se abriram. No começo eu não pude acreditar nos meus olhos, mas enquanto o pequeno exército marchava em nossa direção, eu ficava cada vez mais alarmado.

A dúzia de magos era a parte menos assustadora do grupo. Eles eram na sua maioria velhos homens e mulheres em vestes de linho tradicional. Muitos tinham em torno de seus olhos uma pintura preta e tatuagens de hieróglifos nas mãos e rostos. Alguns usavam mais amuletos que Walt. Os homens tinham a cabeça rapada, as mulheres usavam cabelo curto ou preso em rabo de cavalo. Todos eles tinham expressões sombrias, como uma turba enfurecida de camponeses indo queimar o monstro Frankenstein, exceto que em vez de forquilhas eles estavam armados com cajados e varinhas.

Vários tinham espadas também.

Em ambos os lados deles havia demônios marchando — cerca de vinte no total. Eu lutei com demônios antes, mas havia algo de diferente nesses. Eles se moviam com mais confiança, como se compartilhassem um senso de propósito. Eles irradiaram maldade tão fortemente que senti que meu *ba* estava ficando bronzeado. A pele deles eram de todas as cores, do verde ao preto ao violeta. Alguns estavam vestidos com armaduras, alguns com peles de animais, alguns com pijamas de flanela. Um deles tinha uma motosserra no lugar da cabeça. Outro tinha uma guilhotina. Um terceiro tinha um pé brotando entre seus ombros.

Ainda mais assustador que os demônios eram as serpentes aladas. Sim, eu sei, você está pensando: “Chega de cobras!” Acredite em mim, depois de ser picado pelo *tjesu heru* em São Petersburgo, eu também não estava feliz em vê-las. Estas não eram de três cabeças, e não eram nem um pouco maiores do que as serpentes normais, mas me causavam arrepios só de olhar. Imagine uma cobra com asas de uma águia. Agora imagine ela silvando pelo ar, exalando longos jatos de fogo como um lança-chamas. Meia dúzia desses monstros circulava em formação de ataque, saindo e voltando para a formação e cuspindo fogo. Foi um milagre nenhum dos magos ter sido incendiado.

Enquanto o grupo se aproximava, Desjardins lutava para ficar em pé. Os magos e os demônios ajoelharam-se diante dele. Uma das serpentes aladas voou na frente do Sacerdote-leitor Chefe e Desjardins a agarrou no ar com uma velocidade surpreendente. A cobra se contorceu em seu punho, mas não tentou atacar.

“Uma *uraeus*?” Desjardins perguntou. “Isso é perigoso, Vladimir. Estas são criaturas de Rá.”

Menshikov inclinou sua cabeça. “No passado elas já serviram o templo de Amon-Rá, Sacerdote-leitor Chefe, mas não se preocupe. Por causa da minha ascendência, eu posso controlá-las. Eu pensei que fosse apropriado, usar as criaturas do deus do sol para destruir aqueles que o acordariam.”

Desjardins liberou a serpente, que jorrou fogo e fugiu.

“E os demônios?” Desjardins perguntou. “Desde quando usamos criaturas do Caos?”

“Eles estão bem controlados, meu senhor.” A voz de Menshikov soou tensa, como se ele estivesse ficando cansado de agradar seu chefe. “Esses magos conhecem os encantos apropriados de restrição. Escolhi-os a dedo dos Nomos ao redor do mundo. Eles têm grandes habilidades.”

O Sacerdote-leitor Chefe focou em um homem asiático com vestes azuis. “Kwai, não é?”

O homem acenou com a cabeça.

“Pelo que me lembro,” Desjardins disse, “você foi exilado para o Trecentésimo Nomo na Coréia do Norte por assassinar um companheiro mago. E você, Sarah Jacobi” — ele apontou para uma mulher com vestes brancas e cabelos pretos repicados — “você foi enviada para a Antártida por causar o tsunami no Oceano Índico.”

Menshikov pigarreou. “Meu senhor, muitos desses magos tiveram problemas no passado, mas—”

“Eles são assassinos e ladrões cruéis,” disse Desjardins. “O que há de pior na nossa casa.”

“Mas eles estão ansiosos para provar suas lealdades,” Menshikov assegurou. “Eles estão felizes por fazer isto!”

Ele sorriu para seus lacaios, como se os incentivassem a parecerem felizes. Nenhum deles o acompanhou.

“Além disso, meu senhor,” continuou Menshikov rapidamente, “se você quiser a Casa do Brooklyn destruída, devemos ser implacáveis. É para o bem do Ma'at.”

Desjardins franziu o cenho. “E você, Vladimir? Você vai liderá-los?”

“Não, meu senhor. Tenho plena confiança de que este, ah, ótimo grupo pode lidar com Brooklyn por conta própria. Eles vão atacar ao entardecer. Quanto a mim, vou seguir os Kanes no Duat e lidar com eles pessoalmente. Você, meu senhor, deveria ficar aqui e descansar. Vou enviar um vidente para seus aposentos para que você possa observar o nosso progresso.”

“Ficar aqui,” Desjardins repetiu amargamente. “E observar.”

Menshikov se curvou. “Nós vamos salvar a Casa da Vida. Eu juro. Os Kanes serão destruídos, os deuses serão colocados de volta ao exílio. O Ma'at será restaurado.”

Eu tinha esperanças que Desjardins recobrasse o juízo e cancelasse o ataque. Em vez disso, seus ombros caíram.

Ele virou as costas para Menshikov e olhou para o trono vazio do faraó.

“Vá,” disse ele, cansado. “Tire essas criaturas fora da minha vista.”

Menshikov sorriu. “Meu senhor.”

Virou-se e marcharam pelo Hall das Eras, com seu exército pessoal a reboque.

Depois que eles foram embora, Desjardins levantou a mão. Uma esfera de luz flutuou do teto e repousou em sua palma.

“Traga-me o Livro de Superação de Apófis”, Desjardins disse à luz. “Eu devo consultá-lo.”

A esfera mágica se dobrou como se curvando, então partiu.

Desjardins virou em direção à cortina púrpura de luz — a imagem de duas figuras brigando por um trono de fogo.

“Vou ‘observar’, Vladimir,” ele murmurou para si mesmo. “Mas não vou ‘ficar e descansar’”.

A cena se desvaneceu e meu *ba* voltou para o meu corpo.

C A R T E R

18. Apostando na Véspera do Juízo Final

PELA SEGUNDA VEZ NESSA SEMANA, eu acordei num sofá em um quarto de hotel sem ter a mínima idéia de como eu havia chegado lá.

O quarto não estava nem perto de ser tão agradável como o Four Seasons Alexandria. As paredes estavam com o gesso quebrado. Vigas expostas cediam ao longo do teto. Um ventilador portátil zumbia na mesa de café, mas o ar era tão quente como uma fornalha. A luz da tarde passava através das janelas abertas. Lá de baixo vinham os sons de carros buzinando e comerciantes oferecendo suas mercadorias em árabe. A brisa cheirava a exaustor, estrume de animal e applesisha — fumo com cheiro de melaço frutado usado no cachimbo d'água. Em outras palavras, eu sabia que devíamos estar no Cairo.

Na janela, Sadie, Bes, Walt e Zia estavam sentados ao redor de uma mesa, jogando um jogo de tabuleiro como velhos amigos. A cena era tão bizarra que pensei que eu ainda devia estar sonhando.

Então Sadie percebeu que estava acordado. "Bem, bem. Da próxima vez que você fizer uma viagem prolongada de *ba*, Carter, deixe-nos saber com antecedência. Não é divertido te carregar por três lances de escadas."

Eu esfreguei minha cabeça latejante. "Quanto tempo estive fora?"

"Mais tempo do que eu," afirmou Zia.

Ela parecia incrível — calma e descansada. Seu cabelo recém lavado estava ajeitado por trás de suas orelhas, e ela usava um vestido branco novo sem mangas que fazia sua pele bronzeada brilhar.

Acho que eu a estava encarando demais, porque ela desviou o olhar. Seu pescoço ficou vermelho.

"São três da tarde," disse ela. "Eu estou acordada desde as dez da manhã."

"Você parece—"

"Melhor?" Ela levantou as sobrancelhas, como se estivesse me desafiando a negá-lo. "Você perdeu toda a agitação. Eu tentei lutar. Eu tentei escapar. Este é o nosso terceiro quarto de hotel."

"O primeiro pegou fogo," disse Bes.

"O segundo explodiu," disse Walt.

“Eu já pedi desculpas.” Zia fechou a cara. “De qualquer forma, sua irmã finalmente me acalmou.”

“O que levou várias horas,” disse Sadie, “e toda minha habilidade diplomática.”

“Você tem uma habilidade diplomática?” eu perguntei.

Sadie revirou os olhos. “Como se você fosse notar, Carter!”

“Sua irmã é muito inteligente,” afirmou Zia. “Ela me convenceu a aguardar meu julgamento para seus planos até que você acordasse e nós pudéssemos conversar. Ela é bastante persuasiva.”

“Obrigada,” disse Sadie presunçosamente.

Olhei para ambas e um sentimento de terror despertou. “Vocês estão se dando bem? Vocês não podem se dar bem! Você e Sadie não se suportam.”

“Isto era com o shabti, Carter,” Zia disse, embora o pescoço dela ainda estivesse vermelho brilhante. “Eu acho Sadie... admirável.”

“Você vê?” Sadie disse. “Eu sou admirável!”

“Isto é um pesadelo.” Sentei-me e os cobertores caíram. Olhei para baixo e vi que estava usando um pijama do Pokémon.

“Sadie,” eu disse: “Eu vou te matar.”

Ela piscou os olhos inocentemente. “Mas o vendedor de rua nos deu um bom desconto nele. Walt disse que lhe caberiam.”

Walt levantou as mãos. “Não me culpe, cara. Eu tentei te defender.”

Bes bufou e depois fez uma imitação muito boa da voz de Walt: “‘Pelo menos pegue os extragrandes com o Pikachu’. Carter, as suas coisas estão no banheiro. Agora, nós estamos jogando senet[19] ou não?”

Eu fui aos tropeços para o banheiro e fiquei aliviado de encontrar um conjunto de roupas normais esperando por mim — cuecas limpas, jeans e uma camiseta que não tinha o desenho do Pikachu. O chuveiro fez o barulho de um elefante morrendo quando tentei ligá-lo, mas eu consegui um pouco de água com cheiro de ferrugem na pia e me lavei o melhor que pude.

Quando eu saí de novo, eu não me sentia exatamente como novo em folha, mas pelo menos eu não cheirava a peixe morto e carne de bode.

Meus quatro companheiros ainda estavam jogando senet. Eu tinha ouvido falar do jogo — supostamente um dos mais antigos do mundo, mas eu nunca o vi jogarem. O tabuleiro era um retângulo com quadrados azuis e brancos, três fileiras de dez espaços cada. As peças do jogo eram círculos azuis e brancos. Em vez de dados, você atirava quatro varetas de marfim, como palitos de sorvete, vazias de um lado e marcadas com hieróglifos no outro.

“Eu pensei que as regras do jogo tinham se perdido,” disse eu.

[19] Senet: Um dos mais antigos jogos de tabuleiros conhecidos e remonta ao Antigo Egito.

Bes levantou uma sobrancelha. “Talvez para vocês mortais. Os deuses nunca esqueceram.”

“É muito fácil,” disse Sadie. “Você faz um S em torno do tabuleiro. A primeira equipe que conseguir colocar todas as suas peças no final ganha.”

“Ha!” Bes disse. “Há muito mais do que isso. Levam-se anos para dominar.”

“É mesmo, deus anão?” Zia jogou as quatro varetas, e todas caíram com o lado marcado para cima. “Domine isso!”

Sadie e Zia deram um “toca aqui” uma na outra. Aparentemente, elas eram uma equipe. Sadie movimentou uma peça azul e bateu uma peça branca de volta ao começo.

“Walt,” Bes resmungou, “Eu te disse para não movimentar essa peça!”

“Não é minha culpa!”

Sadie sorriu para mim. “São meninas versus meninos. Estamos jogando pelos óculos de sol de Vlad Menshikov.”

Ela ergueu a armação branca quebrada que Set lhe dera em São Petersburgo.

“O mundo está prestes a acabar,” eu disse, “e vocês estão apostando óculos de sol?”

“Ei, cara,” disse Walt. “Nós somos totalmente versáteis. Nós conversamos em torno de seis horas, mas nós tivemos que esperar você acordar para tomar qualquer decisão, certo?”

“Além disso,” disse Sadie, “Bes nos garantiu que não se pode jogar senet sem se apostar. Isso abalaria as estruturas do Ma'at.”

“É verdade.” disse o anão. “Walt jogue, já.”

Walt jogou as varetas e três saíram em branco.

Bes amaldiçoou. “Precisamos de dois para sair da Casa de Re-Atoum, garoto. Eu não te expliquei isso?”

“Desculpe!”

Eu não tinha certeza do que fazer, então eu puxei uma cadeira.

A vista da janela era melhor do que eu imaginava. A cerca de um quilômetro de distância, as Pirâmides de Gizé brilhavam vermelhas na luz da tarde. Nós devíamos estar na periferia sudoeste da cidade — perto de El-Mansoria. Eu passei por esse bairro uma dúzia de vezes com meu pai em nossos caminhos para diversas escavações, mas ainda era confuso ver as pirâmides tão perto.

Eu tinha um milhão de perguntas. Eu precisava contar a meus amigos sobre a visão do meu *ba*. Mas antes que eu tomasse coragem, Sadie lançou em uma longa explicação do que eles fizeram enquanto eu estava inconsciente.

Ela se concentrou principalmente em como eu parecia engraçado quando eu dormia, e como eu choraminguei várias vezes quando eles me tiraram dos dois primeiros quartos de hotel

em chamas. Ela descreveu o excelente pão sírio recém assado, falafel[20] e carne temperada que tinham comido no almoço ("Oh, desculpe, nós não guardamos nada para você") e as grandes barganhas que conseguiram ao fazer compras no souk, o mercado local ao ar livre.

"Vocês foram fazer compras?" eu disse.

"Bem, é claro", disse ela. "Nós não podemos fazer nada até o pôr do sol de qualquer maneira. Foi o que Bes disse."

"O que você quer dizer?"

Bes jogou as varetas e moveu uma de suas peças para uma das bordas. "O equinócio, garoto. Estamos perto o suficiente agora — todos os portais do mundo fecharão, exceto em duas ocasiões: o pôr e o nascer do sol, quando dia e noite estão perfeitamente equilibrados."

"De qualquer forma," Sadie disse, "se quisermos encontrar Rá, vamos ter que fazer sua jornada, o que significa entrar no Duat ao pôr do sol e voltar ao nascer do sol."

"Como você sabe disso?" Eu perguntei.

Ela puxou um pergaminho de sua sacola — um cilindro de papiro muito mais espesso do que aqueles que eu havia reunido.

As bordas brilhavam como fogo.

"O Livro de Rá," disse ela. "Eu o juntei. Você pode me agradecer agora."

Minha cabeça começou a girar. Lembrei-me do que Hórus havia dito em minha visão sobre o pergaminho queimando o rosto de Menshikov. "Você quer dizer que você o leu sem... sem nenhum problema?"

Ela deu de ombros. "Apenas a introdução: avisos, instruções, esse tipo de coisa. Eu não vou ler o verdadeiro feitiço até encontrarmos Rá, mas eu sei para onde vamos".

"Se decidirmos ir," eu disse.

Aquilo chamou a atenção de todos.

"Se?" Zia perguntou. Ela estava tão perto que era doloroso, mas eu pude sentir a distância que ela estava colocando entre nós: se inclinando para longe de mim, de ombros tensos, advertindo-me a respeitar o seu espaço. "Sadie me disse que você estava bastante determinado."

"Eu estava," disse eu, "até que eu saber o que Menshikov está planejando."

Eu disse a eles o que tinha visto — sobre a força de ataque de Menshikov se dirigindo para o Brooklyn ao pôr do sol, e seus planos de nos seguir pessoalmente através do Duat. Eu expliquei o que Hórus disse sobre os perigos de acordar Rá, e como eu poderia usar o cajado e o mangual em vez de lutar contra Apófis.

"Mas esses são os símbolos sagrados de Rá," afirmou Zia.

[20] Falafel: Comida popular no Oriente Médio. Consiste em bolinhos de grão-de-bico fritos, consumidos em pão sírio com homus (pasta de grão de bico), tahine (pasta de gergelim) e salada.

“Eles pertencem a qualquer faraó forte o suficiente para manejá-los,” disse eu. “Se nós não ajudarmos Amós no Brooklyn—”

“Seu tio e todos os seus amigos serão destruídos,” disse Bes. “Pelo que você descreveu, Menshikov reuniu um pequeno e desagradável exército. *Uraei* — as serpentes com chamas — eles são notícias muito ruins. Mesmo se Bastet voltar a tempo de ajudar—”

“Precisamos avisar Amós,” disse Walt. “Pelo menos alertá-lo.”

“Você tem uma bacia de vidência,” eu perguntei.

“Melhor.” Retirou um telefone celular. “O que eu digo a ele? Vamos voltar?”

Hesitei. Como eu poderia deixar Amós e meus amigos sozinhos contra um exército do mal? Parte de mim estava se coçando para pegar as armas do faraó e esmagar nossos inimigos. A voz de Hórus ainda estava dentro de mim, incitando-me para que eu me encarregasse disso.

“Carter, você não pode ir para o Brooklyn.” Zia encontrou meus olhos e eu percebi que o medo e o pânico não a tinham abandonado. Ela estava controlando aqueles sentimentos, mas eles ainda estavam borbulhando sob a superfície. “O que eu vi nas Areias Vermelhas... aquilo me perturbou muito.”

Eu me senti como se ela tivesse acabado de pisotear o meu coração. "Olha, eu sinto muito sobre essa coisa de avatar, cajado e mangual. Eu não queria te apavorar, mas—”

“Carter, você não me perturbou. Vlad Menshikov o fez.”

“Ah... Certo.”

Ela tomou um fôlego incerto. “Eu nunca confiei naquele homem. Quando me formei no treino de iniciante, Menshikov solicitou que eu fosse atribuída ao seu *Nomo*. Felizmente, Iskandar recusou.”

“Então... por que eu não posso ir para o Brooklyn?”

Zia examinou o tabuleiro de senet como se fosse um mapa de guerra. “Eu acredito que você está dizendo a verdade. Menshikov é um traidor. O que você descreveu da sua visão... Eu acho que Desjardins está sendo afetado por magia maligna. Não é o enfraquecimento do Ma'at que está drenando a sua força vital”.

“É Menshikov,” Sadie adivinhou.

“Eu acredito que sim...” A voz de Zia ficou rouca. “E eu acredito que o meu mentor, Iskandar, estava tentando me proteger quando ele me colocou naquele túmulo. Não foi um erro ele ter me deixado ouvir a voz de Apófis nos meus sonhos. Era uma espécie de aviso — uma última lição. Ele escondeu o cajado e o mangual comigo por uma razão. Talvez ele soubesse que você me encontraria. De qualquer forma, Menshikov deve ser detido.”

“Mas você acabou de dizer que eu não poderia ir para o Brooklyn,” eu protestei.

“Eu quis dizer que você não pode abandonar sua missão. Acho que Iskandar previu esse caminho. Ele acreditava que os deuses devem se unir à Casa da Vida e eu confio no julgamento dele. Você tem que acordar Rá.”

Ao ouvir Zia dizer isto, senti pela primeira vez como se a nossa missão fosse real. E crucial. E muito, muito louca.

Mas eu também senti uma pequena centelha de esperança. Talvez ela não me odiasse completamente.

Sadie pegou as varetas de senet. “Bem, está acertado, então. Ao pôr do sol, nós vamos abrir um portal no topo da Grande Pirâmide. Seguiremos o velho curso do barco sol descendo o Rio da Noite, encontraremos Rá, o acordaremos, e o traremos novamente ao amanhecer. E, possivelmente, encontrar um lugar para jantar ao longo do caminho, porque eu estou com fome de novo”.

“Vai ser perigoso,” disse Bes. “Imprudente. Provavelmente fatal.”

“Logo, um dia comum para nós,” eu resumi.

Walt franziu a testa, ainda segurando o telefone. “Então o que devo dizer à Amós? Ele está por conta própria?”

“Não é bem assim,” afirmou Zia. “Eu vou para o Brooklyn.”

Eu quase engasguei. “Você?”

Zia me deu um olhar de esguelha. “Eu sou boa em magia, Carter”.

“Não é isso que eu quis dizer. É só—”

“Quero falar com Amós eu mesma,” disse ela. “Quando a Casa da Vida aparecer, talvez eu possa intervir, ganhar tempo. Eu tenho alguma influência com outros magos... pelo menos eu tinha quando Iskandar estava vivo. Alguns deles podem escutar a voz da razão, sobretudo se Menshikov não estiver lá instigando-os”.

Pensei na multidão enfurecida que eu tinha visto em minha visão. *Razoável*, não foi a primeira palavra que me veio à mente.

Aparentemente Walt estava pensando a mesma coisa.

“Se você se transportar ao pôr do sol,” disse ele, “você vai chegar ao mesmo tempo que os atacantes. Será o caos, sem muito tempo para conversas. E se você tiver que lutar?”

“Esperemos,” afirmou Zia, “que não chegue a esse ponto.”

Não foi uma resposta muito reconfortante, mas Walt assentiu. “Eu vou com você.”

Sadie deixou cair suas varetas de senet no chão. “O quê? Walt, não! Na sua condição—”

Ela bateu com a mão na boca, muito tarde.

“Que condição?” Eu perguntei.

Se Walt tivesse um feitiço Olho do Mal, acho que ele teria usado na minha irmã naquele momento.

“A história da minha família,” disse ele. “Algo que eu contei a Sadie... em segredo.”

Ele não parecia estar feliz com isso, mas ele explicou a maldição sobre sua família, a linhagem de Akhenaton e o que isto significava para ele.

Fiquei lá sentado, atordoado. O comportamento secreto de Walt, suas conversas com Jaz, seu mau humor — tudo isso fazia sentido agora. Meus próprios problemas de repente pareciam muito menos importantes.

“Oh, cara,” eu murmurei. “Walt—”

“Olha, Carter, seja lá o que você vá dizer, eu aprecio o sentimento. Mas eu estou cansado de comiseração. Eu tenho vivido com esta doença por anos. Eu não quero que as pessoas tenham pena de mim ou me tratem como se pensassem que sou especial. Eu quero ajudar vocês, pessoal. Vou levar Zia de volta ao Brooklyn. Assim, Amós vai saber que ela vem em paz. Vamos tentar parar o ataque, segurá-los até o amanhecer para que você possa voltar com Rá. Além disso...” Ele encolheu os ombros. “Se você falhar e não pararmos Apófis, todos nós vamos morrer amanhã de qualquer maneira”.

“Isto é que é olhar pelo lado positivo,” eu disse. Então algo me ocorreu: um pensamento tão chocante que era como uma pequena reação nuclear em minha cabeça. “Espere. Menshikov disse que ele era descendente dos sacerdotes de Amon-Rá.”

Bes bufou com desprezo. “Odiava aqueles caras. Eles eram tão cheios de si. Mas o que isso tem a ver com qualquer coisa?”

“Não foram os mesmos sacerdotes que lutaram contra Akhenaton e amaldiçoaram os antepassados de Walt?” Eu perguntei.

“E se Menshikov tiver o segredo da maldição? E se ele puder curar—”

“Pare.” A raiva na voz de Walt me pegou de surpresa. Suas mãos tremiam. “Carter, eu já aceitei o meu destino. Eu não vou criar esperanças por nada. Menshikov é o inimigo.

Mesmo que ele pudesse ajudar, ele não iria. Se o seu caminho se cruzar com o dele, não tente fazer qualquer acordo. Não tente argumentar com ele. Faça o que você precisa fazer. Acabe com ele.”

Olhei para Sadie. Seus olhos estavam brilhando como se eu finalmente tivesse feito algo certo.

“Ok, Walt,” eu disse. “Eu não vou falar sobre isso novamente.”

Mas Sadie e eu tivemos uma conversa muito diferente em silêncio. Pela primeira vez, estávamos de total acordo. Nós íamos visitar o Duat. E enquanto estivéssemos lá, nós viraríamos a mesa sobre Vlad Menshikov. Nós o encontraríamos, acabaríamos com ele e o forçaríamos a nos dizer como curar Walt. De repente, eu me senti muito melhor a respeito dessa missão.

“Então partiremos ao pôr do sol,” afirmou Zia. “Walt e eu para o Brooklyn. Você e Sadie para o Duat. Está resolvido.”

“Exceto por uma coisa.” Bes olhou para as varetas de senet que Sadie havia deixado cair no chão. “Você não tirou isto. É impossível!”

Sadie olhou para baixo. Um sorriso se espalhou pelo seu rosto. Ela acidentalmente tirou um três, exatamente o que ela precisava para vencer.

Ela movimentou sua última peça para o fim do tabuleiro, em seguida pegou os óculos brancos de Menshikov e os experimentou. Eles pareciam assustadores nela. Não pude deixar de pensar na voz arruinada de Menshikov e nos seus olhos cicatrizados, e no que poderia acontecer com a minha irmã se ela tentasse ler o Livro de Rá.

“Impossível é a minha especialidade,” disse ela. “Vamos, irmão querido. Vamos nos preparar para a Grande Pirâmide.”

Se você alguma vez visitar as pirâmides, aqui vai uma dica: o melhor lugar para vê-las é de longe, como o horizonte. Quanto mais perto você chegar, mais decepcionado você vai ficar.

Isso pode soar duro, mas em primeiro lugar, de perto as pirâmides vão parecer menores do que você pensava. Todos que as vêem dizem isso. Claro, elas foram as estruturas mais altas na terra por milhares de anos, mas em comparação com edifícios modernos, elas não parecem tão impressionantes. Elas foram despojadas do revestimento de pedras brancas e do topo de ouro que as tornavam muito legais nos tempos antigos.

Elas ainda são bonitas, especialmente quando reluzem ao pôr do sol, mas você pode apreciá-las melhor de bem longe sem ser pego no cenário turístico.

Essa é a segunda questão: a multidão de turistas e vendedores. Não importa onde você passe as férias: Times Square, Piccadilly Circus, ou no Coliseu romano. É sempre a mesma coisa, com vendedores oferecendo camisetas e bugigangas baratas, e hordas de turistas suados reclamando e se amontoando tentando tirar fotos. As pirâmides não são diferentes, exceto que a multidão é maior e os vendedores são realmente, realmente insistentes. Eles conhecem um monte de palavras em inglês, mas “não” não é um delas.

Enquanto nos espremíamos entre multidão, os vendedores tentaram nos vender três passeios de camelo, uma dúzia de camisetas, mais amuletos do que Walt estava usando (Preço especial! Boa magia!), e onze dedos genuínos de múmia, os quais eu imaginei provavelmente serem feitos na China.

Eu perguntei a Bes se ele poderia afugentar a multidão, mas ele apenas riu. “Não vale a pena, garoto. Os turistas têm estado por aqui há quase tanto tempo quanto as pirâmides. Vou me certificar de que eles não nos notem. Vamos apenas chegar ao topo.”

Seguranças patrulhavam a base da Grande Pirâmide, mas ninguém tentou nos deter. Talvez Bes nos tornou invisível de algum modo, ou talvez os guardas apenas preferiram nos ignorar pois

estávamos com o deus anão. De qualquer maneira, eu logo descobri porque escalar as pirâmides não era permitido: é difícil e perigoso. A Grande Pirâmide tem por volta de quatrocentos e cinqüenta pés de altura. As laterais de pedra nunca foram feitas para se escalar. Enquanto subíamos, eu quase caí duas vezes. Walt torceu o tornozelo. Alguns dos blocos estavam soltos e se despedaçavam.

Alguns dos "degraus" tinham um metro e meio de altura, e tivemos de nos içar uns aos outros. Finalmente, depois de vinte minutos de trabalho difícil e suado, chegamos ao topo. A nuvem de poeira sobre o Cairo fazia tudo ao leste parecer uma grande mancha difusa, mas a oeste tínhamos uma boa visão do sol se pondo no horizonte, tingindo o deserto de carmesim.

Tentei imaginar como era a vista aqui há cerca de cinco mil anos, quando a pirâmide era recém construída. Teria o faraó Khufu subido até aqui no topo de sua própria tumba e admirado o seu império? Provavelmente não. Ele provavelmente era muito inteligente para fazer essa escalada.

"Certo.". Sadie atirou sua bolsa no bloco de pedra calcária mais próximo. "Bes, fique de olho. Walt, ajude-me com o portal, certo?"

Zia tocou no meu braço, o que me fez pular.

"Podemos conversar?" ela perguntou.

Ela desceu um pouco na pirâmide. Meu pulso estava acelerado, mas consegui acompanhar sem dar nenhum tropeção e parecer um idiota.

Zia olhou para o deserto. Seu rosto ficou corado com luz do pôr do sol. "Carter, não me entenda mal. Eu aprecio que você tenha me acordado. Eu sei que seu coração estava no lugar certo."

Meu coração não se sentia no lugar certo. Ele se sentia como se estivesse preso no meu esôfago. "Mas..." eu perguntei.

Ela se abraçou. "Eu preciso de tempo. Isto é muito estranho para mim. Talvez nós possamos ser... mais próximos algum dia, mas por ora—"

"Você precisa de tempo," eu disse, minha voz entrecortada. "Supondo que todos nós não morramos esta noite."

Seus olhos estavam com um brilho dourado. Eu me perguntei se essa era a última cor que um inseto via quando ficava preso no âmbar — e se o inseto pensava, *Uau, isso é lindo*, um pouco antes de ser paralisado para sempre.

"Eu vou fazer o meu melhor para proteger a sua casa," disse ela. "Prometa-me, se você tiver que fazer uma escolha, que você ouvirá seu próprio coração e não a vontade dos deuses."

"Eu prometo," disse eu, embora eu duvidasse de mim mesmo. Eu ainda ouvia Hórus na minha cabeça, incitando-me a reivindicar as armas do faraó. Eu queria dizer mais, dizer-lhe como eu me sentia, mas tudo que consegui proferir foi "Hum... Sim."

Zia conseguiu dar um sorriso seco. “Sadie estava certa. Você é... como foi que ela disse? Amavelmente grosseiro.”

“Maravilha. Obrigado.”

Uma luz brilhou sobre nós, e um portal se abriu na ponta da pirâmide. Diferentemente da maioria dos portais, este não era um turbilhão de areia. Ele brilhava com a luz púrpura — um portal diretamente para o Duat.

Sadie se virou para mim. “Esse é para nós. Você vem?”

“Tenha cuidado,” disse Zia.

“Sim,” eu disse. “Eu não sou muito bom nisso, mas — sim.”

Enquanto eu marchava para o topo, Sadie puxou Walt para perto e sussurrou algo em seu ouvido.

Ele concordou severamente. “Eu vou.”

Antes que eu pudesse perguntar do que se tratava, Sadie olhou para Bes. “Pronto?”

“Eu seguirei vocês,” prometeu Bes. “Assim que eu passar Walt e Zia através do portal deles. Vou encontrá-los no Rio da Noite, na Quarta Casa.”

“Quarta o quê?” eu perguntei.

“Você verá,” ele prometeu. “Agora, vão!”

Dei mais uma olhada em Zia, perguntando-me se esta poderia ser a última vez que eu a veria. Então, Sadie e eu pulamos para o agitado portal roxo.

O Duat é um lugar estranho.

[Sadie acabou de me chamar de Capitão Óbvio — mas, hey, vale a pena dizer.]

As correntes do mundo dos espíritos interagem com seus pensamentos, puxando você para cá e para lá, moldando o que você vê para se ajustar ao que você conhece. Assim, ainda que tivéssemos pisado em um outro nível de realidade, parecia o cais do rio Tâmisa abaixo do apartamento da Vovó e do Vovô.

“Isto é grosseiro,” disse Sadie.

Eu entendia o que ela queria dizer. Era difícil para ela estar de volta à Londres depois de sua desastrosa viagem de aniversário. Além disso, no último Natal, nós iniciamos nossa primeira viagem para o Brooklyn daqui. Nós descemos os degraus para as docas com Amós e embarcamos no seu barco mágico. Na época, eu estava sofrendo com a perda do meu pai, em estado de choque que Vovó e Vovô nos dariam para um tio que eu nem me lembrava, e aterrorizado de navegar para o desconhecido. Agora, todos aqueles sentimentos brotavam dentro de mim, tão fortes e dolorosos como sempre.

O rio estava encoberto com névoa. Não havia as luzes da cidade, apenas um brilho estranho no céu. A linha do horizonte de Londres parecia fluida — edifícios se deslocando, subindo e derretendo como se eles não pudessem encontrar um lugar confortável para se estabelecer.

Abaixo de nós, a névoa se afastou das docas.

“Sadie,” eu disse: “Olhe.”

Na parte inferior da escada, um barco estava atracado, mas não era o de Amós. Era a barca do deus sol, exatamente como eu tinha visto na minha visão — outrora um navio régio com uma cabine e lugar para vinte remadores — mas agora mal conseguia se manter à tona. A vela estava em frangalhos, os remos quebrados, o cordame coberto com teias de aranha.

No meio dos degraus, bloqueando nosso caminho, estavam Vovó e Vovô.

“Eles de novo,” Sadie resmungou. “Vamos.”

Ela marchou direto para os degraus até ficarmos cara a cara com as imagens brilhantes de nossos avós.

“Caíam fora,” disse-lhes Sadie.

“Minha querida.” Os olhos da Vovó brilhavam. “Esses são modos de se dirigir à sua avó?”

“Oh, me perdoe,” disse Sadie. “Esta deve ser a parte onde eu digo ‘Meu Deus, que dentes grandes você tem.’ Você não é minha avó, Nekhbet! Agora, saia do nosso caminho!”

A imagem da Vovó brilhou. Seu roupão florido se transformou em um manto de penas pretas oleosas. Seu rosto murchou transformando-se em uma máscara flácida e enrugada, e a maioria de seus cabelos caíram, o que a colocou em um 9,5 na escala de Feiúra, bem no topo ao lado de Bes.

“Mostre-me mais respeito, amor,” a deusa cantarolou. “Estamos aqui apenas para lhe dar um aviso amigável. Você está prestes a passar do Ponto Sem Retorno. Se você pisar no barco, não haverá como voltar atrás — sem paradas até você ter passado por todas as Doze Casas da Noite, ou até você morrer.”

Vovô latiu, “Aghh!”

Ele coçou a axila, o que poderia significar que ele estava possuído pelo deus babuíno Babi — ou não, já que esse comportamento não era tão estranho para o Vovô.

“Ouça a Babi,” Nekhbet insistiu. “Vocês não têm idéia do que espera por vocês no rio. Você mal pôde manter os dois de nós afastados em Londres, menina. Os exércitos do Caos são muito piores!”

“Ela não está sozinha desta vez.” Dei um passo em frente com o cajado e o mangual. “Agora, sumam.”

Vovô rosnou e se afastou.

Os olhos de Nekhbet se estreitaram. “Você poderia empunhar as armas do faraó?” Seu tom tinha uma pitada de relutante admiração. “Uma jogada ousada, criança, mas isso não vai te salvar.”

“Você não entendeu,” eu disse. “Também estamos te salvando. Estamos salvando a todos nós de Apófis. Quando nós voltarmos com Rá, você vai ajudar. Você vai seguir nossas ordens e você vai convencer os outros deuses a fazer o mesmo.”

“Ridículo,” Nekhbet silvou.

Eu levantei o cajado, e poder fluía por mim — o poder de um rei. O cajado era o instrumento de um pastor. Um rei conduz o seu povo como um pastor conduz seu rebanho. Eu impus minha vontade, e os dois deuses caíram de joelhos.

As imagens de Nekhbet e de Vovô evaporaram-se, revelando as formas verdadeiras dos deuses. Nekhbet era uma abutre enorme com uma coroa dourada na cabeça e um elaborado colar de jóias em torno de seu pescoço. Suas asas ainda eram negras e oleosas, mas elas brilhavam como se tivessem sido envoltas de ouro em pó. Babi era um babuíno cinza gigante com olhos de fogo vermelhos, caninos em forma de cimitarra, e braços tão grossos como troncos de árvores.

Ambos me encararam com puro ódio. Eu sabia que se vacilasse por um único instante, se eu deixasse o poder do cajado esmorecer, eles iriam me fazer em pedaços.

“Jurem lealdade,” ordenei. “Quando voltamos com Rá, vocês o obedecerão.”

“Você nunca terá sucesso,” disse Nekhbet.

“Então não fará nenhum mal jurar a sua lealdade,” disse eu. “Jure!”

Eu brandi o mangual no ar, e os deuses se encolheram.

“Agh,” Babi murmurou.

“Nós juramos,” disse Nekhbet. “Mas é uma promessa vazia. Você vai navegar para sua morte.”

Eu cortei o ar com o meu cajado, e os deuses desapareceram na névoa.

Sadie tomou um longo fôlego. “Muito bem. Você soou confiante.”

“Uma completa atuação.”

“Eu sei,” disse ela. “Agora a parte difícil: encontrar Rá e o acordar. E ter um bom jantar pelo caminho, de preferência sem morrer.”

Olhei para o barco. Thoth, o deus do conhecimento, uma vez nos disse que sempre teríamos o poder de invocar um barco quando precisássemos de um porque nós éramos o sangue dos faraós. Mas eu nunca pensei que seria este barco, e em estado tão ruim. Duas crianças em uma barcaça quebrada com vazamentos, sozinhas contra as forças do Caos.

“Todos a bordo,” disse Sadie.

S A D I E

19. A Vingança de Bullwinkle, o Deus Alce

Devo mencionar que Carter estava usando uma saia.

[Ha! Você não está segurando o microfone. É a minha vez.]

Ele se esqueceu de dizer isso, mas assim que entramos no Duat, a nossa aparência mudou, e nós nos vimos usando antigos trajes egípcios.

Eles pareciam muito bons em mim. Meu vestido de seda branco brilhava. Meus braços estavam enfeitados com anéis e pulseiras de ouro. É verdade, o colar de jóias era um pouco pesado, como um daqueles aventais de chumbo que você pode usar para fazer uma radiografia no dentista, e meu cabelo estava entrançado com spray de cabelo suficiente para petrificar um deus principal. Mas por outro lado eu tenho certeza que eu parecia bastante atraente.

Carter, por outro lado, estava vestido com uma saia masculina, uma simples capa de linho, com seu cajado e mangual pendurados em uma espécie de cinto de utilidades de coisas em volta de sua cintura. O peito dele estava vazio exceto por um colar de ouro no pescoço, como o meu. Seus olhos estavam delineados com Kohl, e ele não usava sapatos.

Para os antigos egípcios, tenho certeza que ele teria parecido nobre e guerreiro, um belo exemplar da masculinidade. [Você viu? Eu consegui dizer isso sem rir.] E Acho que Carter não estava o pior — parecia um cara sem camisa, mas isso não significa que eu queria uma aventura pelo submundo, com um irmão que estava vestindo nada além de jóias e uma toalha de praia.

À medida que subiu no barco do deus sol, Carter ganhou imediatamente uma lasca em seu pé.

“Por que você está descalço?” perguntei.

“Não foi minha idéia!” Ele estremeceu quando ele arrancou um pedaço do tamanho de um palito de dente entre seus dedos. “Acho que é porque antigos guerreiros lutavam descalços. Sandálias ficavam muito escorregadias de suor e sangue, e tudo mais.”

“E a saia?”

“Vamos embora, tudo bem?”

Isso provou ser mais fácil falar do que fazer.

O barco se afastava do cais, em seguida, ficou preso em um remanso de alguns metros rio abaixo. Nós começamos a girar em círculos.

“Uma pequena pergunta,” Eu disse. “Você sabe alguma coisa sobre barcos?”

“Nada,” admitiu Carter.

Nossas velas rasgadas eram tão úteis quanto um tecido rasgado. Os remos estavam quebrados ou arrastando inutilmente na água, e eles pareciam bastante pesados. Eu não via como dois de nós poderiam enfileirar um barco feito para uma tripulação de vinte mesmo se o rio estivesse calmo. Em nossa última viagem através do Duat, o passeio tinha sido mais parecido com uma montanha russa.

“E quanto àquelas bolas de luz,” eu perguntei. “Gostaria da tripulação que tínhamos no Rainha Egípcia?”

“Você pode chamar alguns?”

“Certo,” eu resmunguei. “Atira as questões difíceis pra mim.”

Olhei ao redor do barco, na esperança de detectar um botão que dizia: pressione aqui para marinheiros brilhantes! Eu não vi nada tão útil. Eu sabia que o barco do deus Sol uma vez teve uma tripulação de luzes. Eu os tinha visto na minha visão. Mas como chamá-los?

O pavilhão da barraca estava vazio. O trono de fogo havia desaparecido. O barco estava em silêncio, exceto pela água borbulhando através das rachaduras no casco. O giro do navio estava começando a me fazer mal.

Em seguida, uma sensação horrível se apoderou de mim. Uma dúzia de vozes minúsculas sussurrou na base da minha cabeça: Ísis. Projetista. Envenenadora. Traidora.

Eu percebi que a minha náusea não era apenas da corrente em espiral. O navio inteiro estava enviando pensamentos maliciosos para minha cabeça. As placas debaixo dos meus pés, os trilhos, os remos e equipamento — cada parte do barco do deus Sol odiava a minha presença.

“Carter, o barco não gosta de mim,” eu anunciei.

“Você está dizendo que o barco tem bom gosto?”

“Ha-ha. Quero dizer, ele sente Ísis. Ela envenenou Rá e o forçou ao exílio, depois de tudo. Este barco se lembra.”

“Bem... peça desculpas, ou algo assim.”

“Olá, barco,” eu disse, sentindo-me tola. “Sinto muito sobre o negócio do envenenamento. Mas você viu... eu não sou Ísis. Eu sou Sadie Kane.”

Traidora, as vozes sussurraram.

“Eu posso ver porque você pensa assim,” Eu admiti. "Eu provavelmente tenho este ‘cheiro da magia de Ísis’ em mim, não é? Mas, honestamente, eu mandei Ìsis empacotada. Ela não mora mais aqui. Meu irmão e eu vamos trazer Rá de volta.”

O barco estremeceu. A dúzia de pequenas vozes se calou, como se pela primeira vez em suas vidas imortais estivessem verdadeira e devidamente chocadas. (Bem, eles não tinham me conhecido ainda, tinham?)

"Isso seria bom, sim?" arrisquei. "Rá voltar, como nos velhos tempos, rolando no rio, e assim por diante? Estamos aqui para tornar as coisas certas, mas para isso precisamos da viagem através da Casa da Noite. Se vocês pudessem cooperar..."

Uma dúzia de brilhantes orbes brilhou para a vida. Eles me rodearam como um enxame furioso de bolas de fogo, seu calor tão intenso, eu pensei que eles iriam queimar o meu vestido novo.

"Sadie," avisou Carter. "Eles não parecem felizes."

E ele se pergunta por que eu o chamava do Capitão Óbvio.

Eu tentei manter a calma.

"Comportem-se," eu disse para as luzes severamente. "Isto não é para mim. É para Rá. Se vocês quiserem que o seu faraó volte, vocês homens irão para as suas posições."

Eu pensei que ia ser assada como um frango a Tandoori[21], mas mantive minha posição. Desde que fui cercada, eu realmente não tive escolha. Exerci minha magia e tentei dobrar as luzes à minha vontade — do jeito que eu poderia ter feito para transformar alguém em um rato ou um lagarto.

Vocês vão ser úteis, eu pedi. *Vocês vão fazer os seus trabalhos obedientemente.*

Houve um chiado coletivo dentro da minha cabeça, que ou significava que eu tinha fundido uma junta do cérebro, ou as luzes estavam cedendo.

A tripulação dispersou. Eles assumiram seus postos, transportando cordas, consertando as velas, lotando os remos continuamente, e guiando o leme.

O casco furado gemeu quando o barco virou seu nariz rio abaixo.

Carter exalou. "Bom trabalho. Você está bem?"

Concordei, mas minha cabeça parecia que ainda estava girando em círculos. Eu não tinha certeza se tinha convencido as asferas, ou se estavam simplesmente passando o tempo, esperando pela vingança. De qualquer maneira, eu não estava feliz por ter colocado o nosso destino em suas mãos.

Nós navegamos no escuro. A paisagem de Londres se dissolveu. Meu estômago teve aquela sensação de queda livre familiar à medida que passamos mais fundo no Duat.

"Estamos entrando na segunda casa," eu adivinhei.

Carter agarrou no mastro para se firmar. "Você quer dizer que nas Casas da Noite, como mencionou Bes? Quais são elas, afinal?"

Senti-me estranha explicando mitos egípcios para Carter. Eu pensei que ele poderia estar brincando comigo, mas ele parecia genuinamente perplexo.

"Algo que eu li no livro de Rá," eu disse. "Cada hora da noite é uma casa. Temos que passar através dos doze estágios do rio, o que representa 12 horas da noite."

[21] Frango à Tandoori: é um prato altamente popular na Índia e Sul da Ásia que consiste em frango assado, iogurte e especiarias.

Carter olhou para a escuridão à nossa frente. “Então, se estamos na Segunda Casa, você quer dizer que uma hora já passou? Não senti tanto tempo.”

Ele estava certo. Isso não aconteceu. Então, novamente, eu não tinha idéia de como o tempo corria no Duat. Uma Casa da Noite pode não corresponder exatamente à uma hora mortal do mundo acima.

Anúbis uma vez me disse que tinha estado na Terra dos Mortos por cinco mil anos, mas ainda se sentia como um adolescente, como se o tempo não tivesse passado.

Eu estremeci. E se nós saltássemos do outro lado do rio da noite e constatássemos que várias eras haviam passado? Eu tinha acabado de completar treze anos. Eu não estava pronta para ter mil e trezentos anos.

Eu também desejei que eu não estivesse pensado em Anúbis. Toquei o amuleto Shen no meu colar. Depois de tudo o que tinha acontecido com Walt, a idéia de ver Anúbis me fez sentir estranhamente culpada, mas também um pouco animada. Talvez Anúbis nos ajudasse em nossa jornada. Talvez ele levasse-me embora para algum lugar privado para um bate-papo como ele havia feito da última vez que tinha visitado o Duat — um pequeno cemitério romântico, jantar para dois no Café Coffin...

Saia dessa, Sadie, pensei. *Concentre-se*.

Puxei o livro de Rá da minha bolsa e verifiquei novamente as instruções. Eu já tinha lido várias vezes, mas elas eram enigmáticas e confusas — como um livro de matemática. O pergaminho estava repleto de termos como “primeiro do Caos”, “sopro na argila”, “rebanho da noite”, “renascer no fogo”, “os acres do sol”, “o beijo da faca”, “o jogador de luz”, e “o último escaravelho” — a maioria das quais não faziam sentido para mim.

Deduzi que enquanto passávamos através das doze etapas do rio, eu teria que ler as três seções do Livro de Rá em três locais distintos, provavelmente, para reviver os diferentes aspectos do deus do sol, e cada um dos três aspectos iria nos apresentar algum tipo de desafio. Eu sabia que se eu falhasse — se eu sequer tropeçasse em uma palavra enquanto lesse os feitiços — eu acabaria pior do que Vlad Menshikov. A ideia me aterrorizava, mas eu não podia me debruçar sobre a possibilidade de falha. Eu simplesmente tinha a esperança de que quando chegasse a hora, os rabiscos do pergaminho fariam sentido.

A corrente acelerou. Assim fez o vazamento do barco. Carter demonstrou sua habilidade mágica de combate com a convocação de um balde e tirando a água, enquanto eu me concentrava em manter a equipe na linha. Quanto mais fundo nós navegávamos pelo Duat, mais rebeldes as esferas brilhantes ficavam. Eles se irritaram contra a minha vontade, lembrando o quanto eles queriam me queimar.

É irritante flutuar em um rio de magia com vozes sussurrando em sua cabeça: morra traidora, morra. De vez em quando eu tinha a sensação de que estávamos sendo seguidos. Eu

virava e achava que eu podia ver uma mancha esbranquiçada contra o negro, como a pós-imagem de um flash, mas eu decidi que devia ser a minha imaginação. Ainda mais irritante era a escuridão à frente — sem litoral, sem marcos, sem visibilidade alguma. A tripulação poderia ter nos conduzido direto para uma pedra ou boca de um monstro, e nós não havíamos tido absolutamente nenhum aviso. Nós apenas continuamos a navegar pelo escuro vazio.

"Por que é tão... nada?" Murmurei.

Carter esvaziou seu balde. Ele fazia uma imagem estranha — um rapaz vestido como um faraó com o cajado real e mangual, tirando a água de um barco furado.

"Talvez as Casas da Noite sigam padrões do sono humano," sugeriu ele.

"Humano o quê?"

"Os padrões de sono. Mamãe costumava nos contar sobre eles antes de dormir. Lembra-se?"

Eu não. Então, novamente, eu só tinha seis anos quando nossa mãe morreu. Ela tinha sido uma cientista, assim como uma maga e lia as leis de Newton ou a tabela periódica como histórias para dormir. A maior parte dela tinha sumido na minha cabeça, mas eu queria lembrar. Sempre me senti irritada que Carter se lembrasse de minha mãe muito mais que eu.

"O sono tem diferentes etapas," Carter disse. "Assim como, nas primeiras horas, o cérebro está quase em um coma — Um sono muito profundo com quase todos os sonhos. Talvez por isso esta parte do rio seja tão escura e sem forma. Então, mais tarde na noite, o cérebro passa pelo, M.R.O — movimento rápido dos olhos. Que é quando os sonhos acontecem. Os ciclos de obter mais rápidas e mais vivas. Talvez as Casas da Noite sigam um padrão parecido."

Parecia um pouco forçado para mim. Então, novamente, minha mãe sempre nos disse que a ciência e a magia não eram mutuamente exclusivas. Ela os chamou de dois dialetos da mesma língua. Bastet uma vez nos disse que havia milhões de diferentes canais e afluentes do rio do Duat. A geografia pode mudar a cada viagem, respondendo aos pensamentos do viajante. Se o rio foi moldado por todas as mentes adormecidas no mundo, se o seu curso tem mais vivas e loucas à medida que a noite seguia, então fomos para um passeio difícil.

O rio, eventualmente, se estreitou. A costa apareceu em ambos os lados — areia vulcânica preta espumante nas luzes da nossa equipe mágica. O ar voltou mais frio. A parte inferior do barco raspou contra as pedras e bancos de areia, que fez o vazamento piorar. Carter desistiu do balde e puxou a cera de sua bolsa de suprimento. Juntos nós tentamos concertar o vazamento, falando feitiços de ligação para manter o barco em conjunto. Se eu tivesse qualquer goma de mascar, eu teria usado também.

Não transmitimos qualquer indicação — agora entrando na terceira casa, os serviços de saída ao lado — mas nós claramente entramos em uma seção diferente do rio. O Tempo foi fugindo a um ritmo alarmante, e ainda não tínhamos feito nada.

“Talvez o primeiro desafio seja o tédio,” eu disse. “Quando é que algo vai acontecer?”

Eu deveria saber melhor o que dizer que em voz alta. Em frente de nós, uma forma surgia da escuridão. Um pé de sandálias do tamanho de uma cama de água plantou-se na proa do nosso navio e nos parou inoperante na água.

Infelizmente, estava ligado a uma perna, que estava ligada a um corpo. O gigante se inclinou para olhar para nós.

“Você está entediada?” Sua voz trovejou, não de uma forma hostil. “Eu poderia matá-la, se isso ajuda.”

Ele usava uma saia como a de Carter, exceto que a saia do gigante poderia ter fornecido tecido suficiente para fazer dez velas do navio. Seu corpo era humanóide e musculoso, coberto com pêlo de homem — o tipo de cabelo que me faz querer começar uma fundação de caridade de depilação para homens excessivamente peludos. Ele tinha a cabeça de um carneiro: um focinho branco com um anel de latão no nariz e chifres longos e encaracolados com dezenas de sinos de bronze pendurados. Seus olhos estavam bem separados, com luminosas íris vermelhas e fendas verticais para os alunos. Suponho que tudo soa bem assustador, mas o homem carneiro não me parecia diabólico. Na verdade, ele parecia bastante familiar, por algum motivo. Ele parecia mais melancólico do que ameaçador, como se tivesse estado em pé em sua pequena ilha de pedra no meio do rio por tanto tempo, que tinha esquecido por que ele estava lá.

[Carter perguntou quando me tornei um carneiro sussurrante. Cale a boca, Carter.]

Eu honestamente senti pena do homem carneiro. Seus olhos estavam cheios de solidão. Eu não podia acreditar que ele iria nos prejudicar, até que ele tirou da cintura duas facas com lâminas muito grandes curvas como os seus chifres.

“Você está calada,” observou ele. “Isso é um sim para a morte?”

“Não, obrigado!” Eu disse, tentando soar grata pela oferta. “Uma palavra e uma pergunta, por favor. A palavra é pedicure. A pergunta é: Quem é você?”

“Ahhh-ha-ha-ha,” disse ele, berrando como uma ovelha. “Se você soubesse meu nome, não precisaríamos de apresentações, e eu poderia deixar você passar. Infelizmente, ninguém sabe o meu nome. Uma vergonha, também. Vejo que você encontrou o Livro de Rá. Você reviveu sua equipe e conseguiu velejar seu barco para as portas da quarta casa. Ninguém nunca chegou até aqui antes. Lamento muito que tenho de cortar você em pedaços.”

Ele ergueu suas facas, uma em cada mão. Nossas esferas brilhantes enxameavam em um frenesi, sussurrando, *Sim! Fatiá-la! Sim!*

“Só um segundo,” eu chamei o gigante. “Se nós nomearmos você, nós podemos passar?”

“Naturalmente.” Suspirou. “Mas ninguém pode.”

Olhei para Carter. Esta não foi a primeira vez que tínhamos sido interrompidos no rio da Noite e desafiados a nomear um guardião sob pena de morte. Aparentemente, era uma

experiência bastante comum para as almas egípcias e magos passando pelo Duat. Mas eu não podia acreditar que ia ter um teste tão fácil. Eu tinha certeza agora que eu reconheci o homem carneiro. Nós tínhamos visto a sua estátua no Museu de Brooklyn.

“É ele, não é?” Eu perguntei Carter. “O rapaz que se parece com Bullwinkle?”

“Não o chame de Bullwinkle!” Carter assobiou. Ele olhou para o homem carneiro gigante e disse: “Você é Khnum, não é?”

O homem carneiro fez um som surdo no fundo de sua garganta. Ele raspou uma de suas facas contra a amurada do navio. “Isso é uma pergunta? Ou isso é sua resposta final?”

Carter piscou. “Hum...”

“Não é nossa resposta final!” Eu gritei, percebendo que quase tínhamos pisado em uma armadilha. “Nem de perto. Khnum é o seu nome comum, não é? Você quer nos dizer seu nome verdadeiro, seu *ren*.”

Khnum inclinou a cabeça, os sinos em seus chifres tilintando. “Isso seria bom. Mas, infelizmente, ninguém sabe disso. Mesmo eu esqueci isso.”

“Como você pode esquecer seu próprio nome?” Carter perguntou. “E, sim, essa é uma pergunta.”

“Eu sou parte de Rá,” disse o deus carneiro. “Eu sou o seu aspecto no submundo — um terço de sua personalidade. Mas quando Rá parou de fazer sua jornada noturna, ele já não precisava de mim. Ele me deixou aqui às portas da quarta casa, descartado como um casaco velho. Agora eu guardo os portões... Eu não tenho nenhuma outra finalidade. Se eu pudesse recuperar o meu nome, eu poderia render o meu espírito a quem me libertasse. Eles poderiam reunir-me com Rá, mas até então eu não posso deixar este lugar.”

Ele parecia terrivelmente deprimido, como uma ovelha um pouco perdida, ou melhor, uma ovelha de dez metros de altura perdida com facas muito grandes. Eu queria ajudá-lo. Ainda mais do que isso, eu queria encontrar uma maneira para não ficar cortada aos pedaços.

“Se você não se lembra do seu nome,” eu disse, “por que não podemos apenas dizer-lhe qualquer nome antigo? Como você saberia se era a resposta certa ou não?”

Khnum deixou seu rastro de facas na água. “Eu não tinha pensado nisso.”

Carter olhou para mim como se dissesse *Por que você disse a ele?*

O deus carneiro baliu. “Acho que vou reconhecer meu *ren* quando ouvi-lo,” ele decidiu, “embora eu não possa ter certeza. Sendo apenas parte de Rá, eu não tenho certeza de muita coisa. Eu perdi a maioria de minhas memórias, a maioria do meu poder e identidade. Eu não sou mais do que uma casca de meu antigo eu.”

“Seu antigo eu deve ter sido enorme,” eu murmurei.

O deus poderia ter sorrido, embora fosse difícil dizer com a cara de carneiro. “Lamento que você não tenha o meu ren. Você é uma menina brilhante. Você é a primeira a fazê-lo tão

longe. A primeira e melhor." Suspirou tristemente. "Ah, bem. Acho que devemos começar a matança."

A primeira e melhor. Minha mente começou a correr.

"Espere," eu disse. "Eu sei o seu nome."

Carter ganiu. "Você sabe? Diga a ele!"

Pensei em uma linha do livro de Rá — *primeiro do Caos*. Baseei-me nas memórias de Ísis, a única deusa que já tinha conhecido o nome secreto de Rá, e eu comecei a entender a natureza do deus sol.

"Rá foi o primeiro deus a sair do Caos," eu disse.

Khnum franziu o cenho. "Esse é o meu nome?"

"Não, apenas ouça," eu disse. "Você disse que não está completo sem Rá, apenas uma casca de seu antigo eu. Mas isso é verdade para todos os outros deuses egípcios também. Rá é mais velho, mais poderoso. Ele é a fonte original do Ma'at, como—"

"Como a raiz principal dos deuses," Carter se ofereceu.

"Certo," eu disse. "Eu não tenho idéia do que é uma raiz principal, mas — certo."

Todas essas eras, os outros deuses foram enfraquecendo lentamente, perdendo poder, porque Rá está faltando. Eles podem não admitir, mas ele é seu coração. Eles são dependentes dele. Todo esse tempo, fomos perguntando se valeu a pena, trazer Rá de volta. Nós não sabíamos porque era tão importante, mas agora eu entendo.

Carter concordou com a cabeça, lentamente aquecendo com a idéia. "Rá é o centro do Ma'at. Ele tem que voltar, se os deuses estão indo para ganhar."

"E é por isso que Apófis quer trazer Rá de volta," eu adivinhei. "Os dois estão ligados Ma'at e Caos. Se Apófis puder engolir Rá, enquanto o deus-sol está velho e fraco—"

"Todos os deuses morrem," disse Carter. "O mundo se desintegra no caos."

Khnum virou a cabeça para que ele pudesse me estudar com um olho vermelho brilhante. "Isso é tudo bastante interessante," disse ele. "Mas eu não estou ouvindo o meu nome secreto. Para acordar Rá, você deve primeiro nomear-me."

Abri o livro de Rá e respirei fundo. Comecei a ler a primeira parte do feitiço. Agora, você pode estar pensando: *Meu Deus, Sadie. O seu grande teste foi ler algumas palavras fora de um pergaminho? O que é tão difícil sobre isso?*

Se você acha isso, você claramente nunca leu um feitiço. Imagine ler em voz alta no palco na frente de milhares de professores hostis que estão esperando para lhe dar más notas. Imagine que você só pode ler, olhando para trás do reflexo em um espelho. Imagine que todas as palavras se misturam ao redor, e você tem que colocar as sentenças em conjunto na ordem certa que você lê. Imagine se você cometer um erro, um tropeço, uma pronúncia errada, você

vai morrer. Imagine fazer tudo isso de uma vez, e você terá alguma ideia de como é lançar um feitiço de um pergaminho.

Apesar disso, eu me senti estranhamente confiante. O feitiço de repente fez sentido.

“Eu nomeio você Primeiro do Caos,” eu disse. “Khnum, que é Rá, o sol da tarde. Chamo o seu *ba* para despertar o Grande, porque eu sou—”

Meu erro quase fatal em primeiro lugar: o pergaminho disse algo como *insira o seu nome aqui*. E eu quase li em voz alta: “Porque estou inserindo seu nome aqui!”

Bem? Teria sido um erro honesto. Em vez disso, eu consegui dizer: “Eu sou Sadie Kane, restauradora do trono de fogo. Eu nomeio você Sopro em Argila, o Carneiro do Rebanho da Noite, o Divino—”

Eu quase perdi novamente. Eu tinha certeza de que título egípcio disse o Ceramista Divino. Mas isso não fazia sentido, a menos que Khnum tivesse poderes mágicos que eu não queria conhecer. Felizmente, me lembrei de algo do Museu do Brooklyn. Khnum tinha sido descrito como um ceramista esculpindo um humano de argila.

“— O Oleiro Divino,” Eu me corrigi. “Eu nomeio você Khnum, protetor do Quarto portão. Eu devolvo seu nome. Eu retorno a sua essência para Rá.”

Os enormes olhos do deus dilataram. As narinas inflaram. “Sim.” Ele embainhou sua faca. “Muito bem, minha dama. Você pode passar para a Quarta Casa. Mas cuidado com os incêndios, e esteja preparada para a segunda forma de Rá. Ele não vai estar muito grato por sua ajuda.”

“O que você quer dizer?” Eu perguntei.

Mas o corpo do deus carneiro se dissolveu em névoa. O Livro de Rá sugou os tufos de fumaça e rolou fechado. Khnum e sua ilha tinham ido embora. O barco derivava em um túnel estreito.

“Sadie,” disse Carter, “isso foi incrível.”

Normalmente, eu teria ficado feliz de surpreender-lhe com o meu brilho. Mas meu coração estava disparado. Minhas mãos suavam, e eu pensei que eu poderia vomitar. Além disso, eu podia sentir a tripulação de esferas brilhantes saindo do seu choque, começando a lutar comigo de novo.

Nenhum corte, eles se queixaram. *Nenhum corte!*

Pense em nossos próprios negócios, eu pensei de novo. *E mantenha o barco indo.*

“Hum, Sadie?” Carter perguntou. “Por que seu rosto ficou vermelho?”

Pensei que ele estava me acusando de corar. Então eu percebi que ele também estava vermelho. O barco inteiro estava inundado de luz rubi. Eu me virei para olhar para nossa frente, e eu fiz um som na minha garganta não muito diferente do balido de Khnum.

“Oh, não,” eu disse. “Não este lugar de novo.”

Cerca de uma centena de metros à frente de nós, o túnel abria em uma caverna enorme. Eu reconheci o enorme fervente lago de Fogo, mas da última vez eu não tinha visto por esse ângulo.

Estávamos ganhando velocidade, descendo uma série de corredeiras como uma lâmina de água. No final das corredeiras, a água se transformou em uma cachoeira de fogo e caiu em linha reta para dentro do lago aproximadamente um quilômetro abaixo. Nós estávamos caminhando para o precipício, com absolutamente nenhuma maneira de parar.

Manter o barco indo, a tripulação sussurrou com alegria. *Manter o barco indo!*

Nós provavelmente tínhamos menos de um minuto, mas parecia mais. Suponho que se o tempo voa quando você está se divertindo, ele realmente se arrasta quando você está caminhando para sua morte.

"Temos que virar!" Carter disse. "Mesmo que não fosse o fogo, nós nunca vamos sobreviver à queda!"

Ele começou a gritar com as esferas de luz, "Vire! Pá! Socorro!"

Eles alegremente o ignoram.

Olhei da queda de fogo ao esquecimento e ao lago de fogo abaixo. Apesar das ondas de calor rolar sobre nós como a respiração do dragão, eu me senti fria. Percebi que precisava acontecer.

"'Renascer no fogo," eu disse.

"O quê?" Carter perguntou.

"É uma linha estabelecida pelo Livro de Rá. Não podemos virar. Temos de ir adiante — direto para o lago."

"Você está louca? Vamos queimar!"

Eu rasguei minha bolsa mágica e vasculhei meus suprimentos. "Temos de levar o barco através do fogo. Isso era parte do renascimento noturno do sol, certo? Rá teria feito isso."

"Rá não era inflamável!"

A cachoeira tinha apenas vinte metros de distância agora. Minhas mãos tremiam enquanto eu derramava tinta em minha paleta de escrever. Se você nunca tentou usar um conjunto de caligrafia em pé em um barco, não é fácil.

"O que você está fazendo?" Carter perguntou. "Escrevendo os seus desejos?"

Eu respirei fundo e mergulhou minha caneta com tinta preta. Eu visualizei os hieróglifos que eu precisava. Eu queria que Zia estivesse conosco. Não apenas por que tínhamos nos dado muito bem no Cairo — [Oh, pare de fazer beicinho, Carter. Não é minha culpa que ela percebeu

que eu sou a única brilhante da família] — mas porque Zia era uma especialista com símbolos de fogo, e isso é só o que precisávamos.

“Suspenda seu cabelo,” disse para Carter. “Eu preciso pintar a sua testa.”

“Eu não estou mergulhando na minha morte com *perdedor* pintado na minha cabeça!”

“Eu estou tentando salvá-lo. depressa!”

Ele tirou os cabelos para fora do caminho. Eu pintei os hieróglifos de fogo e escudo na testa, e imediatamente meu irmão explodiu em chamas.

Eu sei — era como se um sonho realizado e um pesadelo, de uma só vez. Ele dançou, vomitando alguns palavrões muito criativos antes de perceber que o fogo não estava machucando-o. Ele estava simplesmente envolto em uma folha de proteção de chamas.

“O que, exatamente...” Seus olhos se arregalaram. “Segure-se em alguma coisa!”

O barco inclinou enjoativamente sobre a borda das cataratas. Desenhei os hieróglifos sobre a palma da minha mão, mas não era uma boa cópia. As chamas balbuciaram fracamente ao meu redor. Infelizmente, eu não tinha tempo para nada melhor. Eu passei meus braços em torno da grade, e nós despencamos direto para o lago.

Estranho como muitas coisas podem passar por sua mente enquanto você cai para determinada desgraça. De cima, o lago de fogo parecia muito bonito, como a superfície do sol. Eu me perguntava se eu sentiria qualquer dor no momento do impacto, ou se simplesmente evaporaria. Era difícil ver qualquer coisa à medida que despencamos através das cinzas e fumaça, mas achei que vi uma ilha familiar cerca de uma milha de distância — o templo negro, onde eu conheci Anúbis. Eu me perguntei se ele podia me ver de lá, e se ele correria em meu socorro. Gostaria de saber se minhas chances de sobrevivência seriam melhores se fosse para longe do barco e caísse como um mergulhador de penhasco, mas eu não podia me forçar a fazê-lo. Agarrei-me à grade com todas as minhas forças. Eu não tinha certeza se o escudo de fogo mágico estava me protegendo, mas eu estava suando intensamente, e eu estava bastante segura de tinha deixado minha garganta e a maioria dos meus órgãos internos no topo da cachoeira.

Finalmente, atingimos o fundo com um discreto *whoooooooom*.

Como descrever a sensação de mergulhar em um lago de fogo líquido? Bem... isso queimava. E ainda era de alguma forma molhado, também. Eu não ousava respirar. Após um momento de hesitação, abri meus olhos. Tudo que eu podia ver eram chamas vermelhas e amarelas girando. Ainda estávamos debaixo d'água... ou debaixo de fogo? Percebi duas coisas: eu não estava queimando até a morte, e o barco estava em movimento.

Eu não podia acreditar que meus hieróglifos de proteção loucos tinham realmente funcionado. Como o barco deslizou pelas correntes de turbilhão de calor, as vozes da tripulação sussurraram em minha mente — mais alegre do que com raiva agora.

Renovar, eles disseram. *Nova vida. Nova luz.*

Isso parecia promissor até que eu compreendi alguns fatos menos agradáveis. Eu ainda não conseguia respirar. Meu corpo gostava de respiração. Além disso, ele estava ficando muito mais quente. Eu podia sentir meu hieróglifo de proteção falhando, a tinta queimando contra minha mão. Estendi a mão cegamente e peguei um braço — Carter, eu assumi. Ficamos de mãos dadas, e mesmo que eu não pudesse vê-lo, foi reconfortante saber que ele estava lá. Talvez tenha sido minha imaginação, mas o calor pareceu diminuir.

Há muito tempo, Amós tinha-nos dito que éramos mais poderosos juntos. Nós aumentamos a magia do outro apenas por estarmos proximos. Eu esperava que fosse verdade agora. Tentei enviar meus pensamentos para Carter, pedindo-lhe para me ajudar a manter o escudo de fogo.

O navio navegou através das chamas. Pensei que estávamos começando a subir, mas poderia ter sido ilusão. Minha visão começou a escurecer. Meus pulmões estavam gritando. Se eu inalasse fogo, eu me perguntava se eu iria acabar como Vlad Menshikov.

Justamente quando eu sabia que ia desmaiar, o barco subiu, e nós quebramos a superfície.

Eu engasguei — e não apenas porque eu precisava do ar. Nós tínhamos ancorado na costa do lago fervente, na frente de um portal de calcário de grande porte, como a entrada do templo antigo que eu tinha visto em Luxor. Eu ainda estava segurando a mão de Carter. Tanto quanto eu poderia dizer, estávamos bem.

O barco sol estava melhor do que bem. Ele havia sido renovado. Sua vela brilhava branca, o símbolo do sol brilhava dourado em seu centro. Os remos foram reparados e recém polidos. A pintura estava recém-lustrada preto e dourado e verde. O casco já não vazava, e a casa da barraca era uma vez mais um pavilhão bonito. Não havia trono, e nem Rá, mas a tripulação brilhava intensamente e alegremente como que amarrado a linhas para o cais.

Eu não poderia ajudá-lo. Eu joguei meus braços ao redor de Carter e deixou sair um soluço. “Você está bem?”

Ele se afastou e balançou a cabeça sem jeito. O hieróglifo na testa tinha queimado.

“Graças a vocês,” disse ele. “Onde—”

“Acres ensolarados,” disse uma voz familiar.

Bes desceu os degraus para a doca. Ele vestia uma nova, ainda maior, camisa havaiana e somente suas Speedo como calças, por isso não posso dizer que ele era um colírio para os olhos. Agora que ele estava no Duat, ele brilhava com bastante energia. Seu cabelo tinha virado mais escuro e crespo, e seu rosto parecia décadas mais jovens.

“Bes!” Eu disse. “Por que você demorou tanto? como estão Walt e Zia—”

“Eles estão bem,” disse ele. “E eu lhe disse que eu ia encontrá-los na quarta casa.” Ele apontou o dedo polegar em um sinal esculpido no arco de pedra calcária. “Costumava ser chamado de Casa de Repouso. Aparentemente, eles mudaram o nome.”

O sinal estava em hieróglifos, mas eu não tinha problemas de lê-lo.

“Acres ensolarados Assistência-Vida Comunitária,” eu li. “‘Antigamente a Casa de Repouso. Sob nova direção.’ O que exatamente—”

“Devemos começar,” disse Bes. “Antes do seu caçador chegar.”

“Caçador?” Carter perguntou.

Bes apontou para o alto da cachoeira de fogo, agora uma boa meia milha de distância. No começo eu não vi nada. Depois, houve uma sequência de branco contra as chamas vermelhas — como se um homem em um terno de sorvete tivesse mergulhado no lago. Aparentemente eu não tinha imaginado a mancha branca na escuridão. Estávamos sendo seguidos.

“Menshikov?” Eu disse. “Isso é— Isso é—”

“Más notícias,” disse Bes. “Agora, vamos lá. Temos de encontrar o deus-sol.”

S A D I E

20. Visitamos a Casa de um Hipopótamo Prestativo

HOSPITAIS. SALAS DE AULA. Agora vou adicionar para a minha lista de lugares menos favoritos: casas de pessoas velhas.

Isso pode soar estranho, apesar de eu ter morado com meus avós. Acho que eles consideram seu apartamento como uma casa de pessoa velha. Mas eu quero dizer *instituições*. Lares de idosos. Esses são os piores. Eles cheiram como uma horrível mistura de cantinas, materiais de limpeza e aposentados. Os presidiários (desculpe, pacientes) sempre parecem tão infelizes.

E as casas têm absurdos nomes felizes, como Sunny Acres[22]. Por favor. Caminhamos pelas portas de calcário em um grande salão aberto — uma versão egípcia de assistência da vida. Fileiras de colunas pintadas de colorido estavam repletas de castiçais de ferro segurando tochas em chamas.

Palmeiras em vasos e plantas floridas de hibisco estavam colocadas aqui e acolá em uma tentativa fracassada de fazer o lugar se sentir alegre. Janelas grandes tinham vista para o Lago de Fogo, que eu acho que seria uma ótima vista se você gostasse de enxofre. As paredes foram pintadas da vida egípcia após a morte, junto com lemas hieroglíficos alegres como *imortalidade com segurança* e *vida começa em 3000!*

Empregados de luzes brilhantes e *shabti* de argila em uniformes médicos brancos passavam atarefados, carregando bandejas de medicamentos e empurrando cadeiras de rodas. Os pacientes, no entanto, não se agitavam muito. Uma dúzia de figuras murchas no hospital vestidas de linho sentava ao redor da sala, olhando distraidamente para o espaço. Alguns vagueavam pela sala, empurrando pólos de rodinhas com sacos sanguíneos. Todos vestiam braceletes com seus nomes em hieróglifos. Alguns pareciam humanos, mas alguns tinham cabeças de animais. Um homem velho com a cabeça de um guindaste balançava para frente e para trás em uma cadeira dobrável de metal, debicando um jogo de *senet* em uma mesa de café. Uma mulher idosa com uma cabeça de leoa grisalha corria ao redor em uma cadeira de rodas, balbuciando, "Miau, miau." Um homem enrugado de pele azul não muito mais alto que

[22] Sunny Acres: Acres Ensolarados. (N.T.)

Bes abraçava uma coluna de calcário e chorava suavemente, como se estivesse com medo da coluna deixá-lo.

Em outras palavras, a cena era completamente depressiva.

"O que *é* esse lugar?" perguntei. "São todos deuses?"

Carter parecia tão mistificado quanto eu. Bes parecia que estava prestes a rastejar para fora de sua pele.

"Nunca estive aqui na verdade," ele admitiu. "Ouvi rumores, mas..." Ele engoliu como se estivesse comendo uma colher de manteiga de amendoim. "Vamos lá. Vamos perguntar na estação de enfermagem."

A mesa era um crescente de granito com uma fileira de telefones (embora eu não pudesse imaginar que eles tinham chamadas do Duat), um computador, muitas pranchetas, e um disco de pedra do tamanho de um prato com uma barbatana triangular, o que parecia estranho, já que não tinha sol.

Atrás do balcão, uma mulher pequena e pesada estava de costas para nós, checando uma lousa com nomes e horários de medicações. Seu cabelo preto brilhante estava trançado em suas costas como uma cauda de castor extra-grande, e seu chapéu de enfermeira mal cabia em sua cabeça larga.

Estávamos no meio do caminho para a mesa quando Bes franziu o cenho. "É ela."

"Quem?" Carter perguntou.

"Isso é ruim." Bes ficou pálido. "Eu devia saber... Maldição! Vocês terão que ir sem mim."

Eu olhei mais de perto a enfermeira, que ainda estava de costas para nós. Ela parecia um pouco grandiosa, com braços maciços musculosos, um pescoço mais grosso que a minha cintura, e uma estranha cor de pele arroxeada. Mas eu não consegui entender por que ela incomodava tanto Bes.

Virei-me para perguntar a ele, mas Bes tinha se abaixado atrás da planta de vaso mais próxima. Não era grande o suficiente para escondê-lo, e certamente não camuflava sua camisa havaiana.

"Bes, pare com isso," eu disse.

"Shhh! Eu sou invisível!"

Carter suspirou. "Não temos tempo para isso. Vamos, Sadie."

Ele abriu caminho para a estação de enfermagem.

"Com licença," ele chamou do outro lado da mesa, e eu gemi. Tentei conter meu choque, mas isso foi difícil, sendo que a mulher era um hipopótamo.

Eu não quero dizer como uma comparação pouco lisonjeira. Ela era *realmente* um hipopótamo. Seu focinho longo tinha a forma de um coração do amor de cabeça para baixo, com

bigodes eriçados, narinas pequenas e uma boca com dois dentes inferiores enormes. Seus olhos eram pequenos e redondos. Ela vestia sua blusa de enfermagem aberta como uma jaqueta, revelando uma parte superior de biquíni — como colocar isso delicadamente — estava tentando cobrir um negócio muito grande em cima com muito pouco tecido. Sua barriga roxo-rosada era incrivelmente inchada, como se ela estivesse grávida de nove meses.

“Posso ajudar?” ela perguntou. Sua voz era agradável e gentil — não o que poderia se esperar de um hipopótamo.

“Hum, hipo — quer dizer, alô!” Gaguejei. “Meu irmão e eu estamos procurando por...” olhei para Carter e descobri que ele não estava olhando para o rosto da enfermeira. “Carter!”

“O que?” Ele se sacudiu para sair de seu transe. “Certo. Desculpe. Hã, você não é uma deusa? Taueret, ou algo do tipo?”

A mulher hipopótamo arreganhou seus dois dentes enormes em o que eu esperava ser um sorriso.

“Ora, como é bom ser reconhecida! Sim, querido. Eu sou Taueret. Você disse que estavam procurando por alguma coisa? Um parente? Vocês são deuses?”

Atrás de nós, o vaso de hibisco farfalhou enquanto Bes o pegava e tentava se mexer para trás de uma coluna.

Os olhos de Taueret se esbugalharam.

“Aquele é Bes?” ela chamou. “Bes!”

O anão se levantou abruptamente e limpou sua camisa. Seu rosto estava mais vermelho que o de Set.

“As plantas parecem estar recebendo bastante água,” ele murmurou. “Eu deveria checar aquelas ali.”

Ele começou a se afastar, mas Taueret chamou de novo, “Bes! Sou eu, Taueret! Aqui!”

Bes gemeu como se ela o tivesse acertado nas costas. Ele se virou com um sorriso de tortura.

“Bem... ei. Taueret. Uau!”

Ela saiu de trás da mesa, vestindo sapatos de salto alto que parecia inoportuno para uma mamífera aquática prenha. Ela abriu seus braços gordos para um abraço, e Bes estendeu a mão para apertar.

Eles terminaram fazendo um tipo estranho de dança, meio um abraço, meio uma sacudida, que fez uma coisa perfeitamente óbvia para mim.

“Então, vocês dois namoravam?” perguntei.

Bes disparou um olhar de adaga para mim. Taueret corou, foi a primeira vez que eu tinha envergonhado um hipopótamo.

“Há muito tempo atrás...” Taueret se virou para o deus anão. “Bes, como vai? Depois desse tempo terrível no palácio, fiquei com medo—”

“Bem!” ele gritou. “Sim, obrigado. Bem. Você está bem? Excelente! Estamos aqui a negócios importantes, como Sadie estava prestes a te dizer.”

Ele me chutou na canela, o que eu achei totalmente desnecessário.

“Sim, certo,” eu disse. “Estamos procurando por Rá, para acordá-lo.”

Se Bes tinha esperança de redirecionar o trem de pensamento de Taueret, o plano funcionou.

Taueret abriu sua boca em um arquejo silencioso, como se eu tivesse sugerido algo horrível, como uma caça aos hipopótamos.

“Acordar Rá?” ela disse. “Oh, querida... oh, isso é lamentável. Bes, você está ajudando-os com isso?”

“A-hã,” ele gaguejou. “Só que, você sabe—”

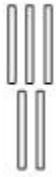
“Bes está nos fazendo um favor,” eu disse. “Nossa amiga Bastet pediu a ele para cuidar de nós.”

Eu podia dizer imediatamente que já tinha feito coisas piores. A temperatura do ar pareceu cair dez graus.

“Entendo.” Taueret disse. “Um favor para Bastet.”

Não tinha certeza do que disse de errado, mas tentei meu melhor retorno. “Por favor. Olha, o destino do mundo está em jogo. É muito importante encontrarmos Rá.”

Taueret cruzou os braços ceticamente. “Querida, ele está desaparecido por milênios. E tentar acordá-lo pode ser terrivelmente perigoso. Por que agora?”

“Diga a ela, Sadie.” Bes avançou para trás como se estivesse se preparando para mergulhar no hibisco. “Sem segredos aqui. Taueret pode ser completamente confiável.”

“Bes!” Ela se animou imediatamente e vibrou seus cílios. “Quer dizer que?”

“Sadie, fale!” Bes implorou.

E então eu fiz isso. Mostrei a Taueret o Livro de Rá. Expliquei por que precisávamos acordar o deus do sol — a ameaça da ascensão de Apófis, caos e destruição em massa, o mundo prestes a terminar ao amanhecer, etc. Foi difícil julgar suas expressões hipopótamicas [Sim, Carter, tenho *certeza* que isso é uma palavra], mas enquanto eu falava, Taueret enrolava seus longos cabelos pretos nervosamente.

“Isso não é bom,” ela disse. “Não é nada bom.”

Ela olhou para trás para seu relógio de sol. Apesar da falta de sol, a agulha projetava uma luz clara sobre o hieróglifo número cinco:

“Vocês estão correndo contra o tempo,” ela disse.

Carter franziu o cenho para o relógio de sol. “Esse não é o lugar da Quarta Casa da Noite?”

“Sim, querido,” Taueret concordou. “Tem nomes diferentes — Sunny Acres, a Casa de Repouso — mas também é a Quarta Casa.”

“Então como o relógio de sol pode estar no cinco?” ele perguntou. “Não teríamos que estar, tipo, congelados na quarta hora?”

“Não é assim que funciona, criança,” Bes interferiu. “O tempo do mundo mortal não para de passar só porque estamos na Quarta Casa. Se você quer seguir a viajem do deus sol, você tem que se manter em sintonia com seu tempo.”

Senti uma explicação de quebrar a cabeça por vir. Estava disposta a aceitar a feliz ignorância e continuar a procurar Rá, mas Carter, naturalmente, não deixa isso acabar.

“Então o que acontece se ficarmos muito para trás?” ele perguntou.

Taueret checou o relógio de sol de novo, que rastejava lentamente pelos últimos cinco anos. “As casas são conectadas aos seus tempos da noite. Você pode ficar em cada uma enquanto quiser, mas você só pode entrar ou sair delas perto do tempo que representam.”

“A-hã.” Esfreguei minhas têmporas. “Você tem algum remédio para dor de cabeça atrás da estação de enfermagem?”

“Isso não é tão confuso,” disse Carter, só pra ser irritante. “É como uma porta giratória. Você tem que esperar para abrir e entrar.”

“Mais ou menos,” Taueret concordou. “*Há* um pouco de espaço de manobra com a maioria das Casas. Você pode sair da Quarta Casa, por exemplo, praticamente quando quiser. Mas certamente as portas são impossíveis de passar até seu tempo estar exatamente correto. Você só pode entrar na Primeira Casa ao pôr-do-sol. Você só pode sair da Décima Segunda Casa ao amanhecer. E as portas da Oitava Casa, a Casa dos Desafios... só podem ser entradas durante a oitava hora.”

“Casa dos Desafios?” eu disse. “Já odiei isso.”

“Oh, vocês têm Bes com vocês.” Taueret olhou para ele com ar sonhador. “Os desafios não serão problema.”

Bes me lançou um olhar de pânico, como, *Me salve!*

“Mas se vocês levarem muito tempo,” Taueret continuou, “as portas serão fechadas antes de poderem chegar lá. Vocês ficarão presos no Duat até amanhã á noite.”

"E se não pararmos Apófis," eu disse, "não *haverá* um amanhã á noite. *Essa* parte eu entendi."

"Então você pode nos ajudar?" Carter perguntou para Taueret. "Onde está Rá?"

A deusa mexia no seu cabelo. Suas mãos eram um cruzamento entre humano e hipopótamo, com pequenos dedos como tocos e unhas espessas.

"Esse é o problema, querido," ela disse. "Eu não sei. A Quarta Casa é enorme. Rá está provavelmente aqui em algum lugar, mas os corredores e portas continuam para sempre. Nós temos *muitos* pacientes."

"Você não mantém um controle sobre eles?" Carter perguntou. "Não há um mapa ou algo do tipo?"

Taueret balançou sua cabeça lamentavelmente. "Eu faço meu melhor, mas só eu, o *shabti* e as luzes servidoras... E aqui tem milhares de deuses velhos."

Meu coração afundou. Eu mal podia acompanhar os dez ou os maiores deuses que eu conheci, mas *milhares*? Só nessa sala, eu contei uma dúzia de pacientes, seis corredores que conduziam a direções diferentes, duas escadas, e três elevadores. Talvez fosse minha imaginação, mas parecia que alguns dos corredores tinham aparecido desde que entramos na sala.

"*Todos* esses velhos são deuses?" perguntei.

Taueret assentiu. "A maioria eram divindades menores mesmo nos tempos antigos. Os magos não consideravam que valia a pena prendê-los. Ao passar dos séculos, eles foram desperdiçados, abandonados e esquecidos. Ás vezes eles fazem seu caminho aqui. Eles simplesmente esperam."

"Para morrer?" perguntei.

Taueret ficou com um olhar distante em seus olhos. "Eu queria saber. Ás vezes eles desaparecem, mas eu não sei se eles simplesmente se perdem passeando pelos salões, ou encontram uma nova sala para se esconder, ou realmente desaparecem do nada. A triste verdade é que é tudo a mesma coisa. Seus nomes ficam esquecidos pelo mundo acima. Uma vez que seu nome não é mais falado, o que é bom na vida?"

Ela olhou para Bes, como se tentasse dizer alguma coisa para ele.

O deus anão desviou rapidamente. "Aquela é Mekhit, não é?" Ele apontou para uma velha mulher leão que estava fazendo seu caminho de volta em uma cadeira de rodas. "Ela tinha um templo perto de Abidos, eu acho. Deusa menor leão. Sempre ficou perplexa com Sekhmet."

A leoa rosnou fracamente quando Bes disse o nome de Sekhmet. Então ela voltou rodando sua cadeira, murmurando, "Miau, miau."

"História triste," Taueret disse. "Ela veio para cá com seu marido, o deus Onuris. Eles eram um casal de celebridades nos dias antigos, tão românticos. Uma vez ele percorreu todo o

caminho de Núbia para resgatá-la. Eles se casaram. Um final feliz, todos nós pensávamos. Mas os dois foram esquecidos. Eles vieram para cá juntos. Então Onuris desapareceu. A mente de Mekhit começou a andar depressa depois disso. Agora ela roda sua cadeira ao redor da sala à toa todo dia. Ela não consegue se lembrar de seu próprio nome, mas continuamos lembrando-lhe."

Pensei em Khnum, quem eu havia conhecido no rio, e o quão triste ele parecia, sem saber seu nome secreto. Olhei para a velha deusa Mekhit, miando e rosnando e correndo sem nenhuma memória de sua antiga glória. Me imaginei tentando cuidar de milhares de deuses como aqueles — idosos que nunca melhoravam e nunca morriam.

"Taueret, como consegue aguentar isso?" eu disse com admiração. "Por que você trabalha aqui?"

Ela tocou seu chapéu de enfermeira conscientemente. "Uma longa história, querida. E temos muito pouco tempo. Eu nem sempre estive aqui. Uma vez eu fui uma deusa protetora. Eu afugentava demônios, mas não tão bem quanto Bes."

"Você era muito assustadora," Bes disse.

A deusa hipopótamo sorriu com adoração. "Isso é tão meigo. Eu também protegia mães dando à luz—"

"Porque você está grávida?" Carter perguntou, acenando para sua enorme barriga.

Taueret pareceu mistificada. "Não. Por que acha isso?"

"Hum—"

"Então!" interrompi. "Você estava explicando por que cuida de deuses envelhecendo."

Taueret checou o relógio de sol, e eu fiquei alarmada ao ver o quão rápido a sombra estava rastejando em direção ao seis. "Sempre gostei de ajudar pessoas, mas no mundo de cima, bem... ficou claro que eu não era mais necessária."

Ela teve o cuidado de não olhar para Bes, mas o deus anão corou mais ainda.

"Alguém *precisava* cuidar dos deuses envelhecendo," Taueret continuou. "Acho que entendo sua tristeza. Entendo sobre esperar para sempre—"

Bes tossiu em seu punho. "Olha a hora! Sim, sobre Rá. Você já o viu desde que trabalha aqui?"

Taueret refletiu. "É possível. Eu vi um deus com cabeça de falcão em uma sala na ala sudoeste, oh, há séculos. Pensei que era Nemty, mas é possível que tenha sido Rá. Ás vezes ele gostava de tomar forma de falcão."

"Que caminho?" implorei. "Se nos aproximarmos, o Livro de Rá pode ser capaz de nos guiar."

Taueret se virou para Bes. "*Você* está me pedindo isso, Bes? Você realmente acredita que isso é importante, ou você só está fazendo isso porque Bastet te pediu?"

“Não! Sim!” Ele estufou o rosto desesperado. “Quer dizer, sim, é importante. Sim, eu estou pedindo. Preciso de sua ajuda.”

Taueret puxou uma tocha da arandela mais próxima. “Nesse caso, por aqui.”

Vagamos pelos salões do lar de infinita magia, liderados por uma enfermeira hipopótamo com uma tocha. Realmente, apenas uma noite comum para os Kanes. Passamos tantos quartos que eu perdi a conta. A maioria das portas estava fechada, mas algumas estavam abertas, mostrando deuses velhos frágeis em suas camas, olhando a luz oscilante das televisões ou simplesmente deitados no escuro chorando. Depois de vinte ou trinta dessas salas, eu parei de procurar. Era tão depressivo.

Segurei o Livro de Rá, esperando que aquecesse quando nos aproximássemos do deus sol, mas sem sorte. Taueret hesitava a cada interseção. Podia dizer que ela não tinha certeza para onde estava nos levando.

Depois de alguns corredores e ainda sem nenhuma mudança do rolo, comecei a me sentir agitada. Carter deveria ter notado.

“Está tudo bem,” ele prometeu. “Nós vamos encontrá-lo.”

Lembrei o quão rápido o relógio de sol se movendo na estação de enfermagem. E pensei sobre Vlad Menshikov. Queria acreditar que ele tinha virado fritas russas quando ele caiu no Lago de Fogo, mas provavelmente era muito para se esperar. Se ele ainda estivesse nos caçando, ele não poderia estar muito atrás.

Descemos outro corredor e Taueret franziu o cenho. “Oh, queridos.”

Na nossa frente, uma mulher idosa com a cabeça de um sapo estava pulando ao redor — e quando eu disse pulando, quis dizer que ela saltava três metros, coaxando algumas vezes, então saltou contra a parede e se prendeu antes de saltar para a parede oposta. Seu corpo e membros pareciam humanos, vestida em um roupão de hospital verde, mas sua cabeça era totalmente anfíbia — marrom, úmida, e cheia de verrugas. Seus olhos bulbosos viravam para toda direção, e pelo som distraído de seu coaxar, supus que ela estava perdida.

“Hekt saiu de novo,” Taueret disse. “Me dêem licença por um momento.”

Ela correu para a mulher sapo.

Bes puxou um lenço do bolso de sua camisa havaiana. Ele enxugou sua testa nervosamente. “Me perguntava o que tinha acontecido com Hekt. Ela é a deusa sapo, você sabe.”

“Eu nunca teria adivinhado,” Carter disse.

Assisti enquanto Taueret tentava acalmar a velha deusa. Ela falava em tons suaves, prometendo ajudar Hekt a encontrar seu quarto se ela parasse de quicar pelas paredes.

“Ela é brilhante,” eu disse. “Taueret, quer dizer.”

“É” Bes disse. “É, ela é encantadora.”

“*Encantadora?*” eu disse. “Bem, ela gosta de você. Por que você é tão...”

De repente a verdade bateu na minha cara. Me senti quase tão grossa quanto Carter.

“Oh, entendi. Ela mencionou o momento horrível no palácio, não é? Ela foi a única que libertou você na Rússia.”

Bes enxugou seu pescoço com o lenço. Ele realmente estava suando muito.

“O qu-que fez você dizer isso?”

“Por isso você fica tão embaraçado perto dela! Como...” eu estava prestes a dizer “como quando ela te viu de cuecas,” mas eu duvidava que significaria muito para o Deus das Sungas. “Como quando ela te viu no pior momento, e você queria esquecer isso.”

Bes olhou para Taueret em uma expressão triste, do jeito que ele tinha olhado para o palácio do Príncipe Menshikov em São Petersburgo.

“Ela está *sempre* me salvando,” ele disse. “Ela sempre é maravilhosa, simpática, gentil. Nos tempos antigos, todos assumiram que estávamos namorando. Eles sempre disseram que éramos um casal bonito — os dois deuses assustadores de demônios, os dois desajustados, seja o que for. Nós saímos algumas vezes, mas Taueret era tão — tão *simpática*. E eu tinha uma espécie de obsessão por outra pessoa.”

“Bastet,” Carter adivinhou.

Os ombros do deus anão caíram. “É óbvio, hein? É, Bastet. Ela era a deusa mais popular com o povo comum. Eu era o deus mais popular. Então, você sabe, víamos um ao outro em festivais e tal. Ela era... bem, linda.”

Um homem típico, pensei. Só vendo a superfície. Mas eu deixei minha boca fechada.

“De qualquer jeito,” Bes suspirou, “Bastet me tratava como um irmão menor. Ela ainda faz isso. Não tem nenhum interesse em mim, mas levei muito tempo para perceber isso. Estava tão obcecado, eu não fui muito bom com Taueret ao passar dos anos.”

“Mas ela veio te buscar na Rússia,” eu disse.

Ele assentiu. “Mandei pedidos de socorro. Pensei que Bastet viria me ajudar. Ou Hórus. Ou alguém. Eu não sabia onde estavam todos eles, entende, mas eu tinha muitos amigos nos dias antigos. Achei que alguém apareceria. A única que fez isso foi Taueret. Ela arriscou sua vida entrando furtivamente no palácio durante o casamento anão. Ela viu a coisa toda — me viu sendo humilhado na frente do grande povo. Durante a noite, ela quebrou minha jaula e me libertou. Devo tudo a ela. Mas uma vez que estive livre... eu só fugi. Eu fiquei tão envergonhado, não conseguia olhar para ela. Toda hora pensava nela, pensava sobre aquela noite, e ouvia os risos.”

O pânico em sua voz era bruto, como se ele estivesse descrevendo algo que tinha acontecido ontem, não três séculos atrás.

“Bes, não é culpa dela,” eu disse gentilmente. “Ela se preocupa com você. É óbvio.”

“É tarde demais,” ele disse. “Eu a machuquei muito. Queria voltar no tempo, mas...”

Ele hesitou. Taueret estava andando na nossa direção, levando a deusa sapo pelo braço.

“Agora, querida,” Taueret disse, “só venha conosco, e nós vamos encontrar a sua sala. Não há necessidade de pular.”

“Mas é um pulo de fé,” Hekt coaxou[23]. (Quis dizer que ela fez aquele som; ela não morreu na nossa frente, agradecidamente.) “Meu templo está aqui em algum lugar. Ficava em Qus. Cidade adorável.”

“Sim, querida,” Taueret disse. “Mas seu templo se foi agora. Todos os templos de foram. Você tem um ótimo quarto, no entanto—”

“Não,” Hekt murmurou. “Os sacerdotes terão sacrifícios para mim. Eu tenho que...”

Ela fixou seus olhos amarelos enormes em mim, e entendi como uma mosca deve se sentir antes de ser arrebatada por uma língua de sapo.

“Essa é minha sacerdotisa!” Hekt disse. “Ela veio me visitar.”

“Não, querida,” Taueret disse. “Essa é Sadie Kane.”

“Minha sacerdotisa.” Hekt afagou meu ombro com sua mão úmida e cheia de membranas, e fiz o meu melhor para não me encolher. “Diga ao templo para começarem sem mim, tudo bem? Vou me juntar a eles depois. Você vai dizer a eles?”

“Hum, sim,” eu disse. “Claro, Lady Hekt.”

“Bom, bom.” Seus olhos saíram de foco. “Estou com muito sono agora. Trabalho duro, lembrando...”

“Sim, querida,” Taueret disse. “Por que você não vai se deitar em um daqueles quartos agora?”

Ela guiou Hekt para dentro do quarto vago mais próximo.

Bes seguiu-a com os olhos tristes. “Sou um anão horrível.”

Talvez eu devesse ter tranquilizado-o, mas minha mente estava correndo em outros assuntos.

Comecem sem mim, Hekt havia dito. *Um pulo de fé.*

De repente achei difícil respirar.

“Sadie?” Carter perguntou. “O que há de errado?”

“Sei por que o rolo não está nos guiando,” eu disse. “Tenho que começar da segunda parte do encantamento.”

“Mas não estamos lá ainda,” Carter disse.

---

[23] Croaked: Também pode significar morrer, por isso a afirmação posterior. (N.T.)

“E não vamos chegar lá a menos que eu comece o encantamento. É a parte de encontrar Rá.”

“O que é?” Taueret apareceu ao lado de Bes e quase assustou o anão para fora de sua camisa havaiana.

“O encantamento,” eu disse. “Tenho que dar um pulo de fé.”

“Acho que a deusa sapo te infectou,” Carter atormentou.

“Não, seu burro!” eu disse. “Esse é o único jeito de encontrar Rá. Tenho certeza disso.”

“Ei, criança,” Bes disse. “se você começar esse encantamento, e não encontrarmos Rá no momento em que você terminar de ler isso—”

“Eu sei. O encantamento vai sair pela retaguarda.” Quando eu disse *sair pela retaguarda*, quis dizer literalmente. Se o encantamento não achasse o alvo apropriado, o poder do Livro de Rá poderia explodir na minha cara.

“É o único jeito,” insisti. “Não temos tempo para passear pelos salões para sempre, e Rá só vai aparecer se invocarmos ele. Temos que provar a nós mesmos tomando o risco. Vocês vão ter que me levar. Não posso tropeçar nas palavras.”

“Você tem coragem, querida.” Taueret segurou sua tocha. “Não se preocupe, vou te guiar. Só faça a sua leitura.”

Abri o rolo na segunda seção. As linhas de hieróglifos, que outra vez pareciam frases soltas do lixo, agora faziam todo sentido.

“’Eu invoco o nome de Rá’” eu li alto, “’o rei adormecido, lorde do Sol do meio dia, que se senta sobre o trono de fogo...’”

Bem, essa é a ideia. Eu descrevi como Rá se ergueu do mar do Caos. Lembrei de sua luz brilhando sobre a terra original do Egito, trazendo vida ao Vale do Nilo. Enquanto eu lia, me sentia aquecida.

“Sadie,” Carter disse, “você está fumegando.”

É difícil não ficar em pânico quando alguém faz um comentário como esse, mas percebi que Carter estava certo.

A fumaça estava ondulando para fora do meu corpo, formando uma coluna de cinza que descia pelo corredor.

“É minha imaginação,” Carter perguntou, “ou a fumaça está nos mostrando o caminho? Ai!”

Ele disse essa última parte porque eu pisei no pé dele, que eu podia fazer muito bem sem quebrar minha concentração. Ele captou a mensagem: *Cale a boca e comece a andar*.

Taueret pegou meu braço e me guiou para frente. Bes e Carter nos acompanharam como guardas de segurança. Seguimos a trilha de fumaça por mais dois corredores e subimos um lance

de escadas. O Livro de Rá ficou desconfortavelmente quente em minhas mãos. A fumaça do meu corpo começou a ocultar as letras.

“Você está indo bem, Sadie,” Taueret disse. “Esse corredor me parece familiar.”

Eu não sabia como ela poderia dizer, mas fiquei focada no pergaminho. Descrevi o barco do sol de Rá navegando por todo o céu. Falei de sua sabedoria majestosa e das batalhas que ele venceu contra Apófis.

Uma gota de suor escorreu por meu rosto. Meus olhos começaram a arder. Esperava que eles não estivessem literalmente em chamas.

Quando cheguei à linha “Rá, o apogeu do sol...” percebi que havíamos parado em frente a uma porta.

Ela não parecia nada diferente das outras portas, mas a abri e entrei. Eu fiquei lendo, embora estivesse chegando perto do fim do encantamento bem rápido.

Lá dentro, a sala estava escura. Sob a luz crepitante da tocha de Taueret, eu vi o homem mais velho do mundo dormindo na cama — seu rosto enrugado, seus braços como gravetos, sua pele tão translúcida, que eu conseguia ver cada veia.

Algumas múmias de Baharyia pareciam mais vivas que essa casca velha.

“’A luz de Rá retorna,’” li. Acenei a cabeça para a janela de cortinas pesadas, e felizmente Bes e Carter pegaram a mensagem. Eles puxaram as cortinas, e a luz vermelha do Lago de Fogo inundou a sala. O velho não se mexeu. Sua boca estava com os lábios franzidos como se tivessem sido costurados.

Me movi para sua cabeceira e fiquei lendo. Descrevi Rá acordando ao amanhecer, se sentando em seu trono enquanto seu barco subia o céu, as plantas se virando na direção do calor do sol.

“Não está funcionando,” Bes murmurou.

Fiquei em pânico. Só faltavam duas linhas. Eu podia sentir o poder do encanto aumentando, começando a superaquecer meu corpo. Eu ainda estava fumegando, e não gostava do cheiro de Sadie grelhada. Tinha que acordar Rá ou eu queimaria viva.

A boca do deus... É claro.

Pus o rolo na cama de Rá e fiz o possível para deixá-lo aberto com uma mão. “’Eu canto os louvores do deus sol.’”

Estiquei minha mão livre para Carter e estalei os dedos.

Graças a Deus, Carter entendeu.

Ele vasculhou minha bolsa e me passou a lâmina *netjeri* de obsidiana de Anúbis. Se havia um momento para a Abertura da Boca, era aquele.

Toquei a faca nos lábios do velho e falei a última linha do encantamento:

“’Acorde, meu rei, com o novo dia.’”

O velho ofegou. Fumaça espiralava de sua boca como se ele tivesse virado um aspirador de pó, e a magia do encantamento canalizou dentro dele. Minha temperatura caiu ao normal. Eu quase desmaiei de alívio.

Os olhos de Rá se abriram. Com fascínio horrorizado, vi enquanto o sangue começou a fluir em suas veias novamente, lentamente inflando-o como um balão de ar quente.

Ele se virou para mim, seus olhos fora de foco e leitosos com cataratas. "*Hã?*"

"Ele ainda parece velho," Carter disse nervoso. "Não era pra ele supostamente parecer jovem?"

Taueret fez uma reverência para o deus do sol (que você não deve tentar em casa se você é um hipopótamo grávido aos calcanhares) e sentiu a testa de Rá. "Ele ainda não está totalmente," ela disse. "Vocês vão precisar completar a jornada da noite."

"E a terceira parte do encantamento," Carter adivinhou. "Ele tem mais um aspecto, certo? O escaravelho?"

Bes balançou a cabeça, embora ele não parecesse extremamente otimista. "Khepri, o besouro. Talvez se nós encontrássemos a última parte de seu espírito, ele possa nascer devidamente."

Rá abriu um sorriso desdentado. "Eu gosto de zebras!"

Eu estava tão cansada, que me perguntei se tinha ouvido direito. "Desculpa, você disse zebras?"

Ele sorriu para nós como uma criança que tinha acabado de descobrir algo magnífico. "As doninhas estão doentes."

"Ce-e-erto," Carter disse. "Talvez ele precise desses..."

Carter pegou o cajado e o mangual de seu cinto. Ele ofereceu-os para Rá. O deus velho puxou o cajado para sua boca e começou a chupá-lo como uma chupeta.

Comecei a me sentir preocupada, e não só pela condição de Rá. Quanto tempo havia passado, e onde estava Vlad Menshikov?

"Vamos levá-lo para o barco," eu disse. "Bes, você pode—"

"Sim. Com licença, Lorde Rá. Vou ter que te carregar." Ele tirou o deus sol da cama e disparamos do quarto. Rá não podia pesar muito, e Bes não teve nenhuma dificuldade apesar de suas pernas curtas. Corremos corredor abaixo, refazendo nossos passos, enquanto Rá berrava. "*Wheeee! Wheeee! Wheeee!*"

Talvez *ele* estivesse tendo uma boa hora, mas eu estava morta. Passamos por tanta dificuldade, e *esse* era o tipo de deus que tínhamos acordado? Carter parecia tão terrível quanto eu.

Passamos correndo pelos outros deuses decrépitos, que começaram a ficar totalmente animados. Alguns apontaram e fizeram ruídos gorgolejantes. Um deus velho com cabeça de chacal sacudiu seu pólo sanguíneo e gritou, "Aí vem o sol! Lá vai o sol!"

Invadimos o saguão e Rá disse, “*Oh-oh*. *Oh-oh* no chão.”

Sua cabeça reclinou. Achava que ele queria descer. Então percebi que ele estava olhando para alguma coisa. No chão, próximo ao meu pé, estava um colar prateado brilhante: um amuleto familiar em forma de cobra.

Para alguém que estava fumegando calor alguns minutos atrás, eu de repente me senti terrivelmente fria.

“Menshikov,” eu disse. “Ele esteve aqui,”

Carter invocou sua varinha e vasculhou a sala. “Mas onde ele está? Por que ele só derrubaria isso e fugiria?”

“Ele deixou isso de propósito,” imaginei. “Ele queria nos insultar.”

Assim que eu disse, soube que era verdade. Eu quase pude ouvir Menshikov rindo enquanto continuava sua jornada rio abaixo, nos deixando para trás.

“Temos que pegar o barco!” eu disse. “Rápido, antes—”

“Sadie.” Bes apontou para a estação de enfermagem. Sua expressão estava severa.

“Oh, não,” Taueret disse. “Não, não, não...”

No relógio de sol, a sombra da agulha estava apontando para o oito. O que significava que se nós ainda pudéssemos deixar a Quarta Casa, mesmo se conseguíssemos entrar na Quinta, Sexta, e Sétima Casa, não importava.

De acordo com o que Taueret nos dissera, as portas da Oitava Casa já estariam fechadas.

Não foi à toa que Menshikov tinha nos deixado aqui sem se preocupar em lutar contra nós.

Nós já tínhamos perdido.

C A R T E R

21. Nós Compramos Algum Tempo.

DEPOIS DE DIZER ADEUS À ZIA na Grande Pirâmide, eu não pensava que poderia ficar mais deprimido. Eu estava errado.

Parado no cais do Lago de Fogo, eu senti que poderia muito bem fazer uma bala de canhão na lava.

Não era justo. Nós tínhamos chegado até aqui e nos arriscamos demais só para sermos derrotados por um limite de tempo. *Game over*. Como *alguém* teria sucesso em trazer Rá de volta? Era impossível.

Carter, isso não é um jogo, a voz de Hórus disse de dentro de minha cabeça. *Não é suposto que seja possível. Você deve continuar.*

Eu não vejo por que. Os portões da Oitava Casa já estavam fechados. Menshikov havia partido e nos deixado para trás.

Talvez esse fosse seu plano o tempo todo. Ele nos tinha deixado acordar Rá apenas parcialmente, então o deus do sol permaneceria velho e fraco. Então Menshikov nos deixaria presos no Duat, enquanto ele usava qualquer magia maligna que ele tinha planejado para libertar Apófis. Quando o amanhecer viesse, não haveria sol, nem retorno de Rá. Ao invés disso Apófis subiria e destruiria a civilização.

Nossos amigos teriam lutado durante a noite toda por nada. Vinte e quatro horas a partir de agora, quando finalmente conseguíssemos sair do Duat, encontraríamos o mundo nas trevas, um deserto gelado, governado por Apófis. Tudo que importa para nós não existiria mais. Então, Apófis poderia engolir Rá e completar sua vitória.

Porque deveríamos continuar indo em frente quando a batalha estava perdida?

Um general nunca mostra desespero, Hórus disse. *Ele induz confiança em suas tropas. Ele os leva à frente, mesmo à boca da morte.*

Você é o Senhor Animador, pensei. *Quem o convidou de volta à minha cabeça?*

Mas tão irritante como Hórus era, ele tinha um objetivo. Sadie tinha falado sobre a esperança — sobre acreditarmos que poderíamos tirar o Ma'at do Caos, mesmo que parecesse impossível. Talvez fosse tudo o que poderíamos fazer: continuar tentando, continuar acreditando que poderíamos salvar alguma coisa do desastre.

Amós, Zia, Walt, Jaz, Bastet, e nossos jovens iniciados... todos eles contaram conosco. Se nossos amigos ainda estavam vivos, eu não poderia desistir. Eu devia a eles mais do que isso.

Taueret nos acompanhou até a Barca Solar, enquanto um par de seus *shabti* transportavam Rá a bordo.

“Bes, sinto muito,” disse ela. “Eu gostaria que houvesse mais o que eu pudesse fazer.”

“Não é sua culpa.” Bes estendeu a mão como se quisesse apertar a dela, mas quando seus dedos se tocaram, ele segurou sua mão. “Taueret, nunca foi sua culpa.”

Ela fungou. “Oh, Bes...”

“*Wheee!*” Rá interrompeu, quando os *shabti* colocaram-no no barco. “Veja as zebras! *Wheee!*”

Bes pigarreou.

Taueret soltou as mãos dele. “Você — você deve ir. Talvez Aaru providencie uma resposta.”

“Aaru?” perguntei. “Quem é esse?”

Taueret não sorriu, exatamente, mas seus olhos suavizaram com bondade. “Não quem, meu querido. *Onde*. É a Sétima Casa. Diga olá a seu pai.”

Meu ânimo melhorou um pouco. “Papai vai estar lá?”

“Boa sorte, Carter e Sadie.” Taueret beijou a nós dois no rosto, o que pareceu como ser atingido lateralmente por um dirigível simpático, eriçado e ligeiramente úmido.

A deusa olhou Bes, e eu tinha certeza de que ela iria chorar. Então ela se virou e correu até a escada, seus *shabti* atrás dela.

“As doninhas estão doentes,” disse Rá, pensativo.

Naquele pedaço de sabedoria divina, nós embarcamos na Barca. As luzes brilhantes da tripulação manejaram os remos, e a Barca Solar se afastou do cais.

“Comer.” Rá começou a mastigar um pedaço de corda,

“Não, você não pode comer isso, seu velho imbecil,” Sadie censurou.

“Hum, criança?” Bes disse. “Talvez você não devesse chamar o rei dos deuses de velho imbecil.”

“Bem, ele *é*,” disse Sadie. “Vamos lá, Rá. Venha para dentro da tenda. Eu quero ver uma coisa.”

“Sem tenda,” ele murmurou. “Zebras.”

Sadie tentou agarrar seu braço, mas ele se arrastou para longe dela e mostrou sua língua. Por fim, ela pegou o cajado do faraó do meu cinto (sem pedir, é claro) e o balançou como um osso de cachorro. “quer o cajado, Rá? Cajado gostoso?”

Rá o pegou fracamente. Sadie se moveu para trás e finalmente conseguiu persuadir Rá a entrar no pavilhão. Logo que chegou ao palanque vazio, uma luz brilhante explodiu ao redor dele, me cegando completamente.

“Carter, olhe!” Sadie exclamou.

“Gostaria que eu pudesse.” Pisquei meus olhos até poder ver novamente.

Sobre o estrado estava uma cadeira de ouro fundido, um trono flamejante esculpido com hieróglifos branco brilhantes. Era exatamente igual ao que Sadie havia descrito na sua visão, mas na vida real era a peça de mobília mais bonita e assustadora que já vira. As luzes da tripulação zumbiam em torno dele em excitação, mais brilhantes do que nunca.

Rá parecia não ter notado o trono, ou ele não se importava. Seu jaleco de hospital tinha se transformado em vestes reais com um colar de ouro, mas ele ainda parecia o mesmo homem velho sem vida.

“Sente-se,” Sadie disse a ele.

“Não quero cadeira,” murmurou.

“Isso foi quase uma sentença completa,” eu disse. “Talvez seja um bom sinal?”

“Zebras!” Rá agarrou o cajado de Sadie e mancou pelo convés, gritando:

“*Wheee! Wheee!*”

“Lorde Rá!” Bes chamou. “Cuidado!”

Eu considerei a ideia de amarrar o deus-sol antes que ele pudesse cair do barco, mas eu não sei como a tripulação reagiria a isso. Então Rá resolveu nosso problema por nós. Ele se chocou contra o mastro e caiu no convés.

Todos correram até ele, mas o velho deus parecia apenas atordoado.

Ele babava e murmurava enquanto nós o arrastamos de volta para o pavilhão e o colocamos em seu trono. Foi complicado, pois o trono emitia calor de cerca de mil graus, e eu não queria pegar fogo (de novo); mas o calor parecia não incomodar Rá.

Nós recuamos e olhamos para o rei dos deuses, caído em sua cadeira roncando, e segurando seu cajado como um ursinho de pelúcia. Coloquei seu mangual em seu colo, esperando que ele pudesse fazer a diferença — talvez complete seus poderes ou algo assim. Não tive essa sorte.

“Doninhas doentes,” Rá murmurou.

“Olhe,” Sadie disse amargamente. “O glorioso Rá.”

Bes lançou um olhar irritado.

“Isso mesmo, criança. Divirta-se. Nós deuses adoramos ter mortais rindo de nós.”

A expressão de Sadie se suavizou. “Sinto muito, Bes. Eu não quis dizer—”

“Tanto faz.” Ele saiu com raiva para a proa do barco.

Sadie me deu um olhar suplicante. “Sinceramente, eu—”

“Ele só está estressado,” eu disse a ela. “Como todos nós. Vai ficar tudo bem.”

Sadie limpou uma lágrima de seu rosto. “O mundo está prestes a terminar, nós estamos presos no Duat, e acha que vai ficar tudo bem?”

“Nós estamos indo ver o papai.” Eu tentei soar confiante, apesar de eu não sentir isso. *Um general nunca mostra desespero*. “Ele vai nos ajudar.”

Navegamos pelo Lago de Fogo até as margens estreitas e o curso das chamas voltou para a água. O brilho do lago desapareceu atrás de nós. O rio ficou mais rápido, e eu sabia que tínhamos entrado na Quinta Casa.

Pensei em meu pai, e se ele iria ou não ser realmente capaz de nos ajudar. Nos últimos meses ele tinha estado estranhamente silencioso.

Acho que não deveria ter me surpreendido, pois agora ele era o Senhor do Submundo. Provavelmente ele não conseguiu um bom sinal de celular aqui em baixo. Ainda assim, a ideia de vê-lo no momento de minha maior falha me deixou nervoso.

Apesar de o rio estar escuro, o Trono de Fogo era quase brilhante demais para se olhar. Nosso barco projetava luz e calor ao longo das margens.

Em ambos as margens do rio, aldeias fantasmas surgiram na escuridão. Almas perdidas correram para a beira do rio para nos ver passar. Depois de tantos milênios na escuridão, eles olharam surpresos ao ver o deus-sol. Muitos tentaram gritar de alegria, mas suas bocas não faziam nenhum som. Outros estendiam seus braços em direção a Rá. Eles sorriram quando se aqueceram com a sua luz quente. Suas formas pareciam se solidificar. A cor voltou a seus rostos e suas roupas. Quando eles desapareceram atrás de nós na escuridão, eu fiquei com a imagem de seus rostos agradecidos e mãos estendidas.

De alguma forma isso fez eu me sentir melhor. Pelo menos tínhamos mostrado a eles o sol uma última vez antes que o Caos destruísse o mundo.

Eu me perguntei se Amós e nossos amigos ainda estavam vivos, defendendo a Casa do Brooklyn contra o esquadrão de ataque de Vlad Menshikov e esperando por nós para se mostrarem. Queria que eu pudesse ver Zia novamente, só para me desculpar por ter falhado com ela.

A Quinta e a Sexta Casa passaram rapidamente, embora eu não pudesse ter certeza de quanto tempo realmente passou. Nós vimos mais aldeias fantasmas, praias feitas de ossos, cavernas inteiras onde *ba* alados voavam ao redor em confusão, batendo nas paredes e voando ao redor da Barca Solar como mariposas em torno da luz da varanda. Nós navegamos em algumas corredeiras assustadoras, embora as luzes da tripulação fizessem parecer fácil. Algumas vezes monstros como dragões emergiram do rio, mas Bes gritou “Boo!” e os monstros choramingaram e afundaram sob as águas. Rá dormiu o tempo todo, roncando irregularmente em seu trono flamejante.

Finalmente, as águas desaceleraram e o rio se alargou. A água ficou tão suave quanto chocolate derretido. A Barca Solar entrou em uma nova caverna, e o teto resplandecia acima com cristais azuis, refletindo a luz de Rá de modo que parecia que o sol comum estava

atravessando um céu azul brilhante. Grama de pântano e palmeiras cobriam a costa. Mais longe, colinas verdes onduladas estavam pontilhadas de casas de tijolos brancos de aparência aconchegante. Um bando de gansos voava acima. O ar cheirava a jasmim e pão assado fresco. Meu corpo todo relaxou — do jeito que você pode se sentir depois de uma longa viagem, quando você caminha em sua casa e, finalmente, desmorona em sua cama.

“Aaru,” Bes anunciou. Ele não soava tão mal-humorado agora. As linhas de preocupação em seu rosto desapareceram. “A vida após a morte do Egito. A Sétima Casa. Acho que você chamaria isso de Paraíso.”

“Não que eu esteja me queixando,” Sadie disse. “É muito mais agradável que Sunny Acres, e sinto cheiro de comida decente, finalmente. Mas isso significa que estamos mortos?”

Bes balançou a cabeça. “Esta era uma parte da rota noturna de Rá — seu *pit stop*, acho que você diria. Ele iria sair por um tempo com seu anfitrião, comer, beber e descansar antes do último trecho da viagem, que era o mais perigoso.”

“Seu anfitrião?” Perguntei, mas eu tinha certeza de quem Bes queria dizer.

Nosso barco se virou para um cais, onde um homem e uma mulher estavam esperando por nós. Papai usava seu habitual traje marrom. Sua pele brilhava com um tom azulado. Mamãe brilhava em um branco fantasmagórico, seus pés não tocavam completamente as tábuas.

“É claro,” Bes disse. “Esta é a Casa de Osíris.”

“Sadie, Carter.” Papai nos puxou para um abraço como se nós ainda fôssemos crianças, mas nenhum de nós protestou.

Ele aparentava sólido e humano, tão parecido com sua natureza antiga que tomou toda a minha força de vontade para não cair em lágrimas. Seu cavanhaque estava bem aparado. Sua cabeça careca cintilava. Até mesmo seu perfume cheirava igual: o cheiro fraco de âmbar.

Ele nos prendeu na distância dos braços para nos examinar, seus olhos brilhando. Eu quase podia acreditar que ele ainda era um mortal comum, mas se eu olhasse de perto, podia ver uma outra camada de sua aparência, como uma imagem difusa, sobreposta: uma homem de pele azul em vestes brancas e uma coroa de faraó. Em volta de seu pescoço tinha um amuleto *djed*, o símbolo de Osíris.

“Papai,” disse. “Nós falhamos.”

“Shh,” ele disse. “Nada disso. Este é um tempo para descansar e renovar.”

Mamãe sorriu. “Nós estivemos assistindo seu progresso. Vocês dois foram tão corajosos.”

Vê-la era ainda mais difícil do que ver Papai. Eu não podia abraçá-la, porque ela não tinha nenhuma substância física, e quando ela tocou o meu rosto, parecia nada mais que uma brisa morna. Ela aparentava exatamente como eu me lembrava — seu cabelo loiro solto pelos

ombros, seus olhos azuis cheios de vida — mas ela era apenas um espírito agora. Seu vestido branco parecia ser tecido a partir de neblina. Se eu olhasse diretamente para ela, ela parecia se dissolver à luz da Barca Solar.

“Estou tão orgulhosa de vocês dois,” ela disse. “Venha, nós preparamos um banquete.”

Eu estava em um torpor quando eles nos levaram para terra firme. Bes encarregou-se de levar o deus-sol, que parecia de bom humor depois de bater a cabeça no mastro e tirar um cochilo. Rá deu a todos um sorriso desdentado e disse: “Oh, excelente. Banquete? Zebras?”

Criados fantasmas em roupas do Antigo Egito nos conduziram em direção a um pavilhão ao ar livre revestido com estátuas dos deuses em tamanho natural. Atravessamos uma ponte sobre um fosso cheio de crocodilos albinos, o que me fez pensar em Filipe da Macedônica, e o que poderia estar acontecendo na Casa do Brooklyn.

Então eu pisei no interior do pavilhão, e meu queixo caiu.

O banquete se espalhava em uma longa mesa de mogno — *nossa* antiga mesa de jantar da casa em Los Angeles. Eu até podia ver o entalhe que eu tinha esculpido na madeira com meu primeiro Canivete Suíço — a única vez que eu me lembro de Papai realmente ter ficado com raiva de mim. As cadeiras eram de aço inox com bancos de couro, assim como eu me lembrava; e quando olhei pra fora, a vista brilhou de novo, e adiante — antes, as colinas verdejantes e céu da vida após a morte, agora as paredes brancas e janelas de vidro de nossa antiga casa.

“Oh...” Sadie disse em voz baixa. Seus olhos estavam fixos no centro da mesa. Entre os pratos de pizza, tigelas de morangos açucarados, e qualquer outro tipo de alimento que você poderia imaginar, estava um bolo de sorvete branco e azul, o mesmo bolo que nós tínhamos explodido no sexto aniversário de Sadie.

“Espero que você não se importe,” disse Mamãe. “Eu pensei que era uma pena você nunca ter provado. Feliz Aniversário, Sadie.”

“Por favor, sentem-se.” Papai abriu os braços. “Bes, velho amigo, poderia colocar Lorde Rá na cabeceira da mesa?”

Comecei a sentar na cadeira mais distante de Rá, já que eu não o queria babando em cima de mim enquanto ele mastigava sua comida, mas minha mãe disse, “Oh, não aí, querido. Sente perto de mim. Aquela cadeira é para... outro convidado.”

Ela disse as últimas duas palavras como se elas deixassem um gosto amargo na boca.

Olhei em volta da mesa. Havia sete cadeiras e apenas seis de nós. “Quem mais está por vir?”

“Anúbis?” Sadie perguntou, esperançosa.

Papai riu. “Não é Anúbis, mas tenho certeza que ele estaria aqui, se pudesse.”

Sadie caiu como se alguém tivesse tirado o ar dela. [Sim, Sadie, *estava* óbvio.]

“Onde está ele, então?” Ela perguntou.

Papai hesitou apenas o tempo suficiente para eu sentir seu desconforto. “Longe. Vamos comer, vamos?”

Sentei-me e aceitei uma fatia de bolo de aniversário de um criado fantasmagórico. Você não pensaria que eu tivesse fome, com o fim do mundo e nossa missão fracassada, sentando na Terra dos Mortos em uma mesa de jantar do meu passado com o fantasma da minha mãe ao meu lado e meu pai com a cor de um mirtilo. Mas meu estômago não se preocupava com isso. Ele me deixou saber que eu estava vivo, e precisava de comida. O bolo era de chocolate com sorvete de baunilha. Tinha um gosto perfeito. Antes que eu soubesse, eu tinha acabado minha fatia e estava carregando meu prato com pizza de *pepperoni*. As estátuas dos deuses estavam atrás de nós — Hórus, Ísis, Thot, Sobek — todos mantendo silêncio enquanto nós comíamos. Fora do pavilhão, as terras de Aaru se espalhavam como se a caverna fosse infinita — colinas verdejantes e campinas, rebanhos de gado gordo, campos de cereais, pomares cheios de tamareiras. Córregos cortavam os pântanos em uma colcha de retalhos de ilhas, como o Delta do Nilo, com as vilas de aparência perfeita para os mortos abençoados. Veleiros cruzavam o rio.

“Isso é como parece para os Antigos Egípcios,” papai disse, como se estivesse lendo meus pensamentos. “Mas cada alma vê Aaru de uma maneira diferente.”

“Como a nossa casa em Los Angeles?” eu perguntei. “Nossa família junta em torno de uma mesa de jantar? Isso é mesmo real?”

Os olhos de Papai ficaram tristes, do modo que costumavam ficar sempre que eu perguntava sobre a morte de Mamãe.

“O bolo de aniversário é bom, né?” perguntou. “Minha pequena garota, com treze anos. Nem posso acreditar—”

Sadie varreu com a mão o prato da mesa. Quebrou contra o chão de preta. “Que importa?” ela gritou. “O relógio de sol sangrento — os estúpidos portões — nós falhamos!”

Ela escondeu seu rosto nos braços e começou a soluçar.

“Sadie,” Mamãe pairou ao lado dela, como um amigável banco de névoa. “Está tudo bem.”

“Torta de lua,” disse Rá proveitosamente, cobertura de bolo em torno de sua boca. Ele começou a cair de sua cadeira, e Bes o empurrou de volta no lugar.

“Sadie está certa,” eu disse. “Rá está em pior forma do que imaginávamos. Mesmo se pudéssemos trazê-lo de volta ao mundo mortal, ele nunca conseguiria derrotar Apófis — a não ser que Apófis morresse de rir.

Papai franziu o cenho. “Carter, ele ainda é Rá, faraó dos deuses. Mostre algum respeito.”

“Não gosto de bolhas!” Rá deu uma pancada em um criado de luz brilhante que estava tentando limpar sua boca.

“Lorde Rá,” disse Papai, “Você se lembra de mim? Eu sou Osíris. Você jantava aqui na minha mesa, todas as noites, descansando antes de sua viagem em direção ao amanhecer. Você se lembra?”

“Quero uma doninha,” Rá disse.

Sadie bateu na mesa. “O que isso *significa*?”

Bes pegou um punhado de coisas cobertas de chocolate — eu tinha medo de que pudessem ser gafanhotos — e jogou em sua boca. “Nós não terminamos o livro de Rá. Nós precisamos encontrar Khepri.”

Papai acariciou seu cavanhaque. “Sim, o deus escaravelho, a forma de Rá como o sol nascente. Talvez se vocês encontrassem Khepri, Rá poderia ser inteiramente renascido. Mas vocês precisam passar pelos portões da Oitava Casa.”

“Que estão fechados,” eu disse. “Nós teríamos que, tipo, reverter o tempo.”

Bes parou de comer gafanhotos. Ele arregalou os olhos como se tivesse acabado de ter uma revelação. Ele olhou para o meu pai, incrédulo. “Ele? Você convidou *ele*?”

“Quem?” eu perguntei. “O que você quer dizer?”

Encarei meu pai, mas ele não me olhou nos olhos.

“Papai, o que é?” Eu exigi. “Há um caminho através das portas? Você pode nos teletransportar para o outro lado ou algo assim?”

“Queria que eu pudesse, Carter. Mas a viagem deve ser seguida. Faz parte do renascimento de Rá. Não posso interferir nisso. No entanto, você está certo: você precisa de tempo extra. Pode haver um caminho, embora eu nunca iria sugerir isso se as apostas não fossem tão altas —”

“É perigoso,” alertou minha mãe. “Eu acho que é *muito* perigoso.”

“O que é muito perigoso?” Sadie perguntou.

“Suponho que eu.” Disse uma voz atrás de mim.

Me virei e encontrei um homem de pé com as mãos nas costas da minha cadeira. Ou ele tinha se aproximado tão silenciosamente, e eu não o tinha ouvido, ou ele tinha se materializado a partir do ar. Sua cabeça era raspada exceto por um rabo de cavalo preto brilhante em um lado da cabeça, como jovens do Antigo Egíto usavam. Seu terno prateado parecia ter sido costurado na Itália (só sei disso por que Amós e meu pai davam *muita* atenção para ternos). O tecido brilhava como uma mistura bizarra de seda com papel alumínio. Sua camisa era preta e sem colarinho, e vários quilos de correntes de platina pendurados no pescoço. O maior pingente era um amuleto de prata em forma de lua crescente. Quando os dedos bateram na parte de trás da minha cadeira, seus anéis e seu Rolex de platina brilharam. Se eu o tivesse visto no mundo mortal, eu poderia ter imaginado que ele era um jovem nativo-americano dono de um cassino bilionário. Mas aqui no Duat, com o amuleto em forma de crescente em torno do pescoço...

“Torta de lua!” Rá gargalhou com prazer.

“Você é Khonsu,” eu adivinhei. “O deus da lua.”

Ele me deu um sorriso de lobo, olhando para mim como se eu fosse um aperitivo.

“Ao seu dispor,” disse. “deseja jogar uma partida?”

“Você não,” Bes rosnou.

Khonsu abriu os braços num enorme abraço. “Bes, velho amigo! Como tem passado?”

“Sem ‘velho amigo’ pra você, seu canalha.”

“Estou magoado!” Khonsu sentou-se à minha direita e se inclinou para mim, conspirador. “Pobre Bes, apostou comigo há séculos atrás, você vê. Ele queria mais tempo com Bastet. Ele apostou alguns centimetros de altura. Receio que ele tenha perdido.”

“Isso não é o que aconteceu!” Bes rugiu.

“Cavalheiros,” meu pai disse em seu tom de Pai severo. “Vocês dois foram convidados à minha mesa. Eu não terei nenhuma luta.”

“Absolutamente, Osíris.” Khonsu sorriu para ele. “Estou honrado de estar aqui. E estes são seus famosos filhos? Maravilhoso! Vocês estão prontos para jogar, crianças?”

“Julius, eles não entendem os riscos,” nossa mãe protestou. “Nós não podemos deixá-los fazerem isso.”

“Pera aí,” Sadie disse. “Fazer *o quê*, exatamente?”

Khonsu estalou os dedos, e toda a comida na mesa desapareceu, substituída por um tabuleiro de prata brilhante de Senet. “Você não ouviu sobre mim, Sadie? Ísis não te contou algumas histórias? Ou Nut? Aquela sim era uma jogadora. A deusa do céu não parou de jogar até que ela tivesse ganhado de mim cinco dias inteiros. Você sabe as chances de ganhar assim tanto tempo? Astronômica! É claro, ela está coberta de estrelas, então eu suponho que ela *seja* astronômica.”

Khonsu riu de sua própria piada. Ele não pareceu se incomodar por ninguém ter se juntado a ele.

“Eu me lembro,” disse. “Você jogou com Nut, e ela ganhou luar suficiente para criar cinco dias extras, os Dias do Demônio. Isso a deixou dar a volta no mandamento de Rá de que seus cinco filhos não poderiam nascer em nenhum dia do ano.”

“Nozes,” Rá murmurou. “Nozes ruins.”

O deus da lua ergueu uma sobrancelha. “Pobre de mim, Rá *está* com uma aparência ruim, não é? Mas sim, Carter Kane. Você está absolutamente certo. Eu sou o deus da lua, mas eu também tenho alguma influência sobre o tempo. Eu posso alongar ou encurtar a vida dos mortais. Até mesmo os deuses podem ser afetados pelos meus poderes. A lua é mutável, você vê. Sua luz aumenta e diminui. Você precisa de — o que? Cerca de três horas extras? Eu posso

fazer isso para que você saia do luar, se você e sua irmã estão dispostos a jogar por ele. Eu posso fazer com que as portas da Oitava Casa ainda não tenham fechado.”

Eu não entendia como ele poderia fazer isso de — voltar no tempo, inserir três horas extras para a noite — mas pela primeira vez desde Sunny Acres, senti uma pequena centelha de esperança. “Se você pode ajudar, porque só não nos *dá* o tempo extra? O destino do mundo está em jogo.”

Khonsu riu. “Essa é boa! Te *dar* tempo! Não, sério. Se eu começasse a dar algo tão valioso, o Ma’at desabaria. Além disso, você não pode jogar Senet sem apostar. Bes pode te dizer isso.”

Bes cuspiu uma perna de gafanhoto de chocolate de sua boca. “não faça isso, Carter. Você sabe o que eles diziam sobre Khonsu nos velhos tempos? Algumas das pirâmides tem um poema sobre ele esculpidas nas pedras. É chamado de ‘Hino Canibal.’ Por um preço, Khonsu ajudaria o faraó a matar qualquer deus que o estivesse incomodando. Khonsu iria devorar suas almas e ganhar sua força.”

O deus da lua revirou os olhos. “História Antiga, Bes! Eu não tenho devorado uma alma desde... que mês é esse? Março? De qualquer forma, estou completamente adaptado a este mundo moderno. Eu sou muito civilizado agora. Você deveria ver minha cobertura no Luxor em Las Vegas. Quero dizer, *Obrigado*! A América tem uma excelente civilização!”

Ele sorriu pra mim, piscando os olhos de prata como de um tubarão. “Então, o que você me diz, Carter? Sadie? Joguem comigo no Senet. Três peças para mim, três para vocês. Vocês vão precisar de três horas de luar, então vocês dois vão precisar de uma pessoa adicional para participar da aposta. Para cada peça de sua equipe que conseguir se mover para fora do tabuleiro, vou conceder-lhes uma hora extra. Se ganharem, são três horas extras — apenas o suficiente para passar os portões da Oitava Casa.

“E se nós perdermos?” Perguntei.

“Ah... você sabe” Khonsu acenou com a mão como se isso fosse um detalhe técnico chato. “Para cada peça que eu mover para fora do tabuleiro, vou pegar um *ren* de um de vocês.”

Sadie sentou mais a frente. “Você vai levar nossos nomes secretos — como nos, nós temos de compartilhá-los com você?”

“Compartilhar...” Khonsu acariciou seu rabo de cabelo, como se tentando lembrar o significado dessa palavra. “Não, não compartilhar. Eu vou *devorar* seu *ren*, você vê.”

“Apagar parte de nossas almas,” disse Sadie. “As memórias, a nossa identidade.”

O deus da lua encolheu os ombros. “O lado bom, você não iria morrer. Você ira apenas—”

“Se transformar em um vegetal,” Sadie adivinhou. “Como Rá, ali.”

“Não quero vegetais,” Rá resmungou, irritado. Ele tentou mastigar a camisa de Bes, mas o deus anão se distanciou.

“Três horas,” ele disse. “Apostadas contra três almas.”

“Carter, Sadie, vocês não tem que fazer isso,” disse minha mãe. “Nós não esperamos que vocês assumam esse risco.”

Eu a tinha visto tantas vezes em fotos e em minhas lembranças, mas pela primeira vez, isso realmente me surpreendeu o quanto ela se parecia com Sadie — ou o quanto Sadie estava começando a ser parecida com ela.

Ambas tinham a mesma determinação de fogo em seus olhos. Ambas inclinavam o queixo para cima quando estavam esperando por uma luta. E ambas não eram muito boas em esconder seus sentimentos. Eu poderia dizer pela voz trêmula da mamãe que ela compreendeu o que tinha que acontecer. Ela estava nos dizendo que nós tínhamos opções, mas ela sabia muito bem que nós não tínhamos.

Olhei Sadie, e chegamos a um acordo silencioso.

“Mãe, tudo bem,” eu disse. “Você deu sua vida para fechar a prisão de Apófis. Como podemos desistir agora?”

Khonsu esfregou as mãos. “Ah, sim, a prisão de Apófis! Seu amigo Menshikov está lá agora, libertando as correntes da Serpente. Tenho tantas apostas sobre o que vai acontecer! Vocês vão chegar lá a tempo de detê-lo? Vocês vão trazer Rá de volta ao mundo? Vocês derrotarão Menshikov? Eu estou dando um contra cem sobre isso!”

Mamãe se virou desesperadamente para meu pai. “Julius, diga a eles! É muito perigoso.”

Meu pai ainda estava segurando um prato com bolo de aniversário meio-comido. Ele olhou para o sorvete derretendo como se fosse a coisa mais triste do mundo.

“Carter e Sadie,” disse ele, finalmente, “eu trouxe Khonsu aqui para que vocês tivessem de escolher. Mas o que quer que vocês façam, eu ainda terei orgulho de vocês dois. Se o mundo acabar hoje à noite, isso não vai mudar.”

Ele encontrou meus olhos, e eu pude ver o quanto o machucava pensar em nos perder. No último Natal, no British Museum, ele tinha sacrificado sua vida para libertar Osíris e restaurar a balança no Duat. Ele tinha deixado Sadie e eu sozinhos, e eu tinha ficado ressentido com ele por um longo tempo por isso. Agora eu percebi como era estar em sua posição. Ele estava disposto a desistir de tudo, até mesmo de sua vida, por um propósito maior.

“Eu entendo, Pai,” eu disse a ele. “Somos Kanes. Nós não fugimos de escolhas difíceis.”

Ele não respondeu, mas balançou a cabeça lentamente. Seus olhos ardiam com um orgulho feroz.

“Pela primeira vez,” Sadie disse, “Carter está certo. Khonsu, vamos jogar seu maldito jogo.”

“Excelente!” Khonsu disse. “São duas almas. Duas horas pra ganhar. Ah, mas você vai precisar de três horas para atravessar as portas na hora certa, não vai? Humm. Receio que você

não possa usar Rá. Ele não está em seu juízo perfeito. Sua mãe já está morta. Seu pai é o juiz do mundo dos mortos, então ele está desclassificado de apostar a alma...”

“Eu vou fazer isso,” Bes disse. Seu rosto estava triste, mas determinado.

“Velho amigo!” Khonsu exclamou. “Estou encantado.”

“Quer saber, deus da lua?” Bes disse. “Eu não gosto disso, mas eu vou fazê-lo.”

“Bes,” eu disse, “você já fez o bastante por nós. Bastet nunca esperaria que você—”

“Eu não estou fazendo isso pela Bastet!” ele rosnou. Então ele respirou fundo. “Olhe, vocês crianças são o que importa. Nos últimos dois dias — pela primeira vez em anos eu me senti querido de novo. Importante. Não como uma atração secundária. Se as coisas forem mal, só diga a Taueret...” ele pigarreou e deu a Sadie um olhar significativo. “Diga a ela que eu tentei voltar o relógio.”

“Oh, Bes.” Sadie se levantou e correu em volta da mesa. Ela abraçou o deus anão e beijou sua bochecha.

“Tudo bem, tudo bem,” ele murmurou. “Não vá ser sentimental comigo. Vamos jogar essa partida.”

“Tempo é dinheiro,” Khonsu concordou.

Nossos pais se levantaram.

“Nós não podemos ficar pra isso,” Papai disse, “mas, crianças...”

Ele não parecia saber como concluir o pensamento. *Boa sorte* provavelmente não seria clichê. Eu podia ver a culpa e a preocupação em seus olhos, mas ele estava se esforçando para não mostrá-las. *Um bom general*, Hórus diria.

“Nós amamos vocês,” nossa mãe finalizou. “Vocês vão prevalecer.”

Com isso, nossos pais voltaram para a névoa e desapareceram. Tudo do lado de fora do pavilhão escureceu, como um cenário. O jogo Senet começou a brilhar mais.

“Brilhante,” Rá disse.

“Três peças azuis para vocês,” Khonsu disse. “Três peças prateadas para mim. Agora, quem está com sorte?”

O jogo começou bem. Sadie tinha habilidade para jogar as varetas. Bes tinha milhares de anos de experiência no jogo. E eu tinha o trabalho de mover as peças e ter certeza de que Rá não iria comê-las.

No começo não era óbvio quem estava ganhando. Nós apenas rolamos e movemos, e era difícil acreditar que nós estávamos jogando pelas nossas almas, ou nomes verdadeiros, ou o que quer que seja que você queira chamá-los.

Nós batemos uma das peças de Khonsu de volta ao começo, mas ele não parecia chateado. Ele parecia encantado com quase tudo.

“Não te incomoda?” Perguntei em certo momento. “Devorar almas inocentes?”

“Na verdade não,” Ele poliu seu amuleto de crescente. “Porque deveria?”

“Mas nós estamos tentando salvar o mundo,” Sadie disse, “Ma’at, os deuses — tudo. Você não se importa se o mundo se desfizer em Caos?”

“Oh, isso não seria tão ruim,” Khonsu disse. “A mudança vem em fases, Ma’at e Caos, Caos e Ma’at. Sendo o deus da lua, eu aprecio a variação. Agora, Rá, coitado — ele está sempre preso a um horário. Mesmo caminho todas as noites. Tão previsível e chato. Se aposentar foi a coisa mais interessante que ele já fez. Se Apófis assumir e engolir o sol, bem — suponho que a lua ainda estará lá.”

“Você é louco,” Sadie disse.

“Há! Aposto cinco minutos extra de luar que eu estou perfeitamente são.”

“Esqueça,” Sadie disse. “Só jogue.”

Khonsu jogou as varetas. A má notícia: ele fez um progresso alarmante. Ele tirou um cinco e tem uma de suas peças quase no fim do tabuleiro. A boa notícia: a peça ficou presa na Casa das Três Verdades, o que significa que só tirando um três para movê-la de lá.

Bes estudou o tabuleiro atentamente. Ele não pareceu gostar do que viu. Tivemos uma peça de volta ao início e duas peças na última fileira do tabuleiro.

“Cuidado agora,” advertiu Khonsu. “Aqui é onde fica interessante.”

Sadie tirou um quatro, o que nos deu duas opções. A nossa peça poderia sair do tabuleiro. Ou nossa segunda peça poderia bater na peça de Khonsu na Casa das Três Verdades e enviá-la de volta ao começo.

“Bata nele,” eu disse. “É mais seguro.”

Bes balançou a cabeça. “Então, nós estamos presos na Casa das Três Verdades. As chances de ele tirar um três são mínimas. Tire sua primeira peça. Dessa forma, você vai estar seguro de pelo menos uma hora extra.”

“Mas uma hora extra não vai fazer nada,” Sadie disse.

Khonsu parecia estar gostando de nossa indecisão. Ele tomou um gole de vinho de uma taça prateada e sorriu. Enquanto isso, Rá se entretia tentando pegar as pontas de seu mangual. “ai, ai, ai.”

Minha testa formava gotas de suor. Como eu estava suando em um jogo *de tabuleiro*? “Bes, você tem certeza?”

“É sua melhor aposta,” ele disse.

“Melhor, *Bes*?” Khonsu riu. “Legal!”

Eu queria bater no deus da lua, mas mantive minha boca fechada. Movi nossa primeira peça para fora do jogo.

"Parabéns!" Khonsu disse. "Devo-lhes uma hora de luar. Agora é minha vez."

Ele jogou as varetas. Elas bateram na mesa de jantar, e eu me senti como se alguém tivesse cortado um cabo de elevador em meu peito, mergulhando meu coração para baixo em um eixo. Khonsu tinha tirado um três.

"Oops!" Rá largou seu mangual.

Khonsu moveu sua peça para fora do jogo. "Oh, que pena. Agora, o *ren* de quem eu coleto primeiro?"

"Não, por favor!" Sadie exclamou. "Volte atrás. Pegue a hora que nos deve ao invés disso."

"Essas não são as regras," criticou Khonsu.

Eu olhei para o entalhe que eu tinha feito na mesa quando eu tinha oito anos. Eu sabia que essa memória estava prestes a desaparecer, como todas as minhas outras. Se eu desse meu *ren* para Khonsu, pelo menos Sadie ainda poderia lançar a parte final da magia. Ela iria precisar de Bes para protegê-la e aconselhá-la. Eu era o único dispensável.

Eu comecei a dizer, "Eu—"

"Eu," disse Bes. "O movimento foi ideia minha."

"Bes, não!" Sadie exclamou.

O anão se levantou. Ele plantou os pés e enrolou os punhos, como se estivesse se preparando para soltar um BOO. Eu queria que ele fizesse isso e assustasse Khonsu, mas ele olhou para nós com resignação. "Era parte da estratégia, crianças."

"O que?" perguntei. "Você *planejou* isso?"

Ele tirou sua camisa havaiana e dobrou-a cuidadosamente, colocando-a sobre a mesa. "O mais importante é colocar todas as três peças para fora do tabuleiro, e não perder mais nenhuma. Essa era a única forma de fazer. Você vai vencer facilmente agora. Às vezes você tem que perder uma peça para ganhar um jogo."

"Tão verdadeiro," Khonsu disse. "Que encantador! O *ren* de um deus. Está pronto, Bes?"

"Bes, não," implorei. "Isso não está certo."

Ele fez uma careta pra mim. "Ei, garoto, *você* estava disposto a se sacrificar. Está dizendo que eu não sou tão corajoso quanto um mágico qualquer? Além disso, eu sou um deus. Quem sabe? Às vezes a gente volta. Agora, ganhe o jogo e saia daqui. Chute Menshikov no joelho por mim."

Eu tentei pensar em algo para dizer, algo que poderia parar isso, mas Bes disse "Eu estou pronto."

Khonsu fechou seus olhos e inspirou profundamente, como se estivesse desfrutando de um pouco de ar fresco da montanha. A forma de Bes tremeluziu. Ele se dissolveu em uma montagem de imagens ultra-rápidas — uma trupe de anões dançando em um templo à luz da fogueira; uma multidão de Egípcios festejando, levando Bes e Bastet sobre seus ombros; Bes e Taueret em togas em alguma *villa* Romana, comendo uvas e rindo juntos em um sofá; Bes vestido como George Washington em uma peruca empoada e terno de seda, fazendo piruetas em frente de alguns casacas-vermelhas britânicos; Bes no uniforme verde-oliva da *U.S Marine*, assustando um demônio em um uniforme nazista na Segunda Guerra Mundial.

Quando sua silhueta se dissipou, imagens mais recentes tremeluziram: Bes em um uniforme de chofer com uma placa que dizia Kane; Bes nos puxando para fora de nossa limusine afundando no Mediterrâneo; Bes lançando magias em mim em Alexandria quando fui envenenado, tentando desesperadamente me curar; Bes e eu na traseira da caminhonete dos Beduínos, compartilhando carne de cabra e água com gosto-de-vaselina quando nós viajamos ao longo da margem do Nilo. Sua última lembrança: duas crianças, Sadie e eu, olhando para ele com amor e preocupação. Então a imagem desvanece, e Bes se foi. Até sua camisa Havaiana tinha desaparecido.

“Você tirou tudo dele!” Eu gritei. “Seu corpo — tudo. Esse não era o acordo!”

Khonsu abriu seus olhos e suspirou profundamente. “Isso foi amável.” Ele sorriu para nós como se nada tivesse acontecido. “Acredito que seja a sua vez.”

Seus olhos de prata estavam frios e luminosos, e eu tive a sensação de que pelo resto da minha vida, eu odiaria olhar para a lua.

Talvez fosse raiva, ou a estratégia de Bes, ou talvez nós apenas tivéssemos sorte, mas o resto do jogo Sadie e eu acabamos com Khonsu facilmente. Nós batemos suas peças em cada oportunidade. Dentro de cinco minutos, a nossa última peça estava fora do tabuleiro.

Khonsu estendeu suas mãos. “Bem jogado! As três horas são suas. Se vocês se apressarem, poderão passar pelos portões da Oitava Casa.”

“Eu te odeio,” Sadie disse. Foi a primeira vez que ela tinha falado desde que Bes desapareceu. “Você é frio, calculista, horrível—”

“E sou tudo o que você precisava.” Khonsu tirou seu Rolex de platina e voltou o tempo — uma, duas, três horas. Tudo ao nosso redor, as estátuas dos deuses tremeluziram e saltaram como se o mundo estivesse sendo girado ao contrário.

“Agora,” Khonsu disse, “vocês gostariam de gastar seu tempo ganho arduamente reclamando? Ou você quer salvar esse pobre, velho e tolo rei?”

“Zebras?” Rá murmurou, esperançoso.

“Onde estão nossos pais?” Perguntei. “Pelo menos nos deixe dizer adeus.”

Khonsu balançou a cabeça. “Tempo é precioso, Carter Kane. Você já deveria ter aprendido essa lição. É melhor eu te mandar pro seu caminho; mas se você quiser jogar comigo de novo — por segundos, horas, até dias — é só me avisar. Seu crédito é bom.”

Eu não pude aguentar. Eu esbofeteei Khonsu, mas o deus da lua desapareceu. O pavilhão inteiro desapareceu, e Sadie e eu estávamos de pé no convés da Barca Solar novamente, descendo o rio escuro. As luzes da tripulação zumbiam em torno de nós, manejando os remos e aparando a vela. Rá sentou em seu trono de fogo, brincando com seu cajado e mangual como se fossem marionetes numa conversa imaginária.

Diante de nós, um par de enormes portas de pedra surgiu da escuridão. Oito cobras enormes foram esculpidas na rocha, quatro de cada lado. Os portões estavam fechando lentamente, mas a Barca Solar deslizou para dentro na hora, e nós passamos para dentro da Oitava Casa.

Eu tenho que dizer, a Casa dos Desafios não pareceu muito desafiadora. Lutamos contra monstros, sim. Serpentes elevaram-se do rio. Demônios surgiram. Navios cheios de fantasmas tentaram embarcar na Barca Solar. Destruímos todos. Eu estava tão irritado, tão devastado com a perda de Bes, que eu imaginei que cada ameaça era o deus da lua Khonsu. Nossos inimigos não tiveram chance.

Sadie lançou magias que eu nunca a tinha visto usar. Ela invocou folhas de gelo que provavelmente acompanharam suas emoções, deixando vários demônios *icebergs* em nosso rastro. Ela transformou um navio inteiro cheio de fantasmas de piratas em bolhas com o formato da cabeça de Konshu, então os vaporizou em uma explosão nuclear em miniatura. Enquanto isso, Rá brincava alegremente com seus brinquedos, enquanto os criados de luz se agitavam pelo convés, aparentemente sentindo que nossa viagem estava atingindo uma fase crítica. A Nona, Décima e Décima Primeira Casa passaram em um borrão. De vez em quando eu ouvi um espirro de água atrás de nós, como o remo de outro barco. Eu olhei pra trás, me perguntando se Menshikov de algum modo tinha pegado nosso rastro de novo, mas eu não vi nada. Se alguma coisa *estivesse* nos seguindo, ele sabia avançar sem se mostrar.

Da última vez, eu ouvi um barulho à frente, como outra cachoeira ou um trecho de corredeiras. As órbitas de luz trabalharam arduamente para descer a vela, empurrando os remos, mas continuamos ganhando velocidade.

Passamos sob uma arcada baixa esculpida com a forma da deusa Nut, seus membros estrelados se estendiam protetoramente e seu rosto sorrindo em acolhimento. Tive a sensação de que estávamos entrando na Décima Segunda Casa, a última parte do Duat antes de sairmos para um novo amanhecer.

Eu esperava ver uma luz no fim do túnel, literalmente, mas ao invés disso nosso caminho tinha sido sabotado. Eu podia ver aonde o rio *supostamente* iria. O túnel continuava em frente, lentamente em curvas saindo do Duat. Eu podia até mesmo sentir cheiro de ar fresco — o cheiro do mundo mortal. Mas o fim do túnel tinha sido drenado em um campo de lama. Diante de nós, o rio mergulhava em um buraco enorme, como se um asteróide tivesse feito um buraco na terra e desviado a água para baixo. Nós estávamos correndo em direção à queda. "Podemos pular," Sadie disse. "Abandonar o navio..."

Mas acho que chegamos à mesma conclusão. Precisávamos da Barca Solar. Precisávamos de Rá. Teríamos que seguir o curso do rio, onde quer que ele levasse.

"É uma armadilha," Sadie disse. "Trabalho de Apófis."

"Eu sei," disse. "Vamos dizer a ele que não gostamos de seu trabalho."

Nós nos agarramos ao mastro enquanto o navio afundava no redemoinho. Pareceu como se nós tivéssemos caído para sempre. Sabe a sensação quando você mergulha fundo em um poço profundo, como se seu nariz e ouvidos fossem explodir, e seus olhos fossem saltar de sua cabeça? Imagine essa sensação uma centena de vezes pior. Nós estávamos afundando no Duat mais profundo do que já tínhamos ido — mais profundo que qualquer mortal era suposto a ir. As moléculas do meu corpo pareciam como se estivessem se aquecendo, zumbindo tão rápido que elas poderiam se separar.

Nós não nos espatifamos. Não batemos no fundo. A Barca simplesmente mudou de direção, como se para baixo virasse para o lado, e navegamos por uma caverna que brilhava com uma luz vermelha desagradável. A pressão mágica era tão intensa que meus ouvidos soaram. Eu estava enjoado e mal conseguia pensar direito, mas eu reconheci o litoral à frente: uma praia feita de milhões de cascas de escaravelhos mortos, mudando e surgindo como se uma força embaixo — uma maciça forma de serpente — lutasse para se libertar. Dezenas de demônios estavam vasculhando as cascas de escaravelhos com pás. E de pé na praia, esperando pacientemente por nós, estava Vlad Menshikov, suas roupas queimadas e enfumaçadas, seu bastão brilhando com fogo verde.

"Bem-vindas, crianças," ele chamou através da água. "Venham. Juntem-se a mim para o fim do mundo."

C A R T E R

22. Amigos Em Lugares Estranhos

PARECIA QUE MENSHIKOV TINHA NADADO pelo Lago de Fogo sem um escudo mágico. Seus cabelos grisalhos cacheados tinham sido reduzidos a palha negra. Seu terno branco estava em farrapos e cheio de furos queimados. Seu rosto inteiro estava com bolhas, para seus olhos arruinados não parecerem fora do lugar. Como Bes devia ter dito, Menshikov estava vestindo suas roupas feias.

A memória de Bes me fez ficar com raiva. Tudo que tínhamos passado, tudo que tínhamos perdido, era tudo culpa de Vlad Menshikov.

A Barca do Sol parou na praia de conchas de escaravelho.

Rá berrou *Olá-á-á-á-á-á* e tropeçou em seus pés. Ele começou a perseguir uma servo de esfera azul ao redor convés como se fosse uma borboleta bonita.

Os demônios derrubaram suas pás e se reuniram na margem. Eles olharam uns aos outros incertos, sem dúvida se perguntando se esse era algum tipo de pegadinha. Com certeza esse velho caduco boboca não podia ser o deus sol.

“Maravilha,” Menshikov disse. “Vocês trouxeram Rá, afinal de contas.”

Isso me deu um momento para perceber o que tinha de diferente em sua voz. A respiração rouca se fora. Seu tom era barítono, profundo e suave.

“Fiquei preocupado,” ele continuou. “Vocês demoraram tanto tempo na Quarta Casa, achei que vocês estariam presos para passar a noite. Podíamos ter libertado Lorde Apófis sem vocês, é claro, mas teria sido tão inconveniente caçar vocês mais tarde. Isso é muito melhor. Lorde Apófis vai estar faminto quando acordar. Ele vai ficar mais feliz por vocês terem trazido um lanche para ele.”

“*Wheee*, lanche,” Rá riu. Ele mancava ao redor do barco, tentando esmagar o servo de luz com seu mangual.

Os demônios começaram a rir. Menshikov deu a eles um sorriso indulgente.

“Sim, muito engraçado,” ele disse. “Meu avô divertiu Pedro, o Grande, com um casamento anão. Vou fazer melhor. Vou entreter o próprio Lorde do Caos com o deus sol senil!”

A voz de Hórus falou urgente na minha mente: *Pegue de volta as armas do faraó. Essa é a sua última chance!*

Lá no fundo, eu sabia que era um péssima ideia. Se eu clamasse as armas do faraó agora, eu nunca as devolveria. E os poderes que eu ganharia não seriam suficientes para derrotar

Apófis. Ainda assim, fiquei tentado. Eu me sentiria tão bem em pegar o cajado e o mangual daquele Rá velho e estúpido e esmagar Menshikov no chão.

Os olhos do russo brilharam com malícia.

“Uma revanche, Carter Kane? Certamente. Percebi que você não tem seu anão babá dessa vez. Vamos ver o que consegue fazer por si próprio.”

Minha visão ficou vermelha, e isso não tinha nada a ver com a luz na caverna. Eu saí do barco e invoquei o avatar do deus falcão. Eu nunca havia tentado o feitiço tão fundo no Duat antes. Consegui mais do que pedi. Em vez de ficar envolto em uma holografia brilhante, me senti mais alto e mais forte. Minha visão aumentou, mais nítida.

Sadie fez um som estrangulado.

“Carter?”

“Pássaro grande!” Rá disse.

Olhei para baixo e descobri que eu era um gigante de carne e osso, quatro metros e meio de altura, vestido na armadura de batalha de Hórus. Levei minhas mãos enormes para a cabeça e afaguei penas em vez de cabelo. Minha boca era um bico afiado. Gritei com alegria, e saiu como um guincho, ecoando pela caverna.

Os demônios se afastaram nervosos. Olhei para baixo para Menshikov, que agora parecia tão insignificante quanto um rato. Eu estava pronto para pulverizá-lo, mas Menshikov zombou e apontou seu cajado. Seja lá o que ele estava planejando, Sadie foi mais rápida. Ela atirou seu próprio cajado, que se transformou em um papagaio (da espécie da ave de rapina) tão grande quanto um pterodátilo.

Típico. Eu viro algo bem legal como um guerreiro falcão, e Sadie tem que me acompanhar. Seu papagaio bofeteava o ar com suas asas pesadas. Menshikov e seus demônios foram dar cambalhotas do outro lado da praia.

“Dois pássaros grandes!” Rá começou a aplaudir.

“Carter, me dê cobertura!” Sadie puxou o Livro de Rá. “Preciso começar o encanto.”

Achei que o papagaio gigante estava fazendo um ótimo trabalho em função de guarda, mas dei um passo à frente e fiquei pronto para lutar.

Menshikov ficou de pé.

“Certamente, Sadie Kane, comece seu encanto. Você não entende? O espírito de Khepri *criou* essa prisão. Rá deu parte de sua própria alma, sua habilidade de renascer, para manter Apófis acorrentado.”

Pareceu que ele tinha dado um tapa no rosto de Sadie.

“‘O último escaravelho’...”

“Exatamente,” Menshikov concordou. “Todos esses escaravelhos se multiplicaram de um — Khepri, a terceira alma de Rá. Meus demônios vão encontrá-lo, eventualmente, vasculhando

pelas conchas. É um dos únicos escaravelhos que ainda estão vivos agora, e uma vez que eu esmagá-lo, Apófis irá se libertar. Mesmo se vocês invocarem Rá de volta, Apófis ainda vai ficar livre! De qualquer maneira, Rá está muito fraco para lutar. Apófis vai devorá-lo, como as profecias antigas previram, e o Caos vai destruir o Ma'at de uma vez por todas. Vocês não podem vencer."

"Você é insano," eu disse, minha voz muito mais profunda que o normal. "Você vai ser destruído também."

Vi a luz fraturada em seus olhos, e percebi alguma coisa que me chocou no âmago.

Menshikov não queria isso mais que nós. Ele tinha vivido com tanta tristeza e desespero que Apófis tinha bagunçado sua alma, o feito um prisioneiro de seus próprios sentimentos detestáveis. Vladimir Menshikov pretendia se regozijar, mas ele não sentia nenhuma sensação de triunfo. Por dentro ele estava aterrorizado, derrotado, miserável. Ele estava escravizado por Apófis. Quase senti pena por ele.

"Já estamos mortos, Carter Kane," ele disse. "Esse lugar nunca foi feito para humanos. Você não sente? O poder do Caos está infiltrando nossos corpos, murchando nossas almas. Mas eu tenho planos maiores. Um *hospedeiro* pode viver indefinidamente, não importa que doença ele pode ter, não importa o quanto ele possa ser ferido. Apófis já curou minha voz. Em breve vou estar inteiro novamente. Vou viver para sempre!"

"Um hospedeiro..." Quando percebi o que ele estava falando, quase perdi o controle da minha nova forma gigante. "Você não está falando sério. Menshikov, pare isso antes que seja tarde demais."

"E morrer?" Ele perguntou.

Atrás de mim, uma nova voz disse, "Há coisas piores que morrer, Vladimir."

Virei-me e vi um segundo barco deslizando em direção à margem — um bote cinza pequeno com um simples remo mágico que remava sozinho. O olho de Hórus estava pintado na proa do barco, e seu passageiro solitário era Michel Desjardins. O cabelo e barba do Sacerdote-Sacerdote-leitor Chefe estavam agora tão brancos quanto a neve. Hieróglifos brilhantes flutuavam de suas vestes cor de creme, fazendo uma trilha de palavras divinas atrás dele.

Desjardins pisou em terra firme. "Você é brinquedo de alguma coisa *muito* pior que a morte, meu velho amigo. Reze para que eu te mate antes que tenha sucesso."

De todas as coisas estranhas que eu tinha experimentado aquela noite, Desjardins se intensificando para lutar do *nosso* lado era definitivamente a mais estranha.

Ele caminhou entre meu guerreiro falcão gigante e o mega-papagaio de Sadie como se não fossem grande coisa, e plantou seu cajado nos escaravelhos mortos.

"Renda-se, Vladimir."

Menshikov riu. “Você tem olhado para si mesmo recentemente, meu senhor? Minhas maldições estiveram minando suas forças por meses, e você nem mesmo percebeu isso. Você está quase morto agora. *Eu* sou o mago mais poderoso do mundo.”

Era verdade que Desjardins não parecia bem. Seu rosto estava quase tão magro e enrugado quanto o do deus sol. Mas a nuvem de hieróglifos parecia forte ao seu redor. Seus olhos brilhavam com intensidade, assim como meses atrás no Novo México, quando ele tinha batalhado contra nós nas ruas de Las Cruces e jurado nos destruir. Ele deu um passo á frente, e a ralé de demônios se afastou. Acho que eles reconhecerem a pele de leopardo ao redor de seus ombros como uma marca de poder.

“Eu falhei em muitas coisas,” Desjardins admitiu. “Mas não vou falhar nisso. *Não* vou deixar você destruir a Casa da Vida.”

“A Casa?” A voz de Menshikov ficou aguda. “Ela morreu séculos atrás! Ela devia ter sido dissolvida quando o Egito caiu.” Ele chutou as cascas secas de escaravelho. “A Casa tem tanta vida quanto essas cascas ocas de inseto. Acorde, Michel! O Egito se foi, está sem sentido, a história antiga. É hora de destruir o mundo e começar outra vez. O Caos sempre vence.”

“Nem sempre.” Desjardins se virou para Sadie. “Começe o encanto. Vou cuidar desse desgraçado.”

O chão subiu debaixo de nós, tremendo enquanto Apófis tentava ascender.

“Pense primeiro, criança.” Menshikov avisou. “O mundo vai acabar não importa o que faça. Os mortais não podem deixar essa caverna vivos, mas dois de vocês foram possuídos por deuses. Combinem com Hórus e Ísis de novo, se comprometa a servir Apófis, e podem sobreviver essa noite. Desjardins sempre foi seu inimigo. Mate-o para mim agora e apresente seu corpo como um presente para Apófis! Vou garantir a ambos posições de honra em um novo mundo comandado pelo Caos, sem restrições de quaisquer regras. Posso te dar o segredo da cura de Walt Stone.”

Ele sorriu da expressão aturdida de Sadie.

“Sim, minha garota. Eu *sei* como. O remédio foi passado por gerações pelos padres de Amun-Rá. Mate Desjardins, una-se com Apófis, e o garoto que você ama será poupado.”

Vou ser honesto. Suas palavras eram persuasivas. Eu podia imaginar um novo mundo onde nada era impossível, onde não haveria leis aplicadas, nem mesmo as leis da física, e poderíamos ser o que quiséssemos.

O Caos é impaciente. É aleatório. E acima de tudo, é egoísta. Ele derruba tudo apenas por uma questão de mudança, se alimentando em fome constante. Mas o Caos pode também ser atraente. Ele tenta você a acreditar que nada importa exceto o que *você* quer. E havia *tanto* que eu queria.

A voz restaurada de Menshikov era suave e confiante, como o tom de Amós quando ele usava magia para persuadir mortais.

Aquilo era o problema. A promessa de Menshikov era um truque. Suas palavras não eram mesmo suas. Elas estavam sendo forçadas a sair dele. Seus olhos se mexiam como se estivessem lendo um teleponto. Ele falava da vontade de Apófis, mas quando ele terminava trancava os olhos em mim, e só brevemente vi seus pensamentos reais — um apelo torturado que ele teria gritado se tivesse controle de sua própria boca: *Me mate agora. Por favor*.

“Me desculpe, Menshikov,” eu disse, e sinceramente disse isso literalmente. “Magos e deuses tem que ficar juntos. O mundo pode precisar de fixação, mas vale a pena preservar. Não vamos deixar o Caos vencer.”

Então um monte de coisas aconteceu de uma vez. Sadie abriu seu pergaminho e começou a ler. Menshikov gritou *Ataquem!* E os demônios marcharam à frente. O papagaio gigante estendeu suas asas, desviando uma explosão de fogo verde do cajado de Menshikov que provavelmente teria incinerado Sadie completamente. Encarreguei-me de protegê-la, enquanto Desjardins invocava um turbilhão de vento ao redor de seu corpo e voava na direção de Vlad Menshikov.

Andei no meio dos demônios. Atingi um com uma cabeça de navalha, agarrei seus tornozelos, e o balancei como uma arma, fatiando seus aliados em pilhas de areia. O papagaio gigante de Sadie pegou mais dois em suas garras e os atirou no rio.

Enquanto isso Desjardins e Menshikov subiam no ar, presos dentro de um tornado. Eles giravam em torno de si, disparando fogo, veneno e ácido. Os demônios que chegavam muito perto derretiam instantaneamente.

No meio disso tudo, Sadie lia o Livro de Rá. Não sabia como ela podia se concentrar, mas suas palavras ressoavam claras e altas. Ela invocou o amanhecer e a ascensão de um novo dia. Névoa dourada começou a se espalhar ao redor de seus pés, tecendo as cascas secas como se estivesse procurando por vida. A praia inteira estremeceu, e bem no subterrâneo, Apófis rugiu em ultraje.

“Oh, não!” Rá gritou atrás de mim. “Vegetais!”

Virei-me e vi um dos maiores demônios embarcando no barco de sol, lâminas em todas as quatro de suas mãos. Rá deu a ele a amora e correu, se escondendo atrás de seu trono ardente.

Atirei o Cabeça de Navalha na multidão de seus amigos, agarrei uma lança de outro demônio, e atirei na direção do barco.

Se tivesse sido *eu* atirando, minha completa falta de habilidade em tiros de longa distância me faria empalar o deus sol, que teria ficado muito constrangedor. Felizmente, minha nova forma gigante tinha mira digna de Hórus. A lâmina atingiu o demônio de quatro braços bem

na parte de trás. Ele derrubou as facas, cambaleou para a borda do barco e caiu no Rio da Noite.

Rá se debruçou para o lado e deu a ele a última amora para boa medida.

O tornado de Desjardins ainda girava em torno dele, travado em combate com Menshikov. Eu não podia dizer qual mago tinha vantagem. O papagaio de Sadie estava fazendo seu melhor para protegê-la, empalando demônios com seu bico e esmagando eles com suas garras enormes. De algum jeito Sadie manteve sua concentração. A névoa dourada engrossou enquanto se espalhava pela praia.

Os demônios restantes começaram a recuar enquanto Sadie falava as últimas palavras do encanto: "'Khepri, o escaravelho que nasce da morte, o renascimento de Rá'!"

O Livro de Rá sumiu em um clarão. O chão retumbou, e da massa de conchas mortas, um simples escaravelho subiu no ar, um inseto vivo dourado que flutuou na direção de Sadie e começou a descansar em suas mãos.

Sadie sorriu triunfante, eu quase ousei esperar que tínhamos vencido. Então um riso sibilante encheu a caverna. Desjardins perdeu o controle de seu redemoinho, e o Sacerdote-Sacerdote-leitor Chefe saiu voando na direção do barco, batendo na proa com tanta força que quebrou o parapeito e ficou absolutamente imóvel.

Vladimir Menshikov caiu no chão, aterrissando agachado. Em torno de seus pés, as conchas de escaravelhos mortos se dissolveram, virando areia cor de sangue.

"Brilhante," ele disse. "Brilhante, Sadie Kane!"

Ele se levantou, e toda a energia mágica na caverna pareceu correr na direção de seu corpo — névoa dourada, luz vermelha, hieróglifos brilhante — tudo em colapso com Menshikov como se ele tivesse pego a gravidade de um buraco negro.

Seus olhos arruinados se curaram. Seu rosto cheio de bolhas começou a se alisar, jovem e bonito. Seu terno branco se reparou, então o tecido ficou vermelho escuro. Sua pele ondulou, e percebi com um calafrio que ele tinha escamas de cobra crescendo.

Na Barca do sol, Rá murmurou, "Oh, não. Preciso de zebras."

A praia inteira virou areia vermelha.

Menshikov estendeu a mão para a minha irmã. "Me dê o escaravelho, Sadie. Vou ter uma troca com você. Você e seu irmão vão sobreviver. Walt vai sobreviver."

Sadie agarrou o escaravelho. Fiquei pronto para atacar. Mesmo no meu corpo de guerreiro falcão gigante, podia sentir a energia do Caos ficando mais forte e mais forte, solapando minha força. Não tínhamos muito tempo, mas tínhamos que parar Apófis. No interior da minha mente, aceitei o fato de que morreria. Estava agindo agora pelo amor de nossos amigos, pela família Kane, por todo o mundo mortal.

“Você quer o escaravelho, Apófis?” A voz de Sadie era cheia de repugnância. “Então venha e pegue, seu nojento...” Ela chamou Apófis de algumas palavras tão ruins que vovó teria lavado sua boca com sabão por um ano. [E não, Sadie, não vou dizê-las no microfone.]

Menshikov deu um passo em sua direção. Peguei uma pá que um dos demônios tinha derrubado. O papagaio gigante de Sadie voou para Menshikov, suas garras posicionadas para atacar, mas Menshikov sacudiu suas mãos como se estivesse espantando uma mosca. O monstro se dissolveu em uma nuvem de penas.

“Você me toma por um deus?” Menshikov rugiu.

Enquanto ele se focava em Sadie, eu o contornei por trás, fazendo o meu melhor para me aproximar sorrateiramente — o que não era fácil quando você é um homem pássaro de quinze pés de altura.

“Eu sou o próprio Caos!” Menshikov berrou. “Vou desfiar seus ossos, dissolver sua alma, e mandar você de volta para o lodo primitivo de onde veio. Agora, me dê o escaravelho!”

“Tentador,” Sadie disse. “O que você acha, Carter?”

Menshikov percebeu a armadilha tarde demais. Eu saltei para frente e o acertei na cabeça com a pá. Menshikov foi amassado. Eu arremessei seu corpo na areia, então me levantei e pisei nele em um pouco mais fundo. Eu o escondi o melhor que pude, então Sadie apontou para o local do enterro disse um glifo para fogo.

A areia derreteu, endurecendo em um bloco do tamanho de um caixão de vidro sólido.

Eu teria cuspido nele, também, mas não tinha certeza se podia fazer isso com um bico de falcão.

Os demônios sobreviventes fizeram a coisa sensata. Eles fugiram de pânico. Alguns pularam no rio e se deixaram dissolver, que era uma economia de tempo de verdade para nós.

“Não foi tão difícil,” Sadie disse, acho que podia dizer que a energia do Caos estava começando a sair dela, também. Mesmo quando ela tinha cinco anos e teve pneumonia, não acho que ela parecia tão ruim.

“Depressa,” eu disse. Minha adrenalina estava sumindo rapidamente. Minha forma avatar estava começando a parecer como duzentos e vinte quilos de peso morto. “Dê o escaravelho para Rá.”

Ela assentiu, e correu na direção do barco do sol; mas ela só fez metade do caminho quando a tumba de vidro de Menshikov explodiu.

A explosão de magia mais poderosa que eu já tinha visto era o feitiço *ha-di* de Sadie. Essa explosão era cerca de cinqüenta vezes mais poderosa.

Uma onde de areia e cacos de vidro de alta potência me acertou e picou meu avatar.

De volta ao meu corpo normal, cego de dor, me arrastei para longe da voz risonha de Apófis.

"Onde você vai, Sadie Kane?" Apófis chamou, sua voz agora tão profunda quanto um tiro de canhão. "Onde está aquela garotinha malvada com meu escaravelho?"

Pisquei a areia dos meus olhos. Vlad Menshikov — não, ele parecia Vlad, mas ele era Apófis agora — estava cerca de quinze metros de distância, espreitando em torno da borda da cratera que ele tinha feito na praia.

Ou ele não me viu, ou ele assumiu que eu estivesse morto. Ele estava olhando para Sadie, mas ela não estava em lugar nenhum. A explosão deveria ter a escondido na areia, ou pior.

Minha garganta fechou. Eu queria ficar de pé e enfrentar Apófis, mas meu corpo não funcionava.

Minha magia estava esgotada. O poder do Caos estava extraindo minha força de vida. Só ficando perto de Apófis me senti como se estivesse sendo desfeito — minhas sinapses cerebrais, meu DNA, tudo que me fazia ser Carter Kane estava lentamente se dissolvendo.

Finalmente, Apófis estendeu seus braços. "Não importa. Vou escavar seu corpo mais tarde. Primeiro, vou cuidar do velho."

Por um segundo achei que ele estava falando de Desjardins, que ainda estava amassado sem vida sobre o parapeito quebrado, mas Apófis escalou o barco, ignorando o Sacerdote-leitor Chefe, e se aproximou do trono de fogo.

"Olá, Rá," ele disse em uma voz agradável. "Tem sido um longo tempo."

Uma voz fraca de trás da cadeira disse, "Não posso jogar. Vá embora."

"Gostaria de um trato?" Apófis perguntou. "Costumávamos jogar tão bem juntos. Toda noite, tentando matar um ao outro. Você não lembra?"

Rá enfiou a cabeça careca acima do trono. "Trato?"

"Que tal uma data cheia?" Apófis puxou o ar. "Você costumava adorar datas cheias, não é? Tudo o que você tem que fazer é sair daí e me deixar te devorar — que dizer, te entreter."

"Querer um biscoito," Rá disse.

"Que tipo?"

"Biscoito de doninha."

Estou aqui para te dizer, que o comentário sobre biscoitos de doninha provavelmente salvou o universo conhecido.

Apófis deu um passo para trás, obviamente confuso pelo comentário que foi até mais caótico que *ele*. E nesse momento, Michel Desjardins o golpeou.

O Sacerdote-leitor Chefe deveria estar fingindo morte, ou talvez ele só tenha se recuperado rápido. Ele se levantou e se jogou contra Apófis, batendo-o contra o trono queimando.

Menshikov gritou em sua antiga voz rouca. Vapor silvou como água em um churrasco.

As vestes de Desjardins pegaram fogo. Rá se mexeu atrás do barco e jogou o cajado no ar como se aquilo fizesse os homens malvados irem embora.

Lutei para ficar de pé, mas ainda me sentia como se estivesse carregando duzentos e vinte quilos extras.

Menshikov e Desjardins agarraram um ao outro em frente ao trono. Essa era a cena que eu tinha testemunhado no Salão das Eras: o primeiro momento de uma nova era.

Eu sabia que deveria ajudar, mas me movi ao longo da praia, tentando avaliar o local onde eu tinha visto Sadie pela última vez. Caí nos meus tornozelos e comecei a cavar.

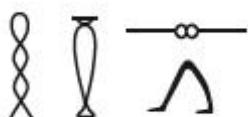
Desjardins e Menshikov lutavam para frente e para trás, gritando palavras de poder. Olhei e vi uma nuvem de hieróglifos e luz vermelha rodopiando-os enquanto o Sacerdote-leitor Chefe invocava o Ma'at, e Apófis com a mesma rapidez dissolvia seus feitiços com o Caos. Quanto a Rá, o todo poderoso deus sol, ele tinha se mexido para a popa do barco e estava agachado atrás do leme.

Continuei cavando.

"Sadie," murmurei. "Vamos lá. Cadê você?"

Pense, disse a mim mesmo.

Fechei meus olhos. Pensei em Sadie — toda memória que tínhamos compartilhado desde o Natal. Tínhamos vivido separados por anos, mas nos últimos três meses, fiquei mais próximo dela que qualquer um no mundo.

Se ela podia arranjar meu nome secreto enquanto eu estava inconsciente, com certeza eu podia encontrá-la em uma pilha de areia.

Mexi uns três metros para a esquerda e comecei a cavar de novo. Imediatamente arranhei o nariz de Sadie.

Ela grunhiu, o que significava que pelo menos ela estava viva. Limpei seu rosto e ela tossiu. Então ela ergueu seus braços, e eu a puxei da areia. Fiquei tão aliviado, eu quase chorei; mas sendo um cara machão, não fiz isso.

[Cale a boca, Sadie. *Eu* estou falando essa parte.]

Apófis e Desjardins ainda estavam lutando logo à frente no barco de sol.

Desjardins gritou *Heh-sieh!* E um hieróglifo brilhou entre eles:

Apófis saiu voando do barco como se tivesse sido enganchado por um trem em movimento. Ele passou bem acima de nós e caiu na areia cerca de doze metros de distância.

"Boa," Sadie murmurou um pouco aturdida. "Hieróglifo para '*Volte para trás*'."

Desjardins saiu cambaleando do barco do sol. Suas vestes ainda estavam ardendo em chamas, mas de sua manga ele puxou uma estatueta de cerâmica — uma cobra vermelha esculpida com hieróglifos.

Sadie engasgou. “Um *shabti* de Apófis? A penalidade para fazer aquilo é a morte!”

Pude entender por que. Imagens tinham poder. Em mãos erradas, elas podiam fortalecer ou até mesmo invocar o que está sendo representado, e uma estátua de Apófis era um jeito muito perigoso para fazer isso. Mas isso também era um ingrediente necessário para certos feitiços...

“Uma execração,” eu disse. “Ele está tentando apagar Apófis.”

“Isso é impossível!” Sadie disse. “Ele vai ser destruído!”

Desjardins começou a cantar. Hieróglifos brilharam no ar em volta dele, girando em um cone de poder protetor. Sadie tentou se levantar, mas ela não estava mais em melhor forma que eu.

Apófis se sentou. Seu rosto era um pesadelo de queimaduras do trono de fogo. Ele parecia um hambúrguer semi-cozido que alguém tinha derrubado na areia. [Sadie disse que isso é muito grosseiro. Bem, me desculpe. É a verdade.]

Quando ele viu a estátua nas mãos do Sacerdote-leitor Chefe, ele rugiu em ultraje. “Você é insano, Michel? Você não pode me execrar!”

“Apófis,” Desjardins cantou, “eu o nomeio Senhor do Caos, Serpente da Escuridão, Temor das Doze Casas, o Único Odiado...”

“Pare com isso!” Apófis berrou. “Eu não posso ser contido!”

Ele lançou uma explosão de fogo em Desjardins, mas a energia simplesmente se uniu à nuvem girando ao redor do Sacerdote-leitor Chefe, virando um hieróglifo para ‘calor’. Desjardins cambaleou para frente, o envelhecimento diante de nossos olhos, ficando mais curvado e frágil, mas sua voz manteve-se forte. “Eu falo pelos deuses. Eu falo pela Casa da Vida. Sou um servidor do Ma’at. Eu o expulso sob os pés.”

Desjardins jogou a cobra vermelha, e Apófis caiu para o lado.

O Senhor do Caos lançou tudo o que tinha para Desjardins — gelo, veneno, relâmpago, rochas — mas nada acertou. Eles todos simplesmente viraram hieróglifos no escudo do Sacerdote-leitor Chefe, o Caos forçado a padrões de palavras — na linguagem divina da criação.

Desjardins esmagou a cobra de cerâmica debaixo do pé. Apófis se contorceu de agonia. A coisa que costumava ser Vladimir Menshikov se desintegrou como uma concha de cera, e uma criatura se ergueu dele — uma cobra vermelha, coberta de lodo como um filhote novo. Começou a crescer, suas escamas vermelhas cintilando e seus olhos brilhando.

Sua voz ressoou em minha mente: *Não posso ser contido!*

Mas estava tendo dificuldade para crescer. A areia se agitou em torno dele. Um portal foi aberto, ancorando o próprio Apófis.

"Eu apago o seu nome," Desjardins disse. "Eu o removo da memória do Egito."

Apófis gritou. A praia implodiu ao seu redor, engolindo a serpente e sugando a areia vermelha para dentro do turbilhão.

Agarrei Sadie e corri para o barco. Desjardins desabou de joelhos de exaustão, mas de algum jeito consegui puxar seu braço e o arrastei para a praia. Juntos Sadie e eu o rebocamos a bordo do barco de sol. Rá finalmente saiu de seu esconderijo sob o leme. As luzes servidoras brilhantes tripularam os remos, e nos afastamos enquanto a praia inteira afundava nas águas escuras, lampejos de relâmpagos vermelhos ondulando debaixo da superfície.

Desjardins estava morrendo.

Os hieróglifos tinham desvanecido ao seu redor. Sua testa estava queimando. Sua pede estava tão seca e fina quanto papel de arroz, e sua voz era um sussurro áspero.

"A execração n-não vai ser o final," ele avisou. "Só comprei algum tempo para vocês."

Segurei sua mão como se ele fosse um velho amigo, não um inimigo passado. Depois de jogar *senet* com o deus da lua, comprar tempo não era alguma coisa que eu tinha ânimo. "Por que você fez isso?" Perguntei. "Você usou toda a sua força para bani-lo."

Desjardins sorriu fracamente. "Não gosto muito de vocês. Mas estavam certos. Os velhos modos... nossa única chance. Conte a Amós... conte a Amós o que aconteceu." Ele agarrou fracamente sua capa de pele de leopardo, e eu percebi que ele queria tirá-la. Eu o ajudei, e ele pressionou a capa em minhas mãos. "Mostre isso para... os outros... Conte a Amós..."

Seus olhos viraram, e o Sacerdote-leitor Chefe passou. Seu corpo se desintegrou em hieróglifos — muitos para ler, a história de toda a sua vida. Então as palavras flutuaram para o Rio da Noite.

"Adeus," Rá murmurou. "Doninhas estão doentes."

Eu quase tinha esquecido o deus velho. Ele despencou em seu trono de novo, descansando sua cabeça na alça de seu cajado e golpeando seu mangual sem muita vontade nas luzes servidoras.

Sadie respirou instável. "Desjardins nos *salvou*. Eu— eu não gostava muito dele, mas—"

"Eu sei," eu disse. "Mas temos que continuar. Você ainda tem o escaravelho?"

Sadie puxou o escaravelho dourado se contorcendo de sua bolsa. Juntos nos aproximamos de Rá.

"Pegue," eu disse a ele.

Rá enrugou seu nariz já enrugado. "Não querer um inseto."

“É a sua alma!” Sadie disse. “Você vai pegar, e vai gostar!”

Rá parecia intimidado. Ele pegou o inseto, e para o meu terror, o enfiou na boca.

“Não!” Sadie gritou.

Tarde demais. Rá tinha engolido.

“Oh, Deus,” Sadie disse. “Ele deveria fazer isso? Talvez ele devesse fazer isso.”

“Não gostar de insetos,” Rá murmurou.

Esperamos por ele mudar para um rei jovem e poderoso. Em vez disso, ele arrotou. Ele ficou velho, e estranho, e detestável.

Em um torpor, caminhei com Sadie de volta à frente do barco. Tínhamos feito tudo que pudemos, e ainda senti como se tivéssemos perdido. Enquanto navegávamos, a pressão da magia pareceu aliviar. O rio pareceu alisar, mas eu podia sentir que estávamos ascendendo rapidamente pelo Duat. Apesar disso, eu ainda sentia como se minhas entranhas estivessem derretendo.

Sadie não parecia melhor.

As palavras de Menshikov ecoaram na minha cabeça: *Mortais não podem deixar essa caverna vivos*.

“É a doença do Caos,” Sadie disse. “Não vamos fazer isso, não é?”

“Temos que continuar,” eu disse. “Pelo menos até amanhecer.”

“Tudo aquilo,” Sadie disse, “e o que aconteceu? Recuperamos um deus senil. Perdemos Bes e o Sacerdote-leitor Chefe. E estamos morrendo.”

Peguei a mão de Sadie. “Talvez não. Olhe.”

Na nossa frente, o túnel estava ficando mais brilhante. As paredes da caverna se dissolveram, e o rio se alargou.

Dois pilares levantaram da água — duas estátuas gigantes de escaravelhos douradas. Além delas o amanhecer brilhava na linha do horizonte de Manhattan. O Rio da Noite estava drenando para New York Harbor.

“Cada novo amanhecer é um novo mundo,” lembrei de nosso pai dizendo. “Talvez sejamos curados.”

“Rá, também?” Sadie perguntou.

Eu não tinha uma resposta, mas estava começando a me sentir melhor, mais forte, como se tivesse tido uma boa noite de sono.

Enquanto passávamos entre as estátuas de escaravelhos douradas, olhei para a nossa direita. Do outro lado da água, fumaça estava subindo do Brooklyn — lampejos de luzes multicoloridas e faixas de fogo enquanto criaturas aladas estavam em combate aéreo.

“Eles ainda estão vivos,” Sadie disse. “Eles precisam de ajuda!”

Viramos o barco do sol na direção de casa — e navegamos direto para a batalha.

S A D I E

23. Nós Vamos à Uma Festa Selvagem

[ERRO FATAL, CARTER. Me passar o microfone na parte mais importante? Você nunca vai pegá-lo de volta agora. O final da historia é meu. Há, há, há!]

Oh, aquilo me fez sentir bem. Seria excelente para dominar o mundo.

Mas eu discordo.

Você deveria ver os noticiários sobre o estranho duplo nascer do sol sobre o Brooklyn na manhã de vinte e um de março. Houve muitas teorias: névoa por causa da poluição do ar, queda de temperatura na atmosfera baixa, alienígenas, ou talvez apenas mais um vazamento gás do esgoto causando uma histeria em massa. Amamos gás de esgoto no Brooklyn!

Eu posso confirmar, no entanto, que *houve* brevemente dois sóis no céu. Eu sei disso porque estava em um deles. O sol subiu normal, como sempre. Mas também houve o barco de Rá, queimando como um nascer do sol do Duat, até o porto de Nova York no céu do mundo mortal.

Para os observadores de baixo, o segundo sol pareceu se misturar com a luz do primeiro. O que realmente aconteceu? O barco do sol escureceu enquanto descia perto da Casa no Brooklyn, onde a camuflagem anti-mortal o estava envolvendo e fazendo-o desaparecer.

Nossas defesas mágicas já estavam fazendo hora extra, com uma guerra plena em andamento. Freak, o grifo, estava mergulhando no ar, atacando cobras flamejantes com asas, as *uraei*, em um combate aéreo.

[Eu sei que é uma palavra horrível para pronunciar, *uraei*, mas Carter insiste que esse é o plural para *uraeus*, e não havia nenhum argumento contra ele. Só diga *você está certo e* solte *o microfone*, e você consegue.]

Freak gritou: “Freaaaak!” e atacou os *uraeus*, mas estava em uma grande desvantagem. Seu pelo estava queimado, e suas asas zumbindo deviam estar danificadas, enquanto ele continuava girando em círculos como um helicóptero quebrado.

Seu ninho no telhado estava em chamas. Nosso portal de esfinge foi quebrado, e a chaminé estava manchada de preto como se alguma coisa ou alguém tivesse explodido. Um grupo de magos inimigos e demônios se esconderam atrás do aparelho de ar condicionado e

estavam presos em um combate contra Zia e Walt, que estavam guardando a escadaria. Ambos os lados jogavam fogo, *shabti*, bombas de hieroglífos brilhantes por toda a extensão do telhado ainda não dominado.

Enquanto descíamos sobre o inimigo, o velho Rá (sim, ele ainda estava velho e murcho, como sempre) se inclinou para o lado e acenou para todos com seu cajado. "Olá-á-á-á-á! Zebras!" Ambos os lados olharam com espanto. "Rá!" um demônio gritou. Então, todos gritaram: "Rá?" "Rá!" "Rá!"

Parecia o exército mais assustado do mundo.

Os *uraei* pararam de cuspir fogo, para grande surpresa de Freak, e voaram imediatamente para o barco do sol. Começaram a nos rodiar como uma guarda de honra, e me lembrei do que Menshikov tinha dito sobre eles serem originalmente criaturas de Rá. Aparentemente, eles reconheceram seu velho mestre (com ênfase em *velho*).

A maioria dos inimigos se espalhou quando o barco desceu, mas o mais lento dos demônios disse: "Rá?" e olhou para cima asim que nosso barco do sol aterrissou em cima dele com um *crunch* satisfatório.

Carter e eu pulamos para a batalha. Apesar de tudo que nós passamos, me sentia maravilhosa. A doença do Caos havia desaparecido assim que saímos do Duat. Minha magia estava forte. Meus espíritos estavam elevados. Se eu só tivesse um chuveiro, uma roupa fresca, e uma boa xícara de chá, eu poderia achar que estava no paraíso (Retiro o que disse; agora que eu tinha visto o Paraíso, não gostei muito dele. Me contentaria com meu próprio quarto).

Transformei um demônio em um tigre e joguei-o sobre seus irmãos. Carter surgiu na forma de avatar — o cara dourado brilhante, graças a Deus; um homem passáro de três metros de altura teria sido um pouco assustador para mim. Ele abriu caminho através dos magos inimigos apavorados, e com um movimento de sua mão mandou-os voando para o East River. Zia e Walt saíram da escadaria e nos ajudaram a cuidar dos feridos. Então correram para nós com grandes sorrisos em seus rostos. Pareciam estar machucados e feridos, porém muito vivos.

"FREEEEK!", disse o grifo. Ele desceu e pousou ao lado de Carter, e deu cabeçadas no avatar de combate, o que eu esperava que fosse um sinal de afeto.

"Ei, amigo." Carter coçou sua cabeça, tomando cuidado para evitar as asas afiadas do monstro. "O que está acontecendo, pessoal?"

"Falar não ajuda", afirmou Zia secamente.

"O inimigo vem tentando invadir a casa durante a noite toda", disse Walt. "Amós e Bastet seguraram eles, mas—" ele olhou para o barco do sol, e sua voz vacilou."É isso — não é—"

"Zebra!" Rá disse, cambaleando até nós com um grande sorriso desdentado.

Ele andou diretamente até Zia e puxou algo de sua boca — um escaravelho dourado brilhante, agora completamente molhado, mas não digerido — e ofereceu a ela. “Eu gosto de zebras.”

Zia recuou. “Esse é — esse é Rá, o Lorde do Sol? Por que ele está me oferecendo um escaravelho?”

“E o que ele quis dizer sobre as zebras?” Walt perguntou.

Rá olhou para Walt com desaprovação. “As doninhas estão doentes.”

De repente, um calafrio passou por mim. Minha cabeça girava como se a doença do Caos estivesse voltando. No fundo da minha mente, uma ideia começou a se formar — algo *muito* importante.

Zebras... Zia. Doninhas... Walt.

Antes que eu pudesse pensar sobre isso, uma grande BOOM! sacudiu o prédio. Pedaços de pedra de calcário voaram do lado da mansão e choveram sobre o jardim.

“Eles quebraram as paredes de novo!,” disse Walt. “Depressa!”

Me considero razoavelmente dispersa e rápida, mas o resto da batalha aconteceu muito depressa, até mesmo para *mim* acompanhar. Rá se recusou a se separar da Zebra e da Doninha (desculpe, Zia e Walt), de modo que os deixou sob seus cuidados no barco do sol enquanto Freak levava Carter e eu para o andar de baixo. Caímos de suas garras sobre a mesa de *buffet* e encontramos Bastet girando com suas facas na mão, cortando e transformando demônios em areia e chutando magos para dentro da piscina, onde o nosso crocodilo albino, Filipe da Macedônia, ficou muito feliz em entretê-los.

“Sadie,” ela chorou de alívio. [Sim, Carter, ela chamou *meu* nome ao invés do seu, ela me conhece mais, afinal de contas.] Ela parecia estar se divertindo muito, mas seu tom era urgente. “Eles derrubaram a parede leste. Fique aqui dentro!”

Corremos pela porta, esquivando de um morcego de frutas que saiu voando sobre nossas cabeças, possivelmente alguém que lançou um feitiço que deu errado — e entramos em um pandemônio total.

“Santo Hórus,” disse Carter.

De fato, Hórus era a única coisa que *não* estava batalhando no Grande Salão. Khufu, nosso intrépido babuíno, estava pilotando um velho mago ao redor da sala, sufocando-o com sua própria varinha e colocando-o na direção das paredes até que o mago ficou azul. Felix tinha solto um esquadrão de pinguins em outro mago, que se encolhia em um círculo mágico com algum tipo de estresse pós-traumático, gritando: “Sem Antártida de novo! Tudo menos isso!” Alyssa estava convocando os poderes de Geb para reparar um buraco que o inimigo tinha feito

em uma parede distante. Julian tinha convocado um avatar de combate pela primeira vez, e foi cortando os demônios com sua espada brilhante. Até mesmo Cleo saiu correndo pela sala, puxando pergaminhos de sua bolsa e lendo palavras aleatórias de poder como “Cegos!” “Horizontal!” e “Tagarela!” (que, aliás, fez maravilhas para incapacitar o inimigo). Para onde quer que eu olhasse, nossos iniciados estavam mandando ver. Eles lutaram como se estivessem esperando a noite toda para ter a chance de descansar, o que suponho que era exatamente o caso. E lá estava Jaz — Jaz! Parecendo muito saudável! — Jogando um *shabti* do inimigo direto na lareira, onde ele se quebrou em mil pedaços.

Senti uma enorme sensação de orgulho, e não uma pequena quantidade de espanto. Eu estava tão preocupada com a sobrevivência dos nossos jovens iniciados, mas eles estavam simplesmente *dominando* um grupo de magos muito mais experientes.

O mais impressionante, porém, foi Amós. Eu já o tinha visto fazer mágica, mas nunca desta forma. Ele estava na base da estátua de Tot, convocando raios e trovões com seu cajado, derrubando magos inimigos, e tranformando-os em nuvens de tempestade em miniatura. Uma mulher maga atacou ele com seu cajado brilhante com chamas vermelhas, mas Amós simplesmente bateu no chão e as telhas de mármore viraram areia a seus pés, e a mulher afundou até o pescoço.

Carter e eu nos olhamos, sorrimos, e nos juntamos à luta.

Foi uma derrota completa. Logo os demônios tinham sido reduzidos a montes de areia, e os magos inimigos começaram a se dispersar em pânico. Sem dúvida, eles estavam esperando lutar contra um bando de crianças inexperientes. Eles não contavam com o tratamento Kane completo.

Uma das mulheres conseguiu abrir um portal em uma parede distante.

Pare-os, a voz de Ísis falou em minha mente, que foi um choque após um silêncio tão longo. *Eles devem ouvir a verdade*.

Eu não sei de onde tirei a ideia, mas eu levantei os braços e as asas e um arco-íris cintilante apareceu em ambos os meus lados — as asas de Ísis.

Mexi meus braços. Uma rajada de vento e luz multicolorida bateu em nossos inimigos e jogou-os longe, deixando nossos amigos perfeitamente ilesos.

“Ouçam!” gritei.

Todos se calaram. Minha voz soou normalmente mandona, mas agora parecia ampliada por um fator de dez. As asas provavelmente chamavam atenção também.

“Não somos seus inimigos!” eu disse. “Não me importo se gostam de nós, mas o mundo mudou. Vocês precisam ouvir o que aconteceu.”

Minhas asas mágicas se apagaram enquanto eu dizia a todos sobre a nossa viagem pelo Duat, o renascimento de Rá, a traição de Menshikov, o retorno de Apófis e o sacrifício de Desjardins para banir a Serpente.

"Mentiras!" Um homem asiático em vestes azuis carbonizadas deu um passo à frente. Pela visão que Carter havia dito, supus que ele era Kwai.

"É verdade," disse Carter. Seu avatar já não o cercava. Suas roupas tinham se revertido para as mortais normais que ele tinha comprado no Cairo, mas de alguma forma ele ainda parecia muito imponente, muito confiante. Ele levantou a capa de pele de leopardo do Sacedote-leitor Chefe, e eu podia sentir uma onda de choque se espalhando pela sala.

"Desjardins lutou ao nosso lado," disse Carter. "Ele derrotou Menshikov e trancou Apófis. Ele sacrificou sua vida para nos dar um pouco de tempo. Mas Apófis vai voltar. Desjardins queria que vocês soubessem. Com suas últimas palavras, me pediu para mostrar a vocês esta capa e explicar a verdade. Especialmente você, Amós. Ele queria que você soubesse que o caminho dos deuses tem que ser restaurado."

O portal de fuga para o inimigo ainda estava girando. Mas ninguém tinha atravessado ainda. A mulher que o tinha invocado cuspiu no chão. Ela tinha vestes brancas e cabelos pretos espetados. "O que vocês estão esperando? Eles nos trazem a capa do Sacerdote-leitor Chefe e nos contam essa história maluca. São Kanes! Traidores! Provavelmente eles mesmos mataram Desjardins e Menshikov."

A voz de Amós soou por toda a Grande Sala: "Sarah Jacobi! Você de todas as pessoas sabe que não é verdade. Você dedicou sua vida para estudar os caminhos do Caos. Você pode *sentir* o desencadeamento de Apófis , não é? E o retorno de Rá."

Amós apontou para as portas de vidro que conduziam ao convés. Eu não sei como ele o sentiu sem olhar, mas o barco do sol estava descendo, vindo para ancorar na piscina de Filipe da Macedônia. Foi uma aterrissagem bastante impressionante. Zia e Walt estavam em um lado do trono de fogo. Eles conseguiram sustentar Rá para que ele parecesse um pouco mais majestoso, com seu cajado e seu mangual em suas mãos, embora ele ainda tivesse um sorriso bobo no rosto.

Bastet, que estava parada na plataforma congelada em estado de choque, caiu de joelhos. "Meu rei!"

"Olá-á-á-á-á," Rá disse. "Adeee-us!"

Eu não tinha certeza do que ele queria dizer, mas Bastet se atirou aos pés dele, de repente alarmada.

"Ele vai subir para os céus!," disse. "Walt, Zia, saiam!"

Eles saíram bem na hora certa. O barco do sol começou a brilhar. Bastet se virou para mim e pediu: "Eu vou acompanhá-lo até os outros deuses! Não se preocupe. Voltarei em breve!"

Ela pulou a bordo, e o barco do sol flutuava no céu, se transformando em uma bola de fogo. Então combinado com a luz do sol, desapareceu.

"Aqui está sua prova," Amós anunciou. "Os deuses e a Casa da Vida devem trabalhar juntos. Sadie e Carter estão certos. A Serpente não vai ficar no Duat por muito tempo, agora que quebrou suas correntes. Quem irá se juntar à nós?"

Vários magos inimigos baixaram seus cajados e varinhas.

A mulher de branco, Sarah Jacobi, rosnou: "Os outros nomos nunca vão reconhecer seu pedido, Kane. Você está contaminado com o poder de Set! Vamos espalhar a palavra. Vamos fazê-los saber que você assassinou Desjardins. Eles nunca vão seguí-lo!"

Ela saltou através do portal. O homem de azul, Kwai, nos estudou com desprezo e seguiu Jacobi. Outros três o seguiram também, mas deixamos eles saírem em paz.

Reverentemente, Amós tomou a capa de pele de leopardo das mãos de Carter. "Pobre Michel."

Todos estavam reunidos em torno da estátua de Tot. Pela primeira vez, percebi o quanto o Grande Salão havia sido danificado. Paredes tinham sido quebradas, janelas estilhaçadas, as relíquias esmagadas, e a metade dos instrumentos musicais de Amós foram derretidos. Pela segunda vez em três meses, quase tínhamos destruido a Casa do Brooklyn. Isso tinha que ser um recorde. E ainda assim eu queria dar a todos no salão um grande abraço.

"Vocês foram brilhantes," eu disse. "Vocês destruíram o inimigo em segundos! Se vocês podem lutar tão bem, como eles foram capazes de mantê-los presos a noite toda?"

"Mas nós mal conseguimos mantê-los fora!" disse Felix. Ele olhou intrigado para seu próprio sucesso. "De madrugada, eu estava, tipo, totalmente sem energia."

Os outros concordaram severamente.

"E eu estava em coma," disse uma voz familiar. Jaz atravessou a multidão e abraçou Carter e eu. Era tão bom vê-la, que me senti ridícula por já ter sentido ciúmes dela e de Walt.

"Está tudo bem agora?" Eu segurei seus ombros e estudei seu rosto procurando qualquer sinal de doença, mas ela parecia habitualmente normal.

"Eu estou bem!" disse. "No meio da madrugada, acordei me sentindo ótima. Acho que logo que você chegou... Eu não sei. Alguma coisa aconteceu."

"O poder de Rá," disse Amós. "Quando ele acordou, ele trouxe nova vida, nova energia para todos nós. Ele revitalizou nosso espírito. Sem isso, teríamos falhado."

Me virei para Walt, sem ousar perguntar. Seria possível que ele tinha sido curado também? Mas o olhar em seus olhos me disse que a oração *não* foi respondida. Suponho que ele podia sentir a dor em seus membros depois de fazer tanta magia.

As doninhas estão doentes, Rá repetiu muitas vezes. Eu não tinha certeza por que Rá estava tão interessado na condição de Walt, mas aparentemente ele estava até mesmo além do poder do deus sol para se curar.

"Amós," disse Carter, interrompendo meus pensamentos, "o que Jacobi quis dizer com os outros nomos não reconhecerem seu pedido?"

Eu não podia ajudá-lo. Suspirei e revirei os olhos para ele. Meu irmão consegue ser muito grosseiro às vezes.

"O quê?", perguntou ele.

"Carter," eu disse, "você se lembra de nossa conversa sobre os magos mais poderosos do mundo? Desjardins era o primeiro. Menshikov era o terceiro. E você estava preocupado com quem poderia ser o segundo?"

"Sim," admitiu. "Mas—"

"E agora que Desjardins está morto, o *segundo* mago mais poderoso é o mago *mais* poderoso. E quem você acha que é?"

Lentamente, as células de seu cérebro devem ter disparado, que é a prova de que milagres podem acontecer. Ele se virou para olhar para Amós.

Nosso tio assentiu solenemente.

"Temo que sim, crianças." Amós colocou a capa de pele de leopardo em torno de seus ombros. "Goste ou não, a responsabilidade da liderança cabe a mim. Eu sou o novo Sacerdote-leitor Chefe."

S A D I E

24. Eu Faço Uma Promessa Impossível

Eu não gosto de despedidas, e eu ainda tenho que contar a você sobre muitas delas.

[Não Carter, isto não foi um convite para pegar o microfone. Solte!]

Ao entardecer, a Casa no Brooklin estava de volta à ordem. Alyssa consertou quase toda a alvenaria sozinha, com o poder do deus da terra. Nossos iniciantes sabiam usar muito bem o feitiço *Hi-nehm*, que era o suficiente para consertar a maioria das coisas quebradas. Khufu mostrou muita destreza com trapos e líquidos de limpeza como ele fazia com uma bola de basquete, e é realmente incrível o quanto polimento e limpeza que pode-se realizar pendurando grandes panos nas asas de um grifo.

Tivemos várias reuniões durante o dia. Felipe da Macedônia ficou de guarda na piscina, enquanto nosso exército *shabti* patrulhava o terreno, mas ninguém tentou atacar — nem as forças de Apófis e nem nossos colegas mágicos. Eu quase podia sentir o choque coletivo, espalhado por todos os trezentos e sessenta nomos quando eles souberam das notícias: Desjardins estava morto, Apófis se reergueu, Rá voltou e Amós Kane era o novo Sacerdote-leitor Chefe. Esse fato foi o mais alarmante de todos, e eu não sei, mas penso que vou ter um tempo para descançar enquanto os outros nomos processam esta rodada de eventos e decidam o que vão fazer.

Logo antes por-do-sol, eu e Carter voltamos ao telhado, onde Zia abriu um portal para o Cairo para ela e Amós.

Com seus cabelos negros recém cortados e um novo conjunto de roupas bege, pareceu que Zia não havia mudado nada desde nosso primeiro encontro com ela no Museu Metropolitano, mesmo depois de tudo o que aconteceu desde então. E eu posso supor, falando tecnicamente, que não era ela que estava no museu aquele dia, era apenas seu *shabti*.

[Sim, eu sei. É terrivelmente confuso acompanhar tudo isso. Você tem que aprender a magia para a convocação de um remédio para dor de cabeça. Isso faz maravilhas.]

O portal apareceu e Zia se virou para se despedir.

“Eu vou acompanhar Amós — quero dizer, o Sacerdote-leitor Chefe do primeiro nomo” ela prometeu. “Vou me certificar para que ele seja reconhecido como o líder da Casa.”

“Eles vão se opor a você,” eu falei. “Tenha cuidado.”

Amós sorriu. “Nós vamos ficar bem. Não se preocupe.”

Ele estava vestido em seu elegante estilo usual: um terno de seda dourado que combinava com sua capa de pele de leopardo nova, um chapéu porkpie, e contas de ouro em seu cabelo trançado. Ao seu lado havia uma mochila de couro e um case de saxofone. Imaginei-o sentado nos degraus do trono do faraó, tocando sax tenor — John Coltrane, talvez — no ritmo new age, brilhando em luz violeta e com hieróglifos saindo da boca do saxofone.

"Vou manter contato," ele prometeu. "Além disso, você tem as coisas sob controle aqui na Casa do Brooklin. E você não precisa mais de um mentor."

Eu tentei ficar feliz, embora eu odiasse a sua saída. O fato de eu ter treze anos não significava que eu queria responsabilidades de adultos. Certamente eu não quero levar o vigésimo primeiro nomo à guerra ou liderar um exército em guerra. Mas eu suponho que ninguém que é colocado numa situação parecida se sinta pronto.

Zia pôs a mão no braço de Carter. Ele deu um pulo como se ela tivesse encostado nele com um desfibrilador.

"Vamos nos falar logo," ela falou, "depois que as coisas se acertarem. Mas, muito obrigado."

Carter concordou, embora parecesse desanimado. Todos nós sabíamos que as coisas não iriam se resolver em breve. Não havia nenhuma garantia de que nós vivessemos o suficiente para ver Zia novamente.

"Cuide-se," Carter disse. "Você tem um papel importante para desempenhar."

Zia olhou para mim e uma espécie de entendimento passou entre nós. Eu acho que ela começou a ter uma suspeita, um medo profundo, sobre o que seu papel poderia ser. Eu ainda não posso dizer que entendi, mas eu compartilho sua inquietação. Zebras, Rá havia dito. Ele havia acordado falando sobre zebras.

"Se você precisar de nós," eu falei, "não hesite. Eu vou aparecer e dar naqueles magos do primeiro nomo uma boa surra."

Amós beijou minha testa. Ele deu um tapinha no ombro de Carter. "Vocês dois me orgulham. E vocês me deram esperança, pela primeira vez em muitos anos."

Eu queria que eles ficassem mais. Eu queria falar com eles um pouco mais. Mas minha experiência com *Khonsu* me ensinou a não ser gananciosa sobre o tempo. É melhor apreciar o que você tem e não ansiar por mais.

Amós e Zia entraram no portal e desapareceram.

Assim que o sol estava se pondo, uma exausta Bastet apareceu na grande sala. Em vez de seu traje de costume, ela usava um vestido formal e jóias egípcias pesadas que pareciam muito desconfortáveis.

“Eu tinha esquecido o quanto é difícil guiar o barco sol através do céu,” disse ela, limpando a testa. “E quente. Da próxima vez, vou trazer um pires e uma geladeira cheia de leite.”

“Rá está bem?” perguntei.

A deusa gato contraiu os lábios. “Bem... ele é o mesmo. Eu guiei o barco para a sala do trono dos deuses. Eles estão recebendo uma nova tripulação para a jornada desta noite. Mas você deve ir vê-lo antes que ele saia.”

“Jornada desta noite?” Carter perguntou. “Pelo Duat? Nós justamente o trouxemos de volta!”

Bastet estendeu as mãos. “O que você esperava? Você reiniciou o ciclo antigo. Rá vai gastar os dias no céu e as noites no rio. Os deuses terão que protegê-lo como antigamente. Venham, temos apenas alguns minutos.”

Eu estava prestes a perguntar como ela planejava nos levar a sala do trono dos deuses. Bastet nos disse várias vezes que não é boa na convocação de portais. Então, uma porta de sombras se abriu no meio do ar. E Anúbis atravessou-a. Parecia irritantemente lindo, como sempre, em sua calça jeans preta e em sua jaqueta de couro, com uma camisa de algodão branco, que abraçou seu peito tão bem que eu perguntei se ele estava mostrando de propósito. Suspeitei que não. Ele provavelmente pulou da cama de manhã parecendo perfeito.

Certo... esta imagem não me ajuda a manter a concentração.

“Olá, Sadie,” ele disse [Sim, Carter. Ele me cumprimentou primeiro. O que eu posso dizer? Eu sou importante assim.]

Eu tentei cruzar o olhar com ele. “Então é você. Não notei você no submundo enquanto nós estavamos apostando nossas almas.”

“Sim, estou feliz por você ter sobrevivido,” disse ele. “Seu elogio fúnebre teria sido muito difícil de escrever.”

“Ah, ha-ha. Onde você estava?”

Um dose de tristeza extra apareceu em seus olhos castanhos. “Em um plano paralelo,” ele disse. “Mas agora, devemos nos apressar.”

Ele apontou para a porta das trevas. E só para mostrar a ele que eu não estava com medo eu fui primeiro. Do outro lado era a sala do trono dos deuses. Uma multidão de deuses reunidos virou-se para nós. O palácio parecia ainda maior do que da última vez que estive lá. As colunas estavam mais altas e a pintura era mais rica. No piso de mármore polido estavam rodopiando várias constelações. Era como se estivéssemos pisando em toda a galáxia. O teto brilhava como um painel fluorescente gigante. O estrado e o trono de Hórus tinham sido transferidos para um dos lados, de modo que agora parecia mais como uma cadeira de observador, em vez de ser a principal do evento.

No centro da sala, o barco sol brilhava na doca seca. Esferas de luz faziam a limpeza do casco e a verificação dos aparelhos. *Uraei* circulou o trono de fogo, onde Rá estava vestido como um rei egípcio, com seu mangual e cajado em seu colo. Seu queixo estava sobre o peito, e ele roncava alto.

Um jovem homem musculoso com armadura de couro reforçada veio em nossa direção. Ele tinha a cabeça raspada e olhos de cores diferentes, uma de prata, uma de ouro.

"Bem-vindos, Carter e Sadie," Hórus disse. "Nós estamos honrados."

Sua palavras não concordavam com seu tom, que era seco e formal. Os outros deuses, inclinaram-se respeitosamente a nós, mas eu podia sentir a hostilidade latente sob suas aparências. Todos estavam vestindo sua melhor armadura e pareciam muito imponentes. Sobek, o deus crocodilo (que não é o meu favorito) usava uma malha de ferro e trazia uma enorme equipe que fluiam com a água.

Nekhbet parecia tão limpa quanto um urubu pode estar, em seu manto preto de penas de seda e veludo. Ela inclinou a cabeça para mim, mas seus olhos me disseram que ela ainda queria me rasgar. Babi, o deus babuíno, estava com seus dentes escovados e seu pêlo penteado. Ele estava segurando uma bola de rúgbi, possivelmente porque vovô tinha infectado-o com a obsessão.

Khonsu estava em seu terno prateado reluzente, atirando uma moeda ao ar e sorrindo. Eu queria dar-lhe um soco, mas ele balançou a cabeça como se fôssemos velhos amigos. Mesmo Set estava lá, em seu terno disco diabólico vermelho, encostado em uma coluna na parte de trás da multidão, segurando seu cajado de ferro preto. Lembrei-me que ele tinha prometido não me matar só até que libertasse Rá, mas no momento, ele parecia relaxado. Ele tirou o chapéu e sorriu para mim como se estivesse curtindo o meu desconforto.

Tot, o deus do conhecimento, era o único que não estava bem vestido. Ele usava a calça jeans habitual e um jaleco coberto de rabiscos. Ele me estudou com seus estranhos olhos de caleidoscópio, e eu tinha a sensação de que ele era o único na sala que realmente via o meu desconforto.

Ísís deu um passo a frente. Seus longos cabelos negros estavam trançados para baixo, por trás dos ombros de seu vestido fino. Suas asas de arco-íris brilhavam atrás dela. Ela se curvou para mim formalmente, mas eu podia sentir as ondas de frio vindas de cima dela. Hórus voltou-se para os deuses reunidos. Eu percebi que ele não estava mais usando a coroa do faraó.

"Eis," disse à multidão. "Carter e Sadie Kane, que despertaram o nosso rei! Que não haja dúvida: Apófis tem um inimigo muito maior agora. Devemos nos unir com Rá."

Rá murmurou em seu sono "peixe, bolinho, doninha", e então voltou para o ronco.

Hórus pigarreou. “Eu prometo minha lealdade! Espero que todos façam o mesmo. Eu protegerei o barco de Rá, enquanto passamos a noite no Duat. Cada um de vocês devem se revezar com este dever até o deus sol... estar totalmente recuperado.”

Ele parecia absolutamente convencido que isso nunca aconteceria.

“E nós encontraremos uma maneira de derrotar Apófis!”, disse. “Agora, para comemorarmos o retorno de Rá, eu abraçarei Carter Kane como a um irmão!”

Música começou a tocar, ecoando pelos corredores. Rá, no trono de seu barco, acordou e começou a bater palmas. Ele sorriu enquanto os deuses giravam em torno dele, alguns em forma humana, alguns se dissolvendo em tufos de nuvem, fogo ou luz.

Ísis tomou minhas mãos. “Eu espero que você saiba o que você fez, Sadie,” disse ela em uma voz gelada. “Nosso maior inimigo se reergueu, e você destronou o meu filho e fez um deus senil nosso líder.”

“Dê a ele uma chance,” eu disse, apesar de sentir meus tornozelos virando manteiga.

Hórus apertou os ombros de Carter. E suas palavras não foram amigáveis.

“Eu sou seu aliado, Carter,” Hórus prometeu. “Vou te emprestar a minha força sempre que você pedir. Você pode reavivar o caminho da minha magia na Casa da Vida, e vamos lutar juntos para destruir a serpente. Mas não se engane: você me custou um trono. Se a sua escolha nos custar a guerra, eu juro que meu último ato antes Apófis me engolir será esmagá-lo como um mosquito. Se ganharmos esta guerra sem a ajuda de Rá, se isso vier a acontecer, se você tiver me desgraçado para nada, eu juro que a morte de Cleópatra e a maldição de Akhenaton seram parecidos com nada, comparado com a ira que despejarei sobre você e sua família para sempre. Você me entendeu?”

Para crédito de Carter, ele ergueu o olhar sobre o deus da guerra. “Basta fazer a sua parte,” disse Carter.

Hórus riu para o público como se ele e Carter tivessem acabado de compartilhar uma boa piada. “Vá agora, Carter. Veja o que custou sua vitória. Esperemos que todos os seus aliados não compartilham esse destino.”

Hórus virou as costas para nós e se juntou à celebração. Ísis sorriu para mim uma última vez e se dissolveu em um arco-íris cintilante. Bastet estava ao meu lado, segurando sua língua, mas ela olhou como se quisesse retalhar Hórus como um poste de arranhar[24].

Anúbis ficou constrangido. “Sinto muito, Sadie. Os deuses podem ser—”

“Ingratos,” eu perguntei. “irritantes?”

Seu rosto ficou vermelho. Eu supus que ele pensou que eu estava falando dele.

“Nós podemos ser lentos para perceber o que é importante,” disse por fim. “Às vezes, demora algum tempo para aceitarmos algo novo, algo que pode nos mudar para melhor.”

[24] Scratching Post: Poste de arranhar, que os gatos usam para arranhar. (N.T.)

Ele me encarou com aqueles olhos quentes, e eu queria derreter em uma poça.

"Nós temos que ir," Bastet interrompeu. "Mais uma parada, se você estiver bem para ela."

"O custo da vitória," Carter lembrou. "Bes? Ele está vivo?"

Bastet suspirou. "Pergunta difícil. Desta maneira."

O último lugar que eu queria ver de novo era Sunny Acres.

Nada mudou muito na casa de repouso. Nenhum sol renovador ajudou os deuses senis.

Eles ainda estavam girando em volta de seus suportes para soro, batendo nas paredes e cantando hinos antigos, enquanto eles procuravam em vão os templos que não existiam mais.

Um novo paciente tinha se juntado a eles. Bes estava sentado com uma camisola de hospital em uma cadeira de vime, olhando pela janela para o Lago de Fogo.

Tawaret se ajoelhou ao seu lado, e seus pequenos olhos de hipopótamo estavam vermelhos de tanto chorar. Estava tentando fazê-lo beber com um pote de vidro.

A água escorria pelo queixo de Bes. Ele olhou fixamente na cachoeira de fogo à distância, com seu rosto inundado de luz vermelha. Seus cabelos encaracolados haviam sido recém-penteados, e estava vestindo uma camisa azul nova, havaiana e shorts, então ele parecia bastante confortável. Mas seu rosto estava franzido. Seus dedos seguraram os braços, como se ele soubesse que deveria se lembrar de algo, mas não conseguia.

"Está tudo bem, Bes." A voz de Tawaret tremeu quando ela limpou seu queixo com um guardanapo. "Nós vamos trabalhar nisto. Eu vou cuidar de você."

Então nos notou. Sua expressão endureceu. Para uma deusa bondosa do parto, Tawaret poderia parecer bem assustadora quando quisesse.

Ela deu um tapinha no joelho do deus anão. "Eu ja volto, querido Bes."

Ela se levantou, o que foi um grande feito com sua barriga inchada, e dirigiu-nos para longe de sua cadeira. "Como você se atreve a vir aqui! Como se você não tivesse feito o suficiente!"

Eu estava prestes a romper em lágrimas e me desculpar quando eu percebi que sua raiva não se destinava a Carter ou a mim. Ela estava olhando para Bastet.

"Tawaret..." Bastet virou as palmas das mãos. "Eu não queria isso. Ele era meu amigo."

"Ele foi um dos seus brinquedos de gato!" Tawaret gritou tão alto, que alguns dos pacientes começaram a chorar. "Você é tão egoísta como todo o seu tipo, Bastet. Você usou ele e o descartou. Você sabia que ele te amava, e se aproveitou disso. Você brincava com ele como um rato sob sua pata."

“Isso não é justo,” Bastet murmurou, mas o cabelo dela começou a inchar como ela faz quando está com medo. Eu não podia culpá-la. Não há quase nada mais assustador do que um hipopótamo enfurecido.

Tawaret pisou no pé dela com tanta força, e seu salto quebrou. “Bes merecia mais do que isso. Ele merecia mais do que você. Ele tinha um bom coração. Eu nunca mais me esquecerei dele!”

Senti uma luta muito violenta entre um gato e um hipopótamo prestes a começar. Eu não sei se eu fiz isso para salvar Bastet, ou para poupar os pacientes de serem traumatizados ou para amenizar minha culpa, mas eu fiquei entre as deusas. “Nós vamos corrigir isso,” eu disparei. “Tawaret, eu juro pela minha vida. Nós vamos encontrar uma maneira de curar Bes.”

Ela olhou para mim, e sua raiva fora drenada de seus olhos até que não restou nada além de pena. “Criança, oh criança... Eu sei o que você quer dizer. Mas não me dê falsas esperanças. Eu tenho vivido com falsas esperanças por muito tempo. Vá vê-lo se necessário. Veja o que aconteceu com o melhor anão do mundo. Então, nos deixe em paz. Não prometa-me o que não pode acontecer.”

Ela se virou e saiu mancando em seu salto quebrado para a sala das enfermeiras. Bastet abaixou a cabeça. Ela expressava um sentimento muito estranho para um gato: vergonha. “Eu vou esperar aqui,” anunciou ela.

Eu poderia dizer que foi a sua resposta final, assim, eu e Carter nos aproximamos de Bes sozinhos. O deus anão não se moveu. Ele se sentou em sua cadeira de vime, com a boca ligeiramente aberta, os olhos fixos no Lago de Fogo. “Bes?” Eu coloquei minha mão em seu braço. “Você pode me ouvir?”

Ele não respondeu, é claro. Ele usava uma pulseira com seu nome escrito em hieróglifos, carinhosamente decorados, provavelmente feitos pela própria Tawaret.

“Sinto muito,” eu disse. “Nós vamos pegar sua *ren* de volta. Nós vamos encontrar uma maneira de curá-lo. Não vamos, Carter?”

“Sim”. Ele limpou a garganta, e posso garantir que ele não estava agindo muito macho naquele momento.

“Sim, eu juro, Bes. Mesmo se for...”

Ele provavelmente ia dizer mesmo se for a última coisa que nós faremos, mas ele decidiu não dizer nada. Atendendo à guerra eminente com Apófis, era melhor não pensar em como tão rápido nossas vidas podiam acabar.

Inclinei-me e beijei a testa de Bes. Me lembrei de como nós tínhamos nos encontrado na estação de Waterloo, quando ele levou Liz, Emma e eu em segurança. Eu me lembrei de como ele assustou Nekhbet e Babi em seu ridículo Speedo. Eu pensei sobre a boba cabeça de Lenin de chocolate que ele comprou em São Petersburgo, e como ele colocou Walt e eu em segurança no

portal nas Areias Vermelhas. Não consegui pensar nele como pequeno. Ele tinha uma enorme, colorida, engraçada e maravilhosa personalidade — e parecia impossível que ele se fora para sempre. Ele deu sua vida imortal para comprar para nós uma hora extra.

Não pude deixar de chorar. Carter me puxou para longe. Eu não me lembro como chegamos de volta em casa, mas lembro de me sentir como se estivéssemos caindo ao invés de subir, como se o mundo mortal tivesse se tornado um lugar mais profundo e mais triste do que qualquer lugar do Duat.

Naquela noite, me sentei sozinha no meu quarto com as janelas abertas. A primeira noite de primavera estava surpreendentemente quente e agradável. Luzes brilhavam ao longo das margens do rio. A fábrica de bagel do bairro encheu o ar com o cheiro de pão. Eu ouvia a minha lista de músicas tristes e me perguntava como era possível que meu aniversário tivesse sido apenas alguns dias atrás.

O mundo mudou. O deus sol retornou. Apófis estava livre de sua jaula e, embora ele tivesse sido banido a uma parte muito profunda do Duat, ele estaria trabalhando em seu caminho de volta muito rapidamente. A guerra estava vindo. Nós ainda tinhamos muito trabalho a fazer. No entanto, eu estava sentada aqui, ouvindo as mesmas músicas de antes, olhando para o meu poster de Anúbis e me sentindo impotentemente conflitada sobre algo tão banal e irritante como... sim, você adivinhou. Garotos.

Alguém bateu na porta.

"Entre," falei sem muito entusiasmo. Pensei que fosse o Carter. Conversamos muitas vezes no final do dia, mas apenas sobre reuniões. Ao contrário, era Walt, e de repente eu estava muito consciente que eu estava vestindo uma surrada camiseta velha e estava de pijama. Meu cabelo, sem dúvida parecia tão horrível quanto o de Nekhbet. Se Carter me visse desta maneira não haveriam problemas. Mas Walt? Ruim.

"O que você está fazendo aqui?" Eu disse um pouco alto demais.

Ele piscou, obviamente surpreso com a minha falta de hospitalidade. "Desculpe, eu vou sair."

"Não! Eu digo... tudo bem. Você só me surpreendeu. E — voce sabe... nós temos regras com relação à garotos entrarem no quarto de garotas sem, hum, supervisão."

Percebi que havia soado terrivelmente pesado para mim, quase Carteresco. Mas eu estava nervosa.

Walt cruzou seus braços. E ele tinha braços muito bons. Estava vestindo sua camisa de basquete e um calção, com sua usual coleção de amuletos ao redor de seu pescoço. Ele parecia tão saudável e atlético que era difícil acreditar que estava morrendo de uma antiga maldição.

"Bem, você é uma instrutora," ele disse. "Você pode me supervisionar?"

Não há dúvida de que eu estava corando horrivelmente. “Certo. Suponho que se você deixar a porta entreaberta ... Er, o que lhe traz aqui?”

Ele encostou a porta do armário. Com algum horror, percebi que ainda estava aberto, revelando meu poster de Anúbis.

“Há tanta coisa acontecendo,” disse Walt. “Você tem o suficiente para se preocupar. Eu não quero que você se preocupe comigo também.”

“Tarde demais,” eu admiti.

Ele balançou a cabeça, como se ele compartilhasse minha frustração. “Naquele dia, no deserto, em Bahariya ... você pensaria que sou louco se eu disser que foi o melhor dia da minha vida?”

Meu coração acelerou, mas eu tentei manter a calma. “Bem, o transporte público egípcio, bandidos de estrada, os camelos fedorentos, múmias psicóticas romanas, e agricultores possuídos... Caramba, foi um grande dia.”

“E você,” disse ele.

“Sim, bem ... Acho que pertenço a essa lista de catástrofes.”

“Não foi o que eu quis dizer.”

Eu estava me sentindo como uma orientadora muito ruim — nervosa e confusa, e tendo pensamentos muito não-supervisórios. Meus olhos se desviaram para a porta do armário. Walt percebeu.

“Ah.” Ele apontou para Anúbis. “Você quer que eu feche isso?”

“Sim,” eu falei. “Não. Possivelmente. Eu quero dizer, não importa. Bem, não é que isso não importa, mas—”

Walt riu como se o meu desconforto não o incomodasse. “Sadie, olha. Eu só queria dizer que, aconteça o que acontecer, estou feliz de ter te conhecido. Eu estou contente de ter vindo para o Brooklyn. Jaz está trabalhando em uma cura para mim. Talvez ela encontre alguma coisa, mas de qualquer modo... está tudo bem.”

“Não está tudo bem!” Acho que minha raiva me surpreendeu mais do que surpreendeu ele. “Walt, você está morrendo de uma maldição sangrenta. E e eu tinha Menshikov ali, pronto para me dizer a cura, e... eu falhei com você. Como eu falhei com Bes. E nem trazer de volta corretamente Rá eu consegui.”

Fiquei furiosa comigo mesma por chorar, mas eu não poderia ajudá-lo. Walt se aproximou e se sentou ao meu lado. Ele não tentou colocar o braço em volta de mim, o que foi tão bom. Eu já estava bastante confusa.

“Você não falhou comigo,” disse ele. “Você não deixou ninguém. Você fez o que era certo, e isto precisou de sacrifício.”

“Não você,” eu disse. “Eu não quero que você morra.”

Seu sorriso me fez sentir como se o mundo fosse reduzido a apenas duas pessoas.

“O retorno de Rá pode não ter me curado,” ele disse, “mas continua me dando uma nova esperança. Você é incrível, Sadie. De um jeito ou de outro, nós vamos fazer este trabalho. Eu não estou deixando você.”

Aquilo soou tão bem, tão excelente e tão impossível. “Como você pode prometer isso?”

Ele deslocou os olhos para a imagem de Anúbis, em seguida, de volta para mim. “Apenas tente não se preocupar comigo. Temos de nos concentrar em derrotar Apófis.”

“Alguma idéia de como?”

Ele gesticulou em direção à minha mesa de cabeceira, onde o meu velho gravador estava — um presente de meus avós anos atrás.

“Conte as pessoas o que realmente aconteceu,” ele disse. “Não deixe Jacobi e os outros espalharem mentiras sobre sua família. Eu vim para o Brooklyn porque eu peguei sua mensagem — a gravação sobre a pirâmide vermelha e sobre o amuleto *djed*. Você pediu por ajuda, e nós respondemos. Está na hora de pedir ajuda de novo.”

“Mas quantos magos nós conseguimos da primeira vez — vinte?”

“Ei, nós fizemos muito bem na noite passada.” Walt olhou em meus olhos. Eu pensei que ele poderia me beijar, mas algo nos fez hesitar — um senso que só iria tornar as coisas mais incertas, mais frágeis. “Mande uma outra fita, Sadie. Basta dizer a verdade. Quando você fala...” Ele encolheu os ombros e, em seguida levantou-se para sair. “Bem, você é muito difícil de ignorar.”

Poucos momentos depois que ele saiu, Carter entrou, com um livro debaixo do braço. Ele me encontrou escutando música triste, e olhando para o gravador na cômoda.

“Isso foi Walt saindo do seu quarto?” perguntou ele. Um pouco de protecionismo fraterno penetrou em sua voz. “O que aconteceu?”

“Oh, apenas...” Meus olhos estavam fixos no livro que ele estava carregando. Era um livro esfarrapado, e me perguntei se ele queria me dar uma espécie de lição de casa. Mas a capa parecia tão familiar: o desenho de um diamante. A capa tinha letras multicoloridas. “O que é isso?”

Carter sentou ao meu lado. Nervoso, ele me ofereceu o livro. “É, hum... não é um colar de ouro. Nem mesmo uma faca mágica. Mas eu disse que tinha um presente de aniversário para você. Este...”

Corri meus dedos sobre o título: Levantamento Blackley de Ciências para o primeiro ano de colégio, Décima Edição. Então eu abri o livro. Na capa interna, estava escrito o nome em uma bonita letra cursiva: Ruby Kane.

Era o livro da mamãe na faculdade — o mesmo que ela costumava ler para nós na hora de dormir. A mesma cópia.

Pisquei, em lágrimas. “Como você conseguiu—”

“Um *shabti* de recuperação da biblioteca,” disse Carter. “Eles podem encontrar qualquer livro. Eu sei que é... uma espécie de presente imperfeito. Não me custou nada, e eu não fiz isso, mas—”

“Cale a boca, seu idiota!” atirei meus braços ao redor dele. “É um presente de aniversário maravilhoso. E você é um irmão maravilhoso!”

[Ótimo, Carter. Aí está, gravado para sempre. Basta não ter uma cabeça grande. Falei num momento de fraqueza.]

Nós viramos as páginas, sorrindo para o bigode que Carter tinha desenhado na cara de Isaac Newton e os diagramas desatualizados do sistema solar. Encontramos uma velha mancha de comida que foi provavelmente uma das minhas maçãs. Eu adorava maçãs. Corremos nossas mãos sobre as notas na margens, feitas em letra cursiva pela mamãe.

Eu me senti mais perto de minha mãe apenas segurando o livro, e espantado pela consideração de Carter. Eu aprendi seu nome secreto e achava que eu sabia tudo sobre ele, e ele ainda conseguiu me surpreender.

“Então, o que você estava dizendo sobre sobre Walt?” ele perguntou. “O que está acontecendo?”

Relutantemente, eu fechei o Levantamento Blackley de Ciências. E sim, essa foi provavelmente a única vez em minha vida que eu tinha fechado um livro com relutância. Levantei-me e coloquei o livro no meu armário. Então eu peguei o meu gravador antigo de fitas cassete.

“Temos trabalho a fazer,” disse a Carter. E atirei-lhe o microfone.

Então agora você sabe o que realmente aconteceu no equinócio, como o antigo Sacerdote-leitor Chefe morreu, e como Amós tomou seu lugar. Desjardins sacrificou sua vida para nos dar tempo, mas Apófis está trabalhando rapidamente em seu caminho para sair do abismo. Podemos ter semanas, se tivermos sorte. Dias, se não tivermos. Amós está tentando afirmar-se como o líder da Casa da Vida, mas não vai ser fácil. Alguns nomos estão em rebelião. Muitos acreditam que os Kanes assumiram pela força.

Estamos enviando esta fita para ajustar o registro.

Nós não temos ainda todas as respostas. Não sabemos quando ou onde Apófis irá atacar. Não sabemos como curar Rá, ou Bes, ou mesmo Walt. Nós não sabemos qual é o papel que Zia vai ter, ou se podemos confiar nos deuses para nos ajudar. Mais importante, eu estou completamente dividida entre dois caras incríveis — um que está morrendo e outro que é o deus da morte. Que tipo de escolha é esta, eu lhe pergunto?

[Certo, desculpe... esta acabando a fita novamente.]

O ponto é, onde quer que esteja, independentemente do tipo de mágica que você pratique, precisamos de sua ajuda. A menos que nos unamos e aprendamos o caminho dos deuses rapidamente, não temos a menor chance.

Espero que Walt esteja certo e você vai me achar difícil de ignorar, porque o relógio está correndo. Nós vamos manter um quarto preparado para você na Casa do Brooklyn.

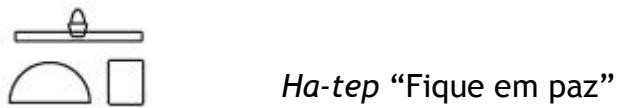
Nota do autor:

Depois de publicar esta transcrição alarmante, me compeli a fazer uma checagem dos fatos da história de Sadie e Carter. Eu gostaria de poder dizer-lhe que escrevi tudo isto. Infelizmente, parece que muito do que eles têm relatado é baseado em fatos.

As relíquias egípcias e os locais mencionados, como Estados Unidos, Inglaterra, Rússia e Egito, existem. O palácio do príncipe Menshikov, em São Petersburg, é real, e a história do casamento do anão é verdade, embora eu não possa encontrar nenhuma menção de que um dos anões poderia ter sido um deus, ou que o príncipe tinha um neto chamado Vladimir.

Todos os deuses egípcios e monstros que Carter e Sadie encontraram são comprovados em fontes antigas. De muitas diferentes maneiras é contada a história da jornada noturna de Rá através do Duat e, embora as histórias variem muito, as de Carter e Sadie se assimilam muito ao que sabemos da mitologia egípcia.

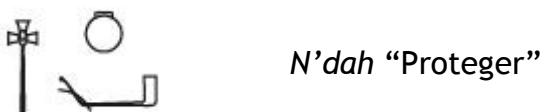
Em resumo, creio que eles podem estar dizendo a verdade. O pedido de ajuda de Carter e Sadie é genuíno. Se outras gravações de áudio caírem em minhas mãos, vou retransmitir as informações, mas se realmente Apófis está se reerguendo, podem não haver mais oportunidades. Para o bem do mundo inteiro, eu espero estar errado.

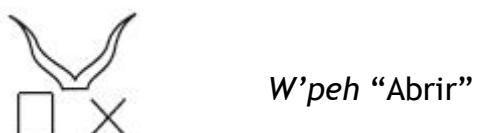
Glossário:

Feitiços Utilizados por Carter e Sadie:

A'max "Queimar"

Ha-di "Destruir"

Ha-tep "Fique em paz"

Heh-sieh "Retornar"

Heqat "Conjura um cajado"

Hi-nehm "Juntar"

L'mun "Esconder"

N'dah "Proteger"

Sa-per "Enganar"

W'peh "Abrir"

Outros Termos Egípicios:

Aaru: A vida após a morte egípcia, o paraíso.
Aten: O sol (o objeto físico, não o deus)
Ba: Alma
Barque: O barco do Faraó
Bau: Um espírito mal
Duat: Mundo Espiritual
Hieróglifos: O sistema de escrita do Antigo Egito, que usava símbolos para denotar objetos, conceitos ou sons.
Khopesh: Espada com uma lâmina em forma de gancho
Ma'at: A ordem do universo
Menhed: Paleta do escriba
***Lâmina* Netjeri:** Lâmina de uma faca feita de ferro de meteoros utilizada na abertura de cerimônias
Faraó: Governante do Antigo Egito
Ren: Nome, Identidade
Sarcófago: Caixão de pedra, muitas vezes decorado com desenhos e inscrições
Sau: Fabricante de encantamentos
Escaravelho: Tipo de besouro
Shabti: Escultura mágica feita de argila
Shen: Eterno
Souk: Mercado á céu aberto
Estela: Marcador de túmulos para pedra calcária
Tjesu heru: Uma cobra com duas cabeças — uma em cada cauda — e pernas de dragão
Tyet: O símbolo de Ísis
Was: Poder

Deuses egípcios mencionados em “O Trono de Fogo”

Anúbis: Deus da morte e do funeral

Apófis: Deus do caos

Babi: Deus dos babuínos

Bastet: Deusa Gato

Bes: Deus anão

Geb: Deus da terra

Heket: Deusa dos sapos

Hórus: Deus da guerra, filho de Ísis e Osíris

Ísis: Deusa da magia, esposa e irmã de Osíris e mãe de Hórus

Khepri: Deus escaravelho, o aspecto de Rá durante a manhã

Khnum: Deus com cabeça de carneiro, o aspecto de Rá no por do sol do submundo

Khonsu: Deus da lua

Mekhit: Deusa leoa menor, casada com Onuris

Nekhbet: Deusa abutre

Nephthys: Deusa dos rios

Nut: Deusa dos céus

Osíris: Deus do submundo, marido de sua irmã Isis e pai de Hórus

Ptá: Deus dos artesões

Rá: Deus Sol, o deus da ordem. Também conhecido como Amon-Ra

Sekhmet: Deusa leoa

Set: Deus do mal

Shu: Deus do ar

Sobek: Deus Crocodilo

Tawaret: Deusa Hipopótamo

Tot: Deus da sabedoria